3 1761 07147861 4

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/revistahistric00guim

José de Andrade Navarro Jun

REVISTA HISTORICA

DE

PORTUGAL,

DESDE A MORTE DE D. JOAO VI. ATE' O FALLECIMENTO DO IMPERADOR D. PEDRO.

Segunda Edição mais correcta, e acrescentada com um Supplemento até á Restauração da

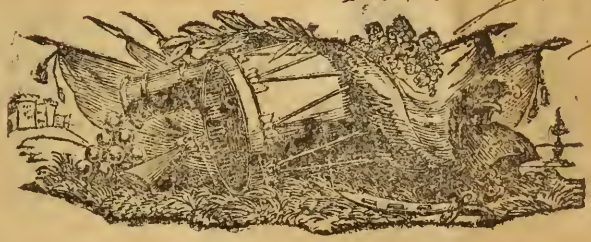
CARTA CONSTITUCIONAL.

Tros, Tyrius que mihi nullo discrimine ajetur.

Virgilius.

Editor R. J. O. Guimarães.

Magnes Jo



PORTO

TYPOGRAPHIA COMMERCIAL.

Rua de Bellomonte n.º 57.

1846.

DP
646
R47
1846

REVISTA HISTORICA

DE

PORTUGAL.

CAPITULO I.

Anno de 1826 — Morte de D. João VI. — Nomeação da Regencia — Opiniões sobre a morte do Rei — Estado dos partidos — Opiniões sobre D. Pedro — A Regencia reconhece a este Principe — Imputações de Regicidio — Resposta dos Constitucionaes — Decretos da Regencia, e procedimento dos Embaixadores estrangeiros — Hypocrisia de D. Miguel — Deputação ao Brasil, e o seu resultado.

O Anno de 1826 veio abrir a Portugal uma época de accontecimentos e successos calamitosos, que tem desolado esta pequena Nação a par dos impulsos que abalam no presente seculo os continentes Europêo e Americano. As reformas religiosas dominaram no seculo 16.º: hoje a tendencia dos espiritos dirige-se ao estabelecimento dos governos representativos, e ao progresso de novas fórmas destruidoras de antigos costumes e usanças, que a força dos destinos que domina este globo não permitte que permaneção sempre as mesmas no decurso dos seculos.

Reinava D. João VI em Portugal, e o seu governo já fôra fertil de convulsões politicas, quando pelos principios de Março daquelle anno achando-se na quinta da Praia de Belem tomou de tarde uma pequena refeição, e voltando ao palacio da Bemposta foi atacado subitamente de vomitos e desmaios, que em pouco annunciaram symptomas

terriveis e assustadores. Contavam-se 4 do mez, e os boletins dos dias 5 e 6 publicaram o augmento da molestia; mas os de 7 e 9 fallaram de melhoras, até que progredindo a crise succumbio no dia 10 proximo ás 5 horas da tarde, segundo affirmam os papeis officiaes do Governo.

Por este tempo um Decreto foi publicado com data de 6 de Março em que o Monarcha encarregava provisoriamente a Regencia do Reino aos Conselheiros Cardeal Patriarcha, Duque de Cadaval, Marquez de Vallada, Conde dos Arcos, e o Secretario d'Estado da respectiva repartição com voto nas materias da sua competencia, sendo este Concelho presidido pela Infanta D. Izabel Maria, que ficava com a prerogativa da decisão no caso de empate. O mesmo Decreto continuava deste modo: "E esta minha Imperial e Real Determina-
„ção regulará tambem para o caso em que Deos
„ seja servido chamar-me á sua Santa Gloria, em
„ quanto o legitimo Herdeiro e Successor desta Co-
„ rôa não der as suas providencias a este respeito." Ainda que pela Carta Patente de 13 de Maio de 1825, e a Carta de Lei de 15 de Novembro do mesmo anno, D. João VI tivesse formalmente reconhecido a seu filho D. Pedro d'Alcantara como *Principe Real de Portugal e Algarves*, foi na verdade uma incuria, por não dizer erro indesculpavel, nos redactores daquelle Decreto o não repepetirem no proprio logar esta substancial clausula; e supposto que um tal esquecimento em nada prejudicava as primeiras determinações, e os direitos daquelle Principe, comtudo alguem ficou persuadido que presidiram a este acto tenções sinistras contra D. Pedro; mas nós adoptamos o parecer daquelles que affirmam que isto sómente servira de pretexto aos contrarios para ultimamente tergiversarem em disputas ridiculas, occultando sempre as anteriores declarações solemnemente estabelecidas.

Como quer que seja, o cadaver foi depositado em S. Vicente de Fóra, jazigo da Casa de Bra-

gança, e logo os boatos circularam que D. João VI tinha sido envenenado, dando corpo a estas suspeitas o parecer de alguns Medicos que o tinham tratado, e a morte repentina do Cirurgião Aguiar intimo privado do Rei, que segundo o temerario juizo dos partidistas do tempo se suicidára, uns diziam pelos remorsos do crime, outros pela desesperação de ter perdido o seu bemfeitor, e não poucos o suspeitaram assassinado por outros complices para maior firmeza do fatal segredo.

A este tempo achavam-se as opiniões politicas dos Portuguezes classificadas em tres secções principaes: a primeira, composta daquelles que por convicção ou interesse tinham seguido as opiniões exaltadas da revolução de 1820, era a mais fraca, e achava-se postergada desde 1823: a segunda contava um pequeno numero de homens addidos ao systema da monarchia absoluta ou representativa no sentido em que D. João VI a tinha promettido na Proclamação de 31 de Maio em Villa Franca de Xira: a terceira era a mais poderosa em numero, e tambem a mais temivel e sanguinaria; compunha-se de cabeças audaciosas, mas pela maior parte ignorantes como o resto da plebe nas Provincias do Reino, onde se estende o summo imperio do Clero hypocrita e a prepotencia de muitos poderosos, todos interessados na manutenção dos seus privilegios absurdos e lucrativos. Como esta ultima facção não tivesse podido empolgar toda a gerencia de Portugal pela queda da Constituição de 1820, e o Conselho de D. João VI continuava a ser dominado por aquelle segundo partido dos moderados, o unico em taes circumstancias idoneo, exaltou-se a sua cruel sanha e romperam nos excessos tremendos, assassinando o Marquez de Loulé grande privado do Rei, e por fim nos attentados de 30 de Abril de 1824 hoje bem conhecidos e provados, e que só poderáõ ser desmentidos pela ignorancia ou cegueira das paixões interessadas. O Infante D. Miguel que capitaneava este bando, instigado por

sua Mãi, foi banido de Portugal e alguns poucos dos seus complices; e daqui o excessivo odio figadal que este partido denominado agora *Miguelista* votou aos moderados em igual plana dos constitucionaes. Em consequencia de taes acontecimentos o rigor do governo de D. João VI dirigio-se aos dois extremos; mas como pela morte do Chefe ficava destituido do seu principal apôio, força era adherir a qualquer dos outros, ou ganhar um meio de segurança evitando os excessos democraticos dos constitucionaes, e o despotismo absurdo e perseguidor dos Miguelistas.

Neste estado de cousas os olhos de todos voltaram-se para D. Pedro: cada qual meditava nos procedimentos anteriores deste Principe procurando achar motivos com que prognosticar as suas futuras decisões sobre Portugal. Os constitucionaes mais avisados reputavam-no inimigo, lembrando-se da opposição que elle tinha feito á erronea politica das Côrtes de 1820; ainda não se lhes riscavam da memoria aquellas palavras que o Principe escrevêra a seu Pai fallando dos Brazileiros em carta de 19 de Junho de 1822: "Digne-se a Providencia dar-„ lhes uma sorte livre, e preserval-os da escrava-„ tura dos vossos Lusitano-Hespanhóes, infames „ despotas, constitucionaes *in nomine*, que fórmam „ as vossas Côrtes facciosas, horriveis e pestiferas." Tambem não esqueciam aquelles ditos da carta de 26 de Julho do mesmo anno: "D'aqui em diante „ eu não devo fazer executar outros Decretos se-„ não os da Representação Brasileira. As Côrtes „ de Lisboa não são nada para mim."

Estas recordações satisfaziam os Miguelistas, que nunca se persuadiram que haviam de ser illudidos em seus projectos, ao mesmo tempo que não era occulto aos moderados as tenções de D. Pedro que facilmente se podiam conjecturar de uma sua carta escripta em 18 de Julho de 1824, afim de persuadir a D. João VI o reconhecimento da independencia do Brazil. Os topicos mais essenciaes di-

ziam: "O dever de Filho e o amor que como homem consagro a V. M. me instam a que, pondo de parte a Corôa que sobre a minha cabeça foi collocada pela generosa Nação Brasileira, vá por este modo fazer constar a V. M. o desgosto que tive quando sube dos desatinos do mano Miguel, e o quanto lhe desapprovo o seu proceder; e se é verdade, segundo se diz, que elle fôra traidor a V. M. já de hoje em diante deixa de ser mais meu irmão, pois um bom filho jámais póde amar traidores." — "Eu, meu Pai, entrei para Maçon; sei que os Fidalgos em 1806 convidaram os Mações e que elles não quizeram entrar (para derribarem a V. M. do Throno,) e porisso o desgraçado Gomes Freire foi enforcado por ser constitucional, querendo elle que V. M. continuasse a ser Rei. Não houve quem dissesse a V. M, que era precisa uma constituição, (eu então era pequeno.) Em vingança a Gomes rebentou a Revolução do Porto em 24 de Agosto de 1820, e pela mesma razão os Mações que estavam nas Côrtes tanto bateram os Fidalgos, e elles aguentaram calados, até que pilhando-os agora debaixo atribuem tudo o que fazem a Pedreiros Livres, porque sabem com que horror os Portuguezes olham para uma tão philantropica instituição. Tomando V. M. os meus sinceros e cordeaes conselhos, adquire gloria pela generosidade, que não recáe em prejuizo de terceiro, ganha ao seu partido aquella parte da Nação Portugueza que se acha descontente, suffoca com ella os rebeldes, e se der uma constituição ao seu Reino, governal-o-ha para sempre, pois todos os seus subditos ficaráõ como desejam."

Nesta variedade de persuasões divagavão todas as esperanças dos Portuguezes quando a Regencia, composta de moderados e de alguns Miguelistas, decidio-se a reconhecer formalmente a D. Pedro como Rei de Portugal. O Duque de Cadaval, segundo affirma um apologista desta personagem,

logo depois da morte do Rei atreveu-se a propôr a dois companheiros da sua facção a convocação dos Tres Estados, e anticipar por este modo os accontecimentos que tiveram logar em 1828; mas tal era a força da opinião em favor dá legitimidade de D. Pedro que estes sugeitos rejeitáram a proposta. Era a opinião corrente entre os absolutistas, que se tinha reconhecido D. Pedro por uma simples homenagem com o intuito de manter a tranquillidade em Portugal, e conservar com o Brasil a paz que se acabava de restabelecer; que não se podia saber a quem elle cederia a Corôa de Portugal; e para que era recear de um procedimento sem consequencia, e arriscar a tranquillidade e interesses futuros do paiz? ... brevemente chegariam as noticias do Brazil, e então seria o tempo de uma declaração formal, se por ventura não fossem concordantes aos seus interesses. Além disto certificava-se que D. Pedro não podia conservar a Soberania que lhe offereciam, e que apenas a recebesse logo a abdicaria; sendo certa e averiguada a terna amizade que o prendia a seu irmão. Alguns repetiam as palavras de D. Pedro na carta a seu Pai com data de 19 de Junho de 1822: „ Eu supplico a V. M. deixar vir ao Brazil meu „ irmão D. Miguel, de qualquer modo que isto „ se possa fazer, porque elle é aqui muito esti- „ mado. Os Brazileiros o desejam junto de mim „ para me ajudar a servir a sua patria, e quando „ for tempo casar com a minha presadissima Fi- „ lha Maria da Gloria. ”

No meio destas tenções lisongeiras e de certa hypocrisia, que sempre fôra o caracteristico dominante dos partidos mentirosos, não se esquecêram de imputar aos constitucionaes o regicidio, e affirmavam que pouco tempo antes da morte de D. João VI um certo cozinheiro chamado Caetano fôra convidado com grandes promessas para envenenar o Rei; mas que recusando-se a um crime tão nefando, elle mesmo morrêra brevemente envenena-

do, sendo o cadaver enterrado no mesmo instante por ordem do Intendente da Policia para escapar á autopsia: que a morte do monarcha não procedêra de indigestão, mas de um veneno corrosivo que os cirurgiões perítos encontráram quando abriram o corpo. Accrescentavam tambem que o medico Barão de Alvayasere se atrevêra a fallar do veneno, e por isso uma repentina morte fôra o castigo da sua indiscrição; que o cirurgião valído do Principe a quem ministrára a fatal bebida fôra empregado depois na Diplomacia, porém os remorsos atalháram a sua carreira com o suicidio; que os seus complices todos iniciados nas sociedades secretas tinham sido mais felizes, e recompensados com titulos e dinheiros; finalmente mostráram-se cartas veridicas ou apocrifas de algumas provincias do Reino, e mesmo do Brazil, que fallavam da morte de D. João VI como já accontecida antes de elle cair doente.

Os constitucionaes não ignoravam estas imputações pela maior parte futeis, e redarguindo a seu turno ponderavam que todos os Conselheiros, Ministros, e validos do Rei naquelle tempo, eram homens bem conhecidos pelas suas opiniões politicas; uns addidos a D. Miguel, e outros absolutistas ou cartistas de Villa Franca, amigos e dependentes do Monarcha; que estes punham todo o cuidado na conservação da pessoa do Principe onde baseavão os seus interesses pessoaes, e mantinhão o equilibrio dos adversarios dos dois extremos: que os partidistas da constituição de 1820 perseguidos, emigrados, exhaustos de meios, e inteiramente expulsos do Paço, eram estranhos ás suas intrigas, e deste modo concluiam que só nos Miguelistas recaíam as bem fundadas suspeitas do regicidio pelos patentes acontecimentos de 30 de Abril, em que esta facção tentou derrubar o Monarcha. E' certo que estas objecções fizeram impressão nos homens cordatos e imparciaes, e no seu juizo ficou valendo a opinião de que pelo menos os constitu-

cionaes não haviam concorrido ao attentado ficto ou verdadeiro, que com tanto empenho se promulgava. Accresciam a corroborar esta opinião as provas pouco seguras das cartas adduzidas, que se podiam voltar por identidade de razões contra os oppugnadores, como aquelles incriveis boatos de tantos suicidios, venenos, e assassinatos. Como quer que seja, a morte de D. João VI é um daquelles factos historicos, que ficaráõ com muitos outros talvez para sempre sepultados no meio das trevas, em que se envolvem os homens pervertidos nestes seculos de immoralidade.

Entretanto a Regencia do Reino, já decidida pela legitimidade de D. Pedro, expedia Decretos e providencias para o regimen interno, e ao mesmo tempo que o Barão de Rendufe era exonerado do cargo de Intendente Geral da Policia, restituião-se aos seus antigos empregos o Barão de Sande, o Prior Mór da Ordem de Christo, e o Dezembargador José Accursio das Neves. O primeiro era aborrecido dos partidos extremos, mas estes ultimos haviam-se manifestado exaltadissimos sectarios de D. Miguel. Os Diplomaticos estrangeiros residentes em Lisboa entregavão as suas credenciaes em que eram acreditados pelos respectivos soberanos junto ao Governo de Lisboa; mas o Embaixador Inglez A'court cumprimentando a Infanta no dia 4 de Abril offereceu-lhe todo o apoio e segurança da parte de S. M. Britannica, e dava como prova da sua palavra a permanencia da esquadra surta no Tejo *para prestar*, (dizia elle,) *a este Governo o mesmo serviço que prestara a Sua Magestade.*

Nenhuma outra cousa se fez digna de menção por este tempo do que a publicação do primeiro documento da hypocrisia de D. Miguel, então residente em Vienna d'Austria: os incautos deslumbráram-se, mas os conhecedores não se illudiram. Era datado de 6 de Abril, e dizia: " De-
,, claro mui positivamente que ninguem mais do que

„ eu respeita a ultima e Soberana Vontade do Nosso
„ Augusto e Saudoso Pai e Senhor, e bem assim
„ que sempre encontrará a minha mais decidida des-
„ approvação e desagrado tudo quanto não seja in-
„ tegralmente conforme ás disposições do Decreto
„ de 6 de Março do corrente anno, pelo qual S.
„ M. I. e Real, que Deos haja em sua santa Glo-
„ ria, tão sabiamente foi servido prover á Adminis-
„ tração Publica, creando uma Junta de Governo
„ para reger esses Reinos, até que o Legitimo Her-
„ deiro e Successor delles, *que é o Nosso Muito*
„ *Amado Irmão e Senhor o Imperador do Brazil,*
„ Haja de dar aquellas providencias, que em sua
„ Alta Mente julgar acertadas."

Em consequencia do que se passava assentou a Regencia de enviar ao Imperador do Brazil uma Deputação, que lhe rendesse vassalagem como Soberano de Portugal, e a quem pedisse ulteriores determinações: para isto foram nomeados o Duque de Lafões irmão do Duque de Cadaval, o Arcebispo de Lacedemonia, e Francisco Eleutherio de Faria e Mello, sugeitos extremamente addidos ao partido de D. Miguel, e escolhidos pela maioria desse mesmo espirito que dominava o Governo de Lisboa. O Duque de Lafões recebeu instrucções mui graves, que talvez diziam respeito aos suppositicios direitos de D. Miguel afim de que D. Pedro a seu pezar, e pelas chamadas razões d'Estado, lhe transferisse plenamente a Soberania de Portugal. Os Conselheiros e Ministros d'Estado fizeram os apontamentos, que julgavão proveitosos aos negocios do Reino, para em todo o caso serem apresentados a um Principe que não podia conhecer Portugal. Partio o Duque a 26 de Abril a bordo da Náo D. João VI, e chegou ao Rio de Janeiro em 6 de Julho. Veio logo no conhecimento de que o mais importante da sua missão já não tinha cabimento, por quanto D. Pedro, a quem tinha chegado a noticia muito antecipada dos accontecimentos de Portugal, abdicára logo na Prin-

ceza do Grão Pará, enviando aos Portuguezes uma Carta Constitucional. Aqui ficou estupefacta a Deputação, e por esta vez illudidas as tenções maliciosas dos emissarios Miguelistas.

Entretanto por algum modo transpiraram na Côrte do Rio de Janeiro os projectos sinistros desta missão, e foi só com difficuldade que se lhe concedeu audiencia no dia 23 de Julho no Paço da Cidade, estando presentes o Imperador, a Imperatriz, e a Rainha de Portugal. Nestas circunstancias a Deputação vio-se obrigada a fallar a lingoagem da mentira, como é costume, e o Duque de Lafões pronunciou o conhecido discurso em que se dizia a D. Pedro felizmente chamado pela ordem da successão a occupar o throno dos seus gloriosos Antepassados, e como não podia ir pessoalmente governar, alcançavão os Portuguezes um grande bem, mandando-lhes para Rainha a primogenita de suas Filhas a Senhora D. Maria Segunda. Evitou-se comtudo fallar na Carta Constitucional, a que o Orador e companheiros tinham uma repugnancia invencivel; e logo d'aqui se partíram (como diz o Poeta) irados e quasi insanos a demandar na Patria a vingança da magoa, e deshonra alli passadas.

CAPITULO II.

D. Pedro convoca um Concelho —Reflexões — Carta Constitucional; e Decretos de D. Pedro — Sir Carlos Stuart portador da Carta — Impressões motivadas pela missão de Stuart— Projectos dos partidos em Portugal — Proclamação da Infanta — Maquinações dos Absolutistas — Juramento da Carta e novo Ministerio — General Saldanha — Conspirações — Guerreiro, Ministro das Justiças — Guarda Real da Policia dissolvida— Expedição de Saldanha ao Algarve.

Naquelle mesmo dia em que o Duque de Lafões largava o porto de Lisboa soube D. Pedro no

Brazil do falecimento de seu Pai D. João VI. Se damos credito a um Apologista do Imperador, este Principe convocou immediatamente um Conselho d'Estado, e ponderando as tenções que havia formado sobre os destinos de Portugal, os Conselheiros votáram unanimemente que a despeito dos seus juramentos reunisse as duas Corôas, não désse a Constituição, e se limitasse tam sómente a conceder uma amnistia aos subditos da Europa. Está politica era injuriosa e erronea: injuriosa, porque aconselhava ao Principe o perjurio á Constituição do Brazil; e erronea, porque não conciliava, ou antes desagradava á maioria dos partidos que dividiam a Nação Portugueza.

Neste caso nem os constitucionaes adheriam de vontade ao governo de um Principe com quem não tinham sympathias pelas recordações antigas, nem os Miguelistas se sujeitavam ao absolutismo de uma corôa que elles só desejavam ver collocada na cabeça daquelle que costumavam denominar o seu *Anjo Tutelar*, para de todo arruinarem os seus adversarios, e dominarem estrictamente como despotas. Os moderados amigos de D. Pedro, poucos em numero, destituidos do apoio de uns, e combatidos das forças dos outros, cairiam irremissivelmente para nunca mais se levantarem; e adeos pertenções e direitos á corôa de Portugal. Portanto, ou fosse conselho de algum politico consummado, ou movimento proprio de um animo generoso, D. Pedro decidio-se a promulgar os actos legislativos expondo-se ao embate das paixões de amor e odio, que começáram a cercal-o desde aquelle momento, e que o hão de tirar ao esquecimento da posteridade.

As providencias mais essenciaes de D. Pedro como Rei de Portugal foram a publicação do Decreto de 27 de Abril, concedendo uma plena amnistia a todos os Portuguezes proscriptos, presos, ou perseguidos por opiniões politicas de qualquer natureza que fossem. No dia 29 outorgou a bem conhecida Carta Constitucional de 1826, seguin-

do-se outros Decretos, para a eleição dos Deputados, reunião das Côrtes, nomeação de Pares, e outras providencias. Por Decreto de 2 Março abdicava a Corôa de Portugal em sua Filha D. Maria da Gloria sob condição de casar com seu tio o Infante D. Miguel, e que não sairia do Brazil sem constar dos Esponsaes, e do juramento da Constituição. Sir Carlos Stuart que por este tempo se achava no Rio de Janeiro foi encarregado por D. Pedro de ser o portador da *Carta Constitucional*, e dos diversos Diplomas relativos á nova organisação do Governo de Portugal. Partio com effeito este Diplomatico Inglez, e com 57 dias de viagem entrou em Lisboa na Fragata Diamond em o dia 7 de Julho. Não devemos occultar que a qualidade do portador deu materia aos adversarios das novas Instituições para affirmarem uma decidida ingerencia da parte da Inglaterra no que se acabava de passar, e que o seu Agente tinha aconselhado todas as deliberações de D. Pedro a este respeito. Um Ministro Tory respondeu a estas imputações no Parlamento Inglez, e ainda que ninguem póde affirmar de boa fé aquillo que a politica costuma negociar com tanto segredo, ficamos persuadidos que se o Gabinete de S. James influíra para a dadiva da Carta de 1826, não foi certamente para felicitar a Nação Portugueza, mas talvez para tirar partido das suas desgraças subsequentes, ou seja o que for sempre no interesse da Grã-Bretanha.

Apenas Stuart entrára no Tejo dirigio se immediatamente para as Caldas da Rainha onde estava a Infanta D. Izabel Maria, a quem entregou os Diplomas que lhe foram confiados, e teve uma conferencia. Constou então ao certo dos despachos de que elle era portador, e circuláram logo em todo o Reino estas noticias tão extraordinarias. Mais facil é conceber do que se póde explicar qual foi o pasmo, horror, e desesperação de todos os Miguelistas a ouvir que D. Pedro tinha abdicado em

favor de sua Filha, e outorgava uma Constituição! ... Os constitucionaes, que pela sua parte nunca aguardáram uma tal solução, viam-se como encantados; porém alguns homens conhecedores pronosticáram inquietações, e dias perigosos. O Duque de Cadaval que tambem se achava nas Caldas com outros Membros da Regencia e Ministros d'Estado repetio o seu antigo parecer, que á vista de tão extraordinarias novidades se convocassem os Tres Estados do Reino. Porém encontrou opposição naquelles mesmos que ha pouco haviam promettido e concordado no mesmo voto, e á força de instancia, e segundo alguns pertendem, por insinuações de Carlos Stuart, determinou-se a Infanta D. Izabel Maria a tomar as redeas do Governo, e a mandar sem demora jurar a Carta Constitucional pelos Tribunaes e Camaras do Reino, tomando as disposições necessarias para a convocação das Côrtes.

Eis-aqui os pontos de reunião, e as tres opiniões que dominavam ha pouco em Portugal consolidadas em duas. Os constitucionaes de 1820, ou pelo interesse de sairem do abatimento em que se achavão, ou persuadidos que a Carta de D. Pedro era uma escada para subirem a emprezas mais avultadas, uniram-se aos partidistas da Monarchia moderada que então começavam a dirigir a Administração; mas os absolutistas ultras, sectarios de D. Miguel, excederam-se em odios mui desordenados, e pozeram em pratica todos os meios illicitos e vergonhosos para aniquilarem as cousas e pessoas dos contrarios. Debalde a Proclamação da Infanta de 12 de Julho prevenia de que a Carta era essencialmente differente daquella Constituição, que abortára no seio de uma facção revolucionaria em 1822; e que este dom espontaneo do poder legitimo do Rei procurava terminar a lucta dos principios extremos: não importa, a facção que em 1823 proclamára com tanto affinco o poder absoluto dos Reis, e a obediencia passiva dos povos,

decide-se agora a dar e tirar os thronos, calcando aos pés as Leis de um poder que, segundo ella, dimanava immediatamente de Deos!...

Nada esqueceu aos absolutistas em descredito das novas Instituições, e o primeiro pensamento foi apresentar ao fanatismo do vulgo, antes que se fizesse publica a Carta Constitucional, um extracto da mesma cheio de falsidades, em que se improvisaram artigos no sentido democratico e anti-religioso, com o fito de irritarem os animos dos ignorantes, e inculcar que esta Carta era mais liberal e abominavel do que a Constituição de 1822. O governo mandou logo obstar á circulação deste papel por ordem expedida ao Intendente da Policia Arriaga. Os descontentes tiravam partido de tudo, e allegavam que os corpos do Exercito tinham deixado de tocar o Hymno Nacional dedicado a D. João VI, sendo substituido pelo de D. Pedro; mas alguem lhes respondeu que era por justo respeito e gratidão a este Soberano. A Gazeta de Lisboa insultava com uma audacia indizivel a nova ordem de cousas, sem que o seu Redactor ou os Censores fossem cohibidos e castigados por aquelle Governo de quem eram o orgão: anomalia por certo bem estranha, e que só a podemos attribuir á incuria e estupidez dos Ministros, ou ao predominio dos Miguelistas ainda subsistente nos Conselhos da Infanta.

Finalmente depois da publicação de varios Decretos, Proclamações, e Programmas accompanhados de muitos obstaculos, foi jurada a Carta Constitucional em 31 de Julho de 1826, e logo por Decretos do 1.º d'Agosto seguinte foi organisado um novo Ministerio, composto de sugeitos conhecidos pelas suas opiniões moderadas. Francisco Manoel Trigoso teve a Pasta dos Negocios do Reino, D. Francisco de Almeida Portugal a dos Estrangeiros, o Barão do Sobral Hermano a da Fazenda, Ignacio da Costa Quintella a da Marinha, Pedro de Mello Breyner a das Justiças, e João Carlos

de Saldanha a da Guerra. Este ultimo, neto do celebre Marquez do Pombal, e addido aos Titulos da antiga Jerarchia, não era suspeito aos privilegios da sua classe, e por isso a este tempo governando elle as Armas do Partido do Porto, os nobres e absolutistas desta cidade offerecêrão-lhe planos e projectos de insurreição contra a nova ordem de cousas; porém Saldanha consultando outros interesses e rodeado de immensos sujeitos constitucionaes, que o Porto sempre encerrára, instando-o e acariciando-o com as suas demazias, decidio-se pela causa de D. Pedro a ponto de que ficou dahi em diante reputado o Campeão dos Constitucionaes.

Quando Saldanha Ministro da Guerra chegou a Lisboa já se havia revolucionado em Bragança o Regimento n.º 24, prendendo os Officiaes superiores, o Bispo daquella Cidade, e o Governador da Praça, por não terem querido annuir ao seu crime. Forão commandados na sua retirada para a Hespanha por um certo Luiz Vaz visconde de Montalegre, homem conhecido pela sua estupidez e voracidade. Tambem haviam desertado no mesmo sentido o Regimento de Cavallaria n.º 2 estacionado em Villa Viçosa, e o Regimento de Infanteria n.º 17, que se achava em Extremoz.

Estas vergonhosas conspirações suscitadas em grande parte pela familia dos Silveiras, e por aquelles Officiaes que tinhão sido promovidos em consequencia dos seus serviços na queda da Constituição de 1823, requerião medidas efficazes e preventivas no pessoal do Exercito; e por isso Saldanha fez promulgar um Decreto que abolia para sempre os corpos desertores, substituindo-lhes outros que deveriam ser organisados com differentes numeros. Para estes Regimentos fantasticos transferia os Officiaes de conhecida suspeição, nomeando desde logo para os effectivos aquelles Militares, que se achavão retirados e perseguidos pelas suas opiniões constitucionaes. A crise revolucionaria au-

gmentava todos os dias, e o Governo da Infanta carecia de Ministros vigorosos e decididos. Pedro de Mello Breyner residia Embaixador na França, e como a sua chegada a Lisboa se poderia ainda demorar foi encarregado interinamente do Ministerio das Justiças José Antonio Guerreiro, homem de reconhecido caracter, e um dos melhores Advogados de Portugal. Este Magistrado habil soube dar um impulso aos Negocios, e expedio providencias para reprimir a rebellião e desenvolver os espiritos na causa em que se achava empenhado.

Entretanto os Miguelistas poderosos de recursos internos e externos não desanimavão da empreza, que tomáram tanto a peito: em a noite de 24 d'Agosto a Guarda Real da Policia devia marchar ao Campo Pequeno, e esperar alli que se lhe reunissem outros individuos dos corpos da Capital para acclamarem D. Miguel rei absoluto; mas dado que em Lisboa não correspondessem a estes movimentos, marchariam sobre Villa Franca e por ultimo seguiriam as pisadas dos corpos desertados para a Hespanha. O Governo aventou esta conspiração muito a tempo, e Saldanha distinguio-se nesta occasião com acertadas providencias, fazendo desarmar os soldados revoltosos. A popularidade deste General crescia todos os dias, e assim não lhe faltárão os encomios das Folhas Periodicas e de todos os amigos da causa, que elle defendia com tanto affinco e resolução; mas em troco ganhou o odio dos adversarios que lhe votárão um profundo rancor, e jurárão aniquilal-o por todos os modos possiveis. Tinha-se revolucionado no Algarve o Regimento n.º 14 com alguma Artilharia, e o 4.º Batalhão de Caçadores: Saldanha sahe de Lisboa á frente de uma luzida Brigada, e os rebeldes fogem para Ayamonte onde depozérão as armas. O General logo adoecêo gravemente, e a persuasão geral attribuio a sua molestia ao envenenamento.

CAPITULO III.

Procedimento do Embaixador Portuguez em Madrid — Conde de Villa Real enviado á Hespanha — Receios desta Potencia sobre as Instituições de Portugal — Negociações illudidas — Juramento dos transfugas em Hespanha — Instancias do Conde de Villa Real — Perfidia do Ministerio Hespanhol — Dito notavel de Severino Gomes — Marquez de Chaves em Villa Real — Marqueza de Chaves em Traz-os-Montes — Visconde de Varzea — Sublevação de Regimento n. 11. — Participação infame do Ministro Hespanhol — Invasão dos rebeldes Portuguezes em Traz-os-Montes — Telles Jordão entra na Guarda — Progressos da rebellião na provincia da Beira — Fraqueza do general Pego e entrega da Praça d'Almeida — Ataque de Amarante em 15 de Dezembro — Roubos, e correrias do exercito do Marquez de Chaves — Fraqueza do general Azeredo — Batalhão Academico em Coimbra.

Por todo este tempo o governo de Fernando VII, ou a denominada facção Apostolica que o dominava imperiosamente, foi o mais temivel inimigo que tiveram as Instituições de D. Pedro em Portugal. Joaquim Severino Gomes, Embaixador Portuguez na Côrte de Madrid, por vontade sua ou instigações particulares, tomou a resolução de não jurar a Carta Constitucional. Quando chegou esta noticia já o Governo de Lisboa tinha motivos bem fundamentados para suppôr, que o fóco principal das intrigas na deserção da tropa existia em Hespanha. Houve-se então com acerto, e o Conde de Villa Real habil Diplomatico foi enviado áquella Côrte para desfazer todos os pretextos, e desviar a guerra imminente. Nenhuma outra pessoa nestas circunstancias reunia as qualidades deste sugeito para uma negociação tão melindrosa, e de grande consequencia; pois além da sua reconhecida capacidade não era suspeito em materia de opiniões democraticas, de que o governo Hespanhol tanto tremia.

Chegou o Conde a Madrid, e logo teve oc-

casião de se esclarecer sobre as difficuldades que não tinha previsto. O governo de Fernando VII, que havia reconhecido a Regencia de Lisboa creada por Decreto de 6 de Março, regendo em nome de D. Pedro IV como Rei de Portugal, negava agora os direitos deste Soberano depois que elle outorgára a Carta Constitucional. Quando Severino deu a sua demissão communicou logo a todos os Ministros Estrangeiros residentes em Hespanha os motivos desta sua resolução, fundamentando-a em que D. Pedro como estrangeiro não podia dar Instituições a Portugal, nem mudar as Leis fundamentaes do Paiz, e outros absurdos desta cathegoria. Os Ministros pareciam capacitados destas razões futeis, ou talvez elles mesmos tivessem incitado a Joaquim Severino ao despresivel expediente da sua deliberação depois de já ter obedecido ás ordens, que lhe tinhão sido passadas em nome de D. Pedro IV; porque a politica destas personagens era evidentemente contraria ao estabelecimento das Côrtes em Portugal, como já os seus predecessores se tinhão opposto á convocação das mesmas, quando D. João VI foi restituido á plenitude absoluta dos seus direitos em 1823.

Nestas circunstancias a posição do Governo Portuguez era extremamente melindrosa: os povos eram illudidos, e esta illusão alimentada por toda a casta de intrigas, e profusão de dinheiros ministrados de dentro e fóra do Reino. A Hespanha apenas se publicára em Portugal a Carta de D. Pedro dirigio-se immediatamente ás Potencias alliadas, prevenindo-as do perigo a que se achava exposta, desfigurando as cousas, e exagerando os receios. Todas convieram em proteger a Hespanha, e a Inglaterra nesta conjunctura limitou-se a declarar que Portugal não entenderia com a Hespanha, com tanto que a Hespanha não entendesse com Portugal. Os boatos corriam então como de certo que o Infante resistiria ás ordens de seu Irmão, e brevemente viria á Hespanha pôr-se á testa de um

partido para recuperar os seus direitos inauferiveis. Os partidos extremos desejavão a guerra, e cada um se persuadia que tinha a força na mão para nada temer da lucta; mas é certo que o partido Apostolico levaria as melhores probabilidades a seu favor pela razão dos grandes recursos em que se apoiava, e ainda no caso que os exaltados Portuguezes houvessem alguma victoria, esta seria momentanea; porque achariam nas Fronteiras toda a Europa armada contra elles, e esse fiel Alliado Inglez afastado do *casus foederis*; pois não lhe relevava interferir em abono de um partido, que reputariam adverso aos seus interesses.

Vendo pois o Conde de Villa Real que o governo Hespanhol se esquivava a reconhecer a Regencia da Infanta, e que não eram attendidas as reclamações sobre a entrega das armas e cavallos roubados pelos desertores Portuguezes, nem as Authoridades limitrofes a Portugal tinhão sido castigadas por lhes terem dado acolhimento, e que o grande faccioso Visconde de Canellas não era expulso do territorio da Hespanha, declarou a D. Manoel de Salmon Ministro dos Negocios Estrangeiros que não partiria sem a satisfação daquellas justissimas reclamações, e um conhecimento da opinião dos Alliados a respeito de Portugal. Em seguimento dirigio-se ao mesmo Ministro e aos das Potencias alliadas expondo-lhes, que se a Hespanha persistia em não reconhecer o Governo de Portugal e recusava satisfazer com especialidade ás reclamações da entrega das armas, elle se retiraria immediatamente, e o Governo de Lisboa aproveitaria todas as medidas que julgasse necessarias para a sua defeza e segurança; entretanto que os Ministros attendessem ao interesse, e conservação da paz na Peninsula. Já eram chegadas communicações que não deixavão duvida de se haver reconhecido o Governo da Infanta pela França, Russia, e Prussia; mas nem assim Salmon se mostrava disposto a dar satisfação, apezar do promet-

timento da entrega das armas de alguns desertores Hespanhoes, e ter-se publicado na Gazeta de Lisboa o Decreto de Fernando VII contra estes, ao mesmo passo que na de Madrid não se promulgava o indulto a favor dos Portuguezes, e antes se espalhavão noticias de proposito desfavoraveis para dissipar as impressões.

Em quanto os Apostolicos faziam uso desta vil trapaça para illudirem o Conde, e ganhar tempo, o visconde de Canellas remettia de Madrid o celebre juramento que foi prestado em Villa Nova de la Serena pelos transfugas Portuguezes em 22 de Setembro de 1826. Alli jurárão manter a legitimidade de D. Miguel como rei absoluto de Portugal, e sustentar, em quanto ausente, a regencia de sua Mãi a Imperatriz Rainha; e accrescentavão que se o mesmo D. Miguel morresse sem successão, o throno passaria para a Princeza da Beira D. Maria Thereza, e por morte desta para seu filho D. Sebastião!... Não affirmaremos se por aqui entrárão astucias e antigas pertenções do gabinete de Madrid á Soberania de Portugal; mas é certo que este famoso documento manifestou peremptoriamente as tenções e planos dos intitulados campeões da Legitimidade estabelecendo a successão dos thronos, e dizendo-se deffensores das Leis fundamentaes de Lamego iam entregar a Soberania a Principes estrangeiros!... Documento, por certo, mal calculado e impolitico para seus authores, que tirou a mascara ao engano, e os desacreditou no espirito daquelles que ainda os olhavão de boa fé. O deposito de transfugas que se achava em Lugo teve por este tempo uma luzida funcção no Convento das Freiras Dominicas daquella Cidade, onde se cantou uma Missa solemne dando-se na collecta o nome de D. Miguel como rei de Portugal. O celebre Padre Alvito Buela, que prégou nessa occasião, não julgou a proposito que os transfugas prestassem o juramento pela fórmula enviada pelo Visconde de Canellas,

parecendo-lhe uma cousa estranha e impolitica a menção do Infante D. Sebastião.

Em consequencia destes estranhos accontecimentos o Conde de Villa Real dirigio-se aos Ministros alliados, e fez-lhes ver todos os planos dos revoltosos Portuguezes de connivencia com as authoridades Hespanholas, os perigos que daqui deveriam resultar, e a responsabilidade que pezaria sobre as suas pessoas se acaso não providenciassem em factos de tanta tanscendencia. Porém estes senhores desculpárão-se com respostas evasivas, e promettêram fazer o que nunca cumpríram: só o Ministro de Inglaterra cooperou efficazmente nestas circumstancias a favor da causa Portugueza. D. Manoel de Salmon começou a usar de uma lingoagem mais fementida, participando ao Conde que no dia 3 d'Outubro S. M. Catholica havia decidido mandar entregar os effeitos roubados pelos desertores Portuguezes, e que o Visconde de Canellas sairia de Madrid dentro de tres dias, e do Reino em um mez. Esta communicação sustou as medidas que o Governo Portuguez poderia tomar naquella occasião, e descançando na fé das promessas Apostolicas repellia as offertas que lhe faziam os descontentes Hespanhóes, até mesmo de entregarem ás Armas Portuguezas algumas Praças fortes de Hespanha. Suscitáram-se de proposito pretextos frivolos sobre a reciproca entrega das armas, e o Ministro Salmon declarou que no dia 18 d'Outubro se expedião as ordens aos Capitães Generaes da fronteira para a verificarem. O Conde annunciou logo esta resolução á Côrte de Lisboa, e que o Visconde de Canellas tinha saído para Valhadolid, onde seria vigiado pela Policia demorando-se alli 20 dias até sair da Hespanha, como se havia determinado. O Governo Portuguez impaciente de questões, e para evitar delongas, annuío a tudo confiado na expedição das ordens pela parte de Hespanha, e mandou entregar as armas dos transfugas Hespanhóes, fazendo isto publico pela Gazeta de Lisboa.

Neste meio tempo os Capitães Generaes Hespanhoes receberão ordens secretas para não cumprirem as ostensivas do Ministerio, e responderão ás Authoridades Portuguezas commissionadas, que não podião entregar as armas por esperarem por *noticias e antecedentes*. O principal author influente no Ministerio Hespanhol que tramára esta perfida velhacaria foi D. Thadeo Calomardi, o mais pessimo inimigo que tiverão as Instituições de D. Pedro em Portugal. O Conde de Villa.Real, apoiado efficazmente na protecção de Mr. Lamb então Ministro de Inglaterra em Madrid, instou fortemente ao doloso gabinete para que se dispersassem os desertores, e se mandasse sair immediatamente o Visconde de Canellas; mas Salmon respondeu que se havião dado todas as providencias, ponderando ao mesmo tempo o desdouro que resultaria ao governo Hespanhol se deixasse os transfugas apoderarem-se das armas, e invadirem Portugal. Porém nem a noticia da abertura das Cameras Portuguezas em 30 d'Outubro, nem o juramento prestado pelo Infante á Carta, nem o reconhecimento do Governo de Lisboa pelas grandes Potencias da Europa, fizerão dissuadir o Gabinete de Madrid dos seus danados projectos; e tanto persistio em fomentar a rebellião dos Portuguezes descontentes, quanto estava certo das declarações de todas as Potencias, que ligavão o Governo de Portugal a não tomar medidas efficazes contra a Hespanha.

Entretanto que o Conde se preparava para voltar a Portugal, o Governo Hespanhol recebeu a noticia official pelo seu Embaixador em Vienna de se haverem alli celebrado os Esponsaes do Infante D. Miguel. Este accontecimento pareceu que devia pôr termo a todas as questões, e decidir a Hespanha ao reconhecimento do Governo Portuguez; mas não acconteceu assim: Salmon respondeu que isto tão sómente facilitava aquella decisão, e que era necessario mais algum tempo para uma boa deliberação. Foi por esta occasião que o Con-

de de Villa Real dizendo a Joaquim Severino Gomes que o Governo da Infanta fôra reconhecido pelas Potencias, este lhe respondeu: *Que se não fiasse em semelhantes declarações, porque bem sabia que se davão muitas vezes instrucções secretas.* O Conde largou Madrid confiado nas promessas, e na efficaz cooperação do Ministro de Inglaterra.

Em quanto se procrastinavão estas negociações com o perfido gabinete de Madrid, o Marquez de Chaves, que se achava a este tempo um inteiro mentecapto, apresentou-se em Villa Real á frente de um pequeno destacamento de Caçadores n.° 9, e proclamou D. Miguel rei absoluto de Portugal. Os soldados, ou pela persuasão do commandante ou pela sua propria, e talvez pela vergonha de seguirem um Chefe inteiramente louco, como a todos era patente, corresponderão-lhe com insultos e ameaças; mas já se preparavão a captural-o, quando este miseravel escapou dirigindo-se immediatamente ao deposito de transfugas Portuguezes na Galiza. A fidelidade destes Militares foi remunerada pelo Governo da Infanta com o augmento de soldos e patentes. A Marqueza de Chaves digna esposa do foragido, mulher tão galante que entre os Francezes recebeu o epitheto de *Panorama da Fealdade*, era mais feliz nas suas emprezas. O Batalhão de Caçadores n.° 7, commandado por sujeitos addidos á facção dos Silveiras, foi mandado de Lisboa para Traz-os-Montes depois de lhe haverem substituido officiaes dignos de confiança. Chegando a Villa Pouca d'Aguiar, a Marqueza conseguio revolucionar os soldados por via dos seus agentes, e de uma pequena somma de dinheiro sufficiente para arrastrar estes miseraveis, que não obstante os exforços dos Officiaes desertárão para a Hespanha commandados por um sargento. As instancias da facção Apostolica não affrouxavão: o Silveira Visconde de Varzea então Governador das Armas da Beira Alta pedia a sua demissão, motivando-a nos sentimentos de indigna-

ção que o accompanhavão em razão de seu primo governador da Praça d'Almeida ter desertado para a Hespanha. Passados erão poucos dias no meado de Setembro quando o Regimento de Infanteria n. 11, estacionado naquella Praça, á força de instigações, proclamou a D. Miguel e seguio o mesmo destino, desamparado de alguns officiaes, que não quizerão ter parte nesta vergonhosa rebellião.

Neste estado de cousas tendo a facção Apostolica assentado, que já possuia forças sufficientes para attacar Portugal, preparou o seu plano de campanha, e procedeu como em taes objectos é de costume. Para coroar a obra do mais inaudito descaramento, que olhos humanos nunca virão, D. Miguel Salmon no dia 26 de Novembro communica ao Embaixador Inglez que já não ha desertores Portuguezes em Hespanha, dando a entender que elles sómente se tinhão approximado a Portugal; mas que o seu governo vai a cumprir todas as promessas que fez, mandando fazer a entrega immediata das armas, a internação, e a dispersão, e que espontaneamente declara não receberá mais Portuguezes armados no seu territorio !.... e isto naquelle mesmo momento em que se estava invadindo Portugal !!...

Eis aqui pois então os rebeldes em Portugal accompanhados de alguns Hespanhoes e tambem provídos em parte de armas Hespanholas. Tres forão os pontos principaes escolhidos para a invasão. Na provincia de Traz-os Montes entrarão por Bragança, onde accomettêrão em força superior o Coronel Valdez, que commandava uma pequena Brigada composta dos Regimentos de Infanteria n.º 3 e 21, e um esquadrão de Cavallaria n.º 12. O commandante teve de se encerrar em uma antiga e arruinada fortaleza junto daquella cidade, e capitulou depois de se haver confirmado que não era soccorrido pelas tropas fieis, que se achavão ao sul da Provincia. Pouco tardarão a reunir-se aos rebeldes alguns Regimentos de Milicias, e muitos

paisanos armados com a denominação de *Guerrilhas*, quasi todos attraídos pela esperança de se enriquecerem com os roubos como acabavão de vêr um exemplo no saque dado á cidade de Bragança, que ou tinha sido tolerado pelos Chefes, ou elles não podêrão obstar á indisciplina do bando de salteadores que commandavão: em ambos os casos pouca honra e nenhuma desculpa lhes cabe.

O primeiro cuidado dos cabeças da facção foi estabelecerem logo no dia 28 de Novembro uma junta, que intitularão *Supremo Governo Provisorio do Reino*, composta dos Membros Marquez de Chaves, presidente, Francisco de Moraes Madureira Lobo, deputado, e José Manoel Ferreira de Castro e Souza, Secretario. A vice-presidencia ficou ao Visconde de Villa Garcia, irmão do inepto Luiz Vaz que se apossou do commando das tropas, apezar das pertenções do Marquez, a quem accompanhava a Marqueza sua mulher para animar os soldados com seus tregeitos e galantarias. Quasi pelo mesmo tempo o malvado Telles Jordão tocava no segundo ponto de invasão, destinado á Provincia da Beira pelas immediações de Almeida. Foi sómente quando teve a certeza de que o Regimento de Milicias de Tondella se havia rebellado na Guarda, que entrou nesta Cidade accomparbado de alguma gente insignificante. Em menos de quinze dias todo o norte da Provincia da Beira seguio o impulso revolucionario da facção Silveira: nas Cidades da Guarda, Lamego e Viseu, organisárão-se juntas governativas compostas dos homens das classes ecclesiasticas e privilegiadas, decididamente interessados na permanencia do antigo Regimen, e todas as Milicias daquelles sitios accedêrão com facilidade ás suggestões dos seus chefes.

O hypocrita Visconde de Varzea, que ha pouco estranhára a deserção de seu primo, declara-se agora pela rebellião, e teve a honra de ser presidente de uma junta provisoria. Faltava ainda um exemplo de fraqueza, por não dizer ingratidão, que

ensinasse os incautos a julgar com mais sisudeza do caracter humano. Telles Jordão tendo reunido uma força irregular de Milicias e *guerrilhas* pôz sitio á Praça de Almeida, que capitulou em 26 de Dezembro: a guarnição constava do Regimento 6 de Infanteria, um esquadrão de cavallaria n.º 10, um destacamento de Caçadores n.º 9, e alguma Artilheria. O Governador desta Praça era o Brigadeiro Pêgo, reputado então o mais fiel adherente á causa constitucional, e a quem se tinha offerecido o rico presente de uma espada de ouro, como em reconhecimento da sua firmeza de caracter. O Visconde de Mollelos, que ha pouco se tinha vindo reunir ás fileiras da rebellião, teve uma conferencia com Pêgo, soube tentar a sua fidelidade e persuadil-o a abraçar os seus interesses. Desde então o velho Militar, já no ultimo quartel da vida, não poude resistir ao combate dos promettimentos: convocou um conselho de varios chefes dos corpos da Guarnição, e asseverou-lhes: *Que elle não estava disposto a oppor-se á vontade do povo, que desejava D. Miguel como seu legitimo soberano*; porém como este seu voto encontrasse opposição resignou o commando, entregando-se a uma especie de neutralidade vergonhosa até á capitulação que não assignou.

Por todo este tempo os rebeldes senhores da provincia de Traz-os-Montes, e grande parte da Beira, tentárão passar o Tamega em Amarante com o fito de entrarem em Braga, apoderarem-se de immensos recursos, e cair depois sobre o Porto onde commandava o General Stubbs. Mas o Brigadeiro Claudino, General da divisão volante, soube repellir o ataque, que lhe fizerão no dia 15 de Dezembro. Mudárão então de plano, e dirigirão-se á provincia da Beira entranhando-se até á cidade de Viseu, onde chegarão em 22 do mesmo mez dando-se a conhecer aos habitantes por salteadores esfaimados, e por toda a sorte de violencias. Atéqui as correrias destes malvados tinhão ido em

progresso, e os seus recursos augmentavão com os dinheiros que saccávão dos cofres publicos: taes havião sido as providencias das Authoridades do Governo de Lisboa!

Não podemos occultar que á tibieza, por não dizer incapacidade do General Azeredo, é atribuida em grande parte a rebellião que se manifestou na provincia da Beira, e os estragos que supportou a Cidade de Viseu. Quiz antes dar ouvidos ás suggestões dos inimigos de D. Pedro, e despresou os conselhos e generosos offerecimentos dos habitantes fieis. Entretanto a torrente revolucionaria deparou um obstaculo na Cidade de Coimbra pela organisação do Batalhão de Voluntarios Academicos, que excedia o numero de 400 individuos. Não obstante os desejos e tenções sinistras do Reitor e da maior parte dos Lentes da Universidade, os Estudantes corrêrão ás armas e prestarão aquelles serviços, que em tal occasião se devião esperar.

CAPITULO IV.

Invasão de Magessi no Alemtejo — O Conde de Villa Flor bate os rebeldes perto de Arronches — O Visconde de Mollelos foge da Guarda — Junção da Brigada de Claudino com a Divisão de Villa Flor — Junção dos transfugas — Impressões causadas em Lisboa pela invasão dos rebeldes — Despachos de Londres, e o Ministro Canning — Chegada das tropas Inglezas ao Tejo — Combate de Coruche da Beira — Insinuações aos rebeldes desattendidas — Escaramuças nas Provincias do Norte — Segunda invasão dos rebeldes na provincia do Minho — Combate da Ponte do Prado — Combate da Ponte da Barca — Fugida dos Rebeldes.

Quando o Marquez de Chaves tocava em Bragança, uma brigada de transfugas Portuguezes, commandada por Magessi, invadia a provincia do Alem-

Tejo. Não havia um momento a perder: o Conde de Villa Flôr partio de Lisboa á frente de uma disciplinada Divisão, e alcançando os rebeldes perto da Villa de Arronches bateu-os completamente no dia 10 de Dezembro. Este bravo General pondo-se á testa de um esquadrão de cavallaria carregou, e desbaratou a dois dos inimigos, que agora se vírão obrigados a fugir vergonhosamente para a Hespanha donde havião entrado em Portugal. Então Magessi tomou o expediente de se dirigir encostado á raia Portugueza até o norte da Beira, onde esperava encontrar os companheiros das suas façanhas. O Conde seguio-o sempre dentro de Portugal flanqueando-lhe a esquerda até chegar á Cidade da Guarda. O Visconde de Mollelos digno discipulo do Velho Bacellar fugio precipitadamente ao aproximar-se á mesma cidade, e dispondo elle de numerosas forças, ainda que irregulares, não quiz vêr os semblantes inimigos. Apenas o General Claudino teve a noticia, que as tropas do Marquez de Chaves depois do combate de Amarante tinhão passado o Douro no Pezo da Regoa, partio immediatamente para o Porto, e vinha tomar-lhes a frente sobre Viseu quando soube que os rebeldes tinhão evacuado esta cidade. Accelerou logo as marchas, e perseguio-os na retirada até fazer a junção com as tropas do Conde de Villa Flor, que havião descido sobre Mangoalde. Ne mesmo tempo virão-se reunidas todas as Divisões dos transfugas, que havião invadido Portugal, agora augmentadas com varios corpos de Milicias, e de alguns destacamentos e tropas de Linha aprisionadas em Bragança, Almeida, e outros logares.

Quando a Lisboa chegára a noticia da perfida invasão que Portugal acabava de soffrer, cresceu a indignação ainda mesmo no animo de alguns que, supposto desejavão a D. Miguel, não lhes agradava o methodo ruinoso com que pertendia eleval-o ao throno um punhado de foragidos, em grande parte commandados por homens sem talentos nem

consideração. A crise era assustadora, mas o Governo da Infanta por vontade ou impulsos de receios houve-se com discrição, e resolveu reclamar o soccôrro da Grã-Bretanha. Virão-se então nas Cameras Legislativas os homens de todos os partidos aplaudirem a deliberação do Governo, e o Duque de Cadaval foi um dos que mais se declarou neste sentido. Brevemente chegou a Londres o despacho destas occorrencias, e logo o Gabinete de S. James foi tão prompto a decidir como a enviar tropas para Portugal. O Ministro Canning fez por esta occasião um famoso e soberbo discurso no Parlamento, onde a través dos proprios louvores com que exaltava a sua Patria rompia em ameaços contra todo aquelle que ousasse desafiar guerra á Grã-Bretanha, concluindo que era chegado o *casus foederis* em que pelos tratados se devião os soccorros a Portugal. Quaes fossem os interesses materiaes que decidírão o Gabinete Britanico a tomar aquella resolução, não nos aventuramos a affirmar: muitas conjecturas poderiamos estabelecer que não serião destituidas de rasoavel fundamento; baste por agora advertir que o *agio* é o espirito geral da Grã-Bretanha, e os seus Ministros não reconhecem outra base que lhes sirva de norma nos seus procedimentos com as differentes Nações.

A chegada das tropas Britannicas ao Tejo foi annunciada na Ordem do dia do Exercito, e brevemente se espalhou por todo o Reino. Força é confessal-o: esta noticia encheo de jubilo os Constitucionaes, excitou a coragem do Exercito fiel que nadava em desconfianças, e incutio o terror e desalento nas fileiras dos rebeldes. Entrava o anno de 1827 quando em 9 de Janeiro o exercito invasor em numero de 8 mil homens commandado, segundo parece, pelo Visconde de Varzea acabava de occupar as fortes posições de Coruche, povoação situada 7 legoas ao nordeste de Viseu. O Conde de Villa Flor, cujas tropas apenas completarião o

total de 4 mil homens de todas as armas, mas que excedião os inimigos na boa disciplina e prestancia dos officiaes, não duvidou romper o ataque depois de haver designado as alas do exercito ao Brigadeiro Claudino, Coronel J. B. de Mello, e Barão de Saboroso. O combate durou desde a uma hora da tarde até á noite: os rebeldes batidos e derrotados retiráram-se em perfeita confusão na direcção d'Almeida; uma boa porção da tropa de Linha dos corpos aprisionados entregou-se ao exercito vencedor, e os soldados de Milicias desertáram para suas casas. A perda do exercito em mortos e feridos foi insignificante, não tendo podido verificar-se a dos contrarios em razão dos successos ulteriores.

Nestas circumstancias os amigos da facção em Lisboa, muitos dos quaes entravão nos Conselhos da Infanta, enviáram insinuações aos cabeças revoltosos para que não voltassem á Hespanha, e antes capitulassem em Portugal, porque a todo o tempo seriam mais uteis e prestes á *sagrada* causa que defendiam, mas que por agora não era possivel vencer. Este conselho era prudente; porém os exaltados talvez mais honrados do que os seus amigos encobertos não tolerárão esta baixeza, e resolvêrão entrar na Hespanha dispostos a novos ataques e correrias. A Praça de Almeida logo cahio em poder do exercito fiel, e o General Claudino foi chamado a Lisboa sob pretexto de occupar o Logar de Deputado; a sua retirada magoou sobre maneira os Ministros que tinhão obedecido ás suas ordens.

Os rebeldes depois da infructuosa tentativa de Amarante no dia 15 de Dezembro de 1826, como já mencionamos, passárão o Douro no Pezo da Regoa deixando após de si toda a provincia de Traz-os-Montes revolucionada. O Brigadeiro José Corrêa de Mello commandava as Armas da mesma provincia pelo Governo da Infanta, e o Tenente General Marquez de Anjeja, que governava no Minho, achava-se nomeado Commandante das For-

ças do Norte. Estes Generaes dispondo de forças mui diminutas tiveram a luctar com numerosas partidas de rebeldes compostas de Milicias, Veteranos, e *guerrilhas*, que forão quasi sempre suplantados, em todas as correrias e escaramuças, pela superioridade do valor e disciplina das tropas constitucionaes.

Muitos dias não erão passados quando o exercito de Silveira batido em Coruche circulou dentro da Hespanha, e veio arrebentar na provincia do Minho até á Cidade de Braga com grande pasmo e admiração de todos. O Marquez de Anjeja entrou no Porto, e esta Cidade vendo-se ameaçada desenvolveo uma grande actividade. Então os rebeldes resolvêram defender a passagem da Ponte do Prado, e construíram um parapeito com abatizes, uma cortadura, e duas peças de artilharia, estendendo uma linha de mosquetaria tanto sobre ella, como na margem do Rio Cávado. No dia 5 de Fevereiro trinta Caçadores audazes arremeçando-se sobre a ponte tinham-se já apoderado das duas peças, quando foram repellidos por uma forte columna inimiga: neste momento chega o Conde de Villa Flor á frente de uma luzida Divisão, ordena o ataque, a ponte é retomada, e os rebeldes são batidos com perda de cem homens. Retirárão-se então precipitadamente sobre a Villa da Barca, acoçados na retaguarda por um tiroteio continuado até passarem o Rio Lima; daqui incitados de vergonha, e talvez considerando no pequeno numero que os perseguia, voltão o rosto e obrigam os constitucionaes a deffenderem-se dentro das casas. Não era passada meia hora quando foram libertados pelas tropas ás ordens de Villa Flor. Apezar de ser já noite cerrada, este General impaciente de gloria ordena um ataque de bayoneta sobre os rebeldes, que deffendiam a Ponte da Barca distante 4 legoas da primeira, e depois de muitos exforços tanto aqui como mais ao norte do Rio, o inimigo foi desbaratado com perda de trezentos homens.

Foram estes os combates mais brilhantes de toda a campanha em que os rebeldes perdêrão oito peças de artilharia, e viram-se obrigados a repassar a fronteira Hespanhola. Não desistírão comtudo, e fizeram lógo depois uma correria na provincia de Traz-os-Montes; porém era já tempo que voltassem de todo á Hespanha onde o Ministerio Apostolico desenganado, e talvez receoso dos máos resultados da sua perfidia, ordenou que fossem desarmados, e designou-lhes depositos.

CAPITULO V.

Guerra dos Gabinetes — Opposição á Carta de 1826 — Pessoal das Camaras Portuguezas — Conselheiros da Infanta Regente — Amnistia quasi despresada — Rebellião d'Elvas — Saldanha no Ministerio — Tumultos causados pela sua demissão — Procedimento do Intendente Bastos, e sorte dos pronunciados — Negociações no Brasil — Despachos do Dr, Abrantes despresados — A Camara hereditaria recusa um Par nomeado por D. Pedro — Refutação do argumento em que se fundou — D. Pedro chama D. Miguel ao Brasil — Representação da Camara dos Pares a que os Deputados não assentirão — Mudança repentina; D. Pedro nomeia D. Miguel Regente de Portugal — Conjecturas sobre este acontecimento — Dissimulação de D. Miguel — Suas tenções, e conferencias em Vienna d'Austria — E' recebido na Corte de Londres.

Os rebeldes foram batidos, mas a guerra dos Gabinetes continuou ardilosa contra as Instituições de D. Pedro, guerra nestas circumstancias mais temivel ainda do que a das armas, e bem se confirma pelos tristes effeitos que Portugal veio a supportar, quando o numero das desgraças subsequentes excedêram sobremaneira aquellas a que os combates derão motivo. A Carta de 1826 foi promul-

gada em Portugal no meio d'auspicios os mais sinistros que se podem imaginar: as grandes Potencias da Europa eram inimigas ainda mesmo de qualquer sombra da Liberdade Politica dos Povos, (sem exceptuarmos a Inglaterra que nunca se dirigio por sympathias de identicas Instituições, mas pelo interesse do seu engrandecimento á custa das desgraças alheas;) o clero Portuguez, regular e secular, livre dos ataques da imprensa e forte em rendimentos, estava na posse de exercitar uma decidida influencia espiritual sobre todas as classes do Estado; a nobreza geralmente por habito e principios era opposta e adversa a toda a sorte de mudanças politicas; o povo com insignificantes excepções daquillo que denominamos *classe media* era influenciado por uma extrema ignorancia e superstição, concorrendo a mante-lo nesta vergonhosa servidão o systema das *Ordenanças* e a organisação dos Corpos de *Milicias*, que os poderosos capitaneavão com summo proveito seu; finalmente restava uma pequena parte da população composta de individuos daquellas tres classes, que adheriam á Carta de D. Pedro por diversos e oppostos motivos.

Com estes debeis elementos se haviam de combater tão poderosos adversarios, e assim as eleições dos Deputados de 1826, influenciadas por differentes interesses, contáram igual numero de individuos de pensamentos oppostos. A Camara dos Pares, organisada no Brasil em uma perfeita ignorancia do que se passava em Portugal, comprehendia affectos (com poucas excepções) inteiramente contrarios ás Instituições de que fazia parte, e até mesmo aos direitos do seu Instituidor. O Conselho da Infanta Regente não tardou a ser dominado pela vil hypocrisia de um Bispo de Viseu, e d'outros Ministros igualmente vendidos ao partido Apostolico, e desta arte se coadjuvâram na perdição dos seus contrarios por via de uma politica insidiosa e traidora. Todo o seu empenho

consistio em desacreditar os sectarios da Carta assacando-lhes a imputação de quererem restabelecer os principios demagogos de 1820, e ao mesmo tempo que se dava uma amnistia quasi ampla aos revoltosos emigrados, distribuiam-se os altos Empregos do Estado pelos homens de reconhecida affeição a D. Miguel. Assim mesmo os foragidos de Hespanha zombaram da amplitude do perdão, e persistiram no seu desterro voluntario aguardando tempos melhores. A impaciencia ignorante daquelles absolutistas, que não entravão no *Machiavellismo* dos grandes, tinha rompido em uma perfeita rebellião na Praça d'Elvas; porém foi promptamente sopitada, e não mereceu a approvação de quem sabia dirigir mais altos e seguros projectos.

O General Saldanha restabelecido da enfermidade alcançada na campanha do Algarve acabava de tomar conta do Ministerio da Guerra; porém chegava já mui tarde quando os inimigos haviam tomado todas as precauções, e passado pouco tempo acceitou a sua demissão. A tendencia decidida, que se patenteava no governo da Infanta a destruir as Instituições da Carta, exacerbou os espiritos a ponto de que em Lisboa alguma gente reunida em magotes deu vivas a Saldanha pedindo tumultuariamente a reintegração deste General, que fazia então as delicias dos constitucionaes. Esta noticia communicada ao Porto fez produzir identicos effeitos. Não é facil distinguir o fio deste drama, e se a um meditado projecto, ou mero movimento instantaneo devemos attribuir a origem deste acontecimento; mas é certo que os inimigos exultárão aproveitando-se do ensejo para confirmar aos governos da Europa, e mesmo a D. Pedro, as suspeitas de demagogos que fazião recair sobre todos os sectarios da Carta. Os resultados immediatos no interior do Reino forão visivelmente favoraveis aos absolutistas, que se achavão senhores do Governo: o Conde de Villa Flor foi mandado dispersar os tumultos á testa de esquadrões de Ca-

vallaria, e o Intendente Bastos, conhecido pelo seu Liberalismo extremo nas Côrtes de 1820, prestava agora relevantes serviços na devassa a que se mandou proceder contra os sediciosos. Stubbs, General do Porto, foi dimittido, alguns Pares conhecidos pela sua adhesão á Carta ficárão pronunciados, e a Censura dos Periodicos foi substituida por outra mais austera no sentido do absolutismo. Os serviços do Intendente forão remunerados com um Logar no Dezembargo do Paço onde mais tarde foi confirmado por D. Miguel, e os Pares podérão justificar-se perante a respectiva Camara ordenada em Tribunal de Justiça; mas não assim aquelles que sem protecção permanecêrão nas cadêas até serem sentenceados a degredo pelos Dezembargadores de D. Miguel por motivos de se haverem rebellado contra o governo legitimo da Infanta! ... Jámais a tanta maldade se reunira tamanho escarneo ?.

Ao tempo que os amigos de D. Pedro em Lisboa souberão da negociação do Barão de Neuman, enviado pela Côrte de Vienna ao Brasil para tratar de se reconhecer D. Miguel como Logar-Tenente de seu Irmão no caso que o Gabinete Austriaco não quizesse conserval-o por mais tempo, e depois de haver completado 25 annos, partio immediatamente o Doutor Abrantes para o Rio de Janeiro afim de embaraçar esta perfida negociação. D. Pedro talvez ainda não preoccupado das solicitações e enganos, que em seguimento o apartárão com tanto esmero, prometteo muitas vantagens, e remunerou o Emissario secreto pelos relevantes serviços que lhe havia prestado nomeando-o para occupar altos Empregos na Côrte de Lisboa. Porem não era já o tempo de prestar obediencia aos Decretos do Rei de Portugal, que agora começavão a ser tão acolhidos em Lisboa como se dimanassem de um Chefe negro de Zanguebar. Os despachos do Doutor Abrantes forão despresados pelo Conselho da Infanta, e para não vulnera-

rem este procedimento indecente que de algum modo pareceria rebellião, nomearão o agraciado Conselheiro da Embaixada em Londres.

A Camara dos Pares de 1827 tambem emparelhava em sentimentos com o Governo da Infanta, e se (como se expressa hoje um Membro emigrado em Paris) carecia da facilidade e do brilhante da eloquencia parlamentar, e faltavão-lhe as noções ou theorias da politica exorbitante do seculo, possuia o senso commum e a discrição necessaria para reconhecer o que se encaminhava ao transtorno e perdição da Patria. Estamos persuadidos que se alguma cousa se encaminhava contra as caducas Instituições, não era contra a Patria; antes diremos com imparcialidade contra a classe privilegiada, que tem persistido no absurdo pensamento de fazer eternas as suas bem ou mal adquiridas prerogativas, sem se recordar que as suas extremas pertenções conduzem a excessos oppostos não menos perniciosos e imputaveis a quem não sabe entrar na mediana, e ceder á força das circumstancias. Tinha D. Pedro nomeado um Par que, segundo parece, não convinha com o espirito da cathegoria que dictara a primeira nomeação: o interessado apresentou-se á Camara, e requereu a execução da Carta Regia. A arrogante prosapia dos seus Membros irritou-se de tal maneira que estiverão a ponto de romper em impulsos desordenados, proprios de varões que se reputão de um sangue mais puro, e descendentes daquelle *Adão* que não se fizera do fragil barro; mas a manhosa politica dos Membros que sabião dissimular desviou o impeto que poderia arriscar o segredo da facção, e limitou-se a contrariar quanto bastasse com cautelosa prudencia. „ Recusou pois, (continúa o emi-
„ grado em Paris,) allegando que segundo a Car-
„ ta os Pares não podião ser nomeados sem pre-
„ ceder voto do Conselho d'Estado, que se achava
„ instalado em Lisboa. O Brasil guardou silencio,
„ e tambem o guardarão os seus agentes em Por-

„ tugal ; e a todos o deu a vêr a Camara, que „ sem arrojo, mas com decente brio, estava de- „ terminada a sustentar os seus direitos e o seu jus- „ to decoro." Futil desculpa filha da parcialidade, que só attende áquillo que muito lhe presta!..... Concedamos-lhe os justos fundamentos em que ostensivamente se estribarão os Pares; mas era necessario que os seus escrupulos se extendessem tambem á legitimidade das Cartas Regias passadas no Brasil, em virtude das quaes se achavão todos constituidos na Camara.

Entretanto D. Pedro ainda coherente com os interesses de sua Filha, e persuadido dos conselhos de quem o não queria enganar, determinou que o Infante D. Miguel partisse de Vienna para o Rio de Janeiro, e para esse fim mandou uma Náo de Linha ao porto de Brest. Esta resolução que levada a effeito poderia de todo desconcertar os planos da facção maguou sobre maneira os pares, que accudirão immediatamente com uma representação ao Gabinete do Brazil para que deixasse vir o Infante para Portugal, usando de todas as persuasões que neste momento se lhes apresentárão. A Camara dos Deputados foi convidada a concorrer pela sua parte nesta maliciosa representação; porém não acceitando a proposta mostrou discernimento e bom juizo, e fez-se credora da confiança dos seus constituintes.

Estas e outras solicitações reforçadas pela intriga de algumas Côrtes da Europa abalárão as pouco seguras resoluções de D. Pedro, que de repente vimos revogar as primeiras ordens, dando o inesperado, impolitico, e fatal Decreto de 3 de Julho de 1827, em que nomeava a D. Miguel seu Logar-Tenente em Portugal e Regente do Reino. Ninguem poderá avaliar o peso dos motivos que levárão D. Pedro a uma resolução tão estranha; mas é certo que a noticia deste accontecimento satisfez plenamente os desejos dos absolutistas Portuguezes, e os de toda a Europa, que outra cou-

sa maior não podião desejar, e pelo contrario foi recebida com espanto pelos constitucionaes. Diversas conjecturas circulárão entre estes ultimos segundo o que a illusão ou interesse lhes dictava: fôra traição nefanda, dizião uns, comprometter uma boa porção de Portuguezes, excitar os odios politicos já quasi extinctos, e enviar-lhes depois a vibora que os havia de devorar!... Não, dizião outros, D. Pedro foi illudido; mas as Potencias da Europa, por sua honra e dever, não poderáõ consentir em uma usurpação escandalosa contra a letra e espirito dos seus tão preconisados principios da Legitimidade; alguem houve que nunca se persuadio de ser levada a effeito a absurda nomeação do Infante como Logar-Tenente de seu Irmão; finalmente cada qual abundava em pensamentos diversos, precursores dos justos receios e das dèsgraças, que infelizmente depois vierão a pesar sobre a vida e fazenda dos Constitucionaes.

Nem sempre a inconsideração e o desattento são o apanagio de uma mocidade mal educada: mais que todos os livros ensina a experiencia a moderar os impetos de um querer sem obstaculos, e se uma indole maligna accompanha o mancebo nos transes da sua desgraça, a reflexão o adverte do caminho que deve seguir, e a dissimulação principia a ser o escopo dos seus pensamentos. Desta arte desmentio D. Miguel o conceito que muitos fazião da sua incapacidade moral para tanto refolho, quando por juramentos e promessas inculcava sincera adhesão ás Instituições de D. Pedro e fidelidade á Rainha de Portugal; sem se lembrarem que o celebre Metternich e outros o estavão insinuando no que faria, ou elle sempre prompto a subscrever quanto lhe determinassem aquellas personagens.

Quando o Decreto de 3 de Julho tocou em Vienna logo D. Miguel deliberou com os da sua comitiva dois pontos essenciaes em que insistio por muito tempo: 1.° tomar por Hespanha o caminho

mais curto para Lisboa ; 2.º não embarcar em navio que não fosse Portuguez. E' facil de conceber quaes as tenções e receios que andavão neste projecto , e muito custou á Côrte de Vienna em dissuadil-o até acabar com elle que embarcasse para Inglaterra em um vaso desta Nação , e dali em navio Portuguez para Lisboa. Nas dilatadas conferencias que teve com o Imperador recebeu ponderosos conselhos sobre o seu futuro procedimento no regimen de Portugal segundo a Carta : ali se lhe explicou como um Monarcha póde ter absolutismo debaixo de uma Constituição ainda mesmo a mais democratica , e a maneira de encaminhar os negocios até a plena destruição daquellas denominadas Leis fundamentaes , que estando escriptas forão escarnecidas na pratica pelos homens de todas as côres politicas. Mas debalde despenderão o seu tempo : estas consummadas theorias não podérão entrar na estreita intelligencia de um joven , que apenas tinha aprendido a dissimular o rancor profundo e sanha cruel que uma vez votára a seus inimigos , e sómente anhelava pelo momento propicio de os aniquilar. Triste condição humana !... tres ou quatro entes frageis da tua mesma especie lá deliberão no recinto de um palacio o exterminio de milhares de familias.

Finalmente em quanto em Portugal a Infanta Regente mandava publicar as cartas de D. Miguel em que se inculcava o mais obediente sectario das Instituições emanadas de D. Pedro , e em quanto se fazião pomposos aprestos para a occasião da sua chegada ao Reino , partia elle de Vienna d'Austria para Londres , aonde foi recebido e tratado com grandes festas como era de esperar de uma Côrte regida pelo Duque de Wellington , protector interessado e amigo de toda a especie de absolutismo.

CAPITULO VI.

D. Miguel desembarca em Lisboa — Começa a usurpação — Procedimentos vergonhosos dos Satelites de D. Miguel — Opiniões sobre o modo da acclamação — Tropas Britannicas — Dissolução das Côrtes — Emigração dos Constitucionaes — Emissarios e enredos para acclamações tumultuarias — Milagre de Setuba! — Aleivosia da usurpação, e o gabinete Inglez — Assassinato dos Lentes de Coimbra — Representação da Camara de Lisboa — Assignaturas ignotas — Assersão refutada — Beijamão dos facciosos — Circular do Visconde de Santarem — Representação do Duque de Lafões — D. Pedro abdica completamente a Corôa Portugueza — Convocação dos Tres Estados — Suborno nas eleições dos Procuradores.

Entrava o anno de 1828, e as Camaras Portuguezas achavão-se reunidas segundo a Carta, quando D. Miguel desembarcou em Lisboa no dia 22 de Fevereiro. Foi neste mesmo dia que começou a obra da usurpação, organisando-se o plano de terrorismo por determinação do mesmo Infante, e dos seus adeptos pela maior parte homens sicarios e ambiciosos. Apenas a infanta lhe entregara os Sellos Reaes nomeou logo um Ministerio das pessoas que lhe erão affeiçoadas entre as quaes se distinguião com especialidade o Duque de Cadaval, Presidente do Conselho assistente ao Despacho, José Antonio d'Oliveira Leite de Barros, e o Conde de Villa Real que o havia acompanhado desde Vienna d'Austria.

Portugal e talvez o mundo nunca vira uma serie de actos contradictorios em tão pouco espaço de tempo, como forão os primeiros procedimentos da Regencia de D. Miguel: só a impudencia e o frenesi podem dar explicação da anomalia, que então se observou. Em quanto ao assumir a Regencia no dia 26 de Fevereiro na presença das Camaras e do Corpo diplomatico jurava fidelidade a D. Pe-

dro IV, á Rainha, á Carta Constitucional, e na mesma data decretava que todos os actos da sua Regencia fossem expedidos em nome d'El-Rei seu Irmão, um bando de homens vis tirados da mais infima ralé da sociedade, e pagos pelo governo, insultavão e até espancavão á porta do Palacio as pessoas, que indo comprimentar o Infante não o acclamassem á entrada e saída como *rei absoluto*. Muitos sugeitos nacionaes e estrangeiros de alta jerarchia forão victimas destes inauditos desatinos, presenciados por todo o Corpo Diplomatico. Tambem foi notavel o *honroso* sequito que teve o Infante no dia 24 de Fevereiro indo assistir ao *Te Deum* na Basilica de Santa Maria: uma caterva de rôtos de mistura com os creados da sua casa precederão-no na ida e volta, gritando desentoadamente, *viva D. Miguel rei absoluto*, ao que elle correspondia com sorrisos approvadores.

Já os generaes das Provincias havião sido substituidos por outros da confiança de D. Miguel e colligados em promoverem a rebellião por todo o Reino, quando entre os grandes facciosos a sisania semeou altercações sobre o modo de effeituar a usurpação. Os mais ardentes não supportavão dilações: assentárão que não se devia desperdiçar o tempo, pondo de parte todas as solemnes formalidades para immediatamente se proceder a uma acclamação de improviso. Esta opinião arriscada agradando muito á ignorancia dos ultras grangeou numero, e alcançou forças de modo que custára muita dexteridade e resolução aos reflexivos para a illudirem; e se destes alguns optavão que D. Miguel fosse acclamado pelas duas Camaras, havendo certeza na dos Pares, e uma quasi certeza na dos Deputados que cederião a peitas, susto, terror, e promettimentos, um parecer mais seguro prevaleceu para que se convocassem as antigas Côrtes por onde era facil fazerem seu todo o negocio, e até mesmo dictarem as deliberações. Este foi o voto do Duque de Cadaval e do malicioso Bispo de Viseu,

que assim opinárão em uma especie de conciliabulo reunido em Lisboa, onde forão convocados todos os amigos que concordárão sem discrepancia neste objecto.

As forças Britannicas, que ninguem ainda tinha podido descobrir o fim porque vierão a Portugal, apoiavão todo o procedimento do Infante, e á proporção que as tropas Francezas repassavão os Perineos erão os Inglezes chamados á Grã-Bretanha!... Com todos estes auxilios e mesmo depois da demissão de todos os Governadores das Armas, dos Commandantes dos Corpos, e dos Empregados civis, a facção não se julgava ainda segura; por isso a 13 de Março dissolveo a Camara dos Deputados, e convocou uma junta para formar novas instrucções debaixo de apparencias constitucionaes com o fim de illudir e ganhar tempo. Nestas circumstancias os Portuguezes mais honrados de todas as classes, que não vião remedio á sua destruição pedião passaportes para fóra do Reino, unico refrigerio que por então se lhes antolhou: este mesmo caminho seguio o Conde de Villa Real que acabava de ser demittido de Ministro dos Negocios Estrangeiros.

De Lisboa partião emissarios para todo o Reino para excitarem acclamações tumultuarias do novo *rei* entre a gentalha mais vil das terras, e se acaso algum Magistrado se oppunha a esta rebellião, uma prompta demissão indicava aos outros como se podião haver nestas circumstancias. Os Generaes das provincias enviavão circulares a todas as Camaras, convidando-as ou quasi mandando-as pedir ao Infante que se fizesse Rei, e ao mesmo tempo ião as fórmulas e instrucções neste sentido, ordenadas pelas Secretarias d'Estado da Guerra e Justiças. O Dezembargo do Paço foi authorisado, contra todo o direito, para demittir os Vereadores menos affectos á usurpação, e substituil-os por outros que lhe fossem verdadeiramente devotos. A imprensa dirigida pela censura inventava calum-

nias grosseiras contra os constitucionaes, ameaçava todos os Portuguezes fieis ao legitimo Rei, espalhava sophismas sobre os suppostos direitos de D. Miguel, e não se esquecia de publicar as felicitações de muitas corporações suggeridas pela maldade, e concebidas em um estylo furioso. A Religião era extremamente profanada: o clero e os frades, (especialmente os Mendicantes,) vociferavão injurias e lançavão anathemas dos pulpitos contra todo o que permanecesse fiel a D. Pedro IV; e para cumulo do despejo e deshonra do seculo actual, a insania revolucionaria inventou algumas apparições milagrosas. Um periodico impresso em Lisboa, denominado o *Trombeta*, não se envergonhou de publicar uma insipida narração de como na Villa de Setubal muitas pessoas e corporações religiosas observárão no céo certa legenda: *viva D. Miguel primeiro*, a qual cercada de muitos cherubins rematava superiormente em uma corôa sustentada por dois Serafins!...

Tamanha era a perfidia do Infante e dos seus conselheiros, que todos os actos preparatorios para consumar a rebellião erão passados em nome de D. Pedro IV! ... na verdade esta aleivosa zombaria em tempo algum poderá desculpar os homens, que deverião ter fallado com outra franqueza e decencia, ainda mesmo suppostas as suas sinceras opiniões sobre os direitos de D. Miguel. Mr. Lamb Embaixador Inglez na Côrte de Lisboa communicava todos estes acontecimentos ao Gabinete de S. James, e se uma boa logica nos ensina a estimar as pessoas pelas suas obras, é indubitavel que o Duque de Wellington e o Conde de Dudley folgavão amplamente com os progressos que o Infante fazia em Portugal.

No meio destas agitações revolucionarias um successo atroz e abominavel veio favorecer as intenções da facção de D. Miguel, que se aproveitava do menor ensejo para desacreditar os seus adversarios. Uma legoa distante de Cendeixa ca-

minhavão certos ecclesiasticos e Lentes da Universidade, enviados em deputação a D. Miguel para lhe supplicarem que assumisse a Corôa de Portugal. Erão 8 horas da manhã do dia 18 de Março quando se virão assaltados por 13 estudantes de Coimbra que os aguardavão armados, e de um modo barbaro e cruel assassinárão alguns, e a outros maltratárão e ferírão. O acaso fez espalhar a noticia deste horroroso attentado nos povos circumvisinhos, que immediatamente corrêrão a captural-os. Se ao odio pessoal por motivos particulares, ou ás opiniões politicas do tempo pertendessemos assignar a causa deste successo nefando, seria temeridade no meio de tantas pertenções oppostas e apaixonadas; mas é certo que em qualquer dos casos erão dignos de severa punição, e o patibulo onde pouco depois acabárão livrou a sociedade de uns poucos de malvados.

A obra da usurpação adquiria forças progredindo todos os dias pela cooperação de seus complices, que dominavão agora em todas as Repartições Publicas do Estado: os elementos do seu poder erão tamanhos que já no dia 25 de Abril se julgarão sufficientes para arrostar a quaesquer obstaculos, e despirem-se de toda a reserva marchando francamente ao seu fim. Neste dia a Camara de Lisboa, composta de sugeitos nomeados pelo governo, mandou desenrolar o estandarte da Cidade em uma das janellas do Paço Municipal, e acclamou D. Miguel *rei absoluto*, mandando abrir registros publicos para receber assignaturas dos que accedessem; mas o Presidente, por insinuação superior, fez mudar aquelle acto em uma representação pedindo a D. Miguel que assumisse a Corôa. O corpo da Guarda Real da Policia que sempre fôra o predilecto da facção, e uns poucos de homens infames carregados de flagicios, acompanhavão e promovião esta *nobre função* obrigando quem por alli passava a ir assignar: e discorrendo por toda a Cidade solliçitárão de varias

maneiras um grande numero de assignantes. Alguem houve que escreveu muitos ignotos e variados nomes; e as meretrizes tambem tiverão cabimento neste *pomposo* acto, para onde muitas pessoas nos dias seguintes forão levadas pelo terror e ameaças da Policia. Eis aqui como se passárão os preliminares desse denominado *voto Nacional* a favor dos suppostos direitos de D. Miguel, onde a maior parte dos concorrentes erão de tal natureza que farião córar as faces palidas do homem o mais impassivel. Embora o Bispo de Vizeu escreva lá de Paris, *que todo o Reino desejava com ardor e pedia com instancia, que o Infante subisse ao throno*; nós invocamos o testemunho de muitas pessoas imparciaes hoje vivas, que presenciárão ocularmente estas vergonhosas trapaças.

Em a noite do mesmo dia 25 a denominada Representação da Cidade de Lisboa foi levada á presença do infante, que acceitou de boamente consentindo em dar beijamão a todos os facciosos que alli forão presentes; e mandando publicar o Decreto com a mesma data, approvador daquelle acto, reservou para si as ulteriores medidas para complemento da usurpação. Este Decreto assignado com a *Real Rubrica* foi enviado por copia ao Corpo Diplomatico pelo Visconde de Santarem, que servia de Ministro dos Negocios Estrangeiros, e já o tinha sido no governo da Infanta: na Circular de remessa quiz este despresivel sectario persuadir aos Embaixadores estrangeiros, que D. Miguel desapprovava a representação do Senado; mas como era de esperar, não foi acreditado por quem o excedia muito em todas as sortes de conhecimentos. A Gazeta do governo logo em seguimento convidou a todos os portuguezes para assignarem a representação da Camara de Lisboa, e os Tribunaes tiverão ordem de proceder no mesmo sentido. O Duque de Lafões resentido da magoa que o impressionara no Rio de Janeiro prestava agora lenitivo á sua dôr, organisando na propria casa

um conciliabulo de Nobres pela maior parte obrigados do medo, terror, e cercados de intrigas, onde assignarão uma representação rogando a D. Miguel que convocasse os Tres Estados do Reino para assumir a Corôa, e abolir a Carta Constitucional.

Em quanto a Europa presenceava a mais aleivosa das usurpações, D. Pedro cabalmente illudido dava demonstrações da perfeita confiança que uma vez puzera nos seus Alliados, promulgando o Decreto de 3 de Março de 1828 pelo qual completava a abdicação da Corôa de Portugal, e incumbia a sua execução á supposta fidelidade de um Irmão que o estava atraiçoando. A facção escarneceo as deliberações da Côrte do Brazil, e sómente cuidou em dar as possiveis apparencias de legalidade á usurpação, convocando os pertendidos Tres Estados do Reino para o fim, (dizia o Decreto de 3 de Maio,) de reconhecerem a applicação de graves pontos de Direito Portuguez. A todos é hoje bem patente a parcialidade e suborno que andou nas eleições dos Procuradores: os mais preocupados apologistas de D. Miguel hão de confessar á vista de documentos, que o governo não se contentando com os numerosos sectarios e amigos, que se extendião a todas as Repartições e Empregos do Estado ainda mesmo aos mais insignificantes, expedio ordens positivas e terminantes sobre as qualidades que deverião ter os eleitos; sendo muito notavel a circular do Intendente Geral da Policia em 17 de Maio, mandando classificar como subornados todos os votos que recaissem em pessoas leaes a D. Pedro, e amantes da Carta por elle outorgada.

CAPITULO VII.

Perseguições aos amigos da Carta — Conspiração contra os projectos de D. Miguel — O Batalhão n.º 10 em Aveiro — Revolução do Porto em 16 de Maio de 1828 — Os Coroneis do Regimento 6. e 18. — As authoridades de D. Miguel fogem do Porto — Progresso da revolução — O Tenente General Hypolito da Costa — Acquisição de forças respeitaveis — Muitas pessoas tomam armas voluntariamente — Organisação do Governo Provisorio do Porto — A sua applicação e inhabilidade — Impressões desta revolução em Lisboa — Tentativa no Algarve mallograda — Falta de um General, e desastrosa incuria da Junta do Porto — Surpreza da Ega — Marcha obstada — Fracção da Junta em Coimbra — Combate da Cruz dos Moroiços — Retirada precipitada — Conferencias de Itabayana em Londres — Chega alli a noticia da revolução do Porto — Correspondencia dos Constitucionaes — Reunião dos Ministros Brazileiros com os Portuguezes da Embaixada — Saldanha illudido em uma reunião particular — Sahe da Inglaterra o Belfast.

As perseguições augmentavão cada dia á proporção que D. Miguel subia pelos degráos do Throno: as authoridades civis e militares, que havião dado provas do seu affecto á causa de D. Pedro, erão expulsas e removidas para cairem nos ultrajes de uma gentalha fanatica, e acêsa pelos odios dos seus instigadores. Algumas pessoas já se vião encarceradas só pelo *crime* de adherencia á Carta de D. Pedro: as sortes estavão lançadas, e outra esperança não existia do que lançar mão dos ultimos recursos da força armada. Os homens mais conspicuos pelos seus Empregos e cathegoria havião-se escapado nos paizes estrangeiros, e apenas no Reino permanecia quem pela sua gerencia podesse representar um papel secundario. Não faltárão porém sugeitos de grande efficacia que souberão dar o primeiro impulso contra a tyrannia nascente do governo de Lisboa. O Dezembargador

Joaquim José de Queiroz, depois da dissolução da Camara dos Deputados de que era Membro, recolheo-se ao logar de Verde-milho sua patria nas visinhanças d'Aveiro: alli de combinação com outras pessoas da sua confiança e opiniões confederou um conselho para colligar os commandantes e officiaes de varios corpos do Exercito, que ainda permanecião nas provincias do Norte fieis aos seus deveres, e cuja substituição tinha escapado ao Governo de Lisboa, ou por falta de tempo ou porque não erão ainda chegados os foragidos de Hespanha. Daquelle centro fez expedir emissarios de confiança para diversas terras do Reino, onde se achavão estacionados ou já em marcha os Batalhões de Caçadores n.º 7, 9, e 10, os Regimentos de Infantaria n.º 6, e 18, além d'outros; sendo elle mesmo o que por seu punho escrevia a maior parte das correspondencias, e industriava os portadores escolhidos para os diversos destinos. Por este modo entreteve o bom espirito daquelles corpos, e pintou aos Officiaes a sorte funesta que os aguardava se por mais tempo condescendessem em não oppugnar um inimigo commum. Os Militares não ignoravão o futuro desastroso que os esperava, e por isso se abalançavão a todos os riscos e extremos, que a desesperação de uma ruina certa póde suggerir á mente humana.

Pelas 7 horas da manhã do dia 16 de Maio de 1828 Queiroz e outros Cidadãos associados ao Batalhão de Caçadores n.º 10 levantárão o grito da opposição na Cidade d'Aveiro, declarando a D. Miguel privado e decaído da Regencia do Reino com outras clausulas, e providencias tendentes a oppugnar a perfida usurpação do Infante. Daqui partirão logo para o Porto com tenção de se unirem á guarnição desta Cidade, que deveria ter abraçado a mesma causa segundo as combinações, e se por desastre assim não succedesse continuarem em outras tentativas até esgotarem todos os recursos salvando-se pela fuga.

Porém na tarde do mesmo dia accontecimentos simultaneos, filhos do mesmo impulso, tiverão logar na Cidade do Porto: o governador das Armas Gabriel Antonio Franco, homem incivil e mal escolhido para o logar que occupava, tinha alienado de si as vontades as mais indifferentes. Uma ordem de prisão emanada de Lisboa contra o Coronel do 6.° Regimento de Infantaria veio accelerar a revolução ha pouco preparada: os officiaes e soldados deste Corpo reunidos em tumulto levárão o chefe para o Campo de Santo Ovidio, onde se achava o quartel do Regimento 18. Affirma-se que passando pela casa do Coronel, a Senhora lhe lançou da janella a espada e banda, accrescentando que se era forçoso morrer no campo da honra fosse revestido dos seus uniformes: esta acção excitou um indisivel enthusiasmo no Regimento, que agora se achava isolado no Campo e combatido das infructuosas instigações do General Franco. O Coronel do Regimento 18 possuido dos verdadeiros principios da obediencia militar, que devem animar um soldado, conteve os seus subordinados nos quarteis, servindo-se de toda a sua força moral para reprimir as mais sobejas vontades dos officiaes e soldados, que anhelavão em se unir ao Regimento 6.° Erão duas horas da manhã do diá 17 quando por conselho de um official a musica do Regimento 18 tocou o Hymno Constitucional. A este impulso electrico arrojão-se todos precipitadamente, levão o Coronel banhado em lagrimas, e vão collocar-se ao pé dos seus Camaradas do 6.° Então o digno Chefe exclamou: *se vós ainda me acceitardes eu não vos abandonarei*; com numerosos aplausos foi acolhido, e tomou o commando sendo um dos mui poucos chefes, que não abandonárão o exercito nos ultimos successos da suá retirada para a Galiza.

O inhabil general Franco que não tinha sabido applacar estes movimentos escapou-se do Porto, accompanhado de poucos soldados da Policia

e d'outras authoridades da connivencia de D. Miguel, sem que os incautos Constitucionaes fizessem alguma diligencia para se apoderarem de sugeitos tão adversarios. Entretanto a revolução progredia com boas apparencias e auspicios: já se havião reunido o Regimento 4.º de Artilharia, Caçadores 11, e Cavallaria 12, quando chegou de Aveiro o Batalhão 10, e o 6 de Caçadores que se achava estacionado em Penafiel. Na Cidade de Braga existia o velho Tenente General Antonio Hypolito da Costa, que havendo gozado da confiança de D. Miguel acabava de ser substituido no governo da provincia do Minho pelo activo D. Alvaro da Costa. Os officiaes dos Regimentos n.º 3, e 9, estacionados na mesma cidade, convidárão por escripto ao general desonerado para que assumisse o commando das forças daquella Provincia, e marchasse com ellas para o Porto; ao que parece ter accedido sem hesitação, como se deprehende da carta escripta em 19 de Maio ao Concelho Militar Portuense: " Esta minha prompta e decidida „ resolução desfará quaesquer sombras, que ap- „ parecer quizessem, relativas ao contrario daquel- „ les verdadeiros sentimentos, que tenho conserva- „ do, e conservarei sempre &c. „ Em menos de 10 dias a revolução adquirio forças respeitaveis, capazes de desfazerem a poderosa usurpação de Lisboa, se os homens que tiverão vigor para a emprehender não fossem destituidos daquella promptidão e habilidade tão necessarias em semelhantes occasiões. O Regimento 21 e a Praça de Valença acabavão de se declarar pelo Porto, e o mesmo exemplo seguio a Praça de Almeida com a guarnição dos Regimentos n.º 15, e 23. O Regimento n.º 10, os Batalhões 3, 7, e 12, e alguns esquadrões de Cavallaria n.º 6, e 9 adherírão promptamente; mas parece que uma especie de indolencia ou tolerancia politica mal entendida acompanhava os destinos desta revolução. Já o Coronel do 6 tinha deixado escapar o general Fran-

co, quando este lhe foi pedir ao Campo que desistisse da sua heroica resolução, e agora o commandante de 9 de Caçadores deixava fugir de Vizeu o general Agostinho Luiz, ao mesmo passo que Bahia em Castello Branco partia para o serviço da usurpação á vista do Regimento de Cavallaria 11, que seguia as partes contrarias.

Não foi uma revolução puramente militar aquella de 1828: o espirito de resistencia ao refractario governo de D. Miguel animou tambem a muitas pessoas das outras classes, que vimos cingir as armas voluntariamente nas differentes terras do Reino onde se organisarão Batalhões. Algumas tropas de Milicias, e muitos officiaes de Ordenanças seguírão este nobre impulso, o que responde sufficientemente ás exageradas pertenções daquelles que tem querido provar o exiguo numero ou, por assim dizer, a nullidade do partido Constitucional.

Nestas circumstancias os Constitucionaes da Cidade do Porto achando-se livres de toda a restricção consultavão sobre a organisação de um Governo Supremo para dirigir os negocios. Fallárão primeiramente a certas pessoas de consideração, que cobardemente evitarão arriscar-se em um movimento reputado filho da desperação sem a madureza de um plano seguro e aperfeiçoado, e onde tambem não divisavão um homem de nome adquirido na Representação Nacional, ou mesmo local. Depois de muitas instancias constituio-se no dia 20 de Maio um Governo denominado — Junta Provisoria encarregada de manter a legitima Authoridade d'El-Rei. — Forão Membros deste corpo deliberativo o Tenente General Antonio Hypolito da Costa, os Coroneis Duarte Guilherme Ferreri, Francisco da Gama Lobo Botelho, os Dezembargadores Alexandre Thomaz de Moraes Sarmento, José Joaquim Gerardo de Sampayo, os Negociantes Christiano Nicoláo Kopke, Francisco Ignacio Van-Zeller: servìrão de Secretarios o Coronel

de Engenheiros Antonio José da Silva Paulet, os Dezembargadores Joaquim José de Queiroz, Manoel Antonio Vellez Caldeira Castello Branco, e o Doutor Joaquim Antonio de Magalhães.

Um governo composto de partes heterogeneas, longe da experiencia e habilidade para conduzir revoluções, cedo ou tarde produz os seus effeitos naturaes. As mimosas applicações da Junta consistirão em publicações de Manifestos, Proclamações, despachos de Empregados, e proposições de planos quasi sempre divergentes segundo a varia opinião dos seus Membros. Quando um propunha medidas rapidas e vigorosas, aconselhava outro os movimentos vagarosos como mais seguros, e se este recommendava a moderação e clemencia, aquelle votava pelos castigos e rigor. Quantas vezes se juntavão, tantas discutião sem nada decidirem de reconhecida utilidade, e retirando-se para suas casas o pôvo entretinha-se com as opiniões do *Conselho d'Estado.*

Quando as primeiras noticias desta revolução chegarão a Lisboa, os habitantes ficarão possuidos daquellas impressões de temor e esperanças, segundo que os seus desejos erão dominados; mas o governo do Infante tremeu e vacillou por alguns dias até se desenganar da inefficacia da Junta Portuense. Então os sequazes de D. Miguel considerando os fortes recursos de que podião dispôr pesarão as suas forças, abalançando-se aos ultimos exforços, e aproveitarão-se dos erros e demoras dos seus adversarios. Já no Algarve se tinha malogrado uma briosa tentativa a favor da revolução do Porto: no dia 25 de Maio os Officiaes do 2.° Batalhão do Regimento n.° 2 estacionado em Tavira apresentárão-se ao general Luiz Ignacio Xavier Palmeirim manifestando-lhe ser forçoso seguir o exemplo, que os seus companheiros d'Armas acabavão de effeituar na Cidade do Porto. Palmeirim bem conhecido pelo seu caracter enganador e venal fingio acceder, não duvidando assignar

um auto de Camara onde se proclamou a legitimidade de D. Pedro contra os actos, que ha pouco se havião praticado a favor da usurpação. O mesmo exemplo seguio a Villa de Albufeira no dia 26; mas o general de combinação com outros sectarios da usurpação conseguio aliciar alguns soldados por tal modo e com taes providencias, que os fieis se determinárão a abandonar a Cidade, e partirão sobre Faro. No dia 28 reunidos a 6 companhias de Milicias de Lagos forão batidos e dispersados por forças superiores, sendo prisioneira a maior parte dos generosos chefes, e o Major Chateauneuf assassinado barbaramente.

Os amigos da Causa Constitucional em Lisboa exforçárão-se em persuadir aos do Porto, que fizessem um movimento rapido sobre o Sul do Reino para decidirem da sorte e felicidade de Portugal; mas objectou-se-lhes que não havia um general idoneo para semelhante empreza, em quanto os Ministros de D. Miguel achavão commandantes de confidencia, e reunião tropas e guerrilhas do Alemtejo e Borda d'Agua, atraídas pela promessa de saquearem a rica Cidade do Porto. A incuria desastrosa da Junta Portuense persuadio-se então que era necessario fazer mais alguma cousa, e mandou mover o seu exercito sobre a estrada de Lisboa commandado pelo Brigadeiro Francisco Saraiva da Costa Refoios, que assentou o seu quartel general na Cidade de Coimbra, onde dominava o bom espirito do Batalhão de Voluntarios Academicos novamente reorganisado. No dia 2 de Junho um destacamento de tropas constitucionaes, partindo das visinhanças de Coimbra ás ordens do Tenente Coronel Schwalback, foi surprehender uma força de tropas Miguelistas estacionadas na Villa da Ega em numero de 300 homens: o inimigo perdeu perto de 100 homens com o seu commandante, e trinta Cavallos. Esta pequena vantagem como preludio de maiores cousas deveria animar os oscitantes, e persuadir á Junta o caminho que

havia a tomar ; mas não acconteceu assim. O Brigadeiro Saraiva foi paralisado em sua marcha por uma Portaria dictada certamente pelo espirito daquella timidez , irresolução , e fraqueza tão desfavoravel a uma revolução principiada com os melhores auspicios , e abastada de recursos pecuniarios.

Para não se faltar ás formalidades foi mandada residir em Coimbra , no dia 14 de Junho, uma Delegação da mesma Junta — para providenciar (dizia a Portaria) sobre a promptidão dos movimentos do Exercito de Operações, incompativel com a distancia do Governo. — Porem a immobilidade tambem foi a divisa desta fracção , em quanto os Ministros de D. Miguel punhão em marcha as tropas para as reunir em Leiria , e attacar com ellas na Cruz dos Moroiços. Os promenores desta batalha são pouco conhecidos : no dia 24 de Junho um destacamento de tropas constitucionaes marchou sobre Condeixa onde se achava uma força rebelde. Retirando-se attacado por numero superior tomou posição nas alturas de Moroiços a meia legoa de Coimbra, onde foi soccorrido por outras forças que se lhe reunirão. A linha dos Constitucionaes estendia a sua direita á aldêa de Antanhol , e a ala esquerda occupava uma colina em que havia um moinho de vento. Os Miguelistas em numero muito superior attacárão em varios pontos , rompendo as differentes posições ; porém forão rechassados constantemente pela bayoneta , ou á artilharia , ficando os Constitucionaes senhores do campo depois de muitos exforços com 10 horas de peleja. O inimigo recebeu grande perda em mortos , feridos , e prisioneiros , não sendo talvez menor a que os Constitucionaes tiverão a lamentar. Todo o dia 25 conservárão-se as mesmas posições , mas alguem disse que a Cavallaria inimiga tinha cruzado o Rio Mondego no váo de Pereira , e logo sem reconhecimento nem verificação desta parte a fracção da Junta , possuida de timidez , decidio em uma conferencia a retira-

da de Coimbra contra a opinião e voto do Ajudante General *Sá Camello*. Abandonarão-se piquetes, munições, e todo um Regimento de Milicias com uma precipitação de que ha poucos exemplos; não nos devendo admirar que Povoas general do exercito de D. Miguel tenha confessado nos seus officios, que não esperava ver retirar as tropas constitucionaes.

Para explicarmos com alguma individuação os motivos, que por este tempo trouxerão a Portugal os Officiaes Generaes e outras personagens emigradas em Inglaterra, convem referir-nos a dias mais anteriores. Quando pelos principios de Maio de 1828 forão conhecidas as perfidas tenções do Infante Regente de Portugal, o Marquez de Rezende e o Visconde de Itabayana encarregados dos negocios de D. Pedro em Londres convierão com o General Saldanha em que partisse para Genova, onde se achava a fragata Brasileira *Izabel*, e a seu bordo se transportasse á Ilha da Madeira e á Cidade do Porto a fim de promover e dirigir a insurreição, que se manifestava proxima contra os projectos do usurpador da Corôa Portugueza. Outras considerações fizerão mudar este plano, e resolvêrão mandar vir a fragata a Falmouth occultando sempre todas estas idéas ao Marquez de Palmella. Apenas chegárão a Londres as primeiras noticias do dia 16 de Maio, Saldanha pedio auxilios para marchar com o general Stubbs e alguns Officiaes do seu Estado Maior. O Visconde de Itabayanna offereceu logo uma escuna veleira, que se achava prompta em Plymouth.

Em quanto se movião estes preparos os Constitucionaes escrevêrão de Portugal a todos os Emigrados em Inglaterra, pedindo-lhes a sua cooperação, e pintando com taes cores a sua posição, que o successo da reacção parecendo geral, deixava-lhes bastantes pesares de partirem já tarde para serem contemplados no Governo do Reino, não tendo assistido aos perigos de uma guerra fa-

cil. Saldanha esquecido do recato com que os Diplomaticos Brasileiros tratavão da sua partida a Portugal foi a casa do Marquez de Palmella, e teve a indiscrição de lhe communicar este segredo. Logo no dia seguinte a Junta do Porto foi reconhecida como Legitimo Governo de Portugal em uma conferencia ordenada em casa do Visconde de Itabayana, onde assistírão Palmella, o Conde de Villa Flor, Candido José Xavier, Saldanha, e o Conde da Taipa. Este ultimo propoz em seguimento que a presença de Palmella no Porto sendo de uma transcendencia incalculavel, convinha que este Diplomatico partisse immediatamente: Itabayana rejeitou a proposta a pezar de ser apoiada por Villa Flor, e sustentada pelos numerosos argumentos de Candido José Xavier. Depois de muitas instancias o Enviado Brasileiro persistio nas medidas que havia tomado, e Saldanha levado da persuasão ou espirito de rivalidade ponderou que parecia contradictorio reconhecer o Marquez a Junta do Porto, e abandonar a Embaixada sem licença deste Governo; accrescentando que os seus serviços poderião ser muito mais uteis em Londros. Logo depois em uma reunião, a que não assistio Saldanha, fizerão acreditar a Itabayana que este *general á frente da canalha era mais perigoso do que o Infante D. Miguel capitaneando os Silveiras.* Seguio-se por tanto outra conferencia no mesmo logar, e entre as mesmas pessoas, onde Saldanha escutou com surpreza a mudança da primeira opinião de Itabayana, que agora dava por decidida a partida de Palmella para o Porto.

O Marquez não quiz partir na escuna que estava preparada em Plymouth, demorou a viagem esperando por outro Paquete de Lisboa, e fretou um Barco de Vapor denominado o *Belfast*, que por se achar mui arruinado veio a soffrer consideraveis avarias. Passados alguns dias saírão os Emigrados de Falmouth, com auspicios tão malignos, que havendo os aparelhos rebentado mui-

tas vezes, forão obrigados arribar a Ribadeu, e gastárão dez dias desde o Cabo Lizard até o Porto. Continuaremos a seguir alguns promenores desta viagem fatal referidos por Saldanha, porque ainda não vimos refutada a sua Historia.

CAPITULO VIII.

O Marquez de Palmella e os generaes Portuguezes desembarcão no Porto — Circunstancias desta Cidade — Palmella nomeado General em chefe — Instancias de Saldanha para alentar o exercito — Acção do Vouga — Noticias desanimadoras — O exercito retirado chega a Santo Ovidio — Conferencias de Palmella combatidas — Segundas conferencias — Reunião da Junta — Discurso de Sarmento — Objecções de Saldanha desatendidas — Segredo exigido — Rogativas a Saldanha — Deliberação clandestina — Saldanha communica as ordens da Junta — Indignação dos Commandantes — Volta de Saldanha a bordo do Belfast — Saida do Belfast, e primeiros successos — O exercito constitucional retira do Porto — Combate de Braga — Terror na Cidade do Porto — Providencias do general Povoas — Os constitucionaes depoem as armas na Galiza — Máos tratamentos — Embarcão para Inglaterra.

O Memoravel Belfast tocou nas alturas do Porto onde logo encontrou a barra bloqueada por uma esquada de D. Miguel, e a muito custo os nobres passageiros podérão desembarcar na praia de Matozinhos em o dia 26 de Junho. Alli mesmo o Marquez de Palmella dirigio-se a Saldanha ponderando-lhe: " Que não ignorava a popularidade ,, que elle tinha em Portugal, e principalmente no ,, Porto; mas que lhe lembrava quanto era neces- ,, sario não se quizesse separar delle, nem arro- ,, gar-se uma ascendencia, donde poderião vir gran- ,, des prejuisos á legitimidade da causa, vistas as ,, idéas de que alguns Gabinetes se achavão pos- ,, suidos a seu respeito. " Marchárão promptamente para a Cidade, que os acolheo com grande en-

thusiasmo e demonstrações de alegria, esperando desviar as desgraças imminentes com a presença de chefes de talento e capacidade. Mas brevemente a verdade se patenteou a todos: os adventicios conhecêrão que sómente governavão o terreno que pizavão; a excitação pronunciada contra a causa do Porto tinha augmentado a um ponto extraordinario pelas perfidas suggestões da maior parte do clero e frades; os emissarios ultimamente enviados aos differentes Corpos do exercito tinhão caído em ferros, ou se reputavão felizes de terem escapado; numerosas *guerrilhas* assomavão de todas as partes do Reino, e para cabal desengano o general Claudino retirando-se disfarçado de Moncorvo acabava de ser prezo e remettido para Lisboa. As tenções deste General não erão de se unir ao Porto: teve muitos avisos e occasiões para o poder levar a effeito, e não quiz acceder pelos desgostos e motivos que elle só sabia explicar.

Não obstante as grandes difficuldades ainda era possivel arrostar o inimigo recuperando o perdido, e dar um golpe feliz pelo meio de medidas energicas e activas; assim todos o esperavão dos novos Chefes; mas o tempo brevemente desenganou estes desejos. Depois que a Junta do Porto vio apinhoados na propria casa do Governo tantos amigos, abraçando-se uns aos outros, cedeu á nova influencia e promptificou-se a obedecer. Poucos momentos erão passados quando o Marquez de Palmella veio communicar a Villa Flor, e Saldanha: "Que a Junta querendo nomeal-o General „ em chefe do Exercito, duvidava acceitar pelos „ receios de offender o seu melindre:" O ultimo respondeu que sendo o Marquez Marechal de Campo mais antigo em nada o podia offender a sua nomeação, e que pela sua parte estava prompto a servir aonde o mandassem. O despacho immediatamente foi publicado, nomeando-se para Membros da Junta o Conde de Sampayo Manoel, D. Filippe Maria de Sousa, e Candido José Xavier.

A necessidade de apparecerem no Exercito os Officiaes generaes novamente chegados, e animarem os espiritos quebrantados era de tão visivel utilidade que Saldanha instou com o Marquez a fim de marcharem no dia 27. Este pretextou combinar algumas medidas, limitando-se a mandar o Conde da Taipa para o Vouga. No mesmo dia as tropas constitucionaes, que estavão em Guimarães ás ordens do Coronel Cayola derrotárão os inimigos, que alli as attacárão. Saldanha animado de bons desejos, segundo elle mesmo affirma, foi no dia 28 de manhã a casa do Marquez, "donde „ á força de muitas instancias, e só depois de „ muito trabalho poude conseguir que saissem para „ o exercito ás 7 horas da tarde." A este tempo já havia cessado um violento combate, em que por mais de nove horas a ponte do Marnel, e as passagens que distão pouco do Rio Vouga, forão defendidas pelas tropas constitucionaes contra mui numerosas forças inimigas, as quaes repelidas muitas vezes pelas bayonetas perdêrão o campo com enorme estrago dos seus Batalhões.

O Conde da Taipa que voltava da acção do Vouga encontrou Palmella no sitio dos Carvalhos, e dea-lhe a noticia "que a cavallaria dos Rebel- „ des tinha passado o Vouga em Anjeja, e oc- „ cupava a estrada que elle devia seguir." O Marquez ficou atterrado com alguns outros da sua comitiva, e logo dalli retrocederia se não fosse animado pelas reflexões de Saldanha; porém mais adiante uma identica noticia, ainda que incerta e incoherente, decidio o Marquez a voltar para o Porto onde a sua apparição causou nimio desalento. Saldanha accompanhado de tres officiaes continuou marchando ao encontro do Exercito, que se retirava de Coimbra sem ser perseguido pelo inimigo até fazer alto em Oliveira de Azemeis. Dous Membros da Junta, que accompanhavão o exercito neste transito, pedírão mui encarecidamente a Saldanha que não se expusesse e seguisse

a sua retirada. Ainda que os soldados não estavão de todo desmoralisados, prevalecia a idéa de que poderia haver flanqueamento: uma pequena confusão dentro da Villa deu motivo a um alarme, que obrigou o Coronel Lobo e o Doutor Magalhães a fugir precipitadamente. As ordens que tinha o general Saraiva, o terreno, e a falta de munições, fazião indispensavel a continuação da retirada: Saldanha assim o mandou participar, e que continuaria de noite até Grijó. Na madrugada do dia 30 veio o Marquez passar uma revista a cada corpo, e marchou immediatamente para o Porto. No 1.º de Julho, acampando o Exercito em Santo Ovidio voltou a visitar os postos; porém sem conhecimento seguro das posições do inimigo, e ficando tudo paralysado pela falta de um commandante forte e responsavel.

Apenas o Marquez acabara a sua visita convidou Saldanha a uma conferencia, onde assistírão o Conde de Villa Flor, Candido José Xavier, e o Coronel Rodrigo Pinto Pizarro. Começou primeiramente por uma pintura da triste situação em que se achavão todos, e concluio dizendo: " Que a revolução estava perdida, que ,, nenhum dos que tinhão vindo no Belfast era culpado no precioso tempo que a Junta havia desperdiçado, e nas ordens mal concebidas que ella ,, tinha dado ao general Saraiva, e que a ninguem ,, havendo compromettido erão pelo contrario victimas dos planos d'outrem mal combinados &c. ,, Por estas razões estava elle determinado a embarcar naquella noite para Inglaterra no mesmo ,, Barco de Vapor, que tinha demorado no Douro, ,, e convidou a todos a seguil-o." Saldanha e Pizarro combateram este projecto vergonhoso, e aquelle obteve licença para fazer um reconhecimento no dia seguinte, sendo-lhe recommendado que não se adiantasse dos Carvalhos. Tendo marchado com 800 homens em companhia do general Saraiva chegou até Grijó, onde poude vir no conhecimento

de que os inimigos se extendião d'Ovar para S. Antonio e Oliveira d'Azemeis. Voltou depois ao campo empenhando-se em tomar as convenientes disposições, quando pelas 11 horas do dia 2 de Julho o Marquez convocou segunda vez um conselho no seu quartel, a que assistírão os Generaes Stubbs, Villa Flor, e Candido José Xavier. Alli tornou a instar: "Que havia resolvido em-
„ barcar naquella noite, e junto com elle deverião
„ ir todos os que tinhão chegado ao Porto, pois
„ que tudo lhe parecia perdido." Saldanha persistio dizendo que não o accompanhava; mas dilatando-se a conferencia chegou o Dezembargador Caldeira noticiando, que a Junta reunida na sala das Sessões convidava a todos para um negocio urgente.

Partirão pois estes que se achavão reunidos no Quartel General do Marquez em Villa Nova para o Palacio das Sessões da Junta, onde pelas 2 horas da tarde encontrárão a reunião de todos os Membros do Governo. Então o timido Dezembargador Moraes Sarmento, que dominara sempre a Junta, e a quem muitos attribuem as desgraças do Exercito, tomou a palavra explanando em um longo discurso. "Que Valença tinha caido
„ nas mãos dos rebeldes, e se presumia ter ac-
„ contecido outro tanto á Praça de Almeida, visto
„ que d'alli nenhumas noticiasse podião haver; que
„ as tropas commandadas pelo Coronel Cayola e
„ ultimamente pelo general Azeredo forão obriga-
„ das a retirar-se de Braga e Guimarães para Va-
„ longo, onde erão ameaçadas pelas forças do Vis-
„ conde do Pezo da Regoa e de Gabriel Antonio
„ Franco; que D. Alvaro da Costa á frente das
„ tropas que organisára no Minho avançava tam-
„ bem pela estrada de Villa do Conde. Conti-
„ nuou dizendo que segundo as informações ob-
„ tidas, o exercito rebelde commandado pelo ge-
„ neral Povoas excedia a onze mil homens, e que
„ as forças dos outros tres generaes subião, pelo

„ menos, a nove mil. Affirmou que ainda mesmo „ quando as tropas fieis, acampadas em Villa Nova, „ podessem repellir os ataques do inimigo, era evi- „ dente que a Divisão do general Azeredo não „ poderia embaraçar a entrada dos rebeldes na „ Cidade em o dia seguinte. Finalmente que a „ Junta, á vista destes motivos, tendo madura- „ mente ponderado a situação em que se achava „ tinha resolvido dissolver-se mandando primeira- „ mente retirar para a Galiza as tropas, que reunidas „ não terião difficuldade em abrir caminho; mas „ que antes d'isto se pôr em pratica desejava ou- „ vir outro parecer." A este discurso exagerado, duplicando forças, fingindo perigos, e representando embaraços, respondeu Saldanha espantado da ultima proposição, segundo elle mesmo confessa, e objectou: "Que ainda suppondo exactas a- „ quellas informações havia um expediente prefe- „ rivel á retirada para a Hespanha; e se bem es- „ tava lembrado do que lhe fôra respondido pelo „ Governo depois da sua chegada ao Porto affir- „ mando-se que havia mantimentos para mais de „ sete mezes, elle se compromettia a deffender a „ Cidade á semelhança de Seragoça até se espe- „ rarem os soccorros e ordens de D. Pedro." Esta proposição indignou de tal modo os pusilanimes presentes, que pouco faltou para lhe chamarem *louco*. A discussão continuou convindo todos que não era bom expôr a segunda Cidade do Reino a horrores futuros, e o Marquez de Palmella acrescentou que elle e os que o tinhão accompanhado de Londres embarcarião nessa noite no mesmo Barco de Vapor, onde terião logar alguns Membros da Junta.

Lembrando um dos presentes a necessidade de fazer publico aos habitantes do Porto a deliberação que se acabava de tomar, Moraes Sarmento pondereu o risco de serem assassinados pelo pôvo, se tal resolução chegasse ao seu conhecimento: deste modo recommendou-se e exigio-se o mais escrupuloso segredo sobre as medidas adoptadas.

Então o Dezembargador Caldeira summamente consternado foi abraçar Saldanha, rogando-lhe encarecidamente que fizesse mais um sacrificio de não abandonar as tropas: o general respondeo que, não obstante o estado em que tudo ficava, não duvidava acompanhar aquelles bravos Officiaes e soldados, tanto na retirada como em Hespanha; pois que ainda lhes poderia ser util dentro e fóra de Portugal. Quando Saldanha se levantava para ir tomar algumas disposições, o Dezembargador Sarmento observou que antes de sair relevava saber se alguns Membros da Junta quererião accompanhar a Divisão: o Coronel Gama Lobo e o Doutor Magalhães promptificárão-se para assim o fazerem.

Parece que a Junta se deveria considerar dissolvida desde este momento; mas não acconteceo assim, porque alguem se lembrou de lançar sobre Saldanha todo o peso da responsabilidade depois que elle se retirou da sala. Exarou-se immediatamente uma portaria com data daquelle dia 2 de Julho, em que se nomeou um Governo composto de tres Membros, João Carlos de Saldanha, o Coronel Francisco da Gama Lobo, e Joaquim Antonio de Magalhães, sendo o primeiro Presidente, e Commandante em chefe do Exercito; e declarou-se que, sendo-lhes transmittida por este acto a legitima authoridade, a Junta se dava por dissolvida. Este documento de tanta importancia não foi communicado a quem era o mais interessado no seu conhecimento; Saldanha deffendendo-se ultimamente das imputações dos seus collegas ponderou que, em quanto estivera na sala das Sessões, não se proferira uma só palavra que significasse *Portaria*, *ou commissão da Junta*; que voltando depois a casa do Barão de Renduffe, onde estavão o Marquez de Palmella, Candido José Xavier, e outros que assistirão á dissolução, nenhum delles tocou nos projectos praticados na sua ausencia; que nada mais tornara a saber do Coronel Gama Lobo

e do Doutor Magalhães, que nem o procurárão ainda mesmo por cumprimento; que Palmella lhe dera conselhos e lembrára as promessas feitas em Londres ao Visconde de Itabayana, pelas quaes se obrigara a obedecer em tudo á Junta do Porto; finalmente, que esta nunca lhe remettêra ou dera conhecimento de tal Portaria, e nem ainda mesmo os seus Membros e o Marquez lha communicárão quando se reunírão a bordo do Belfast. Estas razões apoiadas em alguns documentos merecem todo o credito, em quanto não forem refutadas por aquelles que tem interesse em se defenderem da imputação de calumniadores.

Sendo quasi noite Saldanha apresentou-se no Campo mandando convocar os Commandantes de Corpos, e resolvido a guardar o segredo promettido disse-lhes: " Que segundo as noticias obtidas „ pelo Governo era muito perigoso arriscar uma „ batalha na esquerda do Douro; que a vontade „ da Junta era fazer retirar o Exercito para a Ga- „ liza, onde se esperarião novas ordens de D. „ Pedro, e que elle não os abandonaria se lhe af- „ fiançassem a subordinação dos Corpos &c." Todos ficárão estupefactos com esta inesperada proposta, a que respondêrão: *Para a Hespanha não vamos de modo algum*; Schwalback acrescentou que em tal caso dividiria o seu Batalhão em *guerrilhas*, e se conservaria por onde podesse. A voz de *traição* já tinha soado naquelle recinto quando Saldanha, perplexo entre o dever e a verdadeira resolução que deveria tomar, escolheo o partido mais desgraçado. Não se julgou, (diz elle) authorisado nem sabia que o estava para alterar aquillo que se tinha convencionado na ultima sessão, e partio para o Porto pelas 10 horas da noite em busca do Marquez e da Junta, que já encontrou a bordo do Belfast. A' exposição do que se passára entre os chefes dos Corpos respondeo o Marquez: " Que visto „ recuzarem-se os Commandantes a cumprir as or- „ dens do Governo, Saldanha não podia, sem

„ faltar ao que promettêra em Londres, voltar „ ao Campo e reunir-se ao Exercito.„ A estas palavras desceo Saldanha para a Camara grande, abandonando-se a pensamentos e revolvendo tenções, que só elle soube explicar quando em sua defeza quiz justificar-se daquelle mesmo labéo de fraqueza tão justamente irrogada aos *Argonautas* do Belfast, e de que a severidade de muitos o fez tambem participante. O general Azeredo, que commandava nas linhas de Vallongo, avisado instantaneamente do que se passava, correo precipitadamente para o Barco de Vapor, onde com muita difficuldade foi acolhido.

Com effeito ao romper do dia 3 de Julho saío da barra do Porto o Belfast carregado de Generaes, Conselheiros, Governadores, e outras personagens: então Saldanha dispertando do lethargo a que o reduzira a lembrança das suas obrigações, e talvez o contagio do susto, veio no conhecimento dos motivos por que tambem se achavão a bordo o general Saraiva, o Coronel Torres, e o Major Xavier. Elle mesmo é quem nos refere que estes officiaes tinhão vindo portadores de uma segunda declaração dos Commandantes dos Corpos, affirmando: *Que estavão promptos para cumprir as ordens que se lhes dessem.* Admirado deste successo perguntou Saldanha ao Marquez, porque não lhe tinha feito saber a causa daquella deputação? Foi-lhe respondido: "Que como amigo, e vendo que „ da sua volta para terra só lhe podião resultar „ compromettimentos, se tinha decidido a não lhe „ communicar a declaração por escripto de que fôra „ portadora a Deputação." Desta arte navegárão para Inglaterra em um Vaso desmantelado, e estiverão a ponto de cair em poder do governo Hespanhol, quando arribárão a um dos portos da Galiza.

Eis aqui o malfadado Exercito Constitucional nas alturas de Villa Nova desamparado de chefes, entregue á discrição, e evacuando o Porto caladamente durante a noite. Fiel aos seus jura-

mentos, destituido dos meios de transportes e mantimentos, accompanhado por centenares de refugiados de todas as classes, vai marchando pelo meio de um inimigo armado até a Galiza, onde o esperavão privações e insultos de toda a casta. Poucos Commandantes tiverão a coragem de accompanhar os seus corpos, e de tantos officiaes generaes apenas o ignoto Brigadeiro Quevedo Pisarro se prestou a tomar ó commando de um exercito já em circumstancias de não poder ouvir a voz do seu chefe. No dia 4 de Julho os generaes de D. Miguel que commandavão ao norte do Porto, reunindo em Braga forças consideraveis onde entrava grande numero de rôtos, tentárão embaraçar a marcha das tropas constitucionaes que se retiravão; mas forão punidos severamente fugindo da Cidade, e deixando mortos mais de 60 dos seus. Deste modo obrava mais por instincto do que por direcção superior aquelle Exercito do Porto, accusado ultimamente de cobardia por não ter querido bater-se com o inimigo; quando a origem das suas desgraças pendeu da vontade dos seus directores.

Os habitantes do Porto acordárão possuidos de susto e terror, tomando aquellas costumadas precauções, que o curto espaço de tempo lhes permittia. A canalha passeava as ruas esperando banir a sua extrema pobreza no momento da anarquia; os *guerrilhas* que flanqueavão o exercito Miguelista chegavão em magotes munidos de saccos para exercitarem a pilhagem promettida; os Realistas da Cidade pozerão-se a caminho para saudar o exercito vencedor, e fornecer-lhe as listas dos delinquentes que havião de ser sacrificados em apôio do Altar e do Throno, e as familias angustiadas aguardavão com resignação os insultos de uma soldadesca desordenada. Porém não foi assim: Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho Povoas procedeu com aquella moderação e humanidade propria de um general habil, que sabia promover os interesses verdadeiros do partido que tinha adoptado. Cede

em sua honra e sisudez aquelle *bando*, que mandou publicar entrando no Porto no dia 3 de Julho: " O general commandante do exercito de operações „ faz saber aos habitantes do Porto em nome de „ S. M. o senhor *D. Miguel I*, que dará protec- „ ção a todos, e não permittirá vinganças contra „ o partido supplantado; porque deste momento em „ diante todos se devem considerar pertencer á mes- „ ma familia Portugueza: na certeza de que a Lei „ vai punir os que favorecêrão a *Rebeldia*, mas só „ a Lei e os seus executores, e jámais outra al- „ guma pessoa que não tenha missão, nem com- „ missão &c.

Os Constitucionaes partirão de Braga a internar-se na Galiza pelo meio daquellas difficuldades e desordens, que facilmente se podem imaginar em um exercito desmoralisado. Depostas as armas, os mais pusilanimes retrocedêrão a entregar-se nas mãos dos seus inimigos, instados pelas persuasões e máos tratamentos das authoridades Hespanholas, que fizerão todos os exforços em desorganizar inteiramente estas reliquias, receando por ventura que ainda viessem a formar um nucleo em qualquer parte do mundo contra o systema do absolutismo. Com tudo não podérão seduzir a melhor porção dos Militares, e Paisanos: o Regimento n.° 18, que até chegou a ser separado dos seus officiaes inferiores, nomeou immediatamente um soldado veterano para commandante, e do mesmo modo se preenchêrão os postos subalternos. Depois de muitos trabalhos, fomes, e injurias, todos os Emigrados constantes em suas resoluções embarcárão para a Inglaterra em vasos fretados nos diversos portos da Galiza, e com os fracos recursos que as circumstancias lhes offerecião demandárão outros abrigos, resignados aos ultimos soffrimentos.

CAPITULO IX.

Jornada dos Procuradores dos Tres Estados — Ameaças e discursos no conciliabulo — Decisão dos Estados, e assignaturas — Retirada e protesto dos Embaixadores — Projectos da corte de Lisboa — Tribunal da Alçada — Devassas, e proscripções em todo o reino — Methodos de perseguição — Miserias, e crueldades — Assersão impia do Bispo de Vizeu — A Madeira rende-se á usurpação — D. Miguel dá uma queda — Os emigrados em Plymouth — Os dividendos do Brasil — Disperdicios, e parcialidades — Carta da Junta do Porto — A Rainha chega a Gibraltar.

Quando pelos ultimos dias de Junho de 1828 a revolução do Porto caminhava a passos largos para o desastroso fim que acabamos de referir, os Procuradores dos *Tres Estados* chegavão a Lisboa torcendo caminhos, e atravessando as fileiras inimigas em menoscabo da policia daquelles que tinhão direito de perguntar-lhes a razão da sua jornada. Tal era a incuria e inhabilidade governativa dos constitucionaes, que até mesmo despresavão ou não sabião precatar-se dos seus maiores inimigos!

No dia 23 de Junho abrio-se com effeito a sessão dos chamados *Tres Estados do Reino*, onde o insidioso Bispo de Vizeu recitou um discurso, dando como resolvida a questão que se ia a propor á deliberação das Côrtes, ao qual respondeu o frenetico José Accursio das Neves insultando, e calumniando atrozmente todos os que seguião as partes de D. Pedro; e ameaçou com o nome de revolucionarios e demagogos aquelles membros, que opinassem ou votassem em contrario sentido. Não obstante a influencia eleitoral na escolha dos Procuradores, como já observamos, se as circumstancias e ameaças não urgissem, talvez que não existisse essa tão gabada, mas impolitica, unanimidade

da resolução dos *Estados*: "Que a D. Miguel per-
„ tenceu a Corôa Portugueza desde o dia 10 de
„ Março de 1826, e que por tanto se devia re-
„ putar e declarar nullo o que D. Pedro na qua-
„ lidade de Rei de Portugal praticou, e decre-
„ tou, &c." No dia 30 sahio o Decreto em que D. Miguel declarando conformar-se com a resolução dos *Estados*, ordenou se fizesse um Assento em commum, o qual sendo preparado de antemão foi assignado no dia 11 de Julho seguinte. E' este o famoso Auto que a facção chamou a obra prima de Direito Publico, onde a par dos falsos argumentos e sophismas ridiculos com que se pertendeu córar a usurpação, observamos um conciliabulo de Rebeldes resolvendo uma questão, na qual só elles se havião constituido partes e juizes!... Das assignaturas em seguimento basta saber-se que figura como Procurador de Gôa o nome de um frade, residente em Lisboa para tratar de pleitos, e que nenhuma missão podia ter para semelhante fim: a mesma fraude teve logar em nome d'outras terras do Reino e do ultramar.

A maior parte das Côrtes da Europa que tinhão os seus Ministros acreditados em Lisboa folgavão com a usurpação do Infante, e talvez a promovessem; mas os actos que se passavão em Portugal erão tão visivelmente oppostos aos principios da *Legitimidade*, que todos os Diplomaticos, havendo suspendido as suas funcções desde que lhes foi communicado o Decreto da convocação dos *Estados*, tiverão ordem de se retirar do Reino. Reunidos em casa do Nuncio assignárão um protesto contra o perjurio do Infante, declarando o mesmo Nuncio que ficava em Lisboa com o caracter de particular Agente de Sua Santidade para os negocios espirituaes sómente.

Logo que á Côrte de Lisboa se vio desembaraçada de todos aquelles obstaculos que, ha pouco, podião conter os seus damnados projectos, resolveo levar a effeito o plano sanguinario jurado

desde 30 de Abril de 1824 contra todos os Constitucionaes Portuguezes. Não nos demoraremos a refutar os pormenores e a impossibilidade politica de o poder effeituar: basta saber-se que o seu pensamento foi aniquilar cabalmente vinte mil pessoas que, dizião, seria o numero de *Liberaes* existentes em Portugal; e destruidos elles ficavão em perfeito socego tres milhões de habitantes!... O general Povoas reputado mui brando e de suspeitas inclinações foi chamado a Lisboa, voltando de novo ao Porto aquellas authoridades mal escolhidas, que respirando vinganças começárão as perseguições, e transtornárão o que o primeiro tinha edificado. Por carta Regia de 14 de Julho foi nomeado o bem conhecido tribunal da Alçada para processar, e julgar todas as pessoas implicadas no que se dizia crime da *insurreição do Porto*. Instituirão-se devassas em todas as Cidades, Villas, e outras terras do Reino, sem limitação de tempo nem determinado numero de testemunhas, onde os homens depravados e miseraveis erão agentes de confidencia, e juravão contra todas aquellas pessoas por ventura suspeitas dos menores indicios de constitucionaes, ainda que nenhuma parte houvessem nos ultimos acontecimentos do Porto. Os coripheos da facção organisavão as listas dos proscriptos, que passavão de mão em mão, e os seus crimes suppostos erão lidos ás testemunhas que havião de jurar. Aquelle que ambicionava um Emprego publico, ou desejava subtrahir-se ás importunidades de um credor, tinha o meio facil e prompto a denunciar o infeliz, que immediatamente era posto em ferros, ignorando qual o seu crime e o accusador. Nenhuma classe, sexo, ou condição escapava á terrivel denominação de *Malhado*, e tamanha era a insania da perseguição, que alguns dos mesmos Miguelistas, rigidos sectarios da usurpação ha pouco emigrados na Hespanha, suportárão os tristes effeitos do despotismo por que havião pugnado. Não poucos destes, por vinganças particulares ou um

leve insulto, jazêrão nas masmorras accusados pelos companheiros e amigos do mesmo pensar politico, mas que tinhão gosto de satisfazer as suas velleidades, e maior preponderancia, em superar um rival.

As cadêas entulhavão-se de presos, centenares de homisiados fugião pelos montes, ou se occultavão em algumas casas; mas desgraçado do hospede e dono se a denuncia chegava a descobril-os!... Inventavão-se todos os dias methodos de perseguição: os carcereiros extorquião aos presos sommas de dinheiro para os deixarem occupar certos logares dentro das prisões; os agentes da Policia exigião contribuições pela sua clemencia, e vendião a protecção a quem tinha meios de lh'a pagar; aquelle que emigrava, se não era possivel disfarçar-se, comprava a licença por certos preços regulados segundo a qualidade da pessoa; a fazenda dos constitucionaes era sequestrada, os seus rendimentos arrematados, e os alimentos devidos aos presos pelas mesmas Leis positivas não erão satisfeitos, nem as mulheres podião tirar meação; e para cumulo da impiedade a maior parte do clero e frades prégava ao povo o exterminio dos *Malhados*, que dizião inimigos de Deos e do throno, aconselhando no confessionario ás familias dos perseguidos que os desamparassem como a hereges e scismaticos!...

A miseria portanto chegou a um ponto que mais se poderá imaginar do que escrever: um pai de familia escondido, preso, ou fugitivo privado da industria, officio, ou rendimentos, via-se impossibilitado de occorrer ás necessidades da sua casa; as mulheres offerecião de porta em porta agora os trastes desnecessarios, e logo os artigos mais ordinarios e precisos, empenhando-os ou vendendo-os ao disbarate para matar a fome. O sexo feminino já desguarnecido da vigilancia paternal, já combatido das primeiras necessidades da vida, cedia ás suggestões da incontinencia, e não poucos malvados souberão aproveitar-se das circuns-

tancias para satisfazerem as suas paixões criminosas. Finalmente nada esqueceo á tyrannia systematica do governo de Lisboa: a Praça de Almeida, e a Torre de S. Julião, forão depositos designados para amontoar presos d'Estado, onde a peste, a fome, e os barbaros tratamentos imolárão centenares de victimas.

Depois de tantas crueldades e perseguições presenceadas por amigos e inimigos dentro da propria Nação, e por toda a Europa que observava com espanto este quadro tão semelhante ás scenas de terror da Revolução Franceza, pareceria indubitavel que o espirito de partido jámais se atrevesse a desmentir estas recentes calamidades na presença daquelles mesmos, que as suportárão. Houve porém esse atrevido mentiroso, hoje emigrado em Paris, cuja mão criminosa não se recusou a escrever, ha pouco tempo: "Que as vociferações de crueldades ,, não forão senão calumniosas hyperboles de uma ,, facção, que quando domina, é prodiga do san- ,, gue dos seus contrarios, e quando é vencida, ,, não é menos prodiga de hypocritas lamentações ,, dos seus soffrimentos." O escriptor parcial de que fallamos é esse Bispo de Viseu, homem temivel á humanidade pela indole cruel com que a natureza o dotára, e a quem déra um tremendo aspeito, semblante lugubre e felpudo, como caracteristicos annunciadores de um coração tigrino.

O dia 3 de Julho de 1828 é designado como aquelle em que succumbira a causa da fidelidade, e o governo usurpador fôra obedecido em todas as Provincias de Portugal. A Ilha da Madeira, que desde 22 de Junho tinha adherido ao movimento do Porto, veio a render-se em 23 de Agosto seguinte aos ataques do uma esquádra mandada de Lisboa, e munida de uma commissão para processar summariamente aquelles que não tinhão querido reconhecer os actos de D. Miguel. O governador Valdez, e outras pessoas de consideração, tiverão a felicidade de se poderem subtrahir ao al-

fange do carrasco. Todas as possessões ultramarinas, (com uma pequena excepção,) seguírão o impulso revolucionario da usurpação do Infante, que no decurso deste anno chegou a imaginar-se inexpugnavel e firme; mas o Anjo da morte ameaçou-o no dia 9 de Novembro, quando precipitado por uma queda perigosissima chegou a ser julgado extincto com grande mágoa dos seus, e contentamento dos adversarios.

Os numerosos Emigrados que havião entrado na Galiza, definhando na miseria, e cançados de aguardar em vão os transportes que lhes tinhão sido promettidos, podérão a muito custo abordar ás praias de Inglaterra. Em Plymouth organisou-se uma especie de Deposito debaixo da direcção e governo dos chefes Portuguezes, o que deu muito a entender ao Ministerio Tory, e servio de pretexto para se defender no Parlamento das accusações de parcialidade, que lhe forão feitas ácerca da interferencia na questão de Portugal. As sommas destinadas a satisfazer os dividendos do emprestimo Portuguez, que o Brasil se tinha obrigado por um tratado a pagar aos credores Inglezes, forão divertidas e applicadas para fazer face ao sustento dos Emigrados. Mas, se damos credito a muitos destes, o methodo de administrar os fundos foi de perdularios, ou de quem desejava dissipar grandes sommas em pouco tempo, para illudir as tentativas dos que ainda persistião em oppugnar a usurpação de D. Miguel. Em menos de sete mezes repartirão-se subsidios exorbitantes pelos Conselheiros, Generaes, Capitães Mores, e proporcionalmente por todos os Emigrados, segundo as classes a que cada um quiz pertencer. Alguns ainda hoje se queixão das avultadas sommas prestádas aos apaniguados dos governantes, quando muitos Voluntarios e Academicos jazião na mais triste miseria a par d'outros que nadavão em luxo e opulencia. D'aqui os odios, intrigas, e scisões, que grassárão sempre em toda a emigração, e ain-

da mesmo depois em Portugal entre companheiros, que nunca como então precisarão de boa intelligencia, e união para arrostar um inimigo poderoso.

Os que havião sido Membros da Junta Provisoria do Porto escrevêrão ao Imperador do Brasil uma Carta datada de Londres em 5 de Agosto, dando-lhe conta dos motivos que tiverão para concluir as suas funcções, e fazendo recahir o máo exito da causa sobre o general Saldanha: este fez todos os exforços para se defender, e ficou considerado como protector de todos aquelles que, por identidade de interesses, havião queixas e má vontade ao Marquez de Palmella e seus adherentes. A necessidade de dar um destino aos Emigrados era reconhecida por todos, ainda que discordavão muito em opiniões: a tempo que se annunciava em uma ordem do dia a tenção de embarcarem todos para o Brasil, chegou noticia que a Rainha de Portugal se achava em Gibraltar, e este accontecimento inesperado fez mudar para novas tentativas as resoluções tomadas.

CAPITULO X.

Ilha Terceira — Combate do Pico do Celleiro—Junta Provisoria da Terceira — A Rainha em Inglaterra — Politica do Ministerio Inglez — Resposta de Palmella a Wellington — Saldanha nos mares da Terceira — Effeitos da perfidia Ingleza — Correspondencia de Barbacena com Aberdeen — Pertenções indecorosas do Gabinete Inglez — Rompimento das negociações — A Rainha parte para o Brasil — Sublevação em Lisboa — Reflexões — Execuções no Porto — Clemencia de D. Miguel — Estado da Ilha Terceira — O Conde de Villa Flor apparece nos Açores — Expedição de D. Miguel contra a Terceira — Batalha da Villa da Praia — Alguns promenores — Bagagens roubadas — Demissão do Visconde de Itabayana.

No mesmo dia 22 de Junho em que a Madeira adheria ao movimento do Porto, a Ilha Terceira

subtrahio-se abertamente ao usurpador, nomeando um Governo interino e expulsando o Capitão General, homem estupido e cruel como erão quasi todos os que seguião as partes do Infante. Um novo governador mandado de Lisboa chegou aos mares da Terceira em 15 de Julho, mas não lhe foi permittido desembarcar, nem á commissão sanguinaria que depois foi expedida para devassar dos accontecimeetos da Ilha.

Apezar das objecções que se oppunhão na Inglaterra a sustentar a nobre e arriscada resolução da Terceira, não obstante um bloqueio e os escaços meios de defeza que alí se apresentavão, a melhor porção dos Portuguezes escolheu tentar as ultimas sortes em um ponto do globo que, mal se pensava, havia de ser a taboa da salvação da Liberdade Patria. O general Cabreira e mais alguns Emigrados desembarcárão na Ilha em 8 de Setembro, e em seguimento tiverão muitos imitadores. As difficuldades qne tinhão a vencer no interior erão immensas: desunião nos que governavão, e grande numero de discolos que se preparavão a proclamar á força o governo do usurpador. Em 4 d'Outubro os numerosos insurgentes Miguelistas achando-se reunidos na posição denominada *Pico do Celleiro* forão attacados e postos em derrota por um destacamento do Batalhão de Caçadores n.º 5, e duas bocas de fogo servidas por Artilheiros da Ilha. O Coronel Torres marchou da Cidade d'Angra commandando esta força, que veio pôr termo á rebellião, e desfazer para o futuro a idêa de semelhantes tentativas. No dia immediato o governo interino da Ilha Terceira foi substituido por uma Junta Provisoria em que figurarão Diocleciano Leão Cabreira, João José da Cunha Ferraz, José Antonio da Silva Torres, Alexandre Martins Pamplona, Pedro Homem da Costa Noronha, Theotonio Ornellas Burges d'Avila Noronha.

A Rainha de Portugal chegando a Falmouth no dia 24 de Setembro desembarcou a 27, para pre-

senciar na propria terra de um seu Alliado como os Ministros da Grã-Bretanha tratavão a usurpação da sua corôa. Estava fóra de duvida o claro e decidido apoio que o gabinete Inglez prestava a D. Miguel, o que já tinha obrigado os Plenipotenciarios Brasileiros a lançar mão da trapaça diplomatica para transportarem aos Açores armas e munições a bordo da fragata Izabel; mas agora Wellington instava que os Portuguezes reunidos em Plymouth fossem dispersos pelas cidades e aldêas visinhas, e punha todos os exforços em obstar á sua partida para a Terceira. O Marquez de Palmella parecendo acceder a estes desejos respondeu, que neste caso os Emigrados preferião deixar a Inglaterra e acolher-se no Brasil; mas Wellington conhecendo pelas requisições anteriores, em que Barbacena lhe havia pedido um Comboio de guerra para accompanhar a expedição aos Açores, que realmente erão as mesmas tenções que agora se pertendião encobrir, e sabendo que o Deposito commandado pelo general Stubbs persistia em Plymouth, determinou usar da prepotencia Ingleza contra os inermes subditos da Rainha de Portugal. As instrucções hostis communicadas ao capitão Walpole em 12 de Dezembro erão conhecidas de Palmella, e quasi que Wellington assim lh'o havia dado a entender em carta de 30 de Dezembro. Nestas circumstancias já não era possivel dissimular, e só restava exprimir a linguagem da verdade defendendo o justo procedimento Portuguez das imputações vãas da tyrannia Ingleza. Então o Marquez de Palmella dirigio-se a Wellington em carta de 2 de Janeiro de 1829, onde lhe declarou com dignidade: "Senhor Duque,
„ estou firmemente convencido, que estes indivi-
„ duos, dirigindo-se para a Ilha Terceira, não fa-
„ zem mais do que aproveitar-se de um direito que
„ se lhes não póde negar sem injustiça, e que lon-
„ ge de violarem a neutralidade de S. M. Brita-
„ nica, elles á respeitão como devem partindo des-
„ armados do territorio Inglez a bordo de navios

„ mercantes para demandarem uma Ilha, onde S.
„ M. a Rainha de Portugal é Soberana de facto e
„ de direito. As ultimas noticias que recebi da Ilha
„ Terceira com data de 18 de Dezembro affirmão,
„ que áquelle tempo não havia guerra civil, como
„ V. Ex.ª suppõe, e que inteiramente obedece á
„ Regencia que a governa em nome de S. M. a Rai-
„ nha D. M. II. O governo Britanico póde sem
„ duvida objectar aos subditos de um soberano seu
„ Alliado e amigo, que não vão para qualquer ter-
„ ritorio pertencente *de jure* a esse soberano, mas
„ que *de facto* esteja dominado por um governo
„ considerado usurpador; entretanto no caso pre-
„ sente é de summa evidencia que o governo de S.
„ M. Britanica não póde, sem se desviar da neu-
„ tralidade que proffessa, prevenir que os Portu-
„ guezes voltem a um paiz que tem ficado *seu*,
„ depois de se lhes haver recusado a permissão de
„ ficarem reunidos em Inglaterra! E na verdade
„ o reconhecimento do titulo e direitos de S. M.
„ Fidelissima seria de mui pouco valor, se o mes-
„ mo Poder que a reconhece a impedisse de man-
„ dar os seus subditos para uma terra debaixo do
„ seu dominio, e que tem necessidade da sua de-
„ fensa."

Estes raciocinios peremptorios não convencêrão, com era de esperar, a obstinação Ingleza, que outra politica não sabe além de satisfazer os seus interesses sordidos á custa do sangue alheio. O general Saldanha largando Plymouth com seis centos emigrados Portuguezes chegou aos mares da Terceira em 16 de Janeiro de 1829; ali encontrou o capitão Walpole que a tiros de canhão o impedio de entrar na Ilha, e satisfez plenamente a desgragada commissão que o Duque de Wellington lhe havia incumbido. Então o General Portuguez sem defeza exarou um protesto inutil mas honroso, escolhendo continuar d'ali para algum porto da França, onde com effeito veio encontrar mais generosas sympathias. Os tiros nos mares da Terceira enchêrão

de indignação os Emigrados, accrescentarão a ousadia do governo usurpador em Portugal, e desenganarão as esperanças de muitos; mas com tudo isso ainda não podérão conseguir o desalento total de um partido tenaz em defender-se no meio de taes hostilidades. Os Portuguezes continuarão a sair da inhospita Inglaterra: os mais valentes procurarão a Ilha Terceira, não obstante o bloqueio Inglez e os perigos que ali os esperavão; alguns partírão para a Belgica, e outros chegarão ao Brasil.

Entretanto o Marquez de Barbacena, que accompanhava a Rainha de Portugal como Plenipotenciario de D. Pedro unico protector natural de sua Augusta Filha, encetou em 25 de Novembro de 1828 uma correspondencia official com o Conde de Aberdeen, Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros da Grã-Bretanha. As Notas de Barbacena reclamavão da Inglaterra soccorros effectivos para collocar a Rainha no throno de Portugal, que por direito lhe pertencia, baseando este pedido na Alliança dos Tratados entre as duas Corôas. Aberdeen entre outras respostas evasivas ponderou, que Lord Strangford enviado ao Brasil havia recebido de D. Pedro declarações dos desejos que tinha de entregar aos conselhos de seu Sogro, e do Rei de Inglaterra, as infelizes desavenças da Casa de Bragança; e que este Embaixador se achava munido na Corte do Rio de Janeiro com aquellas instrucções, que as circumstancias do caso parecião exigir, e erão efficazes para produzir uma reconciliação entre o Imperador e seu Irmão. As bases em que o Gabinete de S. James fundava o ajuste dos negocios de Portugal, communicadas verbalmente a Barbacena, reduzião-se a estes artigos: 1.º O casamento immediato da Rainha de Portugal com o Infante, tendo este o titulo de Rei; 2.º a conclusão de um pacto de familia, do qual seria arbitro o Imperador d'Austria; 3.º no caso em que a Rainha fallecesse sem successão, a Corôa passaria ao Ramo Real de Portugal; 4.º no caso do falle-

cimento do Rei regente, a Rainha reinaria; 5.º não tomar conhecimento algum das mudanças accontecidas nas fórmas do governo de Portugal &c. Barbacena repellio estas proposições indecorosas para o que não se achava munido de poderes, e declarou que, segundo as ordens ultimamente recebidas da parte do Imperador, estava authorisado a concluir qualquer arranjo que tivesse por fim o restabelecimento de sua Filha sobre o throno de Portugal, contanto que o casamento desta Joven Princeza com o Infante seu thio não fosse uma condição de tal arranjo. Esta exigencia fundada nos mais justos sentimentos da honra e humanidade contrastava formalmente com o essencial das bases, que havião sido dadas a Lord Strangford, e poriso cerrava toda a entrada a um ajuste definitivo. Então o Marquez de Barbacena, depois de uma longa correspondencia protraída até Maio de 1829, declarou ter recebido a resposta do *ultimatum* da parte do governo Inglez, e annunciou a prompta retirada da Rainha para o Brazil segundo as ordens positivas de seu augusto Pai. Aberdeen, a quem esta declaração surprehendêra, acudio com os seus sentimentos de pezar, exforçando-se em persuadir as vantagens que resultarião á Rainha de Portugal se continuasse a residir na Europa, e com especialidade rodeada de seus parentes na Côrte de seu avô o Imperador d'Austria. As tenções talvez sinistras que andavão neste conselho *inglez* não forão attendidas pelo Embaixador Brazileiro, que em Nota de 18 de Junho dêo por impreterivel a determinação de D. Pedro, illudindo a seu turno aquella perfidia que negara um apoio justamente devido. No dia 30 de Agosto de 1829 a Rainha de Portugal sahio de Porthsmouth para o Brazil accompanhada da Imperatriz Amelia.

Em quanto tudo se conspirava contra a causa dos Emigrados Portuguezes e da sua Joven Rainha, o governo de Lisboa composto de homens

sanguinarios sabia muito bem debelar as sublevações dos seus adversarios com aquelle direito que anda inherente ao Poder Supremo, ou elle seja legitimo ou reine sómente de facto. Pelas 8 horas da noite do dia 9 de Janeiro de 1829 o Brigadeiro Alexandre Moreira, levado de persuasões que ainda nos são desconhecidas, intentou uma sublevação contra o governo usurpador dentro do quartel da Brigada Real da Marinha em Lisboa. Esta tentativa mal combinada foi impedida pelas instancias do Major Caldeira, que immediatamente fez capturar o chefe e a outros complices. Uma commissão creada para julgar do accontecimento proferio sentença, de que resultou o supplicio de cinco individuos em 27 de Fevereiro, e igual numero em 6 de Março seguinte.

Se a severidade do governo de D. Miguel se limitasse sómente a desembainhar o alfange contra os sublevados depois da sua exaltação ao throno Portuguez, ainda que usurpado, encontraria por certo a approvação daquelles Politicos que oppinião pelo direito, que tem qualquer soberano constituido de facto; mas os intuitos da facção dominante avançárão mais ao longe. Deparárão na exaltação da gentalha e no apoio decidido do Ministerio Inglez como em fundamentos inabalaveis e eternos da sua tyrania, e porisso determinárão saciar a sua raiva, esperando ao mesmo tempo aterrar um adversario abatido com o supplicio de algumas victimas, que em boa politica erão justificadas pelos mesmos principios, que os tinhão mettido na posse de Portugal. O sanguinario tribunal da Alçada erecto na cidade do Porto, sempre docil ás determinações enviadas de Lisboa pelo ministro Barros, encetou a sua carreira mandando ao cadafalso 10 Cidadãos, que no dia 7 de Maio de 1829 soffrêrão morte afrontosa no meio dos escarneos e galhofas de um carrasco designado para este mesmo fim. Outros na mesma sentença forão condemnados a degredo, como escolhidos debaixo

de certas considerações para tocar em todas as classes da sociedade. Então muitos homisiados, que até alli tinhão vivido na vãa esperança de uma amnistia, emigrárão no meio de grandes difficuldades, largando familias e abandonando tudo, menos a segurança pessoal. Passados alguns dias, a côrte de Lisboa quiz fazer um ensaio de clemencia, ou para ostentar bizarria ou para atrahir os incautos; porém houve-se muito mesquinha em negocios de uma indole contraria á sua. Ignacio Moniz Coelho, que escapára do cadafalso no dia 7 por lhe accrescerem novas *culpas*, foi ultimamente posto em oratorio para soffrer a pena ultima. Ao exarar os ultimos embargos o presidente do tribunal publicou a carta regia de D. Miguel, em que lhe perdoava a pena de morte. Este insperado successo, excitando o jubilo nos consternados companheiros de prizão, dêo azo a dizer-se que escarnecião da bondade soberana do seu monarcha!.

A existencia politica da Ilha Terceira apresentava um quadro desanimador e triste aos Constitucionaes, mas ao governo de Lisboa era summamente lisonjeiro e com apparencias de facil presa. Um punhado de homens, fraquissimos pela intriga e discordia companheiras das privações, fadigas, e perigos; rigorosamente bloqueados e isolados de toda a qualidade de soccorro moral; os seus dias gastos em vão aguardando auxilios que não chegavão; as noites passadas em vigilias para resistir a todas as astucias do inimigo, e finalmente considerados na Ilha como intrusos, filhos desobedientes banidos da mãi patria! ... taes erão os obstaculos, que só podião ser superados por um valor filho da desesperação. Já D. Pedro como Tutor de sua Augusta Filha havia creado uma Regencia em 15 de Junho de 1829, mas esta ainda estava longe de poder obviar ás urgentissimas necessidades do caso presente. Nestas circumstancias o Conde de Villa Flor appareceo nomeado, como por encanto, Governador e Capitão General dos

Açores. No dia 22 daquelle mez desembarcou na Terceira em um fraco lenho, desafiando os cadafalsos de D. Miguel, e illudindo os carcereiros da Ilha. A sua presença, arretando a maior confusão dos animos perturbados, influio energia e actividade, e vigorou os conselhos.

Os preparativos da côrte de Lisboa para atacar a Ilha Terceira resoárão por toda a Europa, e lá no seu pensamento derão por decidida a destruição dos infelizes deffensores. Uma poderosa esquadra dêo á vella com todos os meios de uma victoria provavel, levando authoridades civis e um carrasco para executar os desejos sanguinarios do seu soberano. Era composta de uma náo, tres fragatas, duas corvetas, quatro brigues, e quatro charruas com outros vasos de transporte, montando a 344 bocas de fogo, e transportando a seu bordo mais de tres mil homens de tropas de desembarque. Em 29 de Julho appareceo nos mares da Terceira, conservando-se nos seguintes dias bordejando na costa ao sul e sudoeste da Ilha, até que no memoravel dia 11 de Agosto deixando uma corveta defronte d'Angra, todos os vasos inimigos, favorecidos pelo vento e aguaceiros, entrárão rapidamente na bahia da Villa da Praia fundeando pelas 11 horas e meia da manhãa. Esta bahia forma um arco cuja corda terá meia legoa de comprimento: na ponta do sul está o forte de S. Catharina, e ao norte o do Espirito Santo seguindo-se a este o forte do Porto e varios outros.

Defendia esta posição o bravo Batalhão de Voluntarios da Rainha com alguns artilheiros da costa, que apenas contarião o numero de 300 homens. Quando o inimigo entrou pela bahia, o forte do Porto rompeo fogo, a que a esquadra Miguelista respondeo vigorosamente, e continuou dando mais de 4 mil tiros até ás 3 para as 4 horas da tarde. A este tempo uma forte columna das suas melhores tropas, transportada em lanchas para terra, accometteu denodadamente o forte do Espi-

rito Santo; mas alguns dos escaleres tiverão de retroceder estragados pelo fogo terrivel dos defensores. Com tudo a maior parte dos inimigos, que se achava em terra, occupou o forte já evacuado, em quanto outros subírão ao cume de um monte que o domina. Fôra momentanea esta vantagem, porque os bravos Voluntarios da Rainha os desalojarão immediatamente á força de bayoneta e precipitárão os attacantes pelos alcantilados rochedos, que descem quasi verticaes ao mar. Neste tempo a maré crescia, e as lanchas voltando á esquadra abandonárão os seus na mais terrivel situação que se póde imaginar: expostos ao fogo sem poderem escapar ou defender-se, forão todos mortos ou prisioneiros. A' bravura, e á consciencia de uma morte certa se o inimigo vencesse, e não á pericia militar, é devida em grande parte a defesa gloriosa deste dia: cada um combatia não já pela causa da Rainha, mas pela sua propria vida, que dalli sobreestando o carrasco havia de immolar no cadafalso ao tyrano de Portugal.

O Conde de Villa Flor havia chegado á Villa da Praia com outras tropas, quando o inimigo conduzindo a segunda columna do ataque se dirigio sobre a direita da linha dos defensores; porém a artilharia de campanha, fazendo voltar uma das lanchas, pôz as outras em tal confusão, que retrocedêrão a cobrir-se com a Náo D. João VI. A noite sobreveio, e os Miguelistas tinhão perdido a batalha. A confusão e recriminações existião agora na esquadra maltratada, a que o commandante mandou cortar as amarras, e fez-se ao mar aproveitando uma leve viração.

Os vencedores cuidarão de retirar das rochas alcantis os infelizes soldados que para alli forão arrojados, e confundírão com summa generosidade aquelles que um semelhante acolhimento não esperavão. A perda dos defensores da Ilha foi nimiamente pequena, se a comparamos com a do

inimigo: vinte oito feridos e doze mortos, entrando neste numero o Capitão de Infantaria M. J. Simões, o Tenente de Cavallaria J. C. Osorio, e o de Voluntarios da Rainha J. N. de Carvalho. A gazeta de Lisboa lamentou a perdição de 473 homens dos seus, entrando 26 officiaes entre mortos, feridos, e extraviados; mas na Ilha calculou-se ao inimigo no primeiro ataque a perda de mil homens, ficando destes perto de 400 prisioneiros, além do destroço que soffreo na segunda columna. Tambem perdeo as canhoneiras com que havia protegido o desembarque, e os vasos de guerra, especialmente a Náo D. João VI e a fragata Dianna, soffrêrão estragos abandonando as ancoras e amarras. O General Conde de Villa Flor não duvidou declarar officialmente: "Que toda a guarnição da ,, Ilha Terceira procedêra como cumpria aos def- ,, fensores da mais santa e generosa causa; po- ,, rém que a principal gloria daquelle dia perten- ,, cia ao Corpo de Voluntarios de D. Maria se- ,, gunda, e que a narração exacta do seu proce- ,, dimento fazia todo o seu elogio &c."

Passado este tormentoso combate, os officiaes prisioneiros rogarão ao General Villa Flor se dignasse transmittir ao Roza Coelho commandante da esquadra uma carta assignada por elles, em que lhe supplicavão a remessa das suas bagagens, vista a dura necessidade do seu captiveiro e as nenhumas esperanças de recuperação. O General accedeo com generosidade addindo as suas rogativas e simultaneamente um convite ao inimigo para que se decidisse a adoptar a nobre causa dos defensores da Ilha. A resposta foi negativa e ridicula, porque sem cumprir com a remessa ousou declarar que não havia prisioneiros porisso mesmo que não tivera perda. Ao segundo quesito respondeo com identicas proposições. A indignação dos prisioneiros cresceo com justos fundamentos já pelo roubo sensivel de seus haveres, como pela estupida resposta com que pertendera encobrir acontecimentos tão patentes.

Por uma notavel coincidencia daquelle bem e mal que andão annexos aos destinos humanos, os Emigrados na Inglaterra souberão da victoria da Villa da Praia ao mesmo tempo que o Brazil enviava o Marquez de Palma para dimittir do seu logar o Visconde de Itabayana, è ordenava a suspensão do pagamento do dinheiro que se devia a Portugal. Itabayana fôra quem valêo aos Emigrados de Plymouth, e dera os fundos para se organisar a guarnição da Ilha Terceira, que agora iria a uma perda infallivel, se Henrique José da Silva não emprestasse nesse momento 25 mil libras com tanto desinteresse, quanto as probabilidades do embolço nenhuma garantia lhe offerecião.

CAPITULO XI.

Desastre da esquadra Miguelista — Sentenças da Alçada, e execuções— Moção de Mackintosh — Corpos de Voluntarios Realistas — Emprestimos, e donativos — Regencia na Ilha Terceira, e suas providencias — O Ministerio Inglez annuncia o proximo reconhecimento de D. Miguel — As condições desagradão a todos os partidos— Moção de Hyde de Neuville — Os conselheiros de D. Miguel recusão as condições — Reflexões do Bispo de Vizeu — O Marquez de Santo Amaro chega á Europa — Revolução de Julho em Pariz — Estado da Literatura Portugueza — Carta ao Bispo de Vizeu. —

O Desastre da esquadra Miguelista nas aguas da Terceira animou os defensores da Ilha na justa causa que havião emprehendido, dêo a conhecer á Europa que não era cobarde quem tão valorosamente se deffendia, e encheo de terror e desesperação o governo de D. Miguel e seus satelites, que ardendo em raiva forão vingar-se nas inermes victimas que tinhão á sua disposição, com intui-

tos de amedrontar no Reino um partido, que folgava certamente com as heroicas façanhas dos seus irmãos em sentimentos. Para abafar o regosijo que se patenteava em alguns semblantes, e donde receavão perigosos movimentos, a Alçada do Porto fulminou sentenças de garrote contra os denominados réos ausentes, e fez subir ao cadafalso mais dois infelizes no dia 9 de Outubro de 1829.

As moções que alguns Membros do Parlamento Inglez havião feito a favor dos Portuguezes nenhuma influencia prestárão a minorar a sorte desgraçada dos constitucionaes: a mais celebre foi a de J. Mackintosh submettida á Camara dos Communs no 1.º de Junho de 1829, que teve nullos resultados, e prestou nova soberba ao governo de Lisboa nunca esquecido de promover os meios da sua segurança interna á imitação do systema *Apostolico* da Hespanha. Os Corpos de *Voluntarios Realistas* forão organisados em Portugal por maneiras em tudo identicas ao plano adoptado do governo de Fernando VII. Certos homens proprietarios nas Provincias, a quem a plebe ignorante respeitava pelas suas riquezas e prepotencias, os empregados de todas as classes, creaturas dependentes do governo, o clero e toda a chusma dos Regulares, forão os instrumentos illiciadores daquelles corpos, cujo commando geral foi entregue ao Duque de Cadaval. Escreva o que quizer em Pariz o panegyrista desta personagem, todos presenciamos que a maior parte dos *Voluntarios* assentárão praça, uns por ameaças, outros por miseria, alguns pelo atractivo de privilegios e promettimentos de não serem chamados fóra das suas terras, e muitos por escaparem ao recrutamento da Primeira Linha e Milicias, a cujo serviço, como é sabido, o povo Portuguez sempre tivera indisivel aversão. Quando algum proletario allegava a falta de meios para effeituar a despesa do fardamento, acudião em prompto as subscripções forçadas; mas que havia todo o cuidado de as inculcar como voluntarias. Quem

ignora hoje, ou se atreveria a negar, que a maior parte dos *Emprestimos*, e *Donativos*, de que se fez tanto alarde, tiverão a mesma origem no terror e nas ameaças?... Eis o motivo de tantos corpor de *Voluntarios*, levantados com pouca ou nenhuma despesa, e que derão muito que pensar ás Côrtes estrangeiras.

Em quanto D. Miguel por este modo engrossava as forças combatentes, e os corpos da primeira e segunda Linha recebião uma organisação nova e economica, a Regencia creada por D. Pedro, como Pai e Tutor da Rainha de Portugal, foi constituida na Ilha Terceira no dia 15 de Março de 1830. Forão Membros o Marquez de Palmella, o Conde de Villa Flor, e José Antonio Guerreiro. O Marquez de Valença havia recusado a commissão da Presidencia, que Palmella veio preencher. Os novos Governadores assentando que um Secretario de Estado seria bastante para o expediente dos negocios elevárão a este emprego a Luiz da Silva Mozinho de Albuquerque. Muitas e variadas providencias se passárão em todo o tempo desta Administração: amnistias, extincção temporaria de monopolios, regulamentos sobre fazenda e justiça, guerra, e outros objectos preventivos, como no Decreto de 23 de Agosto que declarou nullos quaesquer emprestimos, pagamentos antecipados, e outros contractos feitos com o usurpador de Portugal. Tambem a sua curta gerencia não foi isenta daquelles embaraços de opposição, que a turbulencia dos tempos fazia natural em semelhante conjuntura: o Decreto de 18 de Outubro ordenando, que nos laços e bandeiras se usasse das côres azul e branca, parece uma deliberação dictada por impulsos estranhos depois dos accontecimentos de França.

Por este tempo o Ministerio Inglez declarou ao Parlamento no discurso do throno, que se o governo de Lisboa se prestasse a um acto de justiça e humanidade concedendo uma amnistia, em breve tempo S. M. Britanica renovaria as antigas rela-

ções de amisade com Portugal. O Duque de Wellington amigo interessado de todo o poder absoluto amava por extremo a D. Miguel, mas não podia topar nos procedimentos do governo barbaresco de Lisboa sem aquelle horror, que inspirão os sentimentos geraes de humanidade. As suas negociações offerecidas a Portugal por via de Hespanha, que acabava de reconhecer a D. Miguel, fundarão-se em duas bases: 1.ª o casamento deste com sua sobrinha; 2.ª uma amnistia ampla ou quasi ampla.

Esta politica desagradou a todos os partidos como impossivel naquellas circumstancias. Os Emigrados não podião tolerar uma combinação visivelmente anomala, de que não concebião garantias sinceras, muito principalmente depois de se haverem marcado as raias da separação com balisas de sangue. Os seus exforços dirigirão-se a impedir uma conciliação infructifera por via de alguns amigos, que tinhão em França: Mr. Hyde de Neuville em sessão secreta de 15 de Março na Camara dos Deputados interpelou os Ministros desta maneira: " Di-
,, gnai-vos fallar claro como acabão de fazer os
,, Ministros de S. M. Britanica. O povo Inglez
,, conhece ao menos a politica do seu governo; elle
,, sabe que este se inclina a reconhecer em Portu-
,, gal o poder de *facto*. Acredital-o-hemos? ... Es-
,, perais vós o exemplo de Inglaterra para vos de-
,, clarardes em favor da usurpação? Eu rejeito esta
,, humilhante idêa. Uma alta sabedoria me asse-
,, gura disto, porque em fim vós acabais de pres-
,, tar uma especie de homenagem ao principio que
,, eu vos conjuro salveis: um aviso inserto no Mo-
,, niteur annuncia que o lucto pela morte da Rai-
,, nha de Portugal não se trará em França, se-
,, não quando a noticia da sua morte tiver sido par-
,, ticipada pela Corte do Rio de Janeiro. Vós re-
,, conheceis portanto que o poder legitimo não está
,, em Lisboa, mas sim no Brazil: todavia explicai-
,, vos de uma maneira mais precisa; as meias sa-

„ tisfações, as reticencias não convem nem á moral,
„ nem á dignidade de um grande pôvo. A Ingla-
„ terra negocêa, e a França julgou dever reunir-
„ se a ella; mas a Inglaterra não receia annunciar
„ que talvez o seu interesse commercial a conduza
„ cedo a reconhecer o *rei de facto*... Declarai pois
„ tambem que a França não reconhecerá em Por-
„ tugal senão o Soberano de *direito*, e deste modo
„ praticareis duas acções nobres; restituireis a es-
„ perança a uma Nação cruelmente opprimida, e
„ provareis que a politica Britanica não tem influ-
„ encia sobre a nossa."

Os Ministros de Lisboa não erão tão destituidos de senso, que se proposessem a admittir a offerta do reconhecimento de Inglaterra sob condições tão duras e impraticaveis. Um conselheiro de D. Miguel respondeo ultimamente ás censuras dos seus amigos, que objectárão excessos no que então requerião as justas precauções da sua segurança. " Quem não alcança, diz elle, ao primeiro golpe
„ de vista, que naquellas circumstancias o casa-
„ mento de *D. Miguel* com a Princeza do Grão
„ Pará era impossivel? A olhar-se como Rainha
„ por effeito da abdicação de seu Pai, o reino não
„ podia admittir tal casamento, porque admittin-
„ do-o não só destruía o que acabava de construir:
„ mas dava em pouco accordo morte certa ás suas
„ proprias Leis, e aos seus *preciosos foros e liber-*
„ *dades*; a não se olhar como Rainha, não quere-
„ ria admittil-o o mesmo Imperador; e quando
„ este, por mudança de opinião, ou por outro mo-
„ tivo, o quizesse admittir, seria sempre altamente
„ perigoso para o Reino, mantendo esperanças,
„ dando calor a pertenções, conservando pretex-
„ tos que era util, era necessario desterrar e aca-
„ bar de todo."

No tocante ao segundo ponto da amnistia continúa o Conselheiro: " Mas podia elle, (*D. Miguel*)
„ salvo o seu decoro, salvo o proveito do Estado,
„ salva a intima segurança de animo dos mesmos

„ amnistiados, dar uma amnistia, imposta como
„ condição por estrangeiros? A sua clemencia em
„ tal caso, necessariamente se olharia como effeito
„ da força: e daqui dois resultados infaliveis; a bem
„ fundada desconfiança dos agraciados, e a desu-
„ nião por isso mesmo e opposição, mais ou me-
„ nos declarada, mas sempre perigosa, entre os a-
„ graciados, e os mais concidadãos. Só uma am-
„ nistia espontanea, e nascida da alma, podia es-
„ capar áquelles resultados; e é de toda a eviden-
„ cia, que não podia parecer bem espontanea, em
„ quanto se representasse como cumprimento de uma
„ condição."

Entretanto estas considerações tão justas, como verdadeiras, forão traduzidas por uma declaração de intenções barbaras e inexoraveis, como se expressa o Bispo de Vizeu, fazendo complice desta trapaça ao mesmo Wellington: "Mas a verdade
„ (diz elle) é que em tal proposta não houve sin-
„ ceridade nem entendimento; foi irrizão, foi mero
„ jogo, de que se quiz tirar novo pretexto de mais
„ blasfemar e calumniar; pois que perfeitamente se
„ conhecia que a condescendencia era impossivel,
„ e que a falta della dava mais uma occasião a in-
„ vectivas virulentas." Acceite o nobre Duque de um successor dos Apostolos esta bem merecida correcção, ou desculpe-se como poder da sua connivencia com os Liberaes!...

Por este tempo o Marquez de Santo Amaro chegando a Inglaterra, correo por certo que o Imperador D. Pedro importunado, e até mesmo ameaçado dos Gabinetes Europeos, cedia dos seus anteriores propositos, convindo em que os negocios de Portugal se compozessem segundo os desejos das Potencias, e sem exclusão do usurpador da corôa Portugueza. Accompanhavão estes boatos assustadores, (que pelo menos não forão desmentidos por quem estava encarregado da negociação,) as noticias sinistras de uma inteira falta de recursos, e a opposição ingrata das Camaras Brazileiras a todos

os projectos de D. Pedro. Mas um acontecimento insperado, daquelles que não entrão nos calculos ordinarios da politica, veio dirimir todos os intuitos de conciliação que, mais cedo ou tarde, acabarião em prol do governo de Lisboa: quero fallar da revolução de Paris nos dias 27, 28, e 29 de Julho de 1830, a qual, seguida da mudança do Ministerio em Inglaterra, levantou de um abismo de impossibilidades a causa dos Constitucionaes Portuguezes, e forão as primeiras vias aplanadas para os ulteriores successos, que teremos occasião de observar.

A Literatura Portugueza no decurso desta guerra civil seguio o mesmo impulso das circumstancias, que a Historia dos outros povos nos ensina. Os espiritos preoccupados, quasi desamparando os verdadeiros objectos da sua missão, misturárão ainda mesmo no util e agradavel das suas producções aquella virulencia das paixões, que o interesse e a lisonja lhes dictárão. A Academia Real das Sciencias de Lisboa dirigio um discurso ao *Throno* no dia 1.° de Agosto de 1828!... Mais tarde o famigerado José Agostinho de Macedo, escrevendo o Poema *Viagem Extatica* exclamou extasiado:

> No meio do clarão vejo no Throno
> Cercado de esplendor *Miguel Primeiro*....

O bem conhecido frenetico Fr. Fortunato de S. Boaventura, entre outras producções da sua pesada erudição, escreveo a *Historia Chronologica e Critica da Real Abbadia de Alcobaça* onde pertendeu demonstrar que a Congregação dos Bernardos fôra em todo o tempo o principal sustentaculo da Monarchia Portugueza. A estes e outros delirios respondeu o respeitavel João Pedro Ribeiro; mas se nesta discussão levou a melhor palma, teve de sustentar uma nuvem de doestos e injurias, que lhe prodigalisou o obscurantismo.

Deixando a imprensa periodica, que por men-

tirosa e indecente deve ser votada ao desprezo e esquecimento, foi notavel a abundancia das Obras polemicas, escriptas em quasi todas as Lingoas, a favor da usurpação de D. Miguel. Mas quem conhece que os sophismas se comprão a dinheiro para allucinar a opinião dos Leitores, pela maior parte ignorantes, não admirará a copia de tantas producções vendidas a ouro, e o abuso que os homens costumão fazer de todas as cousas. Corroboramos esta nossa opinião, produzindo uma Carta escripta ao Bispo de Viseu por occasião de um opusculo inglez publicado por W. Walton:

„ Excellentissimo e Reverendissimo Senhor. „ Ainda que meu Pai se não tem esquecido de me „ dar, quasi todos os paquetes, noticias de V. Ex.ª „ quero comtudo ir procural-as directamente, e pro- „ testar ao mesmo tempo a V. Ex.ª a minha verda- „ deira amisade e respeitosa veneração, que de todo „ o coração lhe consagro, honrando-me e lisonge- „ ando-me muito com o favor que a V. Ex.ª devo. Por „ esta occasião tomo a liberdade de offerecer a V. Ex.ª „ um exemplar de uma obra em que eu tenho uma boa „ parte, sobre os direitos de *El-Rei N. S.*, em resposta „ aos sofisticos argumentos de Mackintosh, na Ca- „ mara dos Communs, na discussão a nosso res- „ peito. O dito escrito contém bastantes cousas „ curiosas, e merece ser lido, ainda que contém „ varios principios, que antes são prejuisos inglezes, „ que sãas maximas de boa politica, como não es- „ capará á penetração de V. Ex.ª; entretanto per- „ dôam-se-lhe esses defeitos, considerando-se que o „ livro é feito para convencer Inglezes, a quem é „ preciso atacar pelas suas baldas, e não para es- „ tabelecer entre nós certos principios em que ás „ vezes se apoia. Com effeito supponho que já ahi „ estarão os nossos Jesuitas, e espero que não da- „ rão motivo aos seus amigos, nem ao *Governo de* „ *El-Rei*, de se arrependerem de chamal-os para „ Portugal; o odio que a revolução lhes professa, „ cada vez mais exaltado, me determina, além dos

„ outros motivos, a pensar que hão de trabalhar
„ com proveito em extinguir os máos principios em
„ que a mesma revolução principalmente funda as
„ suas vantagens. Os effeitos que ainda ultimamente
„ tem feito em França, em Hespanha, na Suissa
„ e aqui mesmo, nos dão esperança, de que os
„ cuidados que dêm á educação da nossa mocidade,
„ sejão fructuosos, e ajudem a fundar a influencia
„ das boas doutrinas, quasi extincta pela educação
„ pouco regular da gente, que tem sido uma das
„ mais funestas consequencias das perturbações do
„ mundo originadas da revolução franceza. Quanto
„ a mim, hoje temos mais uma razão para promo-
„ vermos todas as instituições tendentes á restau-
„ ração dos sãos principios, erradamente tidos por
„ preocupações ultramontanas, particularmente de-
„ pois que as doutrinas da reformação começarão
„ a ganhar um credito funesto, a deslumbrar até
„ muita gente boa, e a enganar os governos, que
„ destruião a sua propria força, em quanto julgavão
„ affirmar a sua autoridade diminuindo a influencia
„ pontificia. Esta razão, forte para um catholico,
„ é o empenho que o actual Summo Pontifice mos-
„ tra em atacar o mal pela raiz, devendo nós aju-
„ dar os seus esforços e intenções, e imitar a ener-
„ gia das suas providencias e resoluções. Vi com
„ bastante prazer na nossa Gazeta o decreto para
„ a reforma dos compendios, aquillo mostra o de-
„ sejo de *cortar pelo são*, e de emendar defeitos que
„ tiverão o seu principio na politica em muitas cou-
„ sas superficial de um aliás grande Ministro, de
„ que se honra a nossa Patria. Foi-se finalmente
„ embora a Princeza do Grão-Pará! Deos a leve
„ em bem! Aqui se imprime agora por parte dos
„ nossos *patriotas* a fugir, um infame papel, em
„ cujo 1.º numero *honrão* a V. Ex.ª com particula-
„ res injurias, digo que honrão, porque os louvores
„ daquelles vituperarião a qualquer homem de bem.
„ Solicita respeitosamente a Benção de V. Ex.ª quem
„ é, com a maior estima e veneração, de V. Ex.ª

„ muito reverente affectivo, e obrigadissimo criado.
„ Antonio Ribeiro Saraiva. Londres 2 de Setem-
„ bro de 1829."

CAPITULO XII.

Anno de 1831—Ilhas de Oeste nos Açores—Pensamentos dos defensores da Terceira— D. Pedro chega a Cherburgo, e a Rainha a Brest—Expedição da Ilha de S. Miguel—Victoria da Ladeira da Velha—Soffrimentos dos constitucionaes em Portugal —Sentenças da Alçada—Conforto de noticias — Exigencias dos Inglezes —Perseguição dos subditos Francezes—Rabaudy em frente do Tejo — Illusões do governo de Lisboa —Esquadra de Roussin contra Lisboa—Estupidez dos conselheiros de D. Miguel—A esquadra Franceza entra no Tejo — Artigos de convenção—Offerecimentos de Roussin despresados—Resultados, e reflexões—Sublevação do Regimento n. 4.º—Ministros de D. Miguel — Concelho d'Estado — Morte de J. A. de Macedo—Reflexões.

O Anno de 1831 mostrava um aspecto mais lisongeiro aos constitucionaes dos Açores, e parecia que a Providencia o destinára para nelle se pôr termo a muitos soffrimentos e privações. A Ilha do Pico havia sido occupada pelas tropas da Rainha em 23 de Abril, S. Jorge foi tomada em 9 de Maio com a insignificante perda de 1 morto e dois feridos, e o Fayal cedeo no dia 24 do mesmo mez; finalmente a expedição, que acabava de restaurar o grupo das Ilhas de Oeste, commandada por Villa Flor, voltou á Ilha Terceira no meio de applausos, e ufana com estes primeiros ensaios precursores dos seus futuros destinos.

Entretanto grandes erão as saudades da Patria nos defensores da Ilha, tristes as lembranças dos soffrimentos dos seus irmãos sepultados em masmorras, extinctos no cadafalso, ou rojando ferros nos presidios d'Africa, e para desengano das suas

illusões os governos da Europa, de quem maiores esperanças concebêrão, pronunciavão a politica da *não interferencia*. As privações augmentavão, e a Inglaterra procurando tirar o ultimo real vendia a peso d'ouro tudo aquillo de que carecião, deixando-lhes sómente os ultimos recursos do coração humano: a esperança illusoria, e o anhelito pelo momento de uma sorte decisiva. Quando nestes pensamentos divagavão chegou a noticia insperada de que o Imperador D. Pedro, deixando o Brasil, estivera na enseada da Ilha do Fayal a bordo da fragata Ingleza *La Volage*, e d'ali escrevera em 30 de Maio ao Conde de Villa Flor. Uma revolução da tropa e povo no Rio de Janeiro obrigou o Imperador no dia 7 de Abril a abdicar o Throno em seu filho D. Pedro II, e navegando com 47 dias até á vista do Fayal, foi desembarcar em Cherburgo de França em 10 de Junho. A Rainha de Portugal partindo na mesma occasião fez viagem para o porto de Brest na fragata *Saine*, que os Delegados da França pozerão á sua disposição.

Estes extraordinarios accontecimentos produzirão novas tentativas, novos alentos e planos, que brevemente se pozerão em pratica para a tomada da Ilha de S. Miguel. A expedição organisada embarcou em 30 de Julho, cheia de enthusiasmo e com vento favoravel, até saltar em terra no ponto denominado: o *Pesqueiro d'Adriadinha*. Uma força inimiga estava collocada nas sumidades desta elevada rocha, e apezar das vantajosas posições que occupava fugio em completa debandada logo que foi atacada por alguns bravos soldados de Caçadores n. 5, deixando mortos dois Officiaes e abandonando uma peça de artilharia ligeira com todas as suas munições. Sem perda de um só homem effeituou-se o desembarque n'um declive tão alcantilado, que para sua defeza bastava que o inimigo tivesse animo de fazer volver pela rocha abaixo as grossas pedras, que alí se encontrão. Como a

tarde estivesse muito adiantada, a Divisão foi pernoitar no sitio chamado a *Ribeira dos Moinhos*, até que raiando o dia 2 de Agosto de 1831, a gente bellicosa marchou a encontrar o inimigo, que dêo vista occupando a formidavel posição da *Ladeira da Velha* servida de artilharia, apoiando o seu flanco direito em uma montanha inaccessivel, e o esquerdo em um ponto impraticayel sobre a costa. A estrada que conduz á Villa da *Ribeira Grande* achava-se inutilisada pelas cortaduras, e o campo fronteiro á posição apresentava numerosas irregularidades de terreno. Então o general Conde de Villa Flor mandou marchar o Batalhão de Caçadores n. 5 a postar-se a meio caminho de distancia sobre o flanco direito do inimigo, que não deixava ver toda a sua força na verdade tão superior, que só pela estrategia e acrisolado valor podia ser vencida. Em quanto a Infantaria marchava ao longo da estrada, os Majores Luna e Pacheco manobravão com os corpos do seu commando sobre os flancos oppostos, até que o inimigo depois de alguns movimentos começou a descarregar a sua terrivel fusilaria, e amiudados tiros de artilharia.

Erão 10 horas da manhãa quando appareceu na retaguarda da linha dos atacantes uma força inimiga disparando fogo; mas em prompto teve de debandar acossada pela Infantaria destacada do corpo de reserva. Neste momento o inimigo, persuadido que tinha os atacantes entre dois fogos, baixou com grandes alaridos para gozar da victoria á maneira das tropas Turcas; mas teve logo de subir fugindo cobardemente depois que viu malograda a tentativa da força, que havia de cortar a linha que agora avançava contra elle. Passadas algumas horas sempre em movimentos, e conhecendo-se que o inimigo não havia retomado as mesmas posições, um ataque simultaneo de bayoneta por toda a linha produzio uma completa derrota nos adversarios, que deixarão toda a artilharia, immenso armamento, e muitos mortos. A Divisão triumfante

marchou em direcção á Villa da Ribeira Grande, onde pela noite chegou a satisfatoria noticia de que os habitantes de Ponta Delgada, proclamando a Rainha antes de saberem do exito da acção, havião tomado as armas tanto a tempo, que nenhum dos inimigos escapou de ser prisioneiro na sua vergonhosa retirada. No seguinte dia os corpos da Divisão Libertadora entrarão pela Cidade no meio de repetidos vivas e aplausos.

Mas se estas vantagens alcançadas nos Açores animavão as esperanças dos Constitucionaes, aquelles que permanecião em Portugal supportavão todo o peso da vingança de uma facção, que os considerava como em represalia. As casas erão cercadas a toda a hora da noite em busca dos homisiados, davão-lhes caça nos montes como a feras, conduzião-nos de cadêa em cadêa cobertos de opprobrios; alguns acabrunhados de pancadas, e outros atravessados de golpes. A Alçada do Porto sentenceava os presos que chamava ao seu tribùnal segundo o arbitrio das suas paixões, ou daquellas que lhe erão communicadas pelos inimigos dos processados: certidões, attestados, justificações solemnes, tudo era reputado gracioso perante uma rectidão que só conhecia digno de confiança o depoimento dos accusadores. Muitas pessoas sentenceadas a degredo ou absolvidas finárão na fortaleza de S. Julião, sem que houvessem o destino designado, aguentando até o ultimo suspiro a ferocidade de um infame carcereiro, cuja insania e estupidez já um nosso contemporaneo teve o cuidado de historiar.

No meio de tanta fome, e tão barbaras perseguições, as noticias fingidas calculadas para dilatar esperanças, e dissipar o desespero, erão o principal confortativo dos presos d'Estado. Os subditos estrangeiros, accusados de opiniões suspeitas e adhesão constitucional, não poderão escapar ao zelo atroz da perseguição; mas os seus soffrimentos vierão a ser bem perniciosos ao governo usur-

pador, que sob tal pretexto esteve a ponto de baquear antes do tempo. Os successos occorridos no Tejo pelos mezes do verão de 1831 hostilisárão sobre maneira o mal fundado orgulho de uma facção cobarde, que sómente sabia prostrar victimas manietadas, em quanto não se envergonhava de pagar as grossas sommas exigidas pelas ameaças do Gabinete Inglez, sob pretexto dos damnos causados no bloqueio dos Açores.

O Ministerio Francez depois da revolução de Julho anceava por descobrir um pretexto especioso para combater o governo de D. Miguel, que era geralmente aborrecido na Europa pela sua erronea politica e atrocidades. Alguns Francezes estabelecidos em Portugal tinhão sido ultrajados, e submettidos a sentenças iniquas, ou talvez bem merecidas no sentido em que governava a usurpação. Mr. Bonhome accusado de orgias e sacrilegios, praticados contra a *Magestade Divina* na Cathedral de Coimbra, fôra condemnado pela Relação de Lisboa em açoutes e degredo para Angola. Uma parte desta pena teve logo execução, e o réo foi flagellado pelas ruas publicas de Lisboa. O Consul Francez, protestando energicamente contra este e outros procedimentos, reclamou a liberdade dos Francezes detidos em prisão, e indemnisações pelos damnos causados; mas o governo de Lisboa recusou satisfazer. Então o Consul embarcou para Brest, e dentro em pouco tempo chegou a Paris. O governo Francez, expedindo immediatamente uma esquadra ligeira, encarregou ao Capitão Rabaudy de intimar uma especie de *ultimatum* ao Visconde de Santarem, em que pedia uma plena satisfação pelas offensas recebidas; e se dentro em 24 horas não fosse dada, a foz do Tejo seria bloqueada respeitando-se comtudo as bandeiras e interesses estrangeiros. O Visconde deo uma resposta evasiva, e Rabaudy começou a executar as ordens que tinha recebido, capturando os navios Portuguezes que se apresentárão no Tejo, e apoderando-se dos

vasos de guerra empregados no cruzeiro da Terceira, que immediatamente fez conduzir para Brest.

A Camarilha de D. Miguel, (permitta-se-me esta expressão,) lisonjeava-se que a antiga rivalidade entre a França e a Inglaterra decidiria esta ultima a obstar ás pertenções daquella sobre Portugal: e porisso o Visconde de Asseca teve ordem de solicitar a Lord Palmestron os seus bons officios para desviar as hostilidades, que ameaçavão Lisboa. Porém muito se enganavão! não era o antigo Alliado da Grã-Bretanha quem perigava, era um governo aborrecido e considerado como faccioso, que tambem o gabinete Inglez desejava ver suplantado, e substituido por aquelle que existia na Ilha Terceira. Logo que as ultimas participações chegárão a Paris, o Conselho de Luiz Filippe concebendo uma especie de resentimento pelo despreso com que o governo de Lisboa tratara a intimação de Rabaudy, deliberou enviar uma forte Esquadra ás ordens do Almirante Barão de Roussin para obter pela força aquillo que a orgulhosa obstinação recusara. Deo á vela, com effeito, 24 horas depois desta deliberação, e sómente em 6 de Julho poude fazer juncção diante do Tejo. D'alli enviou Parlamentarios a Lisboa para renovar as intimações, e ao mesmo tempo para precatar com todas as attenções possiveis as bandeiras neutraes que estivessem no rio, prevenindo os Consules estrangeiros da sua resolução em forçar a entrada do Tejo na primeira occasião. No dia 8 de Julho Roussin escrevia ao Ministro de D. Miguel: " Estabelecido „ diante do Tejo com uma Esquadra Franceza en„ trarei nesse rio. Talvez o duvideis, senhor Vis„ conde; mas V. Ex.ª não póde negar que o bom „ exito desta tentativa é pelo menos possivel: eu „ o provarei. Trata-se pois de saber se a Cidade „ de Lisboa, se a Capital do vosso Paiz, ficará „ exposta ao perigo que a ameaça."

Tal era a crassissima estupidez do governo de D. Miguel, que o seu grande privado *Conde de*

Basto, tendo aconselhado uma provisão de *cordas* para os constitucionaes do Reino e polvora e balla para os de fóra, reputava-se tão seguro que havia deixado as Fortalezas do Tejo quasi desguarnecidas naquelle momento perigoso, em quanto o Visconde de Santarem respondia no dia 10 a Roussin: " Que „ a Nação Portugueza era excitada pelos sentimen- „ tos naturaes da sua independencia, e que o go- „ verno não podia consentir na entrada da Esqua- „ dra." A despeito de tanta confiança os Navios Francezes entrárão no Tejo em 11 de Julho, favorecidos pelo vento e maré, desfilando perto das Fortalezas depois de terem feito calar os seus fogos, e a cobarde resistencia dos defensores. Ancorárão mesmo em frente do Palacio do governo Portuguez, que despojado da sua louca altivez declarou acceitar as bases do ajuste que lhe fôra proposto, e tremeu pela sua segurança. O Almirante depois de ter feito arrear bandeira a nove vasos de guerra Portuguezes, que se achavão ancorados no Tejo, ameaçou no dia 13 ao Visconde de Santarem, que renovaria as hostilidades contra Lisboa se immediatamente não terminasse a convenção cujas bases tinha acceitado, ordenando-lhe com imperio que as transacções se ventilassem sob o seu proprio pavilhão, e não em outra parte.

Com effeito o governo Portuguez munio de poderes a Antonio Xavier de Abreu Castello Branco, que foi a bordo da Náo *Suffren* ajustar com Roussin os Artigos da convenção, assignada em 14 de Julho, cuja substancia encerrava: 1.º Pôr em liberdade dentro de 24 horas a Mr. Bonhome; 2.º a demissão, dentro do mesmo prazo, dos juizes que tinhão pronunciado a sentença; 3.º a indemnisação de vinte mil francos para o mesmo Bonhome; 4.º pôr em liberdade a Mr. Sauvinet condemnado em 10 annos de degredo para a Africa; 5.º uma indemnisação de 6 mil francos para Mr. Gamby, e outra de 3 mil para Mr. Dupont, que tinhão sido presos e expulsos de Portugal por sentenças ini-

quas; 6.º uma indemnisação de 6 mil francos para Mr. Dubois pelos prejuisos causados na sua injusta prisão em Lisboa; 7.º uma indemnisação para Mr. Vallon, que sendo liquidada nunca poderia exceder a 20 mil francos; 8.º uma indemnisação de 20 mil francos para os Francezes, que porventura soffressem damnos da pessoa ou fazenda depois da partida do Consul para a França; 9.º a stricta observancia d'os Francezes não podêrem ser presos, senão em virtude de uma ordem do Juiz Conservador das Nações privilegiadas; 10.º a demissão do Intendente Geral da Policia, e a publicação do Decreto; 11.º annullar todas as sentenças proferidas, ha dois annos, contra os Francezes por motivos politicos, em Lisboa e Porto; 12.º a indemnisação de 800 mil francos para o governo Francez pelas despezas da expedição; 13.º inserir dentro de 24 horas na Gazeta de Lisboa a acceitação das reclamações da França; 14.º a garantia de uma somma para indemnisação do commercio Francez pelos damnos causados por corsarios com cartas de marca debaixo da bandeira Portugueza, precedendo debate entre as duas partes &c.; 15.º Para garantir a execução dos artigos supra com insersão na Gazeta de Lisboa, e revistos antes da impressão, 50 exemplares serião dirigidos ao Almirante dentro de 24 horas contadas desde as 6 da tarde daquelle dia; 16.º nenhuma pessoa que tivesse feito serviços á esquadra Franceza poderia ser incommodada pelo seu procedimento; 17.º o governo Portuguez não faria disposição alguma militar em quanto permanecesse a esquadra Franceza no Tejo; 18.º os prisioneiros, e os navios apresados desde o principio das hostilidades, serião entregues ao governo Portuguez, encarregando-se este de pagar á França as despezas do sequestro e deposito &c.; 19.º o pagamento das indemnisações reclamadas e admittidas, exceptuando as adjudicadas a Bonhome e Vallon, serião entregues dentro em 3 dias em Letras sobre Paris com todas

as garantias &c.; 20.° a maior parte das forças navaes da Esquadra Franceza sairia do Tejo, logo que os Artigos precedentes estivessem cumpridos. Insistio-se e concordou-se por ultimo que, em vez de 6 mil francos, fossem dados 10 mil a Mr. Dubois, e 20 mil abonados aos Francezes que partirão de Lisboa no brigue *Gemeos*.

Em 29 de Julho o Almirante Roussin, achàndo-se munido de poderes extraordinarios, escreveo confidencialmente ao Visconde de Santarem: "Pro-„ ponho-vos a confiar á França, á sua honra, á sua „ moderação, de que dá todos os dias provas irre-„ fragaveis, os presos politicos que retendes." Exforçou-se em persuadir a utilidade desta medida, e quiz convencer o governo de Lisboa pelo proveito de lhe entregar logo metade da esquadra apresada no Tejo em troca dos presos. O Visconde continuou a correspondencia sobre outros objectos, mas á tal proposta nunca se dignou responder, até que o Almirante dêo á vella do Tejo no dia 13 de Agosto, mediando ainda a intervenção Britannica.

Eisaqui o mesquinho resultado da descomedida arrogancia, louca vaidade, e extrema cobardia do governo de D. Miguel!... Nos principios de Maio tinha podido satisfazer ás propostas, e modicas sommas requisitadas por Rabaudy, e agora pagou de chofre quantos *francos* lhe quizerão pedir; levantou o bloqueio da Terceira perdendo a corveta *Urania*, que sendo apresada veio depois a subtrair-se ao dominio de Lisboa no porto de Brest, e deu azo aos constitucionaes para se apoderarem de todo o archipelago dos Açores; em um dia não quiz acceder ás proposições de Roussin ainda fóra da barra, e tres dias depois perdeo a esquadra surta no Tejo; offerecerão-lhe metade desta esquadra em troca de alguns presos politicos, de cuja retirada ainda mesmo gratuita deveria folgar, (e certamente resgataria todos os vasos se entrasse em negociações,) e vio sair para França os verdadeiros baluartes com

que em todo o tempo se podia deffender dos ataques dos inimigos, que tinha nos Açores; finalmente perdeu a reputação, o prestigio, a força, vilipendiou-se, e atraío o escarneo de todas as nações.

Mas se os erros do governo de Lisboa pozerão em risco a sua segurança, a pouca habilidade dos constitucionaes não era menos perniciosa aos interesses da causa que defendião. Poucos dias erão passados depois da convenção de 14 de Julho, quando em 21 de Agosto do mesmo anno o Regimento de Infantaria n. 4.º estacionado em Lisboa se revolucionou, acclamando a legitima Rainha de Portugal. Este movimento que, segundo as esperanças, havia de ser correspondido por outros corpos da Capital, foi em poucas horas sopitado por forças mui superiores, e não sem uma tenaz resistencia da parte dos levantados, que ainda podérão tirar a vida a alguns sugeitos addidos a D. Miguel. Uma commissão militar processou immediatamente os illudidos, victimas de um plano mal combinado e extemporaneo, de que resultou serem espingardeadas desoito *praças* no dia 10 de Setembro, e vinte e uma em 24 do mesmo mez.

As occurrencias que temos referido não podião deixar de influir na estabilidade dos ministros e conselheiros de D. Miguel, cercados de intrigas e devorados de rivalidades; assim alguns solicitárão a sua demissão, e outros obtiverão licença de se retirarem galardoados com ingratidões. Deu motivos a esta sizania (por confissão do Bispo de Vizeu) a muita privança que o ministro Bastos gosava para com D. Miguel, e a sua intolerancia opinativa que se estimulava da menor contradicção. Quando os Francezes exigião com arrogancia aquillo que ao depois conseguirão á força d'armas, D. Miguel convocando conselho de estado extraordinario quiz ouvir o voto dos seus servidores. Mattos Vasconcellos, e Villanova Portugal opinárão pelo caso mais seguro para que se satisfizessem as exigencias pe-

cuniarias sacrificando tudo o que se podesse para evitar um risco que poderia ser fatal á causa em que se achavão empenhados. O Bispo de Vizeu apoiando com toda a sua dialetica as proposições dos collegas avantajou-se dissertando a este respeito; porem Bastos mal soffrido rompeo o discurso dirigindo-se a D. Miguel por estas frases: *Então já saberá V. M. quem são os seus amigos! não acaba de ouvir a lingoagem da traição?...* O silencio seguio-se a esta apostrophe, e o Bispo procurando por então desculpar-se, D. Miguel mandou que sahisse para a salla immediata. Passados poucos momentos foi mandado despedir do serviço. Mattos teve ordem de partir para Abrantes, o que não sabemos se chegou a cumprir, e o Bispo partio para a Diocese depois de muitas difficuldades para se despedir daquelle que menos pensava os seus valiosos serviços, e beijar a mão que o lançava de si. O fallecimento do Padre José Agostinho de Macedo no dia 2 de Outubro de 1831 é digno de menção. Homem de raro talento empregava muitas vezes a sua penna em objectos ridiculos com o intuito de satisfazer à sua indole maledica e talvez para matar a fome que o devorava. Tinha-se feito um ardente *escrevinhador* dos suppostos direitos de D. Miguel ao Throno Portuguez, mas estes serviços nunca o podérão remir da pobreza em que sempre o encontrárão 70 annos de idade. A vida de José Agostinho foi uma serie de hypocrisias com que sempre pertendêra occultar vicios, e solturas em numero tão avultado, que o seu maior amigo não duvidou reconhecer nelle alguns defeitos!... Ultimamente as suas exequias forão honradas pelo rei, de quem tinha sido accerrimo defensor.

CAPITULO XIII.

D. Pedro na Europa — Opiniões e conselhos sobre a invasão de Portugal — Negociações, e preparativos — Enredos e contradições — Procedimento da Corte de Roma — Protesto de D. Pedro — Este Principe chega á Terceira — Juizo sobre os seus Ministros — Politica de A. J. Freire — Opiniões contra a Regencia do Duque — Coronel Pizarro proscripto — Accusações, e injurias — Actividade do Duque de Bragança — Sua popularidade — Embarque para S. Miguel — Batalhão Sagrado — O exercito de D. Miguel sahe a campo — Disposição do exercito Miguelista — Auspicios desanimadores — Erros na defeza de Portugal — Exercito Libertador na campo do Relvão — A expedição embarca para Portugal.

A insperada vinda de D. Pedro á Europa augmentou as preocupações das Côrtes, que suspeitavão do procedimento que elle adoptaria em circumstancias tão singulares; mas em breve tempo as desconfianças forão desenganadas, quando a Regencia da Terceira enviou uma Deputação pedindo-lhe em seu nome e dos povos fieis, que se pozesse ostensivamente á frente dos negocios de sua Filha a Rainha de Portugal. Então o Principe Magnanimo assumio o titulo de Duque de Bragança, Regente de Portugal em nome de D. Maria II, e General do seu Exercito.

Alguns Emigrados Portuguezes, que tiverão cabimento nos conselhos de D. Pedro, asseguravão uma facil e prompta conquista do Reino de Portugal, logo que este Principe chegasse a entrar no paiz que anceava pela sua presença para o encher de bençãos, e espargil-o de rosas: confirmavão estes futuros venturosos algumas cartas de Portugal escriptas por quem muito se illudia, ou desejava libertar-se ao primeiro impulso, quaesquer que fossem os ulteriores resultados; mas parece que homens de grande precate e juizo tambem

ponderárão a D. Pedro os enormes obstaculos a vencer na terra, que havia de conquistar palmo a palmo. Teremos occasião de observar como estes ultimos conselhos erão justissimos, e fundamentados.

Entretanto D. Pedro decidio-se pelo mais arriscado, ou porque os estimulos da honra o invocavão, ou bem persuadido que a gloria não se alcança caminhando por vias planas, e o mundo calcula os grandes feitos pelos muitos obstaculos superados. Apenas tocára na França, como já referimos, partio para Inglaterra em 20 de Junho a tratar e dirigir as negociações politicas, e adiantar os interesses de uma Filha, a quem por extremo amava. Alí poude contractar um emprestimo, Deos sabe com que usuras, e voltou á França a advogar a nobre causa em que se achava empenhado. Com tão debeis recursos, e não poucas difficuldades, conseguio que se apromptasse uma pequena Esquadra, e mandou organisar em Belle-Isle um Batalhão de Emigrados, composto pela maior parte de pessoas acreditadas, cujos offerecimentos havião sido despresados por aquelles que movião a intriga, e desunião, ainda agora não extinctas. A ambição e o mal d'inveja forão as epidemias mais perigosas, que molestárão a emigração constitucional: ninguem sabia descer dos seus odios, das semrazões, e antigas injustiças, ainda mesmo á custa do vencimento de uma causa, que relevava estabelecer e firmar, embora a gerencia do Governo fosse menos legal.

D. Pedro começou uma tarefa logo amargurada pelas contradicções impoliticas, e desarrazoados escriptos daquelles mesmos, que ao depois vierão a entrar na Patria recuperada por um Principe, cuja Regencia havião combatido como illegitima. Por maior que fosse o doloroso despreso a que se achasse reduzido um Portuguez honrado, cheio de serviços e prestimo, nunca isso fôra motivo sufficiente para oppugnar o unico methodo, então possivel, de salvar a Patria.

Não forão estas as unicas inquietações que magoárão D. Pedro; a Corte de Roma tambem quiz prestar o seu contigente para desmentir o errado conceito, que alguem já começava a formar da sua politica ostensiva sobre os negocios de Portugal. Deixamos escripto como no Pontificado de Leão XII o Nuncio ficára em Lisboa com o caracter de Agente particular, quando todos os Embaixadores se retirárão fazendo contra o perjurio do Infante um protesto, que o mesmo Nuncio foi o primeiro a sobscrever. Succedeo na Cadeira de S. Pedro o Papa Pio VIII que pelas razões de interesse a nós desconhecidas declarou solemnemente que nunca havia de reconhecer a D. Miguel Rei de Portugal; e assim cumprio a sua promessa até subir ao solio Pontificio o Papa actual Gregorio XVI. Por este tempo o Cardeal Justiniani denominado Agente de S. Santidade em Lisboa, colligando-se com os principaes autores da usurpação, fomentou perseguições contra os Portuguezes leaes á Rainha, fulminou Breves cheios de calumnias e impiedades, suggeridas pela insania feroz do malvado Fr. Fortunato, e poude finalmente determinar a Côrte de Roma a reconhecer D. Miguel em Setembro de 1831, e a confirmar os Bispos por elle propostos. D. Pedro instruido em Pariz de tudo o que se passava em Portugal, dirigio immediatamente ao Papa uma Carta cheia de dignidade, protestando contra o reconhecimento que se acabava de fazer, e declarando expressamente que nunca reconheceria como Bispos Portuguezes os propostos pelo usurpador da Corôa de sua Filha. A Curia guardou silencio, e o Duque de Bragança largando Belle-Isle passou com os seus á Ilha Terceira, onde foi recebido no dia 3 de Março de 1832 no meio do jubilo e demonstrações de alegria daquelles que tinhão posto nelle toda a sua confiança.

Entretanto um desgosto quasi geral murchava estes momentos de prazer, quando os bravos da

Ilha deparavão no pouco merecimento dos individuos, que accompanhavão D. Pedro. Ouçamos a este respeito o juizo de uma testemunha occular: "Sem entrar na analyse das pessoas que accom-
„ panhárão a S. M. I., e que pela primeira vez
„ nós vimos na Ilha Terceira, não deixarei de
„ dizer que algumas daquellas melhor fôra que
„ tivessem ficado na Europa. Aulicos sem popu-
„ laridade, intrigantes sem caracter, e manhosos
„ que se dizião *homens d'Estado*! apezar do pou-
„ co conceito que merecião ao mesmo Imperador,
„ sem pejo nem vergonha lá nos apparecêrão! e
„ desde então a ordem das cousas mudou palpavel-
„ mente, a fraternidade, que até então alli nos
„ tinha ligado começou a ser alterada pela desme-
„ dida ambição e presumpção dos aulicos, que não
„ tendo feito sacrificio algum pela liberdade come-
„ çárão a desenvolver o seu bem conhecido pa-
„ triotismo de Jesuitas."

O Ministro da Guerra Agostinho José Freire homem de uma presumpção descomedida, que sempre o acompanhára até o fim tragico que a sorte lhe destinou, era do numero daquelles ignorantes persuadidos que a conquista de Portugal, sendo um negocio facil, convinha empregar no Exercito forças apenas sufficientes, que depois houvessem de secundar os planos da sua ambição. Com estes intuitos tratou de desviar dos Empregos quem lhe parecia menos affecto, fez dissolver o Batalhão de Patriotas organisado em Belle-Isle, despresou offerecimentos de muitos individuos que, á sua custa, havião desembarcado na Terceira animados dos ardentes desejos de se reunirem aos seus irmãos d'armas, e entre outras indignidades exforçou-se por desgostar a alguns chefes dos Corpos. Mas o nome do Duque de Bragança, a sua popularidade, e o objecto sagrado de vir quebrar os ferros da Patria, erão motivos de transcendencia tal, que fazião esquecer os manejos da intriga superados pela ancia de ver chegar o momento da partida.

Entretanto os escriptos polemicos sobre a Regencia de D. Pedro andavão agora pelas mãos de todos em fórma tal, que seria uma tarefa difficil entender e desembrulhar os interesses, que movião os argumentos e recriminações dos seus authores. Mas se é licito ajuizarmos pelo muito que disserão de parte a parte, a ambição, e não o amor da Patria, fòra o alvo a que atirou a discussão. Alguem disse que D. Pedro passando á Inglaterra, e tratando de libertar a Patria, se rodeára de certas pessoas que não agradárão a outras, que querião ser chamadas; e daqui a origem das duvidas sobre a legalidade da Regencia. Que até áquelle tempo era unanime entre os Emigrados a opinião de que o Imperador D. Pedro podia ser Rei, Regente, Dictador, General, e tudo quanto lhe aprouvesse, com tanto que restaurasse o Reino; mas que desde então cessára o direito, a necessidade, e a mesma conveniencia, apparecendo muitos escriptos que negavão tudo isto, levantando vozes e clamores contra uma nova usurpação. Aquelles que assim combatemos a Regencia de D. Pedro, disserão outros, não somos levados a isso por algum motivo de antipathia contra o generoso author da Carta; vamos sim com a maior repugnancia, e a despeito dos nossos mais justos e vehementes desejos, protestar contra o atrevimento de uns poucos de homens obstinados a elevar á Regencia Constitucional uma Pessoa, que o rigor dos principios das Leis fundamentaes eliminão desta funcção.

Como quer que seja, o general Saldanha esquecido em Pariz desejou protestar neste sentido, ao mesmo tempo que o seu amigo o Coronel Pizarro publicou o opusculo — Norma das Regencias, — onde opinava contra a Regencia de D. Pedro, e dizia que ao menos deveria ella ser decidida pela authoridade das Côrtes. Um rigoroso silencio neste caso era a unica politica, que assentava ao Ministerio dos Açores, e deveria tra-

tar antes de lhe responder com identicos escriptos, do que expedir actos de Poder impotentes e ridiculos; mas não acconteceu assim: uma ordem referendada por Candido José Xavier decretou a prisão do Coronel Pizarro!

Tanto poude esta ignorancia de Candido para mais se desacreditar, e seguirem-se logo outros Escriptores na arena politica. Considere-se que taes fôrão as sem razões de parte a parte pelos seguintes extractos, que vamos a transcrever de um opusculo impresso em Londres: "Nós conseguimos ,, um dos fins a que tiramos, que é, o estender ,, aqui mui compridamente nosso protesto contra a ,, nova usurpação, a qual está sendo preparada ,, por uma temerosa conspiração, concebida em vil ,, interesse, tramada e urdida em fraude e calumnia, fomentada com suborno e ambição, abraçada de todos os homens de cevadeira, gente ,, de servir e de ganhar. Já não podemos disfarçar; é necessario denunciar essa maquina infernal, que ameaça fazer pedaços o throno da ,, Senhora D. Maria II, e com elle fazer saltar ,, aos ares nossos foros, franquezas, e liberdades. ,, Aqui, aqui em Londres existe um Club conspirador, que trabalha incessante por conseguir o ,, que não poude acabar o Marquez do Pombal— ,, introduzir a Lei Salica em Portugal. Aqui tem ,, assento esse Club: mas os ramáes alcanção até ,, á França, aos Açores, e a Portugal, aonde ,, chegão os impressos clandestinos e incendiarios ,, &c." Em outra parte, voltando os seus argumentos contra a pessoa do Regente, diz: "Como ,, se póde esperar que restaurasse o Reino quem ,, se perdêo no Brazil? Não queremos agora renovar a memoria de antigos aggravos, nem carregar a mão sobre pessoa caída de tão alto estado; porém, sempre diremos (em taes pontos ,, fôra culposo nosso silencio,) que depois da saída ,, do Imperador, em pouco tempo tem mostrado o ,, Brazil grandes signaes, e principios de melhora-

,, mento e prosperidade &c." Deixamos outras accusações vagas, e talvez indecentes, para nos occuparmos do que importa saber.

Da Europa chegavão todos os dias fornecimentos indispensaveis para se levar a effeito a empreza heroica: D. Pedro apparecia em todas as officinas, era visto em toda a parte sempre activo e judicioso, animando com o exemplo o zello e actividade patriotica dos subditos; os habitantes das Ilhas erão recrutados, ou corrião contentes ás armas; novos corpos se organisavão, finalmente tudo era vida e movimento. A urbanidade do Duque de Bragança era-lhe tão necessaria como proveitosa: de noite o seu Palacio estava aberto para todos os subditos, que erão acolhidos benignamente sem distincção: alli se entretinhão em jogos permittidos, ou no meio de um luzido concurso de familias era elle quem encetava o entretenimento do baile, e nem por isso diminuia o respeito e veneração, que todos consagravão á pessoa do grande Principe.

Começou o embarque das tropas com destino á Ilha de S. Miguel, ponto de reunião do Exercito Libertador para dalli se dirigir a Portugal, e o Duque de Bragança embarcou igualmente. Passados alguns dias, impaciente pela demora dos transportes voltou em um barco de vapor á Ilha Terceira, passou ao Fayal, e tornou a apparecer naquella, aonde deferio ás supplicas do *Batalhão Sagrado*, que anceava de vir com elle salvar a Patria ou morrer por ella. Este Batalhão celebre, onde todos os soldados erão Officiaes de patente, fazia um corpo luzido, assás numeroso, e fardado de panno encarnado, a quem a mesquinha politica dos denominados — Amigos de D. Pedro — tinha condemnado a ficar na guarnição dos Açores. As mesmas tenções havião concebido contra o Batalhão dos Academicos, mas nunca se atrevêrão a leval-as a effeito. D. Pedro sempre incansavel partio segunda vez ao Fayal, e novamen-

te appareceu na Ilha Terceira para activar o embarque do resto das tropas.

A invasão dos Emigrados constitucionaes com D. Pedro á sua testa foi uma cousa certa e decidida para o governo de Lisboa, logo que este Principe chegou á Europa. Então o numeroso exercito de Portugal composto de tropas de Linha, Voluntarios, e Milicias, começou a marchar fôra dos seus districtos, com o fim de se exercitar nas manobras de guerra: mas como o fornecimento dos viveres fosse insufficiente para o sustentar, e os recursos individuaes brevemente se exhaurissem, os soldados accomettidos da miseria lançárão mão dos roubos e desatinos; resultando daqui as necessarias consequencias da insubordinação, descontentamento, e doenças, que forão constantemente inseparaveis companheiras do exercito de D. Miguel até á sua ruina total. Achárão conveniente dispersal-os pelas terras, onde podessem ser sustentados á custa dos miseraveis habitantes; mas esta providencia augmentou as difficuldades, exacerbou os espiritos cansados das exacções, e fez os militares extremamente insolentes.

O perigo da invasão approximando-se com os preparativos das Ilhas dos Açores, o governo de D. Miguel mandou concentrar o seu exercito excedente a 80 mil homens de todas as armas, e repartio-o em cinco divisões com uma columna movel. Além das differentes guarnições das Praças, toda a costa do mar foi mais ou menos guardada, deixando-se nas provincias do Algarve e Alemtejo a tropa sufficiente para o socego publico. Uma determinação habil, e calculada com grande conhecimento das circumstancias, presidio á disposição do exercito Miguelista. Quasi todos os corpos de Milicias e Voluntarios do Sul forão mandados servir nas columnas do norte, pelo contrario os desta parte tiverão ordem de se unir ás divisões do Sul: as brigadas erão ordinariamente compostas de um regimento de Linha na direita,

Milicias na esquerda, e Voluntarios no centro. Pela primeira disposição a vontade daquelles militares em voltarem aos seus lares era obstada pela grande distancia do caminho, coberto da activissima vigilancia das authoridades que os capturavão; e pela segunda, fomentavão os ciumes entre si, e vigiavão-se uns aos outros.

O Visconde de Santa Martha commandava uma forte Divisão destinada á importante defesa da costa desde Caminha até á Figueira; porém a fidelidade deste general e d'outros Officiaes começou a ser suspeitada dos subditos, que divagárão em diversos juizos apenas confiando na superioridade numerica das suas forças. Forão estes os segundos auspicios desanimadores que contaminárão um exército respeitavel, como Portugal jámais vira reunido debaixo das suas bandeiras desde o berço da Monarchia. Mas como é possivel explicar a apathia dos Ministros de D. Miguel deixando incapazes de serviço os vasos de guerra, que lhe restárão depois da perda da esquadra no dia 11 de Julho? Que erão susceptiveis de concerto provou-se quando mais tarde os mandárão preparar, e que não fôra conselho atraiçoado bem se demostra pela constante firmeza de sentimentos, que até hoje tem manifestado. Cabe-lhes por tanto a merecida imputação de estupidez, mormente conhecendo elles as insuperaveis difficuldades, que impossibilitavão D. Pedro de reunir uma esquada adequada á empreza. Como poderia o exercito dos Açores approximar-se á costa de Portugal com uma força naval tão diminuta? E verificando-se o seu desembarque sem impedimento, todos os transportes, que depois chegassem carregados de mantimentos e munições de guerra, não serião facilmente capturados, ou pelo menos dispersados? Os cortezãos de Lisboa, considerando na defeza de Portugal como se fosse uma Ilha, consentírão no desembarque do Exercito Libertador para depois o esmagarem debaixo do peso das suas massas; mas

ainda assim seria necessario empregar muito talento, e despender muito sangue e fazenda; quando a victoria não ficaria tão problematica se o tivessem esperado no mar.

Era chegado o dia 23 de Junho de 1832, quando o Exercito Libertador commandado pelo magnanimo Duque de Bragança se achava reunido no campo do Relvão na Ilha de S. Miguel. Celebrou-se uma Missa em um altar de campanha mandado levantar naquelle mesmo campo, e finda a ceremonia D. Pedro entoou os vivas á Rainha, á Liberdade, e á Religião, que forão correspondidos por todo o Exercito com aquelle nobre enthusiasmo, que bem se pode imaginar. Uma proclamação succinta, energica, e animadora, foi distribuida pelo Exercito, que então embarcou nos pontos já designados no meio das saudações de immenso concurso dos habitantes da Ilha de S. Miguel apinhoados nas praias, e postados nas alturas. A um signal dado os navios levantarão ferro, e lá se dirigem para onde os chama a honra de salvar a Patria.

CAPITULO XIV.

Esquadra de D. Pedro nas alturas de Villa do Conde — Resposta de um commandante Miguelista — Desembarque nas praias do Mindello — O general S. Martha retira do Porto — Primeiras operações dos exercitos adversarios — Combate de Ponte Ferreira — Boatos assustadores — Vergonhoso embarque a bordo do Berodino — D. Pedro no Porto — Reflexões — Calumnias espalhadas — Incendio do Convento de S. Francisco — Preparativos para a defeza do Porto — Combate de Souto Redondo — Retirada — Povoas demittido — Gaspar Teixeira general do exercito Miguelista — Baterias, e trincheiras — Combate da Serra do Pilar — Coragem de Sá Nogueira — Combates repetidos — Interessante posição do Pilar — Sortida de Covello — Gaspar Teixeira obstado em seus planos.

Pela tarde do dia 7 de Julho de 1832, o telegrapho Miguelista collocado ao sul do Douro dêo

signal de ter descoberto a Esquadra do Exercito Libertador, que navegava sobre o norte da Cidade do Porto: os tambores derão rebate pelas 9 horas da noite, annunciando que tudo estava á lerta. D. Pedro fez continuar a sua derrota até as alturas de Villa do Conde, e enviou á terra na manhãa seguinte a Bernardo de Sá Nogueira citando o commandante da tropa para depôr as armas, e uuir-se á causa da Rainha. Conta-se que o brigadeiro José Cardoso, a quem esta missão foi dirigida, respondera insolentemente: "Que reputava „ D. Pedro um chefe de aventureiros, e se para o „ futuro semelhantes recados continuassem, o por- „ tador teria de ser passado pelas armas." Como quer que seja, a Esquadra retrogradou e veio ancorar na bahia de Mindello, (*) duas legoas distante do Porto, onde no memoravel dia 8 de Julho effeituou o desembarque com superior habilidade na presença das tropas do Visconde de Santa Martha, que pouca ou nenhuma resistencia lhe oppôz. Sete mil e quinhentos bravos entrarão na Cidade do Porto no dia 9, enchendo de pasmo os habitantes quando reconhecerão as diminutas forças, que vinhão salvar a Patria da oppressão e tyrania. A despeito de tanta tristeza os absolutistas recuárão assustados com o nome de *Pedro*; os patibulos da Praça Nova desapareceráo, os presos de todas as classes romperão as cadêas da Relação, e neste conflicto o carrasco cahío atravessado de ballas.

Logo que o general Santa Martha viõ o desembarque effeituado passou á margem esquerda do Douro, e postou-se sobre Oliveira de Azemeis, coroando as alturas com tropa, e estabelecendo atiradores na margem do Rio. Ao terceiro dia uma

---

(*) Verificou-se ultimamente ser no sitio de Pampelido, porem ainda não cahimos na vantajem desta impertinente inquirição topographica attendendo ao que primeiramente se declarou nos papeis Officiaes do Governo.

Divisão ligeira constitucional, fazendo calar este vergonhoso tiroteio, limpou o terreno por mais de uma legoa, e veio occupar Villa Nova de Gaya. Tal fôra a precipitação de Santa Martha, que abandonando o Castello da Foz e o Convento da Serra, desamparou tambem a brigada da direita commandada por José Cardoso; porém este Official teve a habilidade de escapar da critica situação, reunindo-se pouco depois ao corpo da Divisão.

Como por estes movimentos o norte do Porto ficasse desamparado, os Constitucionaes tentárão extender a sua influencia, mandando authoridades civis com alguns destacamentos até Braga e Guimarães; mas brevemente obrigados a retirar-se perdêrão no combate de Penafiel em 17 de Julho 21 mortos e 6 feridos. Santa Martha havendo passado o Douro em Carvoeiro, e tomando posições na margem direita, ameaçou Vallongo no dia 22, onde as guardas avançadas começárão um tiroteio bem pernicioso ao Exercito Libertador, que perdeo neste reconhecimento 20 mortos, 77 feridos, 54 prisioneiros, um obuz com bastantes munições, e algumas muares.

No mesmo dia D. Pedro saindo do Porto á frente do seu Exercito poude levar tudo diante de si, proseguindo vantagens até Ponte Ferreira, aonde o inimigo havia occupado posições fortes e bem defendidas. No dia 23 Santa Martha reunindo dobrado numero de forças possuía alguma da melhor cavallaria de Portugal: as posições forão retomadas varias vezes, e a acção prolongou-se até á tarde quando já as munições de guerra estavão esgotadas, e desfalecia a vontade de desalojar o inimigo. Parece que os esquadrões da cavallaria erão formidaveis aos olhos da Infantaria Constitucional, que não conhecia da sua parte arma de igual natureza a contrabalançar. Não obstante a perda de 250 homens da parte dos constitucionaes, a victoria pareceo indecisa, retirando-se o exercito de Santa Martha até Penafiel, ao mes-

mo tempo que o general Povoas pór uma habil diversão avançava sobre Villa Nova de Gaya. Se as Divisões Miguelistas commandadas por estes dois generaes tivessem obrado de concerto nesta occasião, a destruição do Exercito Libertador seria talvez irremissivel.

Entretanto boatos os mais ridiculos e absurdos, espalhados de proposito, como alguem affirma, encherão de um terror panico a cidade do Porto: contava-se que D. Pedro tinha sido derrotado, a sua retirada fôra cortada, e Povoas prestes a passar o Douro á frente de um numeroso exercito. A confusão augmentou naquella noite a ponto de que muitas familias se refugiárão a bordo dos navios mercantes Inglezes, e alguns officiaes fóra do serviço activo do Exercito não hesitárão largar tudo, menos a sua ignominia: O destempero daquelles que, por sua graduação e dever, mais lhes cumpria alentar animos quebrantados dos habitantes, fizerão logo recordar o memoravel *Belfast* largando o Porto na infausta manhãa do dia 3 de Julho de 1828. Dois soldados Academicos, que se achavão no cáes de S. João da Foz, derão conta ao Major Luna como no dia 24 de Julho encontrárão ali muitas cargas de bagagens, e diversas pessoas militares e paizanos determinadas a embarcar, convencidas da influencia das grandes personagens que o tinhão feito. Apontarão por exemplos o Ministro da Fazenda com os cofres, o Auditor Geral do Exercito, o Coronel Gama Lobo com parte da sua officialidade, e o Doutor Joaquim Antonio de Magalhães. Os mesmos Academicos deliberarão sob sua responsabilidade impedir o embarque de muita gente e bagagem; mas não podérão obstar áquelles que já se achavão a bordo do *Berodino*, e de uma fragata Ingleza. No meio deste tumulto as avançadas da Divisão de Povoas, introduzidas pelas casas de Villa Nova de Gaya, sustentavão um tiroteio contra a Cidade do Porto; mas quando este general foi certifica-

do dos movimentos de Ponte Ferreira houve por bem retroceder a occupar as suas primeiras posições.

D. Pedro informado da vergonhosa confusão, que reinava na Cidade, deixou de proseguir as vantagens que lhe proporcionava a retirada do inimigo, e voltou rapidamente para calmar os receios com a sua presença e confiança, provando que não o persuadião tenções de abandonar a defeza de uma causa tão honradamente começada. Alguem disse que esta sua entrada no Porto fôra melancholica, e não retumbarão os vivas pelas ruas. Recolheu-se ao seu Palacio seguido da persuasão das circumstantes difficuldades, e convencido da perigosa empreza em que o havia empenhado a fé dos conselhos exagerados e lisongeiros de pessoas, que ou forão enganadas, ou tambem se illudirão em esperanças de uma mui differente recepção do Exercito Libertador. Já não era problematica a sua posição dentro de Portugal: as poucas esperanças de progredir no paiz sem um movimento no povo, ou no exercito Miguelista a seu favor, a perda em homens desde o primeiro dia do desembarque, a falta de cavallaria e dos meios de transporte, tudo conduzia a abandonar a idêa de ganhar terreno. Se tivessem atravessado o Douro no mesmo dia em que entrarão no Porto, tudo haveria a ganhar e nada a perder: os movimentos rapidos e atrevidos levarião a confusão e terror ao exercito Miguelista, (que taes forão os resultados das suas primeiras impressões,) e então os Liberaes extendendo-se com actividade aproveitarião muitos recursos, augmentando o seu número.

O governo de Lisboa acabava de respirar da ancia em que o tinha posto a invasão do Porto, e o seu exercito augmentava não se poupando a sorte alguma de sacrificios. A superstição veio ainda irritar o coração de um vulgo abjecto e credulo pelas fementidas noticias, de que os constitucionaes havião commettido desacatos nas Igrejas do Porto: preces forão logo ordenadas em todas

as Dioceses do Reino para applacar a Magestade Divina! Hoje é bem notoria a rigorosa disciplina e moderação adoptada pelos constitucionaes desembarcados nas praias do Mindêllo, de que talvez haja poucos exemplos em circumstancias parallelas; mas isso não importava á consciencia de um adversario, cuja divisa fôra sempre a calumnia e hypocrisia.

Nestas circumstancias a defeza da Cidade do Porto veio a ser da maior importancia: a alma corajosa do Duque de Bragança não desanimou, antes parece que se irritava com os obstaculos; a energia parecia rebentar do peito de todos os bravos animados com o exemplo do Principe, muitas peças de artilharia de differente calibre e outras munições de guerra, despresadas por Santa Martha, vierão aproveitar a um adversario habil e necessitado; uma expedição tocou na barra de Villa do Conde, aonde se cobrio de gloria; finalmente tudo se preparava para uma defeza corajosa e prolongada.

No meio destes preparativos o general Povoas approximando-se de Souto Redondo, o Conde de Villa Flor saío da Cidade do Porto ao seu encontro. No dia 7 de Agosto principiou um combate feliz com vantagens consideraveis para as armas da Rainha; porém brevemente um terror panico, originado no Batalhão de Caçadores n.º 12.º, levou o exercito a tal desordem, que seguio uma desastrosa debandada até o Porto, apezar dos exforços do Conde e da valentia de outros officiaes dignos, como foi o bravo Major Pacheco á frente de Infantaria n.º 10.º O Capitão Rebocho possuido de fraqueza tinha mandado tocar á retirada, espalhando a voz de que estavão cortados pela cavallaria; porém este seu arbitrio foi ultimamente punido em conselho de guerra com a perda das honras, e um degredo. Os constitucionaes tiverão nesta acção mais de 220 prisioneiros, 66 mortos, e 105 feridos; perderão um obuz, uma peça de calibre

seis com outras munições, além de muitas cavalgaduras mortas ou extraviadas.

O general Povoas parecendo duvidar da sua boa fortuna receou alguma embuscada com este imprevisto movimento do Exercito Liberal, no momento em que acabava de alcançar decididas vantagens; assim perseguio a retirada com muito tento e precate, fazendo alto no instante em que uma effectiva perseguição teria decidido a campanha. Pouco tempo depois havendo soffrido uma queda, e fatigado das intrigas invejosas dos contemporaneos, obteve a sua demissão acconselhando ao governo de Lisboa a necessidade de nomear um Chefe de uma graduação superior á dos outros generaes, que tinhão dividido o commando, para evitar os conhecidos inconvenientes, e reunir a direcção do exercito de observações sobre o Porto. Foi então nomeado o Visconde do Pêso da Regoa, bem conhecido pelo nome de Gaspar Teixeira, homem que tinha sabido engrandecer-se pela sua immoralidade e falta de caracter.

O Exercito de D. Pedro havia diminuido consideravelmente já pelo grande numero de bravos postos fóra do combate, como pela muita deserção dos soldados que forão prisioneiros na Ilha de S. Miguel; restava portanto uma força numerica apenas bastante para se restringir a defender uma parte da Cidade do Porto. Entretanto ousárão desde logo occupar uma extensa linha de defeza: por toda a parte se observava um punhado de bravos, uns levantando trincheiras, outros compondo baterias, aquelles empregados em fachinas, e estes sobre as armas; o guerreiro Duque de Bragança desenvolvia a maior actividade, já marcando os primeiros traços para a construção das obras, já expedindo as mais providentes e acertadas ordens. Por este modo as funestas perdas dos ataques antecedentes começavão a ser reparadas: já sobejavão os desejos de entrar na offensiva; alguns patriotas alistarão-se nos corpos do Exercito;

uma sortida pela estrada da Aguardente em 25 de Agosto mostrou ao inimigo a gente com que tinha a entender; as fortificações passageiras erão um quasi inutil reparo aos defensores que mais se fundavão nas gentilezas da sua coragem; em summa tudo se preparava a resistir ás numerosas forças inimigas, que diariamente ião crescendo e reforçando o apertado cerco do Porto, hoje devidamente galardoado com o nome de *Cidade Eterna*.

Chegou o dia 8 de Setembro quando o general Miguelista dirigio o primeiro ataque ao Convento da Serra do Pilar, de cuja eminente posição na margem esquerda do Douro convinha muito apoderar-se para adiantamento de futuras operações. O bravo Sá Nogueira sustentou o impulso de forças superiores no alto da Bandeira de Villa Nova, não largando o campo sem que as tropas se retirassem em ordem digna dos maiores louvores. A coragem deste official excede tudo quanto se possa dizer de estranhas gentilezas: nunca deixou de exercitar as funções do seu posto, e apezar de ter perdido o braço direito na acção, assignou com a mão esquerda as participações, e a ordem do dia agradecendo á tropa. No dia 9 o inimigo repetio o ataque ao mesmo ponto, e foi constantemente repellido com grande perda. A tempo que o Convento da Serra era defendido, as Linhas ao norte do Porto sustentavão um forte tiroteio visivelmente empenhado para divergir a attenção do ataque principal, e para evitar que D. Pedro enviasse reforços áquelle ponto. No dia 10 por terceira vez reiterarão o ataque ao Pilar, mas tiverão de retroceder rechassados com horrorosa mortandade, e ainda mais, cobertos de vergonha e terror. O Exercito Libertador contou na defeza destes tres dias 18 mortos, e 77 feridos.

O famoso Bernardo de Sá Nogueira desde o principio das operações, tinha apontado a serra do Pillar como a mais importante das posições, que interessava occupar para cobrir a Cidade e

grande parte das Linhas de defensa. O general Francez Soult abandonando este ponto interessante em 1809 teve de evacuar a Cidade; recentemente Santa Martha e Povoas acabavão de commetter o mesmo erro, e agora o empenho que o inimigo mostrára na pertinacia de tres ataques successivos fez conhecer quanto relevava segurar aquella vantajosa posição. Então D. Pedro exforçou-se em a guarnecer de fortificações e tropas escolhidas, nomeando para Governador o Coronel Torres, sujeito bem conhecido pela sua valentia. Já um bombardeamento havia começado sobre a Cidade, quando no dia 16 de Setembro o Duque de Bragança visitando as linhas de defeza, como tinha por costume, resolveo levar a effeito uma sortida determinada de antemão para destruir algumas baterias novamente construidas pelo inimigo. " Vamos a „ elles, exclama o Principe, e estas palavras encherão a todos de enthusiasmo!" A tropa marchou pelo sitio de Covello, e a tentativa foi feliz levando tudo diante de si; porém o inimigo não permittio que a retirada ficasse impune, tornando-se a acção quasi geral por toda a Linha. Alí se provarão façanhas de coragem e heroismo com a perda de 30 mortos, e 108 feridos da parte dos constitucionaes.

O atrevimento dos bravos do Porto batendo-se fóra das suas linhas assustou sobremaneira os adversarios, que já se afadigavão em dobrar as suas guardas e piquetes. Gaspar Teixeira cahio na imprudencia de mandar retirar a artilharia ligeira para uma posição mais distante: mas esta manobra, talvez dictada pela arte, excitou uma especie de revolução nos Voluntarios Realistas, suggerida pelos frades que os accompanhavão, a ponto de que, á voz de traição, o Commandante em chefe teve por acerto revogar a ordem. Assim continuava o espirito vertiginoso do exercito de D. Miguel a contaminar-se cada vez mais pela desconfiança no seu general, a cuja voz deveria prestar

uma obediencia cega: taes forão os serviços daquelles ecclesiasticos torpes e prostituidos, que o accompanharão sempre.

CAPITULO XV.

Ataque geral discutido — Proclamação de Gaspar Teixeira — Reflexões — Preparativos — Batalha de 29 de Setembro — Alguns promenores — Estado do Exercito Libertador — Gaspar Teixeira substituido — Bombardeamento do Pilar — Coragem dos defensores — Combate naval — D. Pedro chama os Portuenses ás armas — Critica situação do Porto — Horrivel bombardeamento sobre a Cidade — D. Miguel chega a Braga — Planos do Conde de Barbacena — Sortida a Villa Nova de Gaya — Sortida das Antas — Sortida do Carvalhido — Incendio de S. Domingos — Escassez dos mantimentos — Desavenças dos Ministros de D. Pedro — Diligencias de Silva Carvalho — Sortida á margem esquerda do Douro — Barbaridade Ingleza — Pertinacia de Mozinho da Silveira — Censura da Legislação deste ministro — Necrologia do Conde de Subserra.

A ordem de um ataque geral contra as linhas do Porto havia muito tempo que fôra resolvida pelo gabinete de Lisboa; com tudo não era desconhecida ainda mesmo dos mais abjectos sequazes da usurpação, instruidos das operações guerreiras pelos frades, que vociferavão do pulpito uma proxima victoria em dia de S. Miguel. Affirma-se que os generaes Miguelistas tratarão daquelle assumpto em um conselho de guerra. Gaspar Teixeira representou com muita vehemencia o inconveniente das operações activas, as fortes posições do Porto, e o estado desmoralisado do seu proprio exercito; ponderou o effeito desanimador que resultaria da perda de uma batalha, e o embaraço de milhares de paizanos ligados ao exercito

com a esperança de saquearem a rica cidade do Porto. O brigadeiro José Cardoso refutou as cautelosas proposições do general em chefe, e votou com calor que se cumprissem as ordens vindas de Lisboa; por este modo ficou determinado que a cidade fosse atacada no dia 29 de Setembro.

Mas como é possivel conciliar os precatados conselhos de Gaspar Teixeira com a lingoagem feroz, que mandava exculpir em uma Proclamação, convidando os seus soldados a exterminar até o ultimo habitante da cidade do Porto?... Não forão estes ameaços violentos, que augmentarão milhares de bayonetas á causa da Rainha?... Muitos Realistas que tinhão ficado impossibilitados no momento da retirada, muitas pessoas neutraes que recusavão ter parte no conflicto, fechadas agora no Porto e considerando-se incluidas no assassinio geral ao ler aquella fatal Proclamação, pegárão em armas em defeza propria e das suas familias. Houverão homens que no quartel argumentavão pelos direitos de D. Miguel, e no campo baterão-se desesperadamente a favor da causa da Rainha. Se os generaes de D. Miguel cercando o Porto com o seu numeroso exercito não atirassem jámais um tiro de bala, se tratassem com bondade, (ainda mesmo ficticia,) as pessoas retiradas da cidade, promettendo auxilios a outros que se apresentassem, se solemnemente protestassem que ninguem seria perseguido por motivos de opiniões politicas, se uma Proclamação repetidas vezes publicada promettesse ampla amnistia a todo aquelle que fechasse as suas portas no momento do ataque, o Porto certamente teria cahido em inacção e abatimento. Mas aquelle espirito diabolico, que tinha soprado aos ouvidos dos sequazes de D. Miguel as mortes, os roubos, os estragos, e as perseguições, felizmente nunca os desamparou até o ultimo suspiro do seu deploravel imperio.

Em a noite antecedente ao memoravel dia 29 de Setembro de 1832 as avançadas do Exercito

do Porto tinhão escutado o estrondo, que o inimigo fazia derrubando muros e aplanando caminhos para facilidade do transito da tropa e artilharia: esta circumstancia devia augmentar a quasi certeza, já alcançada de antemão, de que o Exercito Liberal estava proximo ao conflicto. Muito se deveria então applaudir o Duque de Bragança se ao Porto já houvesse regressado a expedição do Batalhão de Caçadores n.º 12, mandado á Figueira, onde não desembarcou; e por certo que a sua falta poderia ser mui perniciosa, e talvez fatal naquelle momento. Não obstante estas prevenções, as tropas estrangeiras ao serviço de D. Pedro forão surprehendidas completamente pelas 7 horas da manhã do dia 29. A posição arriscada, e uma nevoa espessa, facilitárão ao inimigo esta primeira vantagem, que foi necessario disputar á ponta de bayoneta, depois que o Batalhão de Caçadores n.º 5 veio em auxilio bater-se um contra dez.

As forças de D. Miguel commandadas por Gaspar Teixeira, e divididas em duas columnas de 5 mil homens cada uma, atacárão a linha do Porto desde a quinta da China até o Carvalhido. O flanco esquerdo do inimigo, carregando com muito vigor sobre a direita da Linha, conseguio penetrar até dentro das ruas da Cidade; porém um engano feliz fez sustar a avançada desta columna, que se empenhou n'um vivissimo tiroteio com o Regimento novo do mesmo exercito de D. Miguel, chegado neste momento sobre o seu flanco esquerdo. Dera causa a este engano a falta de conhecimento dos novos uniformes, em tudo quasi semelhantes aos corpos Francezes. Com esta demora duas companhias do Regimento 6, chegando a reforçar aquelle ponto, fizerão desanimar os soldados Miguelistas, que já se occupavão no saque. No mesmo momento o corpo de Guias a cavallo commandado por J. Nepomuceno, atacando com denodo as avançadas inimigas, foi devidamente apoiado por muitos soldados dos Batalhões

fixos da Cidade, e neste conflicto cahio morto um capitão Miguelista, que tinha podido collocar a artilharia já dentro das linhas. Os conductores impelidos pela desordenada fuga das avançadas abandonárão as peças, e forão communicar o terror e desordem a toda a columna, que avançava a passo de carga.

Em quanto a columna esquerda do inimigo era de tal sorte derrotada, a sua direita não mostrou menos audacia em frente do Carvalhido, empenhando-se em tomar o monte de *Paranhos*, posição de que tres vezes se apossou, e outras tantas foi desalojada. Cançado finalmente o inimigo de perder gente desistio vergonhosamente, retirando-se em perfeita desordem com perda de quasi 5 mil homens, duas peças de artilharia, um obuz, e alguns prisioneiros. Os constitucionaes contárão perto de 200 mortos, e 630 feridos: tiverão 5 cavallos mortos do corpo de Guias, e outras perdas insignificantes.

Entretanto o estado do Exercito Libertador apresentava um aspecto bem melancholico: os soldados tinhão minguado, os Officiaes Portuguezes e estrangeiros da maior efficacia gemião nos hospitaes, os reforços promettidos em vão erão esperados, as granadas chovião sobre a cidade de dia e noite, os mantimentos obtidos pela barra podião escacear já pela superioridade da esquadra inimiga, já com os proximos verdores do inverno; finalmente triste era a lembrança de que o inimigo supria facilmente as suas perdas com os enormes recursos de que dispunha. A despeito de tantas contrariedades, quem (á semelhança de Cortez,) se desfizera daquelles navios que transportárão os bravos ás praias do Mindello, não podia desanimar.

Depois da batalha do dia 29 de Setembro Gaspar Teixeira recebeo ordem de D. Miguel para deixar o commando do exercito, ficando substituido pelo Visconde de Santa Martha, que ja vimos

manobrar nas primeiras operações desta campanha. Os despachos terminantes da Côrte de Lisboa, e o erro indesculpavel de não ter occupado, quando devia, a serra do Pilar, determinarão o novo general a atacar com vigor esta posição importantissima. Trinta e tres horas de bombardeamento tinhão aberto uma brecha consideravel, e de custosa reparação, quando no dia 14 de Outubro pelas 3 horas da tarde uma nuvem de granadas cahindo repentinamente no recinto das linhas de defeza, a força Miguelista superior a sete mil homens, dividida em tres columnas, arrojou-se impetuosamente com um exforço formidavel sobre o Convento da Serra. A este tempo o governador Torres exclama: "Soldados, ás trincheiras." Tão depressa foi dize-lo, como ver a todos nos seus postos fulminando metralha, granadas de mão, e fuzilaria, com tal arte que a audacia inimiga ficou rebatida de confusão, e horrorosa mortandade. Quantas vezes repetirão os seus desesperados ataques, outras tantas encontrárão a morte jazendo, por sua teima, nas muralhas, na brecha, e no campo. A coragem e o valor dos defensores da Serra, pouco imitavel, tanto mais realça, quanto por esta vez é de justiça confessar, que as tropas inimigas se mostrárão dignas de admiração pelos seus aturados exforços e bravura. Os constitucionaes contárão mais de 50 entre mortos e feridos; mas a perda dos contrarios póde estimar-se acima de 600, entrando neste numero muitos Officiaes, e entre elles o coronel Francisco Peixoto morto á frente do seu Regimento.

Por este tempo o governo de Lisboa, dispertando do lethargo em que o havia posto a perda dos seus melhores navios, como já deixamos referido, acabava de fazer todos os exforços para armar em guerra os vasos desmantelados que o Almirante Francez não quizera levar do Tejo no dia 11 de Julho. Nestes termos a esquadra de D. Miguel sahindo de Lisboa commandada por João

Felis de Campos veio içar bandeira inimiga perto da barra do Porto; mas de repente teve de metter-se ao mar acoçada pelas fragatas de Sartorius. No dia 11 de Outubro de 1832, depois de um combate naval perto de Vigo, a esquadra Miguelista superior em numero e calibre fugio para o Tejo.

O Duque de Bragança sempre activo, sempre animador, chamava os Portuenses a engrossar as fileiras da Cidade Eterna; mas não obstante o grande numero de Cidadãos que corrião ás armas, e alguns reforços estrangeiros assoldadados, o Exercito Libertador pouco mais contava do numero de bayonetas quando desembarcou nas praias do Mindêllo. Os desertores de parte a parte corriam parelhas, sendo para notar que jámais um Official Portuguez do exercito de D. Pedro se cobríra desta infamia. Não deve causar admiração que um soldado fugisse do Porto, obrigado da fome, de trabalhos penosos e aturados; mas que de um exercito poderoso, e acostumado ao roubo, houvessem deserções para uma cidade sentenciada á destruição, é um acontecimento quasi maravilhoso de que custa a dar explicação. O augmento dos reforços, a entrada de munições de guerra, as provisões de boca, que desembarcavão de tempos a tempos, apuravão sobre maneira os escassos recursos do Thesouro, apertando de dia em dia a critica situação do Governo; mas custa a entender como este deixava passar para o campo inimigo os generos de consumo que, sendo exportados e não se importando, subírão a preços exorbitantes, chegando brevemente todos os habitantes a soffrer privações excessivas na proporção dos seus teres. Tarde fôra suspenso um abuso tão escandaloso contra todas as regras da boa Policia em uma cidade collocada em apertadissimo cerco: abuso que alguem já atribuíra ás combinações da tremenda classe dos Agiotas.

O inimigo mal succedido nas suas emprezas

vingava-se em lançar de dia e noite sobre o Porto milhares de bombas e granadas, levantando novas baterias com tal arte, que o fogo cruzando em todas as direcções, poucos edificios escapavão de serem passados pelas balas, esmagados com o peso destas, ou incendiados pelo lume abrasador, que se repetia a todos os instantes. Nenhum asylo era respeitado: o Paço, os Hospitaes, os Templos, tudo era combatido pela furia dos sitiantes! Os sitiados estavão quasi sempre sobre as armas: houve dia em que mais de cinco vezes corrêrão a postos, e a sua habitação ordinaria veio a ser nas baterias, onde passavão a maior parte da noite encostados ás trincheiras.

A estação do inverno approximava-se, e por consequencia novos e multiplicados sacrificios havião de ser supportados pelos bravos do Porto. D. Miguel instado de rogativas acabava de chegar á cidade de Braga acompanhado das Infantas, e rodeado de um grande trem. Ainda não se havia mostrado ás suas tropas, quando fez publicar uma amnistia de offensas politicas, applicavel até á graduação de Capitão inclusive, persuadindo-se que desta arte havia de ser acreditado pelo exercito do Duque de Bragança; porém os seus clamores no meio daquellas turmas forão bem semelhantes á voz, que se perde em um deserto. O seu Ministro da Guerra Conde de Barbacena, vendo que todos os exforços sobre o Convento da Serra tinhão sido frustrados, activou os ataques de bombardeamento sobre o Porto, e fez edificar reductos e linhas de circumvallação em roda desta Cidade para cortar os recursos, e as communicações de que pendia a sua precaria existencia. Uma barra difficil e intrincada defendida pelo Castello da Foz, e alguns passos de terreno sobre a costa, onde chovião de dia e noite montes de ballas, bombas e granadas, foi a unica saída que restou á famosa Cidade do Porto para communicar com o resto do mundo.

Nesta situação desesperada pareceo conveniente a quem dispunha dos destinos do Exercito Libertador, que alguma cousa se deveria tentar para conter o inimigo em maior respeito, ou pelo menos embargar o progresso dos seus formidaveis preparativos; portanto foi decidido que se fizesse uma sortida a Villa Nova de Gaya. No dia 14 de Novembro uma força commandada por Schwalbach, atravessando o Douro, surprehendeo as avançadas inimigas, tomou muitos prisioneiros, e levou tudo diante de si. Mas não obstante estas primeiras vantagens, e a co-operação da Serra do Pilar enviada pelo governador Torres, o inimigo talvez avisado de antemão havia retirado todas as suas provisões, e os atacantes recolhêrão ao Porto depois de um conflicto quasi inutil com 104 homens fóra do combate. No dia 17 do mesmo mez outra sortida teve logar em frente das Antas para imprimir respeito, destruir as baterias inimigas, e queimar os seus acampamentos; porém ainda que tentada com muita coragem e talento, igualmente bem executada, e o exercito contrario perdêsse alguma gente, sempre os valentes do Porto tiverão a lamentar 40 mortos, e mais de 150 feridos.

A páixão por estas tentativas parecia agora dominar os generaes do Exercito Libertador, que novamente resolvêrão levar outra sortida pelo Carvalhido no dia 28 do mesmo mez de Novembro. A tropa conduzida em um excellente estylo militar chegou sobre o terreno inimigo, destruío as suas baterias, queimou os acampamentos, e capturou grande numero de munições de guerra, e bagagens de toda a qualidade; porém estas utilidades não podérão resgatar a perda dos bravos, que fôrão opprimidos por numerosas forças quando retirárão para as Linhas, deixando em compensação 84 mortos, 60 prisioneiros, além de 144 feridos que entrárão nos Hospitaes.

Os generaes de D. Miguel magoados com o successo deste dia ordenárão um forte bombardea-

mento sobre a cidade: o Convento de S. Domingos desatou em chammas, não obstante os exforços do povo que accudio ao incendio no meio das bombas e granadas do inimigo; alguns vasos de guerra de D. Pedro tiverão de saír do rio acabrunhados pelas baterias contrarias, e a mesma bandeira Ingleza foi insultada impunemente por effeito da tortuosa politica do Ministerio Britanico que, escudado na sua impenetravel neutralidade, havia reconhecido na barra do Porto um bloqueio, intimado por embaixadores de um governo que elle recusava receber. Os Hospitaes estavão cheios de muitos feridos, e os doentes carecião de tudo o que era necessario para o seu curativo; o temivel inverno era chegado, e com elle a terrivel escassez do mantimento, que já não apparecia pelo mais subido preço; a pobreza, as molestias, crescendo a par do descontentamento, sopravão a discordia entre o povo, e o Thesouro exhausto apresentava aos governantes a maior difficuldade que se póde imaginar na arte de reger os povos.

Por este tempo o Ministerio de D. Pedro, luctando em desavenças sobre os futuros e temerosos destinos dos negocios, soffreu algumas substituições. Aquelles que se encarregárão de desenvolver as difficuldades publicas adoptárão uma energia pouco escrupulosa, a unica e legitima em taes momentos, para levantar a causa dos Constitucionaes do abysmo da perdição. O Ministro José da Silva Carvalho distinguio-se nesta penosa tarefa, começando por não mostrar misericordia á criminosa cobiça dos possuidores dos viveres, acostumados a occultar os generos para lhes augmentarem o preço: averiguou pelas rigorosas buscas que existia na cidade arroz e assucar para o consumo de um anno; as casas dos Miguelistas fugitivos apresentárão grandes valores, que forão confiscados, e os negociantes e capitalistas Nacionaes forão obrigados a adiantar sommas taxadas segundo o calculo da fazenda que possuião. Desta arte se

sustentão os imperios, e são estas as verdadeiras garantias, que protegem o Cidadão no momento do perigo.

No dia 17 de Dezembro teve logar uma nova sortida á margem esquerda do Douro defronte de Maçarellos. Parece que esta empreza não fôra dirigida com aquella prudencia que a cautella exigia em um ponto, onde o inimigo podia brevemente juntar mais de quatro mil homens. Emquanto se estavão embarcando pipas de vinho, que fôra o objecto principal da expedição, a tropa não occupou o terreno que lhe era favoravel; avançou com muita irregularidade, tratou de queimar o edificio, e metteu a saque cousas de nenhum valor. Então o inimigo carregando com forças mui superiores pôz em fuga os soldados, que já não podérão sustentar o ataque a despeito dos exforços dos Officiaes, e muitos querendo embarcar não tiverão barcos sufficientes, lançando-se ao rio para passarem a nado. Alguns que tiverão a felicidade de tocar em navios mercantes forão salvos; porem aquelles, a quem o seu fado levára de bordo ás embarcações de guerra Inglezas, descerão ao fundo das agoas pegados ás amarras cortadas por ordem da barbara neutralidade Britanica!... Estimou-se a perda em 16 mortos, e 50 feridos, entrando neste numero alguns Officiaes de merecimento.

A' pertinacia e desvairado saber de Mosinho da Silveira são attribuidos os sacrificios dos bravos, que agora se perdião querendo remediar os funestissimos erros deste Ministro. Quando no principio das operações se tratou em conselho de retirar dos armazães de Villa Nova de Gaya as immensas pipas de vinho, que alí estavão, Mosinho teimou constantemente que isso seria um ataque feito á propriedade!... como se este principio podesse valer no estado de guerra, e não se devesse esperar dos inimigos maximas muito differentes, que infelizmente mais tarde pozerão em pratica. Por todo o tempo da celebre Dictadura Legisla-

tiva, que precedeu a Abertura das Côrtes de 1834, as mimosas applicações deste estadista, que alguem já qualificou de visionario, forão a troca das Leis Patrias pelas estrangeiras com o duplicado intuito de felicitar a Nação, e atraír pela extincção de certos privilegios o vulgo Portuguez, especialmente aquelle que combatia do lado da usurpação. Entretanto a experiencia logo mostrou que, a despeito de tantas graças, os ingratos apertavão o cerco da Cidade Eterna, e mais tarde a Nação libertada do jugo usurpador veio a sentir os funestos effeitos de uma Legislação incongruente, calculada para outros tempos e differentes circumstancias. A posteridade bem instruida, e talvez desapaixonada, tributará os merecidos encomios a este *pseudo* Legislador.

Terminaremos no presente capitulo os principaes accontecimentos de 1832 com uma brevissima Necrologia do Conde de Subserra Manoel Ignacio Martins Pamplona. Nascido nos Açores veio a Portugal servir com distincção no Exercito, donde passou para a França por occasião dos desastrosos accontecimentos de 1807. Mais tarde accompanhou o exercito de Massena, que invadio Portugal em 1810, e por isso teve sentença capital por esta infame traição. Os successos de 1820 abrirão o seio da Patria a este filho ingrato, que passado pouco tempo não hesitou em cravar o punhal em quem lhe dera o ser recebendo em recompensa Honras, Empregos, e Fazenda. Os puritanos do dia 30 de Abril de 1824 arremettêrão contra elle, mas só o podérão alcançar quando em 1828 entrou na Torre de S. Julião com a Condeça D. Izabel de Roxas. Removido depois para o Forte da Graça d'Elvas faleceo em 16 de Outubro de 1832, e foi sepultado na Igreja de Alcaçova. Quando ao povo desta turbulenta cidade constára a sua morte, um indisivel contentamento se patenteou, mandando ao ar muitos foguetes. Fiquem por tanto registradas para lembrança dos presentes e docu-

mento da posteridade as exequias deste illustre *catavento*, applaudidas pela immoralidade de um vulgo barbaro.

CAPITULO XVI.

Anno de 1833 — Popularidade do Duque de Bragança — O Coronel Inglez Bacon — Augmento do Exercito Libertador—Fome, e cholera-morbus—Deserções—O Marechal Solignac chega ao Porto—Impressões a seu respeito—Planos deste general—Ataque de Monte de Crasto —Augmenta a escassez dos mantimentos—Perfido bombardeamento—Fortificações dos Miguelistas respeitaveis — Falta de munições no Porto — O Conde de S. Lourenço succede a S. Martha—Saldanha chega ao Porto—Serviços na esquerda da Linha—Odios mal apagados—Defeza do Pastelleiro—Difficil entrada da barra—Defeza das Antas—Tomada e defeza do Covello.

O anno de 1833 veio achar o Porto ainda luctando no meio de desgraças, difficuldades, e intrigas, que desaparecendo no momento em que o inimigo ameaçava, renascião com mais vigor quando aos combates se seguia um descanço apparente. Algumas noticias que então tiverão curso no Exercito Libertador acrescentárão a D. Pedro uma popularidade, que alguns dos seus contrarios até alí lhe havião negado. Dizia-se que o Marquez de Palmella negociando em Londres tivera proposições para uma intervenção estrangeira, sob condição de que tanto D. Pedro como D. Miguel sahirião de Portugal. Mas tão depressa esta idêa foi promulgada, ou fosse com fundamento ou por um tacto fino de politica, é certo que o ciume da interferencia estrangeira, e o orgulho Nacional vulnerado, engrandecerão o Duque de Bragança mais do que podéra fazer o seu heroico e exemplar procedimento, sacrificando de dia e noite os seus commodos, saude, e existencia.

Algumas providencias se havião dado para organisar uma força de Cavallaria, cuja falta era sentida desde o começo da campanha: o coronel Inglez Bacon chamado ao serviço do Porto era especialmente encarregado de instruir a Arma de Lanceiros, que mui temivel veio a ser ao exercito de D. Miguel atterrado com a nova fórma de peleja, desconhecida em Portugal até este tempo. No dia 8 de Janeiro travou-se um combate por occasião do desembarque de alguns cavallos inglezes, e francezes, completado debaixo de grandes difficuldades, e apoiado em um bombardeamento, que Sartorius fez ás baterias do inimigo que incommodavão a Foz.

O Ministro da Guerra trabalhando com muito affinco no recrutamento do Exercito nomeou uma commissão para superintender no alistamento daquelles individuos, que havião escapado de serem incluidos nos Batalhões da Cidade. Por este modo o Exercito Libertador chegou a ser mais numeroso, não sómente pela força dos corpos de Voluntarios, como pela organisação dos Regimentos estrangeiros, que rivalisavão em bravura; por quanto se os primeiros combatião pela sua propria vida e fazenda, os segundos, aventureiros por costume, dedicavão-se a uma causa, de cujo vencimento pendia o seu augmento e interesses. Quem assistia ás amiudadas revistas daquelle Exercito inimitavel em bravura e aceio não podia dizer que erão os mesmos homens, que estavão passando tantas privações no meio de um cerco tenaz e vigilante, atacados de uma fome espantosa, e do terrivel flagello da *Cholera morbus*, que então grassava. Estes males todos os dias a tal ponto progredião, que o Duque de Bragança permittio aos habitantes da Cidade Eterna a faculdade de poderem saír: uma porção consideravel dos prisioneiros forão despedidos, e outros entrarão voluntariamente nas fileiras do Exercito Libertador. A deserção era quasi geral em todos os corpos, especialmente dos incau-

tos Ilhéos confiados nas promessas de D. Miguel, que lhes offerecia mandal-os para a sua Patria; sendo cousa de difficil credito, mas averiguada por testemunhas presenciaes, que os desertores erão em numero maior quando algumas vantagens se conseguião sobre o inimigo, e pelo contrario nem um só soldado se escapava nos momentos criticos.

As novas combinações da intriga tendentes, como alguem affirma, a offuscar os merecimentos dos Generaes Portuguezes por mera satisfação dos odios particulares, tinhão convidado ao commando do Exercito Libertador o Barão de Solignac, general Francez que tinha servido com distincção debaixo do Imperador Napoleão. O honrado Militar chegou por este tempo á Cidade do Porto, onde acceitou o commando que produzío, é verdade, algumas consolações e estimulos nos habitantes sinceros; mas outros assentarão logo, que a vinda do General era tão impolitica, como anti-Nacional. Ouçamos a este respeito o juizo de um Official distincto do Exercito Libertador: "Confesso que não vi com indifferença o então passar a ser commandado por um Estrangeiro. Como Portuguez, eu não posso deixar de dizer o que então e ainda hoje sinto: a nobre causa por que luctavamos era toda nossa; era a da restauração do Throno Constitucional usurpado á nossa Joven e Innocente Rainha a Senhora D. Maria II; era em summa a da nossa Liberdade Nacional; logo para que chamar um Estrangeiro para então lhe dar-mos o commando em chefe do Exercito Libertador? Um Estrangeiro teria elle mais a peito a consolidação da justa causa que nós tão denodadamente defendiamos? Estou que nem mesmo quem ignorar o caracter do Povo Portuguez, dirá que sim."

Como quer que seja, o Marechal Solignac logo que concebera os promenores do exercito debaixo do seu commando, ordenou algumas alterações preparando-se para dar um golpe de mão sobre as li-

nhas do inimigo, que cada vez mais ameaçavão o desembarque da Foz, ponto essencial e agora da maior importancia para a defeza do Porto. O Monte de Crasto, posição situada na extrema direita da circumvallação inimiga, dominava completamente todos os movimentos do desembarque; foi portanto a este Forte que se dirigírão as tenções do General. O seu plano era por ventura atacal-o de frente, emquanto uma columna devia avançar pela estrada de Lordello para tomar o inimigo pelo flanco e retaguarda. O assalto do Castello do Queijo á beira mar seguir-se-hia sob a cooperação da Esquadra de Sartorius, que deveria cruzar o fogo da sua artilharia.

No dia 24 de Janeiro a tropa achando-se disposta ás horas determinadas, observou-se a Esquadra afastada muito a sul com a força do vento norte. Então o General impacientado da demora avançou com bravura, tomando logo a posição apesar da resistencia das forças inimigas; mas como principiasse a escurecer, e a columna destinada a flanquear não apparecesse, Solignac achou-se em uma situação arriscada por causa dos Batalhões Miguelistas que crescião a todo o momento. Mais tarde o Major Rangel partindo a fazer um reconhecimento sobre o castello do Queijo, que reputava talvez evacuado em razão do fogo dos navios de guerra, foi recebido com um vivissimo tiroteio, e teve de retirar com indizivel trabalho cortado pelas columnas inimigas. Pelas 8 horas da noite Solignac, de seu motu proprio ou por conselhos d'outrem, abandonou o Monte de Crasto, retirando-se com a tropa para os quarteis da Cidade. Nesta acção assaz renhida o Exercito Libertador teve a lamentar a perda de 60 mortos, 225 feridos, além de alguns prisioneiros.

Alguem affirma que o Marechal Francez, informado de que a columna destinada a operar de flanco fizera alto por ordem especial de D. Pedro, partíra ao Paço expressando a sua paixão

em linguagem franca, e talvez descomedida, acrescentando que não lhe cabia toda a responsabilidade quando o commando era dividido. Apezar das seguranças e promettimentos de que ninguem para o futuro se intrometteria nos seus planos, é certo que logo ahi depôzera as esperanças de entrar pelo paiz sem reforços consideraveis, e brevemente conheceo ter perdido a confiança e amisade de D. Pedro.

Os mantimentos mais vulgares escasseavão todos os dias, e mesmo por alto preço erão custosos de encontrar; as familias abastadas, ainda que providentes desde o principio do cerco, achavão-se reduzidas ás mesquinhas rações de bacalhão e do arroz com assucar; alguma carne que apparecia era de terrivel qualidade; os animaes de toda a especie fazião as mimosas iguarias de alguns soldados Belgas e Francezes; o pão era quasi sempre vendido por exorbitantes preços e debaixo do mais escandaloso monopolio; em summa, o vinho da melhor qualidade, abundante por todo o tempo do sitio, poude contrabalançar tão excessivas miserias, e porventura impedio os symptomas mais graves da Cholera morbus. O bombardeamento sobre a Cidade era dirigido com systema de maldade naquellas horas em que maior mal podesse causar; o Palacio de D. Pedro foi o alvo continuado dos seus tiros; muita gente inerme, como crianças e mulheres, forão esmagadas nos edificios ou espedaçadas nas ruas com a explosão das bombas e granadas; mas tal é a funesta tendencia do coração humano em se familiarisar com as desgraças e horrores, que a despeito de tão medonha e miserrima situação, os convites para jantares e assemblêas de noite nunca cessarão.

O inimigo dispondo de grandes recursos, e tendo á sua disposição milhares de laboriosos paisanos, trabalhou com incansavel actividade em fortificar as suas posições, com especialidade aquellas que mais se aproximarão á costa para impedir a entrada dos mantimentos; os seus reductos e obras

de campanha erão construidas com tal fortaleza e habilidade, que não bastaria todo o Exercito Libertador para as tomar. Por muito tempo não se atirou sobre os constructores daquellas fortes baterias, que podérão ultimal-as impunemente; mas esta perniciosa apathia póde ter explicação na falta quasi total de munições de guerra que então experimentavão os armazens do Porto, o que por ventura fez conceber o desastroso conselho de abandonar a Cidade!... Se o inimigo cahisse neste fatal segredo antes do fortuito e subsequente desembarque de munições, feito era da Cidade Eterna, e o Throno de Maria ficaria na posse do usurpador!...

Em quanto estas difficuldades e tamanhos extremos apertavão os habitantes da Cidade do Porto, o Conde de Barbacena ministro de D. Miguel em Braga punha todos os seus exforços para remediar as irregularidades e indisciplina de um exercito educado na rapina. O commandante em chefe Santa Martha foi repentinamente substituido pelo Conde de S. Lourenço.

Por este tempo desembarcou no Porto o general João Carlos de Saldanha. Fosse a necessidade dos seus talentos e bravura, ou fosse a opinião publica pronunciada em seu favor, é certo que alguns Conselheiros do Duque de Bragança, simulando descer de seus antigos odios, chamarão a este general privado da gloria de ter feito parte do Exercito Libertador nas praias do Mindêllo, e retirado na França onde era conhecido pelo neto do *Grande Carvalho*. Chegou portanto o ingrato amigo, (como lhe chama um nosso contemporaneo,) o bravo e intelligente general Saldanha á Cidade Eterna, onde era adorado dos habitantes e do Exercito. Depois de haver examinado as Linhas do Porto, conheceo a falta indisculpavel no abandono de Monte de Crasto, que se achava completamente fortificado pelo inimigo, e brevemente fez persuadir a alguns dos seus detractores de quanta utilidade podéra ser a sua vinda.

Logo que appareceu em campo tomou conta da defeza da Linha esquerda, que protegia a communicação da Cidade com a Foz. Os seus serviços naquella occasião, a sua actividade e constancia, nunca poderáõ ser bem apreciados, se attendermos a que com fraquissimos recursos habilmente se aproveitou das vantagens que o terreno lhe offerecia, obstou ao inimigo de cortar inteiramente as communicações com o mar, e organisou aquellas Linhas que em seguimento muito contribuírão para a salvação do Porto. Grande fôra na verdade a inexperiencia dos generaes de D. Miguel em não se terem aproveitado desde o principio da posição da Foz, e se não devemos attribuir esta falta ao respeito que elles deferião á tactica dos generaes do Porto, é certo que estes ultimos podem ser tachados de imprevidencia por não terem começado mais cedo o plano de operações, que ao depois adoptárão.

Com tudo não bastava a urgencia de tamanhos males, e a carencia de todas as cousas, ainda os odios mal apagados não cedião de seus enredos e caprichos naquelles criticos momentos, em que todas as paixões deverião retirar-se pela consideração de salvar a Patria. Ouçamos o nosso contemporaneo, cujo juizo devémos apreciar: "As odio-
,, sas intrigas nem mesmo na medonha presença do
,, horroroso espectaculo da fome, nem debaixo da
,, terrivel e mortifera chuva de balas, e bombas
,, deixarão de tramar o descredito do General Sal-
,, danha; contra o General houve um projecto hos-
,, til; qual fosse, ignoro, mas é sabido que en-
,, tão se fallou muito em Joaquim Antonio de Ma-
,, galhães, em José da Silva Carvalho, e outros.
,, Repito, ignoro tanto as intrigas como as causaes;
,, mas fossem estas quaes fossem, naquella época
,, todo o homem que se achava dentro do Porto,
,, e que não tinha por primeiro dever o salvar a
,, Patria, ou morrer por ella; que não tinha va-
,, lor para se bater no campo, mas que intrigava

„ na Cidade, devêra ser lançado ao Douro; pois
„ quem em taes apuros nutria ambições pessoaes,
„ era indigno de viver entre nós. O nosso unico
„ dever (então) era combater no campo os inimi-
„ gos, vencel-os, ou morrer livre."

Era chegado o momento em que Saldanha devia mostrar aos seus detractores se saberia defender as linhas do seu commando tão bem como as havia construido. No dia 3 de Março uma espia veio informar o Duque de Bragança que a posição de Saldanha deveria ser acomettida na madrugada do seguinte dia. Um cabo d'Esquadra do Regimento n.º 10.º desertando por esta occasião em presença dos piquetes que lhe atirarão, foi levar ao inimigo a informação de que não havia artilharia collocada nas posições da nova bateria. O general Saldanha prevenido por um Ajudante de Ordens tomou todas as precauções necessarias para o combate. Ao romper do dia 4 de Março o exercito inimigo, simulando um ataque na direita das Linhas, veio carregar com fortes columnas sobre a posição defendida por Saldanha, constando de tres pontos fortes, o Pastelleiro, o Pinhal, e a Luz, com intermedios occupados de varios Batalhões. Os adversarios embaídos de que as baterias não tinhão artilharia avançarão rapidamente, sendo-lhes permittido chegar muito de perto; porém logo recebêrão um triste desengano carregados pela metralha, e retrocedendo em grande confusão com uma carniceria desastrosa. Entre o Pastelleiro e o Pinhal houverão tres briosas tentativas: o inimigo foi repellido á bayoneta, e as suas columnas de reserva forão dispersas pelos terriveis foguetes de congreve. O campo ficou juncado de soldados inimigos, sendo a perda dos constitucionaes 36 mortos, e 136 feridos. Affirma-se que o Cabo d'esquadra desertor recebêra com a morte o premio da sua traição, por haver dado informações que os Miguelistas experimentarão inexactas.

O cerco tornava-se cada vez mais apertado,

e a entrada do Rio Douro cessou de ser praticavel ás embarcações d'alto bordo, porque o fogo das baterias inimigas levantadas ao sul e norte da barra impedia perfeitamente as proprias lanchas. O bravo Diocleciano Cabreira foi então encarregado do commando da Foz para dirigir os desembarques, que já não se podião effeituar senão á custa de combates. Apenas entrava a noite, o inimigo começava logo um aturado tiroteio acompanhado de fogo de artilharia sobre a barra, a que correspondião os defensores da Foz: por baixo deste mortifero cruzeiro passavão as lanchas carregadas por fretes ajustados a peso d'ouro, para trazerem os escassos generos á Cidade atacada pela peste e fome. Assim se passavão as horas proximas ao romper do dia, sem que a despeito de tão horriveis flagellos a coragem e constancia dos illustres defensores baqueasse na presença de tamanhas difficuldades.

No dia 24 de Março o general Miguelista Conde de S. Lourenço preparou um ataque simulado sobre a direita da Linha com o intuito de forçar a posição de Saldanha entre o Pinhal e a Luz; mas apenas este plano fôra percebido dos generaes de D. Pedro, as tropas estacionadas na direita tiverão ordem de ficar sobre as armas até á ultimação do negocio. Por este momento o inimigo marchando sobre o ponto das Antas que ha poucos dias começava a ser fortificado, levou-o repentinamente destruindo todas as obras de campanha. A este tempo a linha de communicação entre as baterias do Pinhal e da Luz principiou a ser cortada pelo inimigo, que pertendeo entrar na villa da Foz, chegando alguns soldados a penetrar nas casas; porem não sendo apoiados pelas reservas forão repellidos immediatamente, e carregados com uma sortida, que a poucos deixou a faculdade de se queixarem do abandono.

Quando desta arte o exercito Miguelista era repellido na esquerda, as forças estacionadas na

direita formárão duas columnas para retomarem a posição das Antas. Por bastante tempo houve terreno perdido e ganhado, batendo-se de parte a parte com igual bravura; o Batalhão Inglez cahio em confusão por um momento, mas a columna direita commandada por Schwalbach, e a esquerda pelo bravo Francisco Xavier Pereira, manobrarão com tal intelligencia e boa ordem que os inimigos tiverão de retirar até ás suas trincheiras. Nesta fuga tres esquadrões da cavallaria inimiga, ameaçando os perseguidores, cedêrão do campo com a rapida demonstração do Regimento de Lanceiros e do Corpo de Guias. Findou esta acção assaz renhida com uma grave perda do exercito de D. Miguel, contando os constitucionaes 48 mortos e mais de 200 feridos.

Os generaes de D. Miguel sabedores do extremo apuro, em que se achava a Cidade do Porto, esmeravão-se com todo o empenho em fechar um cerco, que já de per-si era sobejamente estreito. No sitio de Covello construírão uma bateria cruzando fogo sobre aquella parte da Cidade, que atégora tinha escapado ao mais severo bombardeamento, e por este modo ameaçavão uma destruição deploravel. Ao anoitecer do dia 9 de Abril a forte posição do Covello ficou em poder dos valentes soldados do Porto, que na mesma noite começarão a fortifical-a de accordo com os habitantes da Cidade, que lhes ministrarão soccorros e ligeiros materiaes. Esta sortida, além da sua reconhecida necessidade, fôra talvez das mais bem dirigidas no decurso desta sanguinolenta campanha: o ataque cogitado muitas vezes foi guardado com impenetravel segredo para alcançar de surpreza o inimigo, e a hora escolhida favoreceo sobremaneira, pela escuridão da noite, as obras de defeza para que fossem completas na seguinte madrugada, quanto no possivel coubessem.

O Conde de S. Lourenço conhecendo a grande vantagem, que lhe occasionava a perda daquella

famosa posição, determinou retomal-a ao amanhecer do dia immediato 10 de Abril, conduzindo ao combate mais de 5 mil homens; porém apezar da força numerica, e de um vigoroso combate, o inimigo teve de retirar deixando o campo juncado de cadaveres. O Coronel Pacheco distinguio-se nesta occasião, como em outras sempre fizera, á frente do bravo Regimento n.º 10.º: a posição fortificada ficou fazendo parte da Linha de defeza da Cidade Eterna, e a perda do Exercito Libertador nestes dias de gloria foi calculada em 46 mortos, e perto de 140 feridos.

CAPITULO XVII.

Triste situação do Porto—Soffrimentos do exercito Miguelista—Bateria de Gaya desfeita — Inutil bombardeamento sobre a Foz—Peça de João Paulo Cordeiro —Entrevistas de pacificação — Desintelligencias no Porto — Insubordinação do exercito Miguelista — Revista de D. Miguel — Fornecimento gratuito— Commissões sanguinarias nas Provincias — Requisições de Sartorius—Planos de Solignac — Chegada do Capitão Napier—Deliberações no Conselho d'Estado — Solignac parte para a França—Expedição preparada—Boa opinião dos Chefes —Embarque das tropas— O Duque da Terceira no Algarve— Progressos da Expedição Libertadora—Sublevação em Beja — Erros do Visconde de Mollelos—O Duque da Terceira marcha sobre Lisboa—Combate da Cova da Piedade — Desastre e morte de Telles Jordão —O Castello d'Almada — Conferencia do Duque de Cadaval — As tropas Miguelistas retirão de Lisboa—Insubordinação dos soldados—O Duque da Terceira entra em Lisboa—A miseria alcança os foragidos de Lisboa.

Reinava a miseria na Cidade do Porto escondida no peito de quem, por seus brios, ostentava semblante sereno a despeito de grandes magoas, e maiores padecimentos: a peste não poupava o combatente, o fraco, o inerme; o ferro

das bombas esmagava sem tento centenares de pessoas ; a consorte voltava do tiroteio das linhas com o intacto jantar, naquelle momento viuva enxugando as lagrimas; mais atraz o infante caminhava ufano com a barretina do pai... feliz ignorancia, ditosa compensação da puerilidade, que ainda não tocára na arvore da sciencia do bem e do mal!... Não bastava a escassez, a ruindade dos alimentos: o combustivel para o preparo mal se achavá; em summa, quem isto não vira, quem não o experimentára, julgue ao menos pelo triste quadro.

Mas se a mão inexoravel dos destinos pesava sobre a Cidade Eterna, o Exercito de D. Miguel não deixava de ser contaminado de molestias graves, causadas pelas fadigas excessivas, e naturalmente oriundas nos grandes troços de homens habitando em choupanas estreitas já pelas calmas do estio, como na estação invernosa. A morte ceifou muitas vidas deste numeroso exercito tanto nas fileiras como nos hospitaes, para que não vissem os futuros destinos dos seus baldados serviços, poupando-lhes a dor de um arrependimento tardio. Não obstante a abundancia dos viveres e provisões de boca, que gratuita e forçadamente corrião de todo o Reino para o cerco do Porto, quando algum desertor passava a esta Cidade era distinguido muito tempo depois entre as fileiras constitucionaes pelo seu rosto macilento e doentio.

Pelos principios de Abril a barra coberta dos fogos mortiferos da bateria de Gaya apenas concedia os mantimentos ás pessoas mais opulentas. Fortificada em um alto, e dominando todas as ruas da Cidade, expedia ao mesmo tempo um fogo destructivo sobre os malfadados habitantes, de quem fôra por muitos dias o terror. Então para obstar a estes males, peças de grosso calibre collocadas habilmente em differentes posições fizerão calar a temivel bateria, até que o inimigo se resolveo a abandonal-a. Os artilheiros de D. Miguel empenharão-se em variados exforços para inutilisar o Cas-

tello de S. João da Foz, onde commandava o bravo Coronel Fonseca protegendo com um fogo bem dirigido todas as difficeis operações do desembarque; mas a habilidade daquelles nunca poude ser bem entendida pela errada direcção, que derão ás suas bombas cahindo quasi sempre na visinhança do Castello. Admirados do pouco damno que não tinhão sabido causar, mudarão para alí a famosa peça, *João Paulo Cordeiro*; mas apesar de causarem com isto mais alguns prejuisos não colherão os proveitos que a sua imaginação escandecida lhes antolhára.

A peça de campanha que acabamos de mencionar, arma inutil e monstruosa, fôra dadiva de um celebre agiota valido de D. Miguel, como em testemunho da sua grande adhesão e fidelidade: tomou por esta razão o nome do doador, sendo a historia do seu trabalhoso transito para a margem esquerda do Douro, e o uso que alí tivera, mais um objecto de escarneo para os sitiados da Cidade do Porto.

Alguem affirma que por este tempo os commandantes da marinha Ingleza surta no Douro, cançados do conflicto que durava quasi um anno, facilitarão entrevistas pessoaes aos generaes dos dois exercitos, na esperança de que seria possivel encetar um arranjo amigavel, e pôr termo á desastrosa guerra civil; porém facil era de ver que nas circumstancias do momento, não querendo nenhuma das partes ceder do ponto essencial ao direito da Corôa Portugueza, todas estas communicações apenas servirião para serem mal interpretadas pelos subditos de dentro e fóra. As desintelligencias e animosidades contra Sartorius e Solignac crescião de muito tempo, em quanto o Coronel Bacon pela sua immoderada cobiça augmentava a crise de modo que todas estas considerações vierão imprimir tristes reflexões nos animos da gente de moderação, já cansada de guerra civil, e de um sitio tão dilatado.

Comtudo não era menor o descontentamento e desordem que reinava no exercito de D. Miguel: muitos soldados de Milicias desertavão para suas casas, os Voluntarios occupavão-se nos piquetes em vigiar que alguns da tropa de Linha não passassem para o Porto; a insubordinação era grande com especialidade no lado esquerdo do Douro; nenhum official ousava castigar, nem mesmo reprehender pelos roubos e desordens commettidas; o temivel nome de *Malhado* infligido impunemente pelo mais despresivel dos subditos era o premio do seu zêllo; a prevaricação dos Empregados levava a miseria nos hospitaes a um estado perfeitamente barbaro; o Nuncio Apostolico debalde concedia dispensas na abstinencia da carne, em vão lançava as suas bençãos a um exercito devoto, (segundo elle,) á causa do Throno e do Altar; o Ceo visivelmente abandonava os homens dissolutos, soltos nos vicios e demasias, estragados, licenciosos, e devassos. Em summa, tal era o indigesto cháos da administração Miguelista, que muitas testemunhas occulares referem casos tristes quando observarão soldados gravemente feridos serem levados no carro dos mortos para a sepultura! ... Nestas circumstancias uma revista de D. Miguel ao seu exercito foi aconselhada com muita urgencia pelos sequazes, como absolutamente necessaria para conservar em pé a machina do seu poder. Esperado por muito tempo depois que chegára á Cidade de Braga, e agora cansado dos seus jogos pueris, das suas mimosas equitações, chegou finalmente a dar mostra de si a um exercito que, como era de esperar, muito deveria animar com a sua presença. Os vivas e as vozerias dos soldados, em quanto D. Miguel corria em revista, fizerão tal estrondo e ressoárão a tão grande distancia, que alguem as comparou aos gritos vomitados do averno.

Entrava o mez do Junho de 1833 quando parecia que todos os recursos se havião exhaurido de parte a parte; entretanto D. Miguel apesar do

máo successo das suas tentativas em fazer succumbir um punhado de bravos, açoitados de quantos males a natureza tem para destruir os homens, possuia ainda grandes reforços e dispunha do Reino em peso. As classes privilegiadas abertamente compromettidas enviavão até o ultimo real, os magistrados despoticos extorquindo ao pobre e ao rico toda a sorte de mantimentos davão ao exercito um fornecimento gratuito, ninguem ousava mostrar o menor indicio de desaprovação, o clero embusteiro fanatisava o povo, as commissões mixtas estabelecidas nas capitaes das Provincias, com podêres mais que discricionarios, decidião por méro capricho da vida dos Cidadãos, e já não poucos exemplos de injustos assassinios havião provado manifestamente a sorte de qualquer tentativa em favor da causa da Rainha; em summa, a natureza do governo monarchico commandava em todo o seu vigor, o mais proprio para cohibir as revoluções, e os primeiros movimentos donde ellas nascem. (*)

Não era assim que podéra governar o Duque de Bragança, estreitado em um canto de Portugal, escorado na bravura e desesperação dos poucos que o seguião, e vivendo de sommas emprestadas com uma usura proporcional ao risco que o banqueiro prevía no bom ou máo exito da guerra. As difficuldades e os enredos tinhão chegado ao

---

(*) A commissão sanguinaria que mais se distinguio satisfazendo os desejos de quem a mandára constituir foi a de Vizeu, que fez espingardear pelo curso de 1832 a 1833 vinte e cinco infelises, entre os quaes alguns Hespanhoes e, o que mais he, um Monge de Cister :.. Encetou primeiramente a sua carreira levando ao cadafalso quatro Presbyteros, o que impressionou sobremaneira um povo acostumado a olhar esta classe immune do ultimo supplicio; procedimento este impolitico e contrario ás proprias opiniões da facção dominante.

seu auge: Sartorius requisitava os fundos necessarios para satisfazer aos seus turbulentissimos marinheiros, sem o que a indisciplina da Esquadra seria inevitavel; mas exigia-se delle que batesse e destruísse os vasos inimigos, ou mesmo os obrigasse a entrar em acção. Com as objecções do Almirante cresceo tanto a indignação que, segundo affirmão, um official do Estado Maior de D. Pedro teve ordem de o prender: Sartorius reteve o enviado com uma sentinella á vista, e recusou entregar o commando da Esquadra em quanto as dívidas dos marinheiros não fossem satisfeitas, e o outro commandante já convidado viesse rendel-o. O Marechal Solignac parecia resolvido a começar novas operações offensivas, concertando planos e dispondo os preliminares essenciaes para uma sortida, cujo resultado ainda que se antolhasse, segundo as probabilidades, em nada favoravel ao Exercito Libertador, com tudo era geralmente desejada por aquella ancia, que não sabe tolerar as precatadas demoras de um Fabio.

Quando a geral attenção tinha os olhos fitos nestas occurrencias, ou antes perturbações, o Barão de Quintella adiantando uma somma consideravel de dinheiro habilitou o Marquez de Palmella a apromptar alguns barcos de vapor com varios officiaes, e marinheiros Inglezes para o serviço da Rainha de Portugal. Chegarão portanto ao Porto estes famozos recursos, e o Capitão Napier para Almirante. Affirma-se, e é muito provavel, que no Concelho d'Estado forão as opiniões dos Membros tão divergentes sobre os planos futuros que alguem propôz adiar a deliberação até o dia seguinte, devendo cada um apparecer prevenido com a sua opinião por escripto. Parece que deste modo o Marechal Solignac offerecêra atacar as linhas inimigas em frente do Porto, ou commandar uma forte Expedição de 5 mil homens desembarcada nas visinhanças de Lisboa, que immediatamente deveria occupar; mas os votos contrarios decidírão

contra qualquer tentativa fóra das linhas, e tambem pela negativa de uma expedição relativamente tão numerosa, em cuja ausencia perigava a segurança do Porto. Então Solignac instou que outrem commandasse a Expedição, e elle se responsabilisava pela conservação da Cidade; mas nenhuma das suas proposições foi acceite, e o General pedio immediatamente a sua demissão. Poucos dias depois tentando atravessar a barra na sua partida para a França foi ferido em um braço, e poude finalmente passar deixando o serviço do Duque de Bragança, que não se descuidou de o tratar com todas as attenções devidas á sua pessoa. E' innegavel que os serviços de Solignac forão verdadeiramente uteis na defeza do Porto, e seria ingratidão esquecer que este General acceitára uma tarefa perigosa no momento em que a causa de D. Pedro se achava opprimida e acabrunhada.

Estava chegada a época interessante em que esta mesma causa devia resurgir dos perniciozos obstaculos por onde topára dilatados mezes sem apparencias provaveis de salvamento: fallava-se de uma expedição, e as opiniões divagavão ácerca das suas utilidades e conveniencia, o que certamente punha na incerteza as numerosas espias do inimigo, que não poderião avisar cousa segura sobre o seu verdadeiro destino. O Conde de Villa Flor, agora Duque da Terceira, fôra nomeado commandante geral da expedição, Palmella tambem condecorado Duque deveria accompanhar esta força como Lugar-Tenento de D. Pedro, e o Almirante Napier commandando a Esquadra os transportaria aonde fôra assentado, ou talvez no logar que a fortuna mostrasse conveniente. Famozos prestigios concebêrão os Portuenses por esta nova combinação de chefes: o Duque da Terceira tinha a confiança pública pelo seu reconhecido valor e constancia nos momentos do perigo; os officiaes do seu Estado Maior erão homens de talentos bem escolhidos; o Duque de Palmella go-

sava de muita opinião pela sua prudencia Diplomatica, e pelos serviços que acabava de prestar; o Almirante Napier era um excellente official de Marinha, que pelas suas maneiras francas e singelas atrahia os animos populares; finalmente restava só a idêa assustadora pela diminuição das tropas na guarnição da Cidade. Mas esta consideração brevemente se apagou quando reflectirão na disciplina dos Batalhões para melhor, que o general Saldanha ficava no Porto, e mais que tudo o grande Duque de Bragança, reassumindo o commando do Exercito, animava a todos com a sua preponderancia, exemplos, e actividade.

Debaixo de uma continuada chuva de balas principiou o embarque dessa memoranda Expedição, a quem havia de caber a gloria de abrir as portas de Lisboa. No dia 21 de Junho dêo á véla a Esquadra com vento prospero ao lado da costa, e passado o Cabo da Roca e do Espichel, dêo vista ao litoral do Algarve, aonde no dia 24 desembarcou a tropa na *Praya de Cacella* entre Tavira e Villa Real de S. Antonio. O inimigo atrevêo-se a disparar alguns tiros do Forte da Conceição; mas o fogo das embarcações o fez immediatamente calar. Já muitos habitantes de Villa Real corrião a reunir-se á Divisão Libertadora que apesar de ser noite, marchava na direcção de Tavira, quando ao romper do dia seguinte as avançadas topárão os inimigos no sitio do Almargem. A artilharia inimiga começou a disparar tiros a grande distancia, porém os Caçadores atravessando com denodo a ribeira que alli passava atacárão com tal valentia, que os adversarios fugírão cobardemente deixando duas peças volantes de campanha. No mesmo dia entrou a Divisão na Cidade de Tavira, quasi deserta pelo terror incutido, e naquella tarde acclamou-se solemnemente nos Paços da Camara o legitimo Governo da Rainha com assistencia das pessoas de distincção, que havião ficado na terra. Ao amanhecer do dia 26

marchava na direcção de Faro a Divisão terrestre em quanto sobre o flanco esquerdo a maritima sulcava o Oceano paralellamente: a povoação de Fuzeta, composta quasi toda de pescadores, veio ao encontro dando repetidos vivas á Liberdade. Os briosos habitantes da Villa d'Olhão, havendo-se antecipado em acclamar a Rainha e a Carta no momento em que ainda estavão cercados das forças inimigas, derão uma prova decisiva do seu zêlo e prestimo, esmerando-se no acolhimento que fizerão á Expedição Libertadora. Numerosos desertores das fileiras contrarias vierão apresentar-se ao Duque da Terceira na sua marcha sobre Faro, onde entrou no dia 27, quando o Visconde de Molellos havia desamparado esta Cidade, chamando a si os dinheiros publicos, e mandando inutilisar o trem de guerra por ordens ameaçadoras, que os operarios souberão illudir.

Nestas circumstancias a Divisão Libertadora sempre com os olhos na esquadra marchou de Faro a internar-se em um paiz cheio de gente rustica e fanatisada, que Mollelos havia organisado em *guerrilhas*, além de outros reforços recebidos que por certo o fazião muito superior ás tropas do Duque da Terceira, para que este se devesse aventurar a um combate tão desigual. Quando a Expedição laborava em tantos riscos e difficuldades, chegou a noticia de que a cidade de Beja se havia levantado pela causa da Rainha, movimento que o Duque desejou apoiar, ao mesmo tempo que lhe chegára a participação da victoria alcançada pelo Almirante Napier sobre a esquadra Miguelista. Collocando então as suas pequenas forças com muito acerto, chegou rapidamente a communicar com o Almirante sobre as futuras operações a seguir; mas quando se preparava a entrar no Alemtejo recebeo informação, que o Visconde de Molellos marchando sobre Beja, a pequena força que tinha alli proclamado a Rainha, incapaz de resistencia, succumbira no dia 9 de Ju-

lho, e agora o inimigo estava commettendo os horrores do costume.

Este descuido fatal para o general inimigo, descobrindo a estrada de Lisboa, habilitou as instrucções de Napier a ultimar o desejado fim da occupação da Capital do Reino. O Duque da Terceira resolvido a ganhar ou perder tudo, sem attenção ás precatadas considerações que deverião andar em um movimento tão atrevido e perigosissimo, propoz em Conselho a responsabilidade daquella empreza, e ao mesmo tempo o feliz resultado que só a audacia e rapidez podião prometter. Os commandantes corresponderão unanimemente ás suas esperanças, e preparárão-se a executar o movimento projectado. Partio por tanto a Expedição dos mil e quinhentos a marchas forçadas, esquecendo-se das privações e fadigas do momento logo que concebêra a direcção do seu destino; chega no dia 22 de Julho a Setubal, bate uma força Miguelista que ousára resistir-lhe, e apresenta-se no dia immediato de fronte de Almada.

Joaquim Telles Jordão monstro de abominavel memoria tinha passado ao lado esquerdo do Tejo á frente de 3 mil homens de Infantaria, e 3 esquadrões de Cavallaria com ordem de cooperar com o Visconde de Molellos, que já seguia as pisadas do Duque da Terceira. O dia 23 de Julho ia mostrar ao Mundo a pericia do general Telles Jordão, e o exito fatal da sua carreira coberta de opprobrios. Apenas chegára áquelle destino cheio de confuzão e remorsos, começou por concentrar a sua tropa no sitio da *Cova da Piedade* dominado por alturas, deixando ao mesmo tempo abandonada a entrada da Villa pela parte de S. Sebastião. Nesta conjunctura o Duque da Terceira tinha por forçosa necessidade aniquilar Jordão, e voltar immediatamente em defeza contra Molellos, se não fosse favorecido por alguma revolução popular em Lisboa. Começou o combate, e logo

no primeiro encontro mostrárão os inimigos pouca firmeza retirando-se de posição em posição ; mas foi conhecido que tencionavão aproveitar as vantagens do campo mais proximo ao Tejo, como se verificou quando a sua cavallaria carregou sobre os Caçadores commandados por Schwalbach. Entretanto com o auxilio dos outros Batalhões o inimigo perdeo toda a artilharia ligeira, retirando-se completamente rechassado e confundido para a margem do Rio. O Duque resolvido a não perder um momento avançou sobre Cacilhas, onde encontrou tropa de todas as armas condensada em montões e incapaz de resistencia; uns lançando-se ao rio perecêrão nas aguas, outros entregando-se ao vencedor forão salvos, cessando a perdição de tantas victimas com a morte do façanhudo Telles Jordão, que fôra reconhecido no meio da confusão por um official de Caçadores n. 2. Os constitucionaes tiverão 5 mortos e 12 feridos, contando de prisioneiros inimigos um numero excedente ao do seu proprio exercito. O Castello d'Almada entregando-se logo em seguimento, os habitantes de Lisboa virão tremular a bandeira bicolor da Rainha de Portugal, em quanto os soldados que podérão atravessar o Tejo, assombrados com o perigo, vierão manifestar o desastre de Cacilhas, elevando as tropas vencedoras a um numero triplicado.

No meio destes avisos tão sinistros aos fautores da usurpação, como gratos aos habitantes que anceavão por sacudir o pesado jugo da tyrannia, o Duque de Cadaval encarregado da gerencia dos negocios desde a partida de D. Miguel para o cerco do Porto, reunio um concelho militar no qual o Visconde do Peso da Regoa ponderando primeiramente a pouca confiança que havia na tropa existente em Lisboa, passou a mostrar que tomadas as fortificações da margem esquerda do Tejo, a esquadra de Napier entraria quasi sem obstaculo no dia seguinte a bombardear a Cidade, onde era muito provavel uma insurreição da parte do

povo; que o procedimento do Visconde de Molellos, já no Algarve como no Alemtejo, podia ter uma explicação de connivencia favoravel a Villa Flor, e comparando os perigos com os recursos concluio que se deveria, pelo menos, salvar o pessoal do exercito, sahindo da Capital antes de amanhecer. O commandante da Guarda Real da Policia tomado de susto veio noticiar, que este corpo contaminado de insubordinação havia dado provas do seu máo espirito; accrescentando que estava resolvido a partir com elle para obviar a uma insurreição certa, e não duvidou por este modo calumniar os soldados veteranos daquella guarda, que era considerada em Lisboa como os Janizaros em Constantinopla. A estes votos bem explicados assentirão todos os vogaes, e Cadaval ordenou então a prompta retirada de Lisboa. As tropas reunidas sob pretexto de revista, no Campo Grande, em força de 8 mil homens de todas as armas, marcharão na direcção de Coimbra largando Lisboa e o seu famoso Arsenal. Poucas horas de marcha erão passadas quando os soldados derão provas da sua fidelidade e insubordinação, murmurando de fugirem de um inimigo que não tinhão visto, e pedindo o retrogradar sobre Lisboa; porem esta excitação foi pacificada pela illusoria segurança de que D. Miguel os tinha chamado em seu soccorro. Chegando a Torres Vedras no segundo dia, a sublevação tomou um caracter mais serio; os gritos de *morrão os traidores* sahirão das fileiras contra os commandantes, que só a muito custo de persuasões poderão applacar esta tormenta perigosissima. Custa a crer como Militares, aliaz habeis, tenhão gabado estas e quejandas insubordinações do exercito de D. Miguel qualificando-as com o especioso nome de *fidelidade*, como se uma obediencia cega não fôra a unica fundamental virtude de um soldado, a quem mais presta morrer por este principio, do que vir ao poder do adversario com a honra que mal lhe cabe; mas

tal é a cegueira dos partidos, a violencia das paixões humanas, que os melhores entendimentos chegão a offuscar-se!

Apenas o Duque de Cadaval acabava de sahir, já a bandeira bicolor tremulava no Castello e Fortes de Lisboa ao som das salvas de artilharia. Os meios de transporte para atravessar o Tejo promptificárão-se com actividade antes que a Expedição Libertadora, embaraçada com os numerosos prisioneiros, fosse envolvida em outra acção pelas forças do Visconde de Molellos. Entrou por tanto na Capital do Reino o Duque da Terceira á frente de 1500 bravos no dia 24 de Julho de 1833, enchendo de pasmo aquella muita população, que veio ao seu encontro estupefacta, bem á semelhança do que acontecêra aos Portuenses, quando virão os 7500 nas praias do Mindello.

Era pois chegado o tempo designado pela Providencia para que largassem a Capital do Reino esses ferozes governadores e seu brutos adherentes, que presumindo muita segurança havião infestado a Nação de estragos, roubos, e assassinios. A insperada fuga não lhes déra azo para se proverem no momento daquellas commodidades, que por dilatados dias havião gozado no meio dos gemidos e pranto de tantas familias votadas á proscripção: lá se arrastão irosos, rangendo os dentes após do fugitivo soldado; a parcimonia no sustento é a primeira que se lhes offerece; os insectos immundos não tardão a penetrar pelas usadas roupas dos asquerosos leitos; os mortiferos insultos da Cholera-morbus alcanção-nos a cada momento; alguns perecem pelos caminhos, outros nas rusticas habitações; poude com tudo chegar a Coimbra esse monstro sanguinario, intitulado Conde de Basto, onde se finou arrenegando de Deus:

Discite justitiam moniti, et non temnere Divos.

CAPITULO XVIII.

Espias e o Major Palmeirim — Respostas á parcialidade dos sequazes de D. Miguel — Offerecimentos do Marechal Bourmont — Acção sobre as Linhas do Porto — O Combate naval nas alturas do Cabo de S. Vicente—Arguições ao governo de D. Miguel — Desculpas que se derão — Proposições de amnistia despresadas — Bourmont desembarca em Villa do Conde — Novos projectos e impressões — Crimes commettidos pelas guerrilhas — Horroroso assassinato em Extremoz—Desaprovação ficticia—Preparativos de Bourmont — Batalha de Julho — Alguns promenores — D. Miguel observando o combate— Chegada do Capitão Eliot — Reflexões — D. Pedro em Lisboa — Actividade desenvolvida na Capital — Deserção do exercito Miguelista — Marcha de Bourmont sobre Coimbra — D. Miguel entra nesta Cidade — O Duque de Cadaval — O governador de Peniche — Negociações sobre os vinhos de Villa Nova — Incendio dos armazães — Mr. d'Almer e a Marinha Ingleza— Sortida de Saldanha — Alguns promenores —

Uma authoridade livre de toda a suspeição assegura que um zeloso empregado do exercito de D. Miguel, pelas correspondencias que tinha na Cidade do Porto, avizára muito tempo antes que a expedição do dia 21 de Junho se dirigia á Capital: tambem affirma, como é sabido, que o Major Palmeirim official do estado maior de Gaspar Teixeira estava vendido a D. Pedro, e lhe dava parte de tudo quanto se passava; accrescenta que nenhuma duvida póde existir a este respeito, porque desertando ultimamente para Lisboa fôra recompensado *pelos seus bons serviços em frente do Porto.*

Admittindo boamente a veracidade desta exposição, que o author pertende lançar em desdouro do partido Liberal, tiramos daqui as seguintes illacções: 1.º Que as espias dos constitucionaes entretidas no exercito de D. Miguel erão, por

esta confissão, sobejamente compensadas pelas correspondencias identicas que sahião do Porto; 2.° Que se alguns officiaes de D. Miguel podérão ser corrompidos, porque não o fôrão tambem os de D. Pedro?... esta supposição depôe contra a moralidade dos primeiros, e cede em honra dos segundos, que se com verdade nunca podérão ser peitados, não seria por falta de diligencia; por quanto a consciencia que comprava correspondencias no Porto, compraria, se podéra, outro *Palmeirim*; 3.° As armas sendo iguaes nesta occulta guerra de embustes, não ha motivo de recriminações, havendo ambos os partidos usado todos os meios ao seu alcance; e por tanto é cegueira, é pedantismo intoleravel o querer attribuir as victorias ganhadas pelo Exercito Libertador a uma continuada traição da parte dos officiaes de D. Miguel. Outras combinações de mais subida entidade explicão a verdadeira causa dos seus afortunados successos.

Como quer que seja, a Expedição de 21 de Junho, diminuindo visivelmente as forças combatentes da Cidade do Porto, suscitou aos sitiantes esperanças e preparativos para um ataque, cujos resultados parecião agora pender em seu favor. Em quanto as columnas da tropa inimiga andavão em movimento, e a esquadra de Lisboa se preparava a sahir do Tejo, chegou a noticia que D. Miguel acceitára os offerecimentos do Marechal Bourmont, e este já se achava em caminho para Portugal com muitos officiaes Francezes, que deverião ser empregados no seu exercito. A este estado pouco satisfatorio em que andavão excitados os animos dos Portuenses, succedeo um tiroteio no dia 5 de Julho originado entre as guardas avançadas de Lordello. No mesmo instante ambos os exercitos persuadidos de um ataque insperado corrêrão ás armas começando um fogo, como se fôra combate geral contra as Linhas do Porto, que immediatamente se achárão guarnecidas de

grande numero de habitantes de todas as classes, na persuasão de que era chegado o momento do conflicto imaginado. Como o ataque dos inimigos não se fizesse em força conveniente em qualquer dos pontos, os generaes do Porto supposerão que não fôra mais do que um reconhecimento para experimentar a força das differentes posições no momento em que a guarnição acabava de ser diminuida pela Expedição: entretanto prevaleceo depois a opinião, que fôra causa uma simples desintelligencia em Lordello entre as sentinellas das duas partes. O general Saldanha deo provas dos seus conhecimentos e actividade, em quanto o Tenente Coronel Almeida Pimentel se distinguíra pela sua bravura. Com tudo o exercito do Porto teve a lamentar a perda de 50 mortos, e perto de 140 feridos, entrando naquelle numero alguns officiaes de distincção.

No mesmo dia 5 de Julho de 1833 quando a cidade do Porto sustentava um tiroteio mortifero por toda a Linha, navegava nas alturas do Cabo de S. Vicente a esquadra de D. Miguel, que havia sahido do Tejo commandada pelo Almirante Abuim. Depois de travado um combate em que as forças navaes de D. Pedro tiverão bastante perda, a esquadra inimiga em força superior entregou-se ao Almirante Napier, ou porque já estava em parte vendida á sua partida de Lisboa, como então se dissera, ou fosse pela fraqueza e inhabilidade dos commandantes, que não souberão defender-se segundo outros affirmão. E' difficil tarefa discernir os motivos no meio das interessadas pertenções deste que ambiciona a gloria, e daquelle que deseja desculpar-se; fique portanto a cargo e vontade de quem nisto se conspirára o declarar-nos a verdade, em quanto admiramos a desesperada intrepidez de alguns officiaes inimigos, como *Barreiros* commandante da Náo Rainha, que perdendo todas as esperanças depois de se haver batido com bravura, no momento em que hia incendiar a Náo.

foi morto por um da tripulação, que não quizera participar das consequencias da sua insania.

Depois deste successo tão desastrozo á causa de D. Miguel, alguem reprehendeo o seu governo por ter deixado arriscar a esquadra fóra do Tejo naquelle momento em que era tão necessaria para a defesa de Lisboa, e convencido como estava da inefficacia ou infidelidade dos seus proprios officiaes, esperando a todo o instante estrangeiros de reputação para commandar. A estas plausiveis imputações tem dado por desculpa, que duas vezes os constitucionaes havião tentado lançar o fogo ás embarcações do Tejo, e como estes projectos, sempre baldados, terião sido de difficil e quasi impossivel execução no mar largo, a esquadra sahíra com ordem de se sustentar nas alturas de Lisboa até fazer-se de véla sobre Villa do Conde, aonde D. Miguel tencionava ir a seu bordo despedir os desaffectos á sua pessoa, e entregar o commando ao Capitão Inglez Eliot, cujos offerecimentos havia acceitado; mas o Almirante Abuim faltou ás instrucções dirigindo-se contra Napier a malograr este plano.

Como quer que seja, Eliot enviado pelo partido Tory tinha visitado pouco tempo antes a esquadra de D. Miguel, formando uma resenha do seu armamento e pessoal. Voltou então aos portos da Inglaterra a organisar um pessoal da sua confiança, recommendando que nada se deveria emprehender até o momento do seu regresso; mas quando embarcava em Falmouth com 500 marinheiros recebeo a noticia da perdição da esquadra, que vinha occupar.

Foi no dia 9 de Julho, anniversario da entrada do Exercito Libertador na Cidade do Porto, que se recebeo a insperada como improvavel noticia da tomada da esquadra de D. Miguel pelo Almirante Napier. D. Pedro querendo então aproveitar os effeitos, que deveria trazer este acontecimento tão extraordinario, enviou o seu Aju-

dante d'Ordens Calça e Pina a communicar aquella noticia ao inimigo, offerecendo-lhe ao mesmo tempo uma ampla amnistia, e proposições para de futuro se poupar a effusão de sangue que a continuação da guerra forçozamente havia de produzir. Affirma-se que o Parlamentario, tratado com o desprêso que era de esperar de um inimigo insaciavel, não lhe fôra concedido o deixar a carta que levava.

No dia immediato (10 de Julho), desembarcou com effeito em Villa do Conde o Marechal Bourmont, accompanhado do general Clouét e outros officiaes Francezes, cabeças daquelles Chouans que, ha pouco, forão mal succedidos em rehabilitar o despotismo de Carlos X. O distincto acolhimento que lhe fez D. Miguel, a reputação brilhante do vencedor d'Argel, espalhou um tal enthusiasmo pelo exercito, que nenhuma pessoa duvidou mais do successo. Então o Marechal principiou a não ser avaro de conselhos: as disposições necessarias para um ataque vigoroso sobre as lindas do Porto forão delineadas por elle; Clouét nomeado general do exercito de operações sobre o Porto; a actividade deste reunida á circumspecção daquelle fazia esperar um brilhante resultado; um numeroso estado maior de officiaes Portuguezes rodeou logo o novo chefe, e todos a exemplo de D. Miguel deixárão as barbas em tal crescimento que, segundo o engraçado chiste de uma testemunha occular, muito se assemelhavão a um *rebanho de bodes!*

Entretanto força é confessar que as recentes vantagens alcançadas ao sul do Reino pela Expedição Libertadora causárão impressões, que agora erão de algum modo contrabalançadas com a chegada de generaes estrangeiros de um talento e experiencia bem ou mal adquirida. O Porto receava, ainda que com serenidade, as vontades de um inimigo sanguinario prestes a atacar a Cidade com forças muito superiores e dirigidas por outras

capacidades; o exercito sitiante resurgia do desmaio em que o havião posto os desastres da esquadra; o Reino já cançado de calamidades anhelava pelo remate da guerra civil; em summa tantos erão os affectos das opiniões, quantos forão os desejos de cada um as ver resolvidas a seu geito.

No meio desta ancia geral não faltárão as costumadas façanhas de um vulgo por extremo fanatisado, exercitando roubos e assassinios (dizião elles) em honra de Deos e dos seus Santos. No Algarve e Alemtejo a guerra foi sustentada em grande parte pelo povo armado ás ordens do Visconde de Molellos, general de quem um certo conhecedor discorrêra, qualificando-o apenas com capacidade de commandar trinta homens. Aquella numerosa gente rustica e pobre, eivada de facinorosos que se chamavão *Realistas*, corrião ás armas na esperança de vinganças particulares, e do saque que fazião effectivo para se enriquecerem á custa dos seus visinhos menos atrevidos e poderosos. As felizes operações da Expedição Libertadora entrando em Lisboa irritárão a tal ponto os odios e sanha destes malvados, que Portugal e a Europa presenciárão uma daquellas tragicas scenas, de que Roma já dera exemplos no governo de Sylla, e ultimamente a turbulencia revolucionaria da França. No dia 27 de Julho de 1833 um bando de monstros flagiciosos cercão a prisão da Villa de Extremoz no Alemtejo, rompem as portas com violencia, e assassinão a golpes de machado os infelizes e inermes presos politicos que alli se achavão. Imagine-se o quadro horroroso desta carniceria, que a penna se recusa a traçar! ... Os muros e pavimento da casa, espargidos do sangue das victimas, talvez ainda hoje attestem ao viajante aquillo que o coração duvida acreditar. Uma Portaria do Ministerio de D. Miguel appareceo a desapprovar aquelle sacrificio monstruoso, inutil, e podemos affirmar, até pernicioso ao vencimento da sua causa: mas será licito acreditar na sin-

ceridade de quem traçou este documento? ...quem organisára o systema ruinoso e perfido de armar a plebe vil, e accendel-a em odios contra os outros cidadãos, não tem porventura a melhor parte nos crimes e desatinos do seu furor? ... Deixamos ao juiso do leitor as consequencias, que se podem tirar destas considerações.

Em quanto o Reino todo aguardava com ancia o momento em que visse pender a balança das vantagens para algum dos lados, o Marechal Bourmont, senhor dos conselhos de D. Miguel, resolveo animar a sua gente com um successo pomposo, nada menos que um combate decisivo e tomar o Porto. Fez portanto que o exercito occupasse linhas menos extensas, apertou a Cidade mais de proximo, e transportou o seu quartel general para Leça do Balio. Os preparativos erão activissimos, ao mesmo tempo que os officiaes do seu estado maior passeavão com todo o apparato, esquadrinhando os pontos fracos da linha de defeza da cidade do Porto.

Chegou o dia 25 de Julho de 1833 quando pela madrugada as baterias inimigas collocadas em frente do Mirante e do Pasteleiro rompêrão um fogo vivissimo, ao mesmo tempo que da margem esquerda do Douro as balas e granadas cahião sobre as veredas da Cidade, que conduzião áquella posição. A columna esquerda do inimigo, entrando primeiramente em fogo, fez ceder o terreno aos Liberaes; mas reforçados no mesmo instante recuperárão com denodado valor o que havião perdido. O Marechal Bourmont, que assistia ao combate ao longo das Linhas, havia de antemão destinado metter em acção a arma de cavallaria, que era numerosa e bem organizada no exercito de D. Miguel: assim no ponto do Mirante, objecto principal dos seus exforços, os esquadrões marchárão na frente animando a infantaria. Tres vezes tocárão nas trincheiras com um heroismo inaudito, tres vezes forão repellidos em confusão e desor-

dem. Uma columna numerosa carregou sobre a posição de Lordello e Pasteleiro: muitas vezes o terreno foi tomado e retomado com larga teima e vigorosa disputa, mas por ultimo o inimigo teve de ceder á ponta da bayoneta.

Mr. Larochejaquelin commandante da cavallaria inimiga neste ponto, manobrando com actividade e valor, teve dois cavallos mortos debaixo de si e um pulso atravessado de bala; mas o brigadeiro Galvão, sob pretexto de molestia, escuzou-se de tomar o commando na substituição deste general. Pelas 10 horas da manhãa quando o fogo começava a abrandar, os foguetes de congreve opprimirão o flanco direito do exercito inimigo, que começava a retirar ao mesmo tempo que na sua esquerda apparecia com forças respeitaveis. Então o general Saldanha corre a este ponto á testa de alguns Lanceiros, e seguido de muitos officiaes e até voluntarios, dirigio uma carga das mais atrevidas que até alli se virão, censurada pela sua temeridade, mas gabada pelo feliz exito.

Bourmont conhecendo a inutilidade de tantos exforços deo ordem de retirada pelas duas horas da tarde: o seu exercito rechassado e opprimido de fadigas tornou a entrar nas linhas com grande perda, como confessa um Estrangeiro não suspeito. O exercito de D. Pedro teve mortos perto de 90 homens, e quasi 290 feridos. Mais de 100 cavallos inimigos jazerão a 30 passos das trincheiras, e se o numero dos atacantes era desproporcionadamente maior, os atacados tiverão sómente a oppor-lhes a coragem e a desesperação com a habilidade de saberem atacar de flanco, quando erão opprimidos de forças superiores. Affirma-se que D. Miguel estivera collocado em um alto monte, observando o ataque que se fazia sobre o Porto; mas quando vira mallogradas as suas tentativas arremeçou com o occulo ao chão, e partio a assistir ao transporte e curativo dos numerosos feridos, que entulhavão os hospitaes. Poucas horas erão passadas do ter-

rivel conflicto deste dia, quando a insperada noticia de que o Duque da Terceira entrára na Capital veio dilatar o coração dos Portuenses: poucos momentos se seguirão que esta nova não fosse encher de torpor e admiração o quartel general de D. Miguel.

No dia 28 de Julho muitos officiaes Francezes vierão augmentar as fileiras de D. Miguel desembarcando no porto de Villa do Conde a bordo do Barco de Vapor Lord das Ilhas. Com elles vinha o Capitão Eliot para agora se instruir dos progressos da Expedição Libertadora, como em resultado da perda da esquadra, de que já tivera noticia em Falmouth. Podérão saltar em terra dirigindo-se immediatamente ao quartel general de Leça do Balio, sem que fossem reconhecidos por alguma guarda até ás linhas do exercito de D. Miguel. Entre todos os recem chegados tinhão maior consideração os generaes Almer, e Grival, e os Coroneis Breviel, e Luiz de Bourmont, os quaes immediatamente passárão a occupar o commando das Armas, e os empregos mais eminentes que Portugal podéra dar. Eis aqui uma palpavel contradicção no que tanto havia blasonado o partido de D. Miguel, imputando a D. Pedro falta de nacionalidade pela admissão de estrangeiros ao seu serviço; agora o vemos adoptar com sofreguidão foragidos a que ha pouco simulavão aversão; tanto é certo que as paixões cegão o entendimento humano, e a mentira é o apanagio ordinario das facções!

Era chegado o momento em que novas combinações militares, e considerações politicas, havião de ser transferidas para a Capital do Reino. O Duque de Bragança depois de testemunhar ao Exercito, e aos habitantes do Porto, o seu reconhecimento e gratidão pelas heroicas façanhas e bravo procedimento no meio de tantos perigos e privações, partio para Lisboa aonde chegou no dia 28 de Julho, tendo a satisfação de entrar no Palacio dos

seus Antepassados, o qual 26 annos erão decorridos que o largára ainda em tenra idade. Apenas chegára desenvolveu logo a sua natural energia, organisando muitos Batalhões de Voluntarios, e formando linhas de defesa contra as futuras operações do exercito inimigo, que a todo o instante erão de recear. Muitos destacamentos forão mandados do Porto, e até o mesmo general Saldanha veio depois a ser chamado.

Lisboa prestou-se de boamente a pegar em armas, já porque a fama do heroismo Portuense havia estimulado os animos dos que sympathisávão nas mesmas opiniões politicas, já porque erão recordadas com espanto as companhias dos *Cacetes* do governo de D. Miguel, que ha pouco marchavão pelas ruas da Cidade espancando os Cidadãos de todas as cathegorias. E' forçoso reconhecer que a este systema barbaresco de governar devem as fileiras constitucionaes o grande augmento das suas forças: verdade palpavel, mas que ainda até hoje não poude ser concebida da estupidez crassa dos sequazes da usurpação!

O simples conhecimento do desastre da esquadra, a tomada de Lisboa, e o dia de 25 de Julho, podérão causar mais estrago nas fileiras de D. Miguel, do que o tinhão feito o ferro e o fogo do Exercito Libertador: as deserções da tropa de Linha erão frequentes, as Milicias e os Voluntarios saudosos dos seus lares desemparavão as fileiras em magotes, e os mesmos paizanos que havião permanecido na esperança do saque desaparecêrão inteiramente, quasi despersuadidos da fortuna presente. O Marechal Bourmont impressionado destes accontecimentos foi obrigado a abandonar os seus planos em frente do Porto, e organisou outros para recobrar a Capital, o mais de pressa possivel. Deixando um corpo de observação sobre o Porto, que tivesse esta Cidade em estado de rigoroso sitio, deo ordem ao exercito para partir.

No dia 6 de Agosto marchou D. Miguel com um exercito em força de 12 mil homens de todas as armas, atravessando o Douro em Gramil sobre uma ponte construida de barcos. A estação favorecia a marcha, mas o aspecto das fileiras era lastimoso: o fardamento achava-se em um estado deploravel, a epidemia da Cholera-morbus arrebatava muitos homens, a cavallaria distinguia-se pelas compridas barbas dos soldados e o bom estado dos cavallos, a artilharia numerosa e mal provida era, a cada passo, empecida pelas numerosas chusmas de mulheres miseravèis, crianças, e bestas de carga que accompanhavão o exercito; as bagagens erão monstruosas, e o official de infantaria não sabia andar a pé. Debalde Bourmont dera as mais terminantes ordens para evitar estes abusos; estavão de tal modo arreigados que com muita difficuldade podérão ser destruidos.

No dia 10 de Agosto chegou D. Miguel com o seu exercito a Coimbra, onde encontrou as tropas que tinhão deixado Lisboa, as infantas suas irmãas, e a familia de D. Carlos d'Hespanha. O Duque de Cadaval veio apresentar-se, e foi recebido com a boa sombra e agasalho do costume, porque, como diz o Bispo de Vizeu, "D. Miguel ,, conhecia melhor que ninguem a lealdade do Du- ,, que aos interesses da *Patria*, a fidelidade e in- ,, teira devoção á sua *real pessoa*, e não ignora- ,, va os cuidados e fadigas que havia supportado, ,, os grandes obstaculos com que havia luctado no ,, serviço." Quando Cadaval largára Lisboa na madrugada de 24 de Julho, encaminhou-se a Torres Vedras, e participou a Molellos que se lhe viesse reunir naquelle ponto com os intuitos de recuperar a Capital accomettendo o Duque da Terceira; porém debalde esperou noticias da Divisão do Algarve, em quanto a Praça de Peniche era evacuada da guarnição. Proseguio logo dalli para Obidos e Caldas da Rainha, onde recebeo ordem para marchar sobre Coimbra com as forças do

seu commando, e então depôz inteiramente as suas emprezas e cuidados.

Tambem appareceo na corte de Coimbra Antonio Feliciano Telles de Castro Apparicio, governador de Peniche, ufano por ter abandonado a Praça a uma pequena força enviada de Lisboa, apezar das ordens de Gaspar Teixeira que o mandavão resistir, e tomar todas as disposições convenientes á defeza dos muros que lhe forão confiados. Apparicio reputou grande serviço o ter conservado intactas as tropas que commandava, e ainda que os homens do seu mesmo partido disserão que este governador deveria ser julgado perante um concelho de guerra, e pagar com a cabeça um tão completo esquecimento dos seus deveres, comtudo deveremos notar, em honra do desertor e gloria dos sitiantes, que nunca se atrevêrão a assacar-lhe a nodoa de peita.

Quando o exercito de D. Miguel levantou do Porto sobre Coimbra, o concelho dos seus generaes havia decidido que se incendiassem os armazães de Villa Nova de Gaya, onde se achava immensa quantidade de vinhos, para que os constitucionaes não tirassem dalli as grandes vantagens e recursos, que se lhes proporcionavão. Entretanto alguns especuladores Inglezes fizerão persuadir a D. Miguel que poderia tomar grande partido daquellas riquezas, e verter no seu thesouro os fundos de que carecia. A proposição agradou e logo dois negociadores forão mandados conferenciar sobre este assumpto com uma Companhia Ingleza, que offerecia uma somma consideravel de milhões por estes vinhos. Mr. d'Almer, que acabava de tomar o commando do exercito de observações sobre o Porto, communicou ao general Saldanha agora governador desta Cidade, que estava prompto a entrar em negociações para salvar em proveito dos vencedores o immenso cabedal de vinhos, que se achavão em seu poder pertencentes á Companhia do Alto Douro. Saldanha referio

o negocio aos Membros desta Companhia novamente nomeados, expondo-lhes toda a correspondencia a tal respeito; mas depois de muitos debates, consultas, e mediações da parte do Consul Inglez, ficou resolvido que não se deverião acceitar as proposições absurdas dos negociadores Miguelistas. Um estrangeiro parcial refere que a negociação offerecida pelos Inglezes occultava um engano, que o general Clouét penetrára facilmente, e vinha a ser dilatar a negociação pelos dias que fosse possivel, retardando a marcha do exercito de D. Miguel sobre Lisboa, afim de que D. Pedro alcançasse tempo de ahi se fortificar. Como quer que seja, depois de muitos dias gastos e protestos perdidos, Mr. d'Almer mandou lançar o fogo aos armazães no dia 17 de Agosto, e lá vai a fortuna e meios de subsistencia de centenares de pessoas barbaramente arruinada pela mão de um Francez. A scena melancolica das labaredas, e o vinho fumegante tingindo de vermelho as correntes do Douro, trouxerão á memoria dos tristes espectadores da margem direita a funesta influencia dos conselhos do Ministro Mozinho da Silveira, que já deixamos escripto como por suas desvairadas theorias dera causa á perda de muitos bravos, e agora á ultima ruina de valores que a ninguem prestárão.

Quando a vista do incendio ameaçava as propriedades dos negociantes Inglezes, corrêrão estes ao logar por seu proprio motu, ou talvez authorisados para as salvarem. A este tempo o commandante da Marinha Ingleza surta no Douro, juntando as tripulações, desembarcou em Villa Nova com o mesmo fim de impedir o progresso das chammas; mas não foi sem contradicção que viera em auxilio dos nacionaes. Alguem refere que Mr. d'Almer enraivecido com a presença dos soldados Inglezes perguntára insolentemente ao Capitão: quem lhe dera a licença de pizar o terreno com força armada?... Este redarguio-lhe com sangue

frio, resoluto a não desistir do intento de salvar a propriedade Ingleza, e assim o executára a despeito das violentas ameaças do Francez; porem outros affirmão que sendo intimado a retirar-se immediatamente, e á sua hesitação as ameaças de Almer subissem de força, o Official Inglez teve por bem retroceder, ficando os negociantes só com soldados Portuguezes para os ajudarem. Accrescentão que o Official Miguelista, que tinha deixado passar o destacamento Inglez, fóra punido pela sua condescendencia.

No dia 18 de Agosto havendo o exercito inimigo retirado a sua direita ao norte do Porto, abandonando as formidaveis baterias daquelle flanco e cobrindo a estrada de Vallongo, Saldanha tomou as suas disposições para forçal-o em plena retirada. Este general manobrou exactamente concentrando as suas principaes columnas no ponto destinado, e formando um ataque falso a Mr. d'Almer ainda na margem esquerda do Douro, a tempo que a melhor força ameaçando de flanco cahia sobre uma Divisão de 9 mil homens, commandada por um certo Pantaleão. Este brigadeiro, que não sabia oppôr resistencia, foge precipitadamente na direcção de Penafiel, aonde poude chegar em completa desordem. Então Almer impressionado com esta noticia reune as forças que encontra, atravessa o Rio no sitio de Arnellas, e tenta cortar a retirada ao general Saldanha, que entra no Porto depois de ter surprehendido o inimigo na madrugada, conduzindo centenares de prisioneiros, e grande quantidade de munições de guerra. Está sortida fôra das mais vantajosas e bem executadas por todo o tempo do memorando sitio do Porto, que agora quasi emancipado do longo captiveiro, poude contemplar com admiração as fortificações abandonadas pelo inimigo, em todo o sentido muito superiores áquellas em que se havia defendido mais pela coragem dos seus combatentes, que pela sciencia da fortifica-

ção. Depois desta refrega Mr. d'Almer chama á sua presença Pantaleão, que já se dispunha em continuar a retirada, dimitte-o com toda a ignominia apezar dos seus protestos de fidelidade, e entrega o commando a outro official Portuguez.

CAPITULO XIX.

Obstaculos de Bourmont em Coimbra—Marcha do exercito Miguelista sobre Lisboa—Enthusiasmo por D. Miguel—Resposta aos applausos—O exercito de Bourmont em frente de Lisboa—Batalha de 5 de Setembro—Alguns promenores, e providencias na Capital—Desalento e deserções do exercito Miguelista—Actividade de D. Pedro—Planos de Bourmont rejeitados—Ataque de 14 de Setembro—Deserção dos soldados de Linha para Lisboa—Novos planos de Bourmont—Reflexões—Discordia entre os conselheiros e officiaes de D. Miguel—Influencia dos agentes Inglezes—Bourmont demittido—Mac-Donald general do exercito Miguelista—Agentes illudidos nas Cortes estrangeiras—O thesouro encoberto—A Rainha desembarca em Lisboa—Victoria em Obidos—Stubbs no Porto—Surpreza de Villa do Conde—Sortidas mal succedidas—Torres succede a Stubbs—Mr. d'Almer em frente do Porto—Extorsões nas Alfandegas de D. Miguel.

Por este tempo o Marechal Bourmont em Coimbra tinha-se feito o centro unico dos negocios de D. Miguel, (que não se descuidava em lhe participar todas as circumstancias do Reino,) já acumulando as funcções de Marechal General do seu exercito ás de Ministro da Guerra, já dispondo da fazenda pública que tinha á sua disposição, empregava-se em reorganizar os differentes corpos desmantelados. Officiaes de toda a graduação, depois de haverem desemparado os seus postos sem alguma authorisação, entulhavão as salas do seu quartel; quando erão mandados sahir obtinhão ordens superiores para se demorarem na Cidade;

as familias principaes de Lisboa, e os mais infimos empregados da casa de D. Miguel, julgavão-se com direito de se fazerem escoltar por muitas ordenanças da Guarda Real da Policia; a difficuldade era immensa para que todos se resolvessem a voltar ás suas obrigações; finalmente Bourmont poude encerrar-se nas restrictas atribuições do seu principal emprego com a reintregação do Conde de S. Lourenço no ministerio da guerra.

Nos dias 13 e 14 de Agosto pôz-se em movimento sobre Lisboa todo o exercito de D. Miguel, dividido em tres columnas: a primeira commandada por Larochejaquelin atravessando o Tejo na Chamusca foi occupar Salvaterra de Magos; a segunda as ordens de Lemos dirigio-se pela Villa de Thomar a Santarem; e a terceira aonde ia D. Miguel accompanhado de Bourmont, e do seu estado maior, marchou sobre Leiria como em reserva. Em toda esta marcha houverão dias gastos em deliberações vacilantes, falta de esclarecimentos sobre os movimentos da vãguarda, e demoras occasionadas pelo fornecimento de sapatos de que o exercito se achava extremamente necessitado. Todos os generaes conhecião a urgencia de marchar incessantemente sobre a Capital, onde os antecipava a energia do Duque de Bragança possuindo os meios de um rapido transporte pelo mar, e animando os seus ja nas fileiras, como nas fortificações; porem era forçoso ceder á dura necessidade das circumstancias, que não largava as phalanges do seu commando.

O enthusiasmo ardia no peito dos soldados, dizem alguns, e brilhava ainda mais verdadeiro no semblante das povoações, que na passagem de D. Miguel corrião á estrada a beijar-lhe a mão, e a lançar-lhe flores: " Homens e mulheres de todas ,, as idades postavão-se diante delle com os joe- ,, lhos em terra; e era desta maneira que se re- ,, cebia aquelle que se tem pintado como um ty- ,, ranno, e como um principe aborrecido de seus

„ subditos." Mas quem erão esses que corrião ao seu encontro?... Não era essa miserrima plebe, vil escoria da Nação instigada pelo fanatismo feroz, que lhe dizia alí está o ungido do Senhor?... As paginas da Historia não estão porventura cheias de outros semelhantes, e ainda mais subidos aplausos prestados a tyrannos que incontestavelmente fôrão o flagello dos seus povos e do genero humano?... Porcerto que se a posteridade houvesse de julgar em bem destes encontros, as acclamações aos Neros e Caligulas porião em igual plana o governo monstruoso destes imperadores. Os factos, e não as vozerias de um povo rustico, são a unica balança em que devemos pesar as acções de qualquer monarcha: a plebe condemnada á ignorancia é ao mesmo tempo o orgão e a victima de uma facção, que a dirige em seu proveito.

Como quer que seja, as columnas do exercito de D. Miguel depois de muitas marchas indispensaveis para reconhecer os logares, e contramarchas para observar as posições contrarias, achárão-se no dia 4 de Setembro de 1833 á frente de Lisboa em força de 15 a 16 mil homens. D. Miguel estabeleceo o seu quartel general em Lumiar, e os generaes do seu exercito tomárão as disposições convenientes em quanto elle corria as linhas em revista, mui bem persuadido que ao outro dia Lisboa ficaria da sua parte. Esta Cidade tinha aberto fossos e levantado reductos sobre todos os pontos elevados, que a protegião da parte do norte: mais de 200 peças d'artilharia de grosso calibre, abandonadas pelo Duque de Cadaval, montavão agora estes entrincheiramentos terriveis, sobre os quaes se havia de disputar a posse da Capital do Reino. Os reforços chegados do Porto, e os Batalhões novamente organisados compunhão um exercito respeitavel, muito mais pela presença do Duque de Bragança, e dos seus validos Generaes Terceira e Saldanha.

No dia 5 de Setembro a infantaria inimiga

encetou o ataque no sitio da Palma, lançando-se com rapidez sobre o palacio de Palhavãa, aonde as tropas de D. Pedro fizerão a mais vigorosa resistencia ao fogo que lhes era dirigido das casas circumvisinhas. Então o commandante Miguelista Mr. Dubreuil, reconhecendo muita importancia em occupar aquella posição que abria a entrada de Lisboa, fez todos os exforços para a tomar. Em quanto a artilharia inimiga dirigia os seus tiros ao palacio, a infantaria levou-o de assalto seguindo se grande mortandade no jardim proximo, onde o terreno foi tomado e retomado com muita resistencia. Neste tempo as baterias de Lisboa fazendo um grande estrago sobre a gente de Dubreuil que se achava inteiramente envolvida, a confuzão augmentou quando a cavallaria inimiga atrevendo-se a accommetter um reducto jazêo quasi toda na explanada, cahindo o seu commandante atravessado de tiros. Era uma hora da tarde, e o Marechal Bourmont presenciando os baldados exforços do seu exercito dava toda a preferencia a este ponto de ataque, deixando em inacção a Divisão da direita commandada por Lemos, que se achava ao longo dos Aqueductos de Lisboa. O combate prolongando-se até ás 3 horas da tarde, Bourmont mandou ordem a Clouét para que avançasse com tres brigadas, que não tinhão ainda tomado parte na acção. Este general conhecedor das circumstancias ponderou os perigos que daqui poderião resultar, aconselhou a demora até o dia seguinte, e persuadio a D. Miguel os motivos da sua opinião. Affirma-se que D. Miguel mostrára uma grande repugnancia ás observações, que lhe forão feitas: o ataque cessou com o dia, e as suas tropas retirárão a tomar as primeiras posições.

O exercito Miguelista teve 400 homens fóra do combate, mas alguem affirma que os constitucionaes soffrerão maiores damnos pela morte e ferimentos graves de alguns officiaes de distincção. O Duque de Bragança desenvolvêo nesta occasião

á sua inesgotavel actividade: as suas providencias forão efficazes para remediar o mal causado pelos inimigos, que cortárão a direcção das *Aguas Livres*; muitos poços forão abertos para obviar á escacez deste artigo de primeira necessidade; o seu exemplo e coragem teve uma decidida influencia nos Voluntarios Lisbonenses, que neste primeiro ensaio rivalisárão com os melhores Portuenses, agora testemunhas do seu valor; em summa os habitantes de Lisboa distinguírão-se pela sua humanidade, tratando os feridos com todo o carinho á custa dos seus commodos, e no meio de perigos.

Este malogrado ataque desanimou sobre maneira o exercito de D. Miguel, esperançado naquelle mesmo dia de pilhar a Capital para saciar a sua avidez, e indemnisar-se da muita miseria que, ha tempos, o trazia com os olhos fitos em um saque copioso. No dia seguinte não se avançou a segundo combate contra a expectação de todos; um concelho no quartel de Bourmont havia decidido que o ataque fosse demorado indefinidamente; a artilharia dos fortes de Lisboa não cessava de cahir sobre os postos avançados; a inacção fazia suspeitar que se adoptaria o systema pelo qual tinhão estado tanto tempo em frente do Porto; o general Francez ia perdendo o prestigio no espirito daquelles, que elevavão os seus talentos militares e a fama das suas victorias; finalmente os soldados murmuravão, e não havia officiaes que os podessem manter em uma disciplina nunca tão necessaria como agora. A deserção começou pelos corpos de Milicias, e grassou nos Voluntarios: estes soldados não se passavão para os constitucionaes de quem esperavão máos tratamentos, e aonde não querião combater contra os sentimentos que tinhão por D. Miguel; mas voltavão para seus lares aguardando um termo á guerra, que reputavão interminavel. Como estes desertores fossem numerosos, não era possivel ao governo de Miguel remediar com casti-

gos fortes; assim observamos em todo o tempo desta lucta as amnistias seguirem as turmas fugitivas, que ainda por este geito não voltavão ao campo se não fossem os máos tratamentos e zêlo activo das authoridades locaes, que os apertavão incessantemente.

Por todo este tempo de inacção da parte do inimigo, D. Pedro occupou-se em reformar os fortes damnificados, mandou cavar fossos mais largos e profundos, e fez derrubar muros e incendiar algumas casas, donde esperava damnos á defesa da Cidade. Os generaes de D. Miguel distinguião com facilidade a população de Lisboa occupada nestes custosos trabalhos, que elles não ousárão perturbar em quanto se aprazião em propôr, e discutir planos. Alguem affirma que Bourmont, convencido de que era impossivel á infantaria Miguelista, que só sabia bater-se em atiradores, atacar em massa os fortes contrarios, propôzera um plano em que a cavallaria deveria vencer os maiores obstaculos. Uma columna cerrada de 3 mil infantes, seguida de muitos esquadrões e alguma artilharia, deveria penetrar em massa na Cidade por um ataque nocturno, em quanto alguns officiaes Francezes se offerecião a marchar na sua frente. Este plano não foi acceite, mas como era forçoso atacar ou retroceder, dous officiaes Francezes forão mandados reconhecer as fortificações contrarias sobre a direita e esquerda de Lisboa. Pelas suas informações ficou decidido que no dia 14 de Setembro começaria um ataque simulado pela esquerda, afim de que atrahindo alí os adversarios, as tropas de reserva no Campo Grande, e a cavallaria postada na Luz penetrassem ao centro de Lisboa. Este projecto desagradou tanto ao generel Clouét, que immediatamente deo a sua demissão, ficando encarregado do ataque pela esquerda João de Gouvêa Ozorio, official de mediocres conhecimentos.

Marchárão portanto de noite as brigadas que

havião sido destinadas áquelle ponto, aonde deverião chegar pela madrugada para surprehender a linha contraria; porém sendo já muito de dia poderão começar o ataque, em que houve muito terreno perdido e ganhado alternativamente. Um reducto das Linhas de Lisboa causou muito damno ás columnas de cavallaria e infantaria Miguelista, que o commandante não soube pôr ao abrigo de um fogo destruidor. Pelas 10 horas da manhãa Ozorio retirou precipitadamente sem que fosse seguido dos defensores das Linhas, e nisto ficou o plano resolvido contra a vontade de Mr. Clouét. As tropas de Lisboa soffrêrão perda insignificante nesta curta, mas viva, refrega, em que as fileiras de D. Miguel deixárão mais de 70 homens no campo.

Depois destes combates tão infructuosos como nocivos ao exercito de D. Miguel, os seus generaes renunciárão ás esperanças de tomar Lisboa. As Linhas desta Cidade despedião um fogo mortifero sobre as phalanges inimigas, as granadas alcançavão a sua cavallaria no Campo Grande, e as escaramuças continuas nos postos avançados levavão todos os dias alguns soldados. Contavão-se 20 de Setembro, e a deserção da tropa de Linha para o exercito de D. Pedro crescia á proporção que o pagamento escasseava, e a fortuna parecia ter virado ao lado adverso. O soldado que ainda permanecia fiel murmurava mais que nunca, porque o militar sedicioso, como diz um celebre Historiador, costuma atribuir aos generaes os revezes da campanha, que sómente são devidos á sua indisciplina e cobardia.

Neste estado de cousas era forçoso tomar um partido. O Marechal Bourmont propunha a D. Miguel um novo plano necessitado pelas circumstancias presentes de um exercito, que não podia ser conservado na offensiva. Todas as forças Miguelistas deverião ser concentradas a uma legoa a traz de Loires, aonde poderia atrahir o adversa-

rio e batel-o longe dos seus entrincheiramentos, deixando sempre diante de Lisboa uma columna assás forte para observar o exercito de D. Pedro. Por este tempo a villa de Santarem para onde Grival tinha partido, havia pouco tempo, a traçar as linhas de fortificação, seria provisionada e constituida em um perfeito estado de defesa, para que no caso de revez o exercito encontrasse um abrigo seguro. Ao mesmo tempo por todas as provincias do Reino um recrutamento severo organisaria um exercito numeroso, de que Santarem seria o ponto de reunião, e para onde deverião correr todos os soldados logo que se achassem exercitados nos differentes depositos designados. A estação invernosa que ia a principiar daria o tempo necessario para a excução deste projecto, em quanto Leiria e Obidos deverião ser postos ao abrigo de qualquer accomettimento por fortificações bem ordenadas. Bourmont ponderava que a bandeira bicolor firmada no Porto, Lisboa, Peniche, Setubal, e sómente ao sul do Algarve em Lagos, e Faro, não tinha podido ainda penetrar nas provincias do interior, aonde era possivel predispôr e effeituar estas tenções, levando em conta a boa vontade dos habitantes, e o zelo das authoridades locaes.

Devemos confessar que se este projecto atribuido a Bourmont tinha algum pouco de imaginario, e suppunha no caso presente os meios pecuniarios extremamente escassos, e a vontade da Nação que visivelmente ia faltando, não contando com as ulteriores operações do exercito de D. Pedro, que em um momento podia perturbar estes arranjos imaginados no socego; digo que devemos confessar ser este plano o unico possivel a dar uma esperança no momento, e o tempo brevemente mostrou que a melhor parte delle fôra adoptada nos movimentos que proximamente se seguírão. Mas entre os ministros e Conselheiros de D. Miguel reinava o enredo e a dissimula-

ção: havia tempos que os validos não podião encarar com os estrangeiros senhores da gerencia dos negocios, e da melhor privança do seu amo; temião, e com razão, o inteiro esquecimento dos seus serviços na causa em que se havião empenhado desde o principio, e agora postos á mercê de uns foragidos que, pelo menos, não tinhão podido levar a melhor depois da sua chegada; formou-se por tanto contra Bourmont um partido, que poude acabar com D. Miguel a não seguir os seus conselhos. A discordia pintou o Marechal Francez como um ambicioso que queria prolongar a guerra sob intuitos particulares, quando ella se podia terminar por combates decisivos e de facil vencimento; dizião que elle communicava com os inimigos já por correspondencia, como pelos agentes secretos, e que a sua intenção era resolver a contenda pelo casamento de D. Miguel com sua Sobrinha; em summa, nada esqueceo daquillo que em taes occasiões um partido costuma irrogar, com verdade ou sem ella, ao seu adversario. A este tempo era chegado de volta da Inglaterra o capitão Eliot com o general Mac-Donald, e outros officiaes que já tiverão occasião de assistir ao ataque do dia 14.

Um Francez ao serviço de D. Miguel refere por esta occasião, que emissarios Inglezes enviados ao Lumiar chegárão a obter uma decidida influencia nos conselhos d'estado, e que um agente de Inglaterra não se envergonhára de offerecer grandes sommas aos Officiaes Francezes, se por ventura quizessem abandonar o exercito Miguelista; mas que estas proposições tiverão uma repulsa bem merecida. Sem desmentir factos asseverados por uma testemunha occular, ainda que parcial, observaremos de passagem que o genio da politica Britanica não era de consentir a menor sombra de amisade Franceza no terreno Portuguez, mormente quando o exito da guerra ainda estava problematico.

Como quer que seja, o Marechal Bourmont offereceu a sua demissão, que foi acceita por D. Miguel, e partio immediatamente accompanhado dos generaes Clouét e Larochejaquelin com uma grande parte dos Officiaes Francezes, que se julgárão offendidos e quizerão seguil-o. Atravessando Portugal e a Hespanha foi desembarcar na Italia, deixando no exercito de D. Miguel dois filhos seus, como em penhor, (dizem,) da sua boa fé, e da pureza das suas intenções. O Inglez MacDonald, que tinha servido ás ordens de Wellington na guerra da Peninsula, succedeu no commando ao Marechal Bourmont. Tendo desembarcado com Eliot alguns dias antes, recebeo o posto de general sob condição de atacar as Linhas de Lisboa; porém virando de plano occupou-se constantemente em fechar caminhos por onde receava que podia ser surprehendido, e organisou uma policia de campo para conservar os Soldados nos acampamentos, e impedil-os das suas dispersões rapinantes.

Por todo este tempo de tantas angustias para D. Miguel, os seus fieis servidores, enviados a obsecrar as grandes Potencias despoticas da Europa, não se descuidavão de supplicar os seus bons officios implorando soccorros para desviar a collisão de que estavão ameaçados; mas só encontrárão consolações, e votos pelo bom successo das suas armas. Então D. Miguel desenganado que sómente poderia contar com o que era seu, chama dois da sua privança e parte de noite ao palacio de Queluz a tirar um thesouro de diamantes, calculado no valor de muitos milhões, para comprar em Inglaterra uma forte esquadra com que podesse luctar contra aquella que, ha pouco, havia perdido. Só elle sabia o logar onde jazia este precioso deposito, segundo o Author que havemos seguido, porque sua Mãi estando para morrer lhe tinha confiado este segredo, pedindo-lhe com todo o esmero que não quizesse fazer uso deste valio-

so recurso, senão nas derradeiras extremidades. Era chegado o ensejo apropriado, e então o Capitão Elliot recebeu este cofre famoso, e ao mesmo tempo as instrucções convenientes, que logo partio a executar. Não sabemos que fôra feito destes diamantes entregues á consciencia de um Inglez; " Porque desde então, continúa o mesmo ,, Author, não se ouvio mais fallar deste official, ,, nem da esquadra que devia conduzir diante de ,, Lisboa, senão nas esperanças com que animavão o exercito. ,,

Em quanto nas fileiras da usurpação reinava a melancholia, o desasocego, e a consternação; a alegria e o jubilo brilhavão em Lisboa com a chegada da Rainha a Senhora D. Maria II. no dia 22 de Setembro de 1833. No dia immediato desembarcou com a Duqueza de Bragança no meio das acclamações da immensa população de Lisboa, cujo enthusiasmo se attendermos ás circumstancias do momento, mais se poderá imaginar que descrever.

Um outro revez veio ameaçar a retaguarda do exercito de D. Miguel. Mr. de Houssaye governava na Villa d'Obidos á testa de uma guarnição composta de alguma cavallaria, tropas de Milicias, e grande numero de soldados de differentes corpos, com o fim de observar as forças constitucionaes que occupavão a Praça de Peniche. Este Francez emprehendedor tinha saído duas vezes a campo nos dias 13 e 19 de Setembro, mas recolhia outra vez aos antigos muros depois de batido e dispersado. Chegou o dia 29 em que o estrangeiro havia de deixar o atrevimento das suas correrias, sendo rechassado no campo e expulso da guarida d'Obidos com os miseraveis, que o acompanhavão: a villa foi abandonada aos insultos do vencedor, e Mr. de Houssaye feito prisioneiro no momento em que voltava a procurar a sua esposa.

Em quanto as visinhanças de Lisboa erão des-

ta sorte opprimidas com os trabalhos da guerra, o general Stubbs nomeado governador do Porto na ausencia de Saldanha achou-se collocado em circumstancias difficeis e desagradaveis: as tropas saíão constantemente da Cidade para reforçar Lisboa, alguns gados chegárão a ser embarcados, e o inimigo preparava-se para novas empresas. Neste estado julgou-se que as sortidas poderião infundir respeito aos adversarios. No dia 3 de Setembro em quanto alguns destacamentos distrahião a attenção de Mr. d'Almer em differentes pontos, uma columna commandada pelo Brigadeiro Zagallo entrava em Villa do Conde, onde surprehendeo um regimento de Milicias, e depois de passar alguns soldados á bayoneta, conduzio perto de 200 prisioneiros para o Porto. As sortidas que tiverão seguimento não desmentírão o máo conceito que os bons Officiaes do Exercito Libertador sempre fizerão deste errado systema de pelejar: aquella que foi descançar a Grijó no lado esquerdo do Douro teve de retirar com 25 homens fóra do combate, em quanto o inimigo postado no alto de S. Mamede batia as forças que havião saído pelo norte da Cidade. Passados alguns dias um reconhecimento feito sobre Rio Tinto, por occasião de se approximarem algumas *guerrilhas*, causou uma perda bem sensivel pela morte do bravo Coronel Pacheco, que ferido gravemente faleceo pouco tempo depois. A sua morte lamentada geralmente encheo de lucto a Cidade Eterna.

O Brigadeiro Torres governador da Serra do Pilar, succedendo a Stubbs no commando das forças do norte, começou com muita actividade a construir uma linha de defeza, comprehendendo os pontos mais bem escolhidos de Villa Nova de Gaya: pelos seus cuidados se organisárão corpos de Voluntarios das aldêas visinhas ao Porto, que dahi em diante podessem formar a maior guarnição desta Cidade. A posição occupada por Mr. d'Almer encarregado de observar o Porto fôra mui

vantajosa a este general, por que com muita habilidade tinha sabido estabelecer as suas linhas de tal modo, que constantemente recebia informações dos menores movimentos das forças da Cidade. Collocando o seu quartel general em Santo Thyrso, estendia a sua direita em frente do Ave, em quanto a esquerda passando por Balthar vinha appoiar-se em Arnellas sobre o Douro: os seus postos avançados occupavão a serra de Vallongo, e uma brigada volante observava a margem esquerda do Rio. As tropas sob o seu commando adoptárão um systema de extorsões d'Alfandega sobre os desgraçados paizanos, que negociavão trazendo mantimentos e levando generos da cidade do Porto. Os commandantes dos destaçamentos, postados nas avenidas e atalhos por onde os almocreves tinhão de costume passar, extorquião a esta pobre gente avultadas sommas pela licença de a deixarem transitar impunemente, a ponto de que muitos enriquecendo com estas rapinas dispertárão o zêlo invejoso do padre Alvito Buela altamente clamando contra estes abusos em varios impressos, que muito contribuírão a desacreditar o moribundo partido da usurpação.

CAPITULO XX.

As tropas de Lisboa rompem as linhas de D. Miguel — Combate de Loures — Mac-Donald retira para Santarem — Posição dos exercitos adversarios — Occupação de Salvaterra — Desastre em Alcacer do Sal — Combate na Barroca d'Alva — Reconhecimento sobre Pernes — As deserções crescem no exercito Miguelista — João Galvão, e Gaudencio Torres privados de D. Miguel — Passatempos de D. Miguel em Santarem e Almeirim — Cuidados e applicações de Mac-Donald — Motivos de desgosto por todo o Reino — Povoas succede a Mac-Donald — Qualidades deste general — Anno de 1834 — Saldanha toma Leiria — Surpreza de Torres Novas — Batalha de Pernes — Anecdota interessante — Epidemia em Santarem — Murmurações e rivalidades em Lisboa — Proclamação de D. Miguel — Lemos talando a margem esquerda do Tejo — Batalha de Almoster — Alguns promenores — Povoas é substituido por Lemos — Padecimentos do Duque de Bragança — Jesuitas em Portugal — Procedimento do Nuncio Apostolico — Interferencia Ingleza — Proposições rejeitadas em Santarem — Continuação dos preparativos — Nosções sobre a guerra do Alemtejo.

Era chegado o tempo aprazado em que o Duque de Bragança resolvêra accometter o exercito sitiante nas suas mesmas posições em frente de Lisboa. Eis que de repente no dia 10 de Outubro pelas 9 horas da manhãa a mosquetaria e artilharia do Exercito Libertador carrega com toda a força pela longitude da linha inimiga, e obriga os postos avançados a retirar-se. Mac-Donald disperta do lethargo, corre aos logares aonde se julga necessario, tenta resistir a um ataque imprevisto, e procura reunir os regimentos pela maior parte incompletos; porque os soldados depois da revista de manhãa tinhão ido, segundo o costume, roubar pelos campos circumvisinhos o alimento que lhes faltava nas fileiras. Não obstante um ataque tão pouco previsto, os inimigos disputárão com valentia o terreno. O Campo Grande foi um

theatro de carniceria em quanto a esquerda era rompida: a brigada que a occupava atacada em frente, e ameaçada de flanco, teve de retirar precipitadamente. A ala direita postada em Bemfica defendia-se com tenacidade pelo fogo bem dirigido da sua artilharia, mas o centro do exercito disperso ao principio pela impetuosidade das tropas de Lisboa reanimou-se, dizem, pelo valor e sangue frio, que D. Miguel mostrára nesta occasião. Entre tanto a esquerda estava desordenada, as posições do Campo Grande já erão perdidas, e as casas de Lumiar achavão-se occupadas pelos postos avançados do exercito de D. Pedro: Mac-Donald dá ordem de retirada pela meia noite, e em quanto o seu exercito se movia em silencio, as bagagens e todo o material seguírão para Villa Franca, marchando D. Miguel escoltado de um esquadrão com o resto das tropas a tomar posição uma legoa na retaguarda adiante de Loures.

No dia immediato o exercito de D. Miguel occupava uma forte posição, quando pelas 10 horas da manhãa os Lanceiros Inglezes desembocando pela estrada de Lisboa sofrêrão um embate de forças superiores, em que ficárão mal tratados. A este tempo D. Pedro desenvolvendo as suas linhas sobre as alturas de Odivellas fez collocar a artilharia e avançar os atiradores, sustentando um fogo vivissimo sobre o inimigo, que já se receava pelo centro da posição em Loures. Então Mac-Donald pelas 4 horas da tarde, imaginando recuperar as vantagens perdidas na vespora, dá ordem a um filho de Bourmont para atacar uma colina occupada pelas tropas de D. Pedro: o official obedece, chega ao cimo com os seus batalhões, mas é immediatamente batido e obrigado a tomar as suas primeiras posições. A noite veio pôr termo a este combate, em que Mac-Donald só adquirio a gloria de ter suspendido o adversario, em quanto dava tempo a que as baga-

gens e o material do seu exercito chegassem a Villa Franca, para onde ainda de noite mandou marchar successivamente todos os corpos vindo encontrar a confusão pelo embaraço dos homens, mulheres, e bestas, envolvidas com grande estorvo pelas ruas. Poude com tudo restabelecer a ordem do exercito, e fez marchar rapidamente as bagagens para Santarem, onde pouco depois entrou D. Miguel. A perda do Exercito Constitucional nestes dias calculou-se acima de mil homens, entrando neste numero 78 officiaes; porém se damos credito a quem não deve suspeição, o inimigo contou 1500 fóra do combate, cujo desastre junto á deserção que tinha soffrido reduzia sensivelmente as suas fileiras.

Nos dias immediatos até 15 de Outubro Mac-Donald operou o seu movimento de retirada por uma maneira tão regular, que foi admirada pelos generaes de D. Pedro. Chegando a Santarem, o seu primeiro cuidado dirigio-se a aproveitar as vantagens que a natureza lhe offerecia, concentrando todo o exercito, e estabelecendo differentes postos para velar na sua segurança. O general Saldanha fez o seu quartel no Cartaxo, collocou as tropas sobre a margem direita do Tejo adiantando os postos avançados até á ponte d'Asseca, apoiou a esquerda na Azambujeira, e a direita ao longo do Rio sobre Vallada.

A posição de Santarem occupada por tanto tempo presenciou as repetidas escaramuças, que tiverão logar nos postos avançados em frente da Villa. A primeira empreza do inimigo foi reorganisar aqui o seu exercito, e cuidar na arte da fortificação: julgando depois que era necessario cobrir a sua direita, e fechar a estrada de Coimbra, uma columna forte de 3 mil homens marchou a occupar a cidade de Leiria. Logo depois o Ajudante de Campo de Mac-Donald alcançou uma vantagem, apoderando-se da Villa de Salvaterra na margem esquerda do Tejo, e formou uma a-

vançada sobre Lisboa naquella posição, que tinha sido mal defendida pelas tropas de D. Pedro.

No dia 26 de Outubro a Villa de Alcacer do Sal foi occupada pelas forças enviadas de Lisboa com o fim de tentarem uma diversão pelo Alemtejo ao Algarve, onde o exercito inimigo, muito superior em numero, augmentava todos os dias com a incansavel actividade do general Lemos, que governava naquella Provincia. No dia 3 de Novembro um desastre estava preparado para as tropas da Rainha, devido á estupidez do commandante que as dirigia. Lemos avançando com forças superiores atacou de frente os batalhões estrangeiros, em quanto dois esquadrões ás suas ordens executavão um movimento rapido nos flancos e retaguarda, de modo que os soldados assustados pela carga caírão fugitivos debaixo dos golpes do inimigo, e poucos podérão alcançar as embarcações para levarem a Setubal a triste noticia da sua derrota. Grande numero de armas, munições de guerra, algumas bandeiras, e navios armados caírão em poder do vencedor, que teve a barbaridade, dizem, de mandar espingardear muitos prisioneiros depois de acabar a acção. Esta victoria adquirio a Lemos uma grande reputação entre os seus, e foi elevado por D. Miguel ao posto de Tenente General com uma commenda da Ordem de Christo. Alguns dias depois Kerveneau, o mesmo Ajudante de Campo de Mac-Donald, batêo em 11 de Novembro na Barroca d'Alva um corpo destacado de Lisboa, que pertendia entrar no Alemtejo. Muitos mortos e feridos ficárão no campo, e em poder do vencedor mais de 60 prisioneiros com uma grande quantidade de cavallos e munições de guerra.

Por este tempo o exercito de D. Miguel era menos feliz na margem direita do Tejo. O general Saldanha fez um movimento pela sua frente, em quanto uma forte columna marchando sobre a Villa de Pernes atacou a guarnição alli estacio-

nada, que teve de retirar precipitadamente. A este tempo o Coronel de Cavallaria João Nepomuceno destruío completamente os moinhos que servião ao inimigo, e retirou passados poucos dias a tomar as antigas posições depois de inutilisar o que fôra o objecto principal desta tentativa. Outras fortunas e revezes de menos consideração succedêrão de parte a parte, até que o inverno principiando fez sobreestar a campanha pelo estorvo das aguas, e o mao estado dos caminhos. Então começárão a crescer as deserções dos soldados, e dos officiaes para o exercito de D. Pedro, sendo estes em maior numero; porque a fortuna parecia indigitar-lhes a posição que havião de tomar.

A Villa de Santarem aonde, ha pouco, acabava de se fixar a pequena côrte de D. Miguel era o centro das operações do seu exercito, a que devião chegar os viveres, as munições de guerra, e o dinheiro das Provincias. João Galvão Mexia fôra nomeado Ajudante general, ao mesmo tempo que João Gaudencio Torres preenchia os Logares de Intendente geral da policia do exercito, e Commissario em chefe: o serviço foi organisado sob a direcção destes dois homens, que sabião entender-se para augmentar a sua fortuna, e conseguir de D. Miguel uma privança tão decidida como havia sido a do *Conde de Basto*. Ainda que estes sujeitos attendessem, como é de suppor, aos seus proveitos, não podemos duvidar que incorrêrão no odio do exercito mais pela carencia dos meios á sua disposição, do que pelo espirito de rapina e prevaricações. Galvão aborrecia os officiaes estrangeiros, e caíra porisso na sua animadversão; Torres não tinha sempre os viveres e dinheiro necessario, e fôra julgado cumplice do primeiro. D. Miguel que não entendia destes negocios passava uma vida mais activa do que a que tinha logrado nos folguedos de Braga; rodeava continuamente as linhas, vinha observar a ponte de

Asseca, comia em toda a parte, e algumas vezes expunha-se ao fogo dos seus adversarios, Alguns dos seus parciaes tem asseverado: " Que homens pagos pelo crime estavam muitas vezes a ,, seu lado, ao passo que elle sempre rejeitava ,, todos os meios de vilania, que se podião em- ,, pregar contra os seus inimigos. ,, Mas como estas authoridades, além de suspeitas, não adduzem provas do seu dito, ficamos convencidos da não existencia de quejandas aleivosias, quasi que impraticaveis no meio de uma policia cuidadosa e severa. Acreditaremos com tudo aquelles que, por interesses e principios, não infundem suspeição quando nos affirmão de proprio conhecimento, que D. Miguel em Santarem no meio da peste, fome, e miserias de seu exercito, nunca perdêra os habitos de uma educação solta e ferina, frequentando repetidas vezes os lupanares e circos taurinos de Almeirim.

Apesar de tantos obstaculos Mac-Donald applicava-se a fazer chegar o exercito a 15 mil combatentes, restabelecia a ordem e disciplina por quanto cabia nas suas forças, e o tempo lho promettia, despresava os planos diversos em que a sua inacção era criminada, e occultava, dizem, com o maior disvello o seu verdadeiro designio, qual era ver chegar a esquadra com Eliot diante do Tejo, e então deixando em Santarem 5 mil homens tornear com 10 mil bem disciplinados a direita de Saldanha, e penetrar em Lisboa. Entre tanto faltavão os grandes recursos que debalde erão requisitados ao Ajudante general e ao Commissario em chefe: estes não tinhão tudo o que se pedia e necessitava, e como o poderião elles ter? As corporações, os ecclesiasticos, os ricos, os pobres, estavão cançados de dar; os continuados serviços pessoaes e grátuitos dos cultivadores, os celeiros embargados, as decimas duplicadas, os impostos accrescentados, em summa todo o Reino estava esgotado e posto em tal de-

sespêro, que a maioria anceava pelo remate da guerra civil, já indifferente pelo vencimento de Miguel. Observaremos de passagem que esta predisposição do povo Portuguez fôra das mais vantajosas á causa da Rainha, e por ventura tão efficaz como o seria uma victoria assignalada.

Como quer que seja Mac-Donald, que não entendia estas impossibilidades, queixava-se de Galvão e Torres de quem pedia as demissões offerecendo a sua no caso de elles continuarem no serviço; em 20 de Dezembro D. Miguel deferio ás suas rogativas, e perdeo um fiel servidor que em outras circumstancias poderia ter feito muito pela sua causa. O general Povoas foi então nomeado commandante em chefe do exercito de D. Miguel, recebendo esta honra com grandes auspicios dos seus e esperanças de futuro melhoramento; porem os conhecedores logo lhe pronosticárão uma tarefa penosa, mormente nas circumstancias em que a acceitava. Este general ainda que possuia alguns conhecimentos militares, e uma boa instrucção com larga experiencia da guerra, faltava-lhe com tudo aquelle vigor e decisão de espirito, que muitas vezes substituem as relevantes qualidades de uma prudencia, por assim dizer, excessiva que não deixa aventurar aquillo de que a sorte é senhora. Souto Redondo pode vir em apoio desta asserção.

Entrava o anno de 1834 em que a expectação pública estava fixada sobre Santarem, e a causa da Rainha devia melhorar já pelo augmento de recrutas estrangeiras, como pelos numerosos voluntarios Nacionaes que de toda a parte corrião ás armas. Então o general Saldanha resolvendo tornear Santarem penetrou por uma ousada manobra nas villas da Gollegãa e Thomar, e em quanto deixava um corpo de observação no seu quartel general do Cartaxo, apoderou-se da cidade de Leiria no dia 15 de Janeiro depois de aprisionar o governador e a maior parte da guarnição, que

não souberão defender-se. A este tempo achava-se em Torres Novas o regimento de cavallaria de Chaves, celebre pela sua fidelidade a D. Miguel: Saldanha manda atacal-o pelos Lanceiros, que no dia 25 de Janeiro podérão vencel-o apezar da sua bravura e superioridade. Tudo parecia fugir diante do exercito constitucional quando o general Povoas, conhecendo a critica posição de Saldanha, mandou uma columna de 5 mil homens para a villa de Pernes com o fim de lhe cortar a retaguarda, ao mesmo tempo que uma brigada teve ordem de marchar de Coimbra para retomar a cidade de Leiria. Saldanha informado destes movimentos abandona as villas de que se tinha apoderado, e dirige-se rapidamente a Pernes onde a columna inimiga com a sua approximação retirou a tomar uma posição desvantajosa. No dia immediato 30 de Janeiro as tropas de Saldanha atacão com denodado valor os batalhões inimigos, que a muito custo se podérão retirar deixando no campo muitos mortos e prisioneiros, em quanto o regimento n.° 17.° formado em quadrado, no meio do qual se achava o Francez Brassaget, morreo quasi todo rompido pela cavallaria. Esta acção vantajosa, ganhada com a insignificante perda de 10 homens, fôra decididamente devida ao effeito moral dos vencedores. Um estrangeiro ao serviço de D. Miguel refere a anecdota seguinte: O brigadeiro Canavarro, ue b commandava a Divisão em Pernes, estava almoçando quando o advertírão da approximação do ataque: sahe então da barraca com o garfo na mão, e vê-se rodeado de alguns cavalleiros inimigos a quem logo quiz entregar a sua espada; porem estes não quizerão acceital-a, e contentárão-se em despedil-o com despreso. Canavarro poude entrar em Santarem coberto de confusão e com a macula de traidor; porem como se provasse que só era ignorante, foi privado de um commando superior ás suas forças. Por este tempo a brigada que havia partido de

Coimbra, segundo as ordens de Povoas, não conseguio apoderar-se de Leiria; mas como os seus movimentos ameaçassem a situação de Pernes, o general Saldanha voltou a occupar as suas primeiras posições.

Nesta época reinava em Santarem uma horrorosa epidemia, que a arte não sabia suspender. As immundicias da villa, as exhalações putridas dos cadaveres lançados nos fossos visinhos, que por ignorancia ou falta de tempo não cobrião de terra, as fadigas do corpo, e as afflicções do espirito, augmentárão este mal a ponto de que o exercito Miguelista, em tres mezes, contou de menos 5 mil soldados e perto de 400 officiaes. A Infanta D. Maria da Assumpção tambem succumbio a este flagello, e a sua morte foi lamentada por aquelles que sabião da sua adhesão á causa de D. Miguel.

Com tudo em Lisboa grassavão epidemias de effeitos ainda mais terriveis do que os da Cholera-morbus: o povo estava fatigado de esperar, os soldados murmuravão de algumas tentativas malogradas, e a gente mais vil dos batalhões estrangeiros desertava em grande numero para o inimigo: a isto accrescia, (o que era mais de temer,) as grandes divisões dos homens collocados no poder, e as rivalidades e desintelligencias entre os Generaes. D. Miguel que era avisado instantemente de todas estas perturbações quiz aproveitar o ensejo, publicando uma proclamação em que concedia uma amnistia geral por tudo o que elle chamava delictos contra a sua pessoa, commettidos até áquelle tempo; porem as suas promessas fementidas havião perdido inteiramente o credito, e o Duque de Bragança estava no meio do seu povo para moderar as ambições desordenadas dos subditos: serviço transcendente que nunca poderá ser bem avaliado pelo partido, que elle conduzio á victoria. Por esta occasião o general Lemos marchando sobre Aldêa Gallega, que

logo fôra abandonada pela guarnição que ali estava e por quasi todos os habitantes, apoderou-se em seguimento da villa de Alcochete e toda a planicie de Montijo. Isto causára alguma agitação na Capital, mas de pouca duração; porque Lemos chamado a Santarem partio na direcção de Almeirim onde o esperava D. Miguel.

Estes movimentos accelerados annunciavão da parte do inimigo um designio de ataque para desalojar Saldanha do Cartaxo, e marchar sobre Lisboa: aquelle que fôra adoptado de preferencia, desagradando a Povoas, foi entregue á responsabilidade dos generaes subalternos. No dia 18 de Fevereiro pelas 5 horas da manhãa uma columna de 3 mil homens começou um ataque simulado em frente das pontes d'Asseca e do Celleiro sobre as posições occupadas pelo general Saldanha, em quanto D. Miguel subia a uma eminencia, centro da posição, para d'ali observar os movimentos das suas phalanges. Pouco depois uma divisão em força de 8 mil homens commandada por Lemos apoderou-se do logar da Azambujeira ao mesmo tempo que as avançadas dos constitucionaes se retiravão das eminencias fronteiras, e a cavallaria atravessando a ponte do Calhariz vinha postar-se em columna cerrada adiante de Almoster. O estrondo da artilharia collocada nos pontos culminantes advertindo Saldanha do plano inimigo, este general deixa uma força sufficiente para sustentar o ataque na sua frente, e dirige-se com uma forte columna sobre a esquerda. Travou-se então um vivissimo fôgo de parte a parte sem que os adversarios desistissem das suas posições: Lemos vendo quanto lhe custaria caro tomar Almoster fez um movimento sobre a direita seguindo os rodeios de um profundo regato; mas Saldanha marchando parallelamente sobre as alturas mandou tomar-lhe a frente com os esquadrões de Lanceiros.

Chegando á ponte da Graça Lemos dá ordem a Santa Clará para tomar as alturas á frente da

sua brigada, mas no momento em que este se arrojava cahe atravessado de balas, seguindo-se-lhe no commando Brassaget que teve a mesma sorte succumbindo quasi no cimo da colina, ao mesmo tempo que o resto dos seus batalhões erão completamente rechaçados a traz da ponte. A cavallaria inimiga em força de 8 esquadrões, chamada para sustentar a derrota, encontrou no pequeno campo donde ha pouco tinha sahido uma linha de Lanceiros, e alguns batalhões em quadrado, os mesmos que acabavão de aniquilar a infantaria junto da ponte. Restava ao inimigo carregar com esta massa respeitavel, de que pendia a sua salvação; mas no momento em que o primeiro esquadrão encetava a peleja, o resto retrocedeo como espantado. Seguio-se então a retirada em que as tropas inimigas atravessando um barranco soffrerão uma carniceria horrorosa, até qne a noite veio pôr termo a este combate, e Lemos aproveitando-se da obscuridade marchou rapidamente a entrar nas suas linhas.

Em quanto isto se passava na esquerda das posições de Saldanha, o general Povoas não querendo abandonar de todo o plano que não adoptára sustentou a passagem da ponte d'Asseca, e por seus conselhos livrou Santarem de um ataque, que Lemos deixára a descoberto. O inimigo avaluou a sua perda a cima de mil homens, entrando neste numero officiaes de distincção, e Saldanha conveio em ter perdido perto de 400, incluindo o bravo Coronel Miranda, militar de reconhecida capacidade e valor. No dia immediato Povoas, desgostoso de que os seus conselhos fossem despresados, obteve a demissão, e foi substituido no commando em chefe pelo general Lemos, homem inteiramente submisso ás ordens de Galvão. Os seus primeiros cuidados forão organisar dois esquadrões de Lanceiros para equilibrar as vantagens, que os seus soldados atribuião ao adversario na posse desta arma, e estabelecer um

campo sobre a direita de Santarem com o duplicado intuito de observar o exercito de Saldanha, e evitar o grande ajuntamento de tropas, causa das epidemias que, apesar destas providencias, não cessárão de continuar os seus estragos na villa.

Não obstante o grande numero de Belgas, Francezes, e Inglezes, que ha pouco tinhão vindo assoldadados ao serviço de D. Pedro, e que promettião serem bravos defensores combatendo pela sua causa, este Principe laborava no meio dos enredos de alguns dos seus mesmos Ministros, para que a sorte lhe não deixasse gozar plenamente daquella satisfação, que o resultado da contenda parecia evidenciar a seu favor. Depois que chegára a Lisboa gemeo constantemente sob os padecimentos de uma molestia mortal, aggravada pelos afanosos cuidados que o cercavão; mas a sua alma vigorosa sobresahia a tudo, nem havia obstaculos que a podessem superar. Pelas suas determinações fôra restituido o Busto do Marquez de Pombal ao pedestal da Estatua Equestre no dia 12 de Outubro de 1833, e então a Nação poude um momento recordar-se daquelle que out'rora a levantára do abatimento, esmagando a terrivel seita dos Jesuitas, que ha pouco D. Miguel não se envergonhou de chamar ao seio da Patria. Estes padres apressárão-se a entrar em Portugal a instancias do partido do obscurantismo pelas razões que não deixão duvida alguma na presença do documento escripto de Londres ao Bispo de Viseu, o qual já copiamos no Capitulo XI. Em Lisboa começárão as suas catecheses na residencia do Colleginho, e chegárão a ser visitados por D. Miguel em 12 de Fevereiro de 1832. Em 18 do mesmo mez chegárão a Coimbra seis destes Sycophantas, accompanhados do furibundo Fr. Fortunato para ali semearem as suas doutrinas pelo meio das turmas daquelles miseraveis, que os acclamárão até tomarem posse do Collegio das Ar-

tes; mas foi sómente por decreto datado de 30 de Agosto de 1832 que D. Miguel admittio expressamente os Jesuitas, concedendo o beneplacito ás Bulas Pontificias de Pio VII, e restringindo algumas prerogativas que esta sociedade gosára em Portugal antes da sua extincção.

Facil fôra ao Duque de Bragança tratar com o devido despreso esta renascida congregação; mas não assim a Corte de Roma, causa primaria da intrusão destes padres para continuar a perturbar o Reino com a sua influencia religiosa. D. Pedro chegando a Lisboa pelos fins de Julho de 1833, perfeitamente instruido do criminoso procedimento do Nuncio Justiniani pelos anathemas que havia lançado contra a legitima causa da Rainha, e ainda peior, pelas perseguições que promovêra contra os subditos fieis, motivos que o expunhão á animadversão dos perseguidos, convidou-o a sair immediatamente de Portugal em uma embarcação de guerra que poz á sua disposição.

Partio com effeito Justiniani para Genova em 5 de Agosto, deixando em seu logar o Auditor Curoli que continuou a expedir Bullas e Dispensas Matrimoniaes em nome do Nuncio ausente, e ás primeiras que se apresentárão ao Governo, deo este o *Placet*, não obstante a irregularidade da fórma. Entretanto D. Pedro fez lhe saber que não poderia continuar a expedil-as por semelhante theor, mas que o faria em nome de S. Santidade, ou d'outra qualquer pessoa competentemente authorisada. A isto recusou-se o Auditor, e teve o perfido atrevimento de abrigar em sua casa os adversarios da Rainha, escudando-os com a sua immunidade no momento que dali se entendião com o inimigo estacionado perto de Lisboa. Por estes motivos, que erão dignos de uma severa punição, o Regente usando de toda a moderação mandou sahir Curoli de Lisboa, donde partíra com effeito no mez de Março de 1834 dirigindo ao Governo uma especie de protesto ridiculo e ameaçador,

que um seu agente entregou na Secretaria d'Estado depois da sua partida.

Entretanto outros cuidados de maior importancia chamavão agora a attenção do Duque de Bragança. O governo Inglez, esperançado em tirar algum proveito de combinações pacificas, interpunha a sua mediação para accommodar os dois partidos contendedores: D. Pedro e os seus generaes conhecião por experiencia propria a resistencia, que o inimigo oppunha ás suas tropas em frente de Santarem, Porto, Setubal, e no Algarve; vião que ainda podia resistir muito tempo sem perder terreno, e receavão prolongar a lucta que um asar poderia levar a grande risco. Assegura-se que D. Pedro acceitára a intervenção, estabelecendo por base preliminar de qualquer negociação: *Que D. Miguel sahisse da Peninsula para nunca voltar.*

Como quer que seja, as proposições de paz enviadas a Santarem em 24 de Março, que o Almirante Parker fazia communicar ao Ministro da guerra Conde de S. Lourenço como garantidas pelo governo Inglez, continhão em substancia, segundo a lembrança de um Official Francez, o seguinte: 1.° Que o Infante D. Miguel se retiraria de Portugal por um tempo limitado, findo o qual, poderia voltar se bem lhe parecesse; 2.° que conservaria os seus titulos e dignidades, e todas as suas propriedades comprehendendo a casa do Infantado; 3.° que todos os officiaes e soldados do seu exercito, assim nacionaes como estrangeiros, conservarião os postos e distincções adquiridas até áquelle dia, sendo-lhes livre ficarem ao serviço da Rainha; 4.° que todos serião pagos dos soldos, que se lhes devessem desde 1828. O concelho de D. Miguel reunido por esta occasião ainda punha muita confiança nas suas forças, e illudia-se com as esperanças de uma esquadra que nunca devia apparecer, para que agora quizesse votar por aquellas proposições certamente mui van-

tajosas. Ponderou-se por tanto que o inimigo seria mais fraco por ter querido entrar primeiro em negociações, e logo o Conde de S. Lourenço por ordem de D. Miguel respondeu ao Almirante Inglez de uma maneira evasiva, affirmando que não havia caracter algum official naquellas proposições.

Esta negociação foi por alguns dias occultada ao exercito de Santarem, mas logo que chegára ao conhecimento de todos, a maior parte que era interessada no remate de tantos males com inesperada vantagem arguio altamente D. Miguel por não acceitar as proposições; porem aquelles ultras que confiavão tanto do asar sem terem mais merecimentos do que os primeiros louvárão a sua firmeza, e approvárão a constancia em não sobscrever ao tratado. Continuárão por tanto os preparativos de parte a parte: as fortificações de Santarem forão levadas a um ponto a que nunca tinhão chegado, em quanto D. Pedro formava um plano de ataque que comprehendia uma vasta extensão de terreno; os seus navios começárão a transportar reforços ás cidades do Porto, e Lagos, para invadirem simultaneamente as provincias do Minho e Algarves.

Terminaremos este Capitulo dando algumas noções sobre o estado da guerra do Alemtejo. Mr. d'Almer partindo da frente do Porto em 11 de Março chegou á capital desta Provincia, onde encontrou alguns depositos de cavallaria e o batalhão denominado de *D. Miguel I*, em que Lemos pôzéra todos os seus cuidados: as forças restantes occupavam as margens do Guadiana, cercavão os muros de Marvão, e aproximavão-se a Setubal. Os commandantes destes destacamentos davão conta das operações ao general da Provincia, e recebião delle as suas ordens. A Praça de Marvão antiga Fortaleza na fronteira de Hespanha, situada em uma elevadissima montanha, tinha proclamado o governo da Rainha em 12 de Dezembro de 1833. O Coronel de cavalaria Anto-

nio Pinto Alvares Pereira preso sem processo na Torre de S. Julião, fôra removido para esta Praça em Novembro de 1832, e agora commandava aquella brava guarnição que dera tanto que fazer aos Officiaes de D. Miguel. Uma força de 1200 homens occupava os contornos de Marvão, e formava quasi um circulo a esta importante posição; mas os repetidos combates e as doenças havião diminuido os sitiantes de tal modo que os sitiados podérão abastecer-se, e elevar as suas forças a mais de 800 homens Portuguezes e Hespanhoes. Então as sortidas de Marvão começárão a perseguir pela frente e retaguarda as linhas dos sitiantes com tal arte que o commandante, atacado em 24 de Março de 1834 pela guarnição da Praça e por um corpo auxiliador de tropas Hespanholas, teve de retirar para Portalegre. No dia 26 o Coronel Pinto accometteo as forças commandadas por Doutel em Castello de Vide, esperando encontral-as sem munições; porém como as houvessem recebido occultamente, e a este tempo uma força inimiga avançasse de Portalegre para lhe cortar a retaguarda, foi obrigado a retirar precipitadamente para Marvão soffrendo alguma perda.

Para não interromper a ligação dos acontecimentos diremos que depois de 18 de Abril o coronel Rodrigo de Sousa Tudella fôra substituido no commando em frente de Marvão, aonde duas vezes batido pelos constitucionaes deixou surprehender a cidade de Portalegre, e as autoridades Miguelistas que partirão em poder do vencedor. Mais tarde este coronel e o governador do Castello de Vide capitulárão com Rodil general da Divisão Hespanhola, que entrára em Portugal pelos motivos que adiante teremos occasião de observar.

CAPITULO XXI.

Tentativas no Algarve mal succedidas — Empreza de Alcacer abandonada — Luiz de Bourmont rechaçado em frente de Setubal — Derrota em S. Bartholomeu de Messines — Guerra nas provincias do Norte — O Barão de Villa Pouca — Façanhas do Almirante Napier — O Barão do Pico do Celleiro sahe do Porto — Combate de S. Thirso — Combate da Lixa — Raimundo evacua a cidade de Braga — O Duque da Terceira entra em Amarante — Jorge d'Avilez aparece em Tras-os-Montes — Historia do Infante D. Carlos em Portugal — Tratado da Quadrupla Alliança — Os presos politicos sahem das prisões de Almeida — O Duque da Terceira entra em Viseu — As forças Miguelistas retirão-se em frente do Exercito Luso-Hispanico — Restauração de Coimbra, e Figueira — Capitulação de Ourem — Noticias espalhadas em Santarem — O Duque da Terceira entra em Thomar — Batalha da Asseiceira — Alguns promenores — Ingratidão de alguns Officiaes de D. Miguel — Movimentos do exercito combinado — Santarem evacuada — Façanhas de D. Miguel — Entra na Cidade d'Evora — Marcha de Saldanha, e do Duque da Terceira — Planos apresentados a D. Miguel — Os seus generaes recusão combater — Capitulação rejeitada — Condições impostas em Evora-Monte — D. Miguel céde ás circumstancias — Estipulações sobre o Infante D. Carlos — O exercito Miguelista depõe as armas — D. Miguel embarca em Sines no meio de improperios — A Praça d'Elvas, e o resto do Reino entra na submissão — Queixas das injurias feitas a D. Miguel — Resposta.

Em quanto as provincias de Portugal gemião desta sorte opprimidas com os desastres de uma guerra civil tão prolongada, o Reino do Algarve emparelhava nas mesmas desgraças, e porventura as excedia: os seus campos erão talados por numerosos destacamentos e troços de *guerrilhas* commandadas pelos officiaes de D. Miguel, quasi sempre homens de uma tempera feroz e brutal; as guarnições que havião ficado nas cidades de Lagos e Faro desde a marcha do Duque da Terceira sobre Lisboa já não se atrevião a continuar as suas

sortidas que, força é confessal-o, ordinariamente foram desvantajosas ás armas da Rainha; em summa as tropas constitucionaes só erão senhoras do terreno que pisavão ao sul de Portugal. Nestas circumstancias Bernardo de Sá Nogueira, chegando com novos reforços, penetrou até Almodovar no Alemtejo; porem no dia 21 de Março de 1834 uma columna do seu commando, quasi que surprehendida no valle da Matta, teve de retirar na maior desordem até S. Marcos. Pouco dias depois os combates de Moura e Barrancos, não sendo mais vantajosos, as tropas constitucionaes forão obrigadas a retroceder sobre Lagos e Faro.

Em quanto Luiz de Bourmont se achava occupado nas immediações de Serpa, a villa de Alcacer do Sal cahia no poder de uma parte da guarnição enviada de Setubal; mas brevemente teve de abandonar áquella empreza depois que se vira atacada pelas forças superiores do mesmo Bourmont reunidas á brigada de Cabreira, official Miguelistai que não deveremos confundir com o bravo Diocleciano Leão Cabreira batendo-se pela causa da Rainha. Logo que os dous officiaes se apoderárão de Alcacer, resolvêrão marchar d'alí a Setubal para occupar esta interessante posição, que lá para si tiverão de facil vencimento. Com effeito no dia 12 de Abril Cabreira avançando á frente da sua cavallaria sentio-se repentinamente obrigado a retirar muito ao longe, em quanto alguns dos seus se apoderárão de tres fortes que dominavão a villa, e aonde assentárão algumas peças; mas pouco tempe gosárão desta ousadia, sendo immediatamente expulsos e rechaçados pelos bravos defensores de Setubal. Então Luiz de Bourmont esperando em vão ser soccorrido desamparou o combate, retirando-se debaixo de um fogo vivissimo com grave perda dos seus soldados. Depois desta malograda tentativa Bourmont tornou a entrar em Alcacer do Sal, e Cabreira dirigio-se para o Algarve ao encontro de um destacamento, que sahindo de Lagos

acabava de tomar a cidade de Silves, onde se tinha fortificado. No dia 24 de Abril travou-se um terrivel combate em S. Bartholomeu de Messines, onde Cabreira poz em completa fuga as tropas constitucionaes, que perdêrão bagagens, artilharia, e um grande numero de Lanceiros Inglezes. Estes tropheos remetidos para Santarem valêrão ao vencedor o posto de Marechal de Campo.

Mas se com todas estas vantagens o inimigo se gabava da sua segurança nas provincias do Sul, o Norte do Reino lhe apresentava successos bem dolorosos, que em poucos dias havião de levar aos muros de Santarem uma ruina total. Em quanto Mr. d'Almer commandava em frente do Porto, os povos gemião debaixo de extorsões violentas, que lhes erão feitas todos os dias para sustentar um exercito com estipendios gratuitos: este general nomeára para o commando geral das *guerrilhas* do Minho um certo Gavião Pessoa, que o secundava nas suas operações, e como conhecesse que os soldados temião e exageravão o perigo da Lança, fez instruir a cavallaria no exercicio desta arma, entregando-a aos cuidados de Mr. de Puisseux seu chefe do estado maior. O brigadeiro José Cardoso, succedendo a Mr. d'Almer no commando de observações em frente do Porto, estabeleceo o seu quartel general em Oliveira de Azemeis ao Sul do Douro, onde o exercito de D. Miguel tinha diminuido consideravelmente para que podesse defender uma extensa linha, cujo ponto central era a aldêa de Santo Thirso situada sobre o Rio Ave. Por este tempo o espirito de rapina exercitado pelas authoridades Miguelistas na provincia do Minho não quiz perdoar ao mesmo Barão de Villa Pouca, filho do general Visconde do Pezo da Regoa, que temos visto figurar no decurso desta guerra. Nem as suas opiniões, nem os serviços de seu pai, podêrão infundir respeito aos aggressores de modo tal que este coripheo de D. Miguel julgando-se deshonrado na sua considera-

ção, e talvez conhecendo o pendor da fortuna, resolveo apresentar-se na cidade do Porto organisando depois uma numerosa *guerrilha* dos seus adherentes com que atacava as tropas do brigadeiro Quinhones nas proximidades de S. Thirso, e punha tudo em um continuo rebate.

Appareceo tambem o Almirante Napier, Conde do Cabo de S. Vicente, participando no dia 23 de Março: " Tenho tomado o Castello da ,, Villa de Caminha, e marcho sobre Vianna. ,, Depois destas surprezas partio sobre Valença, e intimou ao governador que, se não lhe entregasse a Praça dentro em duas horas, brevemente lhe abriria brecha, e a guarnição ficaria sujeita ás consequencias do assalto. Elle não possuia uma unica peça, mas o seu renome poude fazer mais do que a artilharia: Val nça entregou-se.

O Brigadeiro Torres, Barão do Pico do Celleiro, instruido destes acontecimentos e do estado das fileiras inimigas em frente do Porto, que havião perdido toda a confiança nos seus commandantes, saío immediatamente desta Cidade com a maior parte da guarnição composta do Regimento 18.º, alguns Batalhões de Voluntarios, Cavallaria organisada recentemente, e pouca mais tropa regular. No dia 26 de Março atacou todos os postos avançados das linhas de S. Thirso, e logo a vanguarda que se dirigia pela aldêa do Carneiro recebendo algumas descargas hesitou um momento; mas chegando em seu soccorro as forças principaes que se desenvolvião sobre as alturas, o inimigo retirou sobre S. Thirso, continuando o fogo na retaguarda, e desfilando com boa ordem depois de ter incendiado o campo. Quando acabavão de atravessar a ponte, os Lanceiros do Porto, que havião passado o rio para lhe cortar a retirada, encontrarão-se com um esquadrão commandado por Mr. de Puisseux: travárão logo peleja que deo azo á infanteria inimiga poder operar a sua retirada sobre Guimarães, e resultou um

ferimento ao commandante da cavallaria, que foi obrigado a separar-se por algum tempo do regimento onde a sua presença era interessante. Alguns carros de feridos chegárão ao Porto, mas os soldados Miguelistas desordenados forão levar o terror até Villa Real.

A este tempo o Brigadeiro José Cardoso deixando Oliveira de Azemeis atravessou o Douro em Entreambos os Rios, e chega no dia 27 a Penafiel, em quanto as tropas batidas em S. Thirso entravão em Amarante. Na manhãa seguinte querendo oppôr-se á retirada reunio todas as forças, e foi postar-se nas alturas da Lixa, aonde no dia 2 de Abril foi atacado pelo Barão do Pico do Celleiro em ordem de tres columnas. A do centro avançou sobre o inimigo, mas a cavallaria mais corajosa que instruida retrocedeo sobre a reserva com bastante confusão, sendo necessario animal-a o exforço de alguns bravos officiaes, que provárão no ataque a sua valentia, e a força das suas espadas. Então continuou a avançada com bastante resistencia, movendo-se uma columna do flanco a ganhar as posições, que o inimigo logo desamparou retirando-se em bom estylo. Os Constitucionaes contárão perto de 100 homens fóra do combate, e o inimigo soffrendo uma perda quasi igual lamentou os graves ferimentos de alguns dos seus officiaes Francezes.

Em quauto José Cardoso passava o Tamega em Amarante, e Pico do Celleiro se dispunha a forçar aquella posição, chegou o Duque da Terceira de Lisboa accompanhado de algumas tropas para tomar o commando daquella Divisão, que havia de proceder victoriosa por um longo espaço de terreno. Logo a Cidade de Braga para onde partírão algumas forças foi evacuada pelo celebre Raimundo José Pinheiro, homem conhecido pela sua crassissima estupidez, mas que tivera bastante agilidade para extorquir enormes sommas aos povos do Minho, sob pretexto de pagar a 3 mil *guer-*

rilhas, que nunca recebêrão satisfação das suas promessas. Assim debalde as procurou elle reunir no momento do perigo: " Porque estes homens, „ diz uma authoridade não suspeita, mais dispos- „ tos a roubar, que a combater, dispersárão-se á „ approximação do inimigo, e Raimundo abando- „ nou Braga sem dar um tiro. „

O Duque da Terceira entrou em Amarante em 11 de Abril em quanto José Cardoso, abandonado dos corpos de Milicias e Voluntarios, chegava a Lamego seguindo poucos dias depois a estrada de Viseu. Na provincia de Traz-os-Montes appareceo a cooperar com a Divisão do Duque o general Jorge d'Avilez, reunindo aquellas forças que a occasião lhe apresentava, e proseguindo vigorosamente na empreza que a fortuna lhe deparára. Avilez detido em prisão desde 1828 por ordem de D. Miguel fôra removido ultimamente para esta Provincia, onde lhe foi possivel alcançar intelligencias com os homens das suas opiniões: passeando certo dia guardado por um official, sob pretexto de exercicio em razão das suas molestias, foi libertado com toda a galhardia por um troço de Hespanhóes que entrárão na raia de Portugal para esse fim.

Aqui cumpre referir algumas façanhas do Infante D. Carlos de Hespanha, que largára Traz-os-Montes quando vio ameaçada a Provincia pelas tropas que saírão do Porto. Este Principe tão charo aos absolutistas, e hoje bem conhecido pelas suas aventuras, saíra de Hespanha por ordem de seu irmão Fernando VII no momento em que este Rei, dispertando do paroxismo por que se reputára morto, Christina sua mulher lhe patenteou o fatal e subrepticio Decreto, pelo qual a sua filha Isabel era excluida da Soberania das Hespanhas. Chegando a Portugal com a sua comitiva não desistíra um só instante das suas pertenções, aguardando a morte de seu irmão como o ensejo mais opportuno para, com o apoio de D. Miguel,

usurpar a corôa de Castella. Então o gabinete de Madrid dirigido pela Rainha Christina enviou a Portugal o general Luiz Fernandes de Cordova, ainda acreditado Embaixador de Hespanha junto a D. Miguel, e um fiel servidor de Fernando que o elevára pelos sentimentos de adhezão á sua pessoa e á causa do absolutismo: disto déra em Portugal provas não equivocas, quando tendo presenciado o combate de Cacilhas veio aconselhar ao Duque de Cadaval que não desamparasse Lisboa, e que o inimigo era fraco, prestando depois as suas diligencias pela causa de D. Miguel a quem assegurava os mais lisongeiros protestos de amisade da parte do seu governo, ao mesmo tempo que persuadia ao Marechal Bourmont o muito interesse que tomava pelo successo das suas armas. Entretanto Cordova, unido á corte volante de D. Miguel, observava de perto os passos e movimentos de D. Carlos recusando agora obedecer ás ordens de seu irmão, que o mandava embarcar para os estados do Papa. Mas em quanto o Embaixador participava ao seu governo a resistencia do Infante, o general Sarsfield estendia um cordão de 12 mil homens desde Cidade Rodrigo até Badajoz. Passado algum tempo morreo Fernando VII, e D. Carlos assentou a sua morada em Villa Real onde poude gosar de alguma tranquillidade, esperançado na fidelidade e sympathias dos habitantes de Traz-os-Montes. Como nesta posição ameaçasse o throno de sua Sobrinha Isabel II, e d'ali chamasse á rebellião os povos da Hespanha, o governo de Madrid enviou positivas ordens ao general Murillo para impedir semelhantes tentativas. Então este Capitão General da Galiza exforçou-se em penetrar pelo norte de Portugal, mas fôra sempre embaraçado por numerosos contratempos.

Chegou o tempo, como já mencionamos, em que as tropas do Porto rompêrão pelo Minho, e então D. Carlos desconfiado dos successos retirou-se

de Villa Real accompanhado da sua familia e de alguns transfugas ; passou o Douro perto de Lamego e veio estabelecer-se á cidade de Viseu. Aqui demorando-se pouco tempo dirigio-se á Praça de Almeida com o fim de penetrar em Hespanha por Cidade de Rodrigo ; mas apresentando-se na fronteira diante do exercito commandado por Rodil, onde pelas suas intelligencias esperava encontrar alguma sublevação, teve de recolher-se á Praça fazendo fogo contra alguns destacamentos que se approximarão. O general Rodil vendo que as suas reclamações não erão attendidas fez um movimento para cercar a Praça, e D. Carlos poude evadir-se a muito custo por caminhos tortuosos, seguido de perto e perdendo uma parte das suas bagagens até chegar á Guarda a unir-se ao resto dos seus e á sua familia, para d'ali continuar em fuga precipitada, porque o general Hespanhol o perseguia.

Por este tempo um Tratado foi celebrado em Londres a 22 de Abril, pelo qual a Hespanha se obrigava a mandar um corpo de tropas á sua custa para expulsar os dois Infantes do territorio Portuguez: a Inglaterra enviaria um auxilio naval, e se acaso as occurrencias o pedissem, a França deveria cooperar para este mesmo fim por ulteriores ajustes. As condições forão que o Regente de Portugal daria uma amnistia geral, e *um rendimento adequado ao nascimento e graduação do Infante D. Miguel*, logo que este se retirasse dos Estados da Peninsula. A Hespanha obrigou-se no mesmo sentido para com o Infante D. Carlos. Em consequencia destas transacções o general Rodil teve ordens positivas do seu governo para entrar em Portugal, e cooperar com os generaes da Rainha até á conclusão da guerra civil.

Com a approximação do general Duque da Terceira a Lamego, e logo depois que D. Carlos se evadira de Almeida, a guarnição Miguelista desamparou esta Praça : então os presos politicos que jazião nas tenebrosas prisões dos seus muros po-

dérão ver a face ao dia, e respirar um ar livre em 18 de Abril de 1834. Assegura-se que antes do seu abandono alguem propozera em concelho que se repetissem as horrorosas scenas de Extremoz; mas a existencia desta proposta para que se possa accreditar ainda carece de confirmação. O coronel Antonio de Araujo Valdez fez com que se organisassem alí dois Batalhões, que depois vierão a prestar alguns serviços ao norte da provincia da Beira.

O Duque da Terceira entrou em Vizeu em 2 de Maio, e demorando-se quanto lhe fôra necessario para combinar com o general Rodil dirigio-se sobre Coimbra, ao mesmo tempo que o exercito Hespanhol por um movimento favoravel apoiava a sua esquerda na marcha para o sul do Reino. Todas as forças de D. Miguel estacionadas ao norte da provincia da Beira, e aquellas que occupavão a villa de Soure, concentrarão-se na cidade de Coimbra, onde João de Gouveia Osorio tomou o commando com o fim de obstar á juncção do exercito do Duque da Terceira com o de Saldanha, e conservar Santarem livre dos ataques destes formidaveis adversarios. Alguem então se persuadíra que o Rio Mondego, offerecendo posições susceptiveis de uma longa defeza, ia ser a base de novas operações; porém Osorio deo ordem de retirada, ou porque recebêra instrucções para esse mesmo fim, ou porque as circumstancias do momento o obrigárão a despedir-se por uma vez de uma das boas cidades de Portugal.

Ao mesmo tempo que o Duque da Terceira entrava em Coimbra no dia 8 de Maio, e o Almirante Napier desembarcava na Figueira accompanhado de algumas tropas, todas as forças Miguelistas retiradas destes pontos marchárão a concentrar-se na villa de Thomar, onde se achárão reunidas no dia 11 de Maio. Em quanto o mesmo Duque seguia os movimentos do inimigo que se retirava, Napier partindo pela estrada de Pombal

veio sitiar o Castello de Ourem occupado por uma forte guarnição, que no dia 15 de Maio capitulou com as honras de guerra. Quando estes desastres chegárão a Santarem ao conhecimento de João Galvão, este Ajudante valido imaginou desviar o desalento do seu exercito publicando uma pomposa ordem do dia em que annunciava a tomada de Faro, e Lagos, e outras fabulas absurdas como o apparecimento daquella esquadra ha tanto tempo desejada em frente de Lisboa. Entretanto um desengano molesto veio brevemente vulnerar as imaginações offuscadas com estas noticias mentirosas: soube-se que Terceira e Napier sustentados pelo exercito de Rodil havião chegado a Thomar, e que Saldanha não tendo já a temer pela sua esquerda sobre Leiria ameaçava passar á margem opposta do Tejo, e tomar Salvaterra.

Então era forçoso um combate decisivo para impedir que a posição de Santarem, occupada á custa de tantos sacrificios, não fosse investida pelos temiveis adversarios que se approximavão: Antonio Joaquim Guedes depois de tomar o commando das brigadas Miguelistas em numero de 5 mil infantes, 400 cavallos, e 11 bocas de fogo, retirou-se de Thomar em 14 de Maio não obstante as ordens que recebêra d'ali se conservar, e veio tomar posições perto de Asseiceira. O Duque da Terceira apenas entrou em Thomar seguio de perto o inimigo, e com effeito veio alcançal-o no dia 16 de Maio pelas 7 horas da manhãa. A sua Divisão inferior ao numero da contraria, mas avantajada no valor e ancia dos combates, foi dividida em trez columnas commandadas por João Nepomuceno, Coronel Queiroz, e Vasconcellos: a cavallaria era dirigida pelo bravo Coronel Fonseca. Começou o ataque dos atiradores sustentados por reservas avançando sobre o centro e direita do inimigo, que se retirou dos seus postos ao mesmo tempo que fortalecia a sua esquerda, sustentando um reconhecimento das tropas do Duque. Tinha

chegado aquelle reforço a quem o Castello d'Ourem se rendêra na vespora, quando pelas 9 horas da manhãa as columnas precedidas de atiradores e reservas avançárão debaixo de um fôgo terrivel de parte a parte. Então a artilharia inimiga bem collocada começou a jogar com tal vantagem sobre a direita e o centro do exercito do Duque, que os soldados forão confundidos e quasi rechaçados. A este tempo Guedes querendo aproveitar-se do ensejo ordenou a Mr. de Puisseux, que carregasse sobre a infantaria e os Lanceiros que avançavão pela sua esquerda, o que este executou com bravura proseguindo as suas vantagens contra os fugitivos. Mas já com o grito da victoria se aproximava a uma pequena altura, quando uma descarga terrivel dos Caçadores que alí se achavão emboscados lançou por terra a Mr. de Puisseux, e logo toda a sua cavallaria retrocedeo a communicar a desordem nas fileiras da retaguarda, que immediatamente começárão a dispersar, accommettidas por todos os lados. A este ponto da esquerda inimiga crescêrão os reforços dos constitucionaes, e a artilharia começou a metralhar os adversarios, que ainda se defendião com os Voluntarios de Lamego e o Regimento 16.º

Nestas circumstancias o Duque da Terceira ordenou accommetter o inimigo sobre o centro, o qual principiando a retirar na maior desordem sobre a Barquinha levou comsigo os batalhões encarregados de defender as posições da sua direita, em quanto a esquerda seguia os mesmos movimentos. Tal era o terror e confusão entre o exercito de Guedes, que a sua artilharia e os cavallos vierão caír de todas as partes sobre a infantaria fugitiva: então a derrota foi geral, a cavallaria não se atrevêo a proteger a retirada, e alguns batalhões que quizerão resistir formados em quadrado forão obrigados a depôr as armas. O general Guedes fôra o primeiro a retirar, e desta sorte as reliquias do seu exercito, abandonado e disperso, passárão o

Tejo em differentes pontos para no seguinte dia entrarem na Chamusca em numero de 1500 infantes e 100 cavallos. Muitos officiaes superiores forão contados em o numero dos immensos prisioneiros deste dia, e 8 peças de artilharia ficárão em podêr das tropas da Rainha, que pela ultima vez tiverão a lamentar a perda de quasi 300 homens. As gentilezas dos vencedores da Asseiceira forão sem par, os seus brios rivalisarão no calor da acção, e os talentos militares de José Jorge de Loureiro, que sempre accompanhou o Duque da Terceira nesta ardua emprêsa, prestarão um decidido auxilio á victoria deste dia.

Quando os fugitivos trouxérão a Santarem a noticia da sua derrota, o brigadeiro José Urbano, que poucos dias antes havia sido nomeado por D. Miguel commandante da cavallaria, e do mesmo recebêra uma porção avultada de dinheiro para satisfazer as suas necessidades particulares, foi mandado para a Chamusca a fim de se oppôr aos progressos do vencedor. Este homem ingrato, como refere S. Pardoux, vendo que a fortuna desamparava o seu bemfeitor, determina passar para o adversario com um serviço assignalado por que o tornasse propicio. Com este intuito propoem aos officiaes e soldados debaixo das suas ordens, que na margem opposta do Tejo junto á Gollegãa D. Miguel se achava envolvido pelos inimigos, e já prestes a succumbir; que assim esperava encontrar em todos bastante coragem e fidelidade para que o seguissem a libertar o seu rei. Um grito de enthusiasmo saindo de todas as fileiras não deixou a menor duvida sobre os seus desejos: atravessão logo o Tejo, e formão na margem opposta quando se virão immediatamente cercados de todos os lados por alguns esquadrões de Lanceiros da Rainha, e para elles correndo José Urbano com o coronel Antonio Cardoso de Albuquerque, clamando: *Viva a Rainha e a Constituição.* Os soldados estupefactos cedêrão cheios de indignação execran-

do os nomes dos traidores que certamente não ficarão em melhor valia no conceito daquelles que os recebêrão. Pouco tempo depois ainda 60 soldados de cavallaria induzidos pelos seus officiaes desertarão das fileiras de D. Miguel para se entregarem ao vencedor.

Nestas circumstancias Santarem cercado de todos os lados, carecendo de viveres e mantimentos, apenas contava com um só ponto de communicação pelo Alemtejo, e esse gravemente ameaçado para que se podesse reputar em segurança. Em quanto a guarnição de Abrantes abandonando a Praça sem combate atravessou o Tejo marchando sobre Extremoz, o general Rodil avançava com movimentos rapidos sobre Portalegre para cortar as communicações com Elvas, e Saldanha movia-se do seu campo do Cartaxo mandando occupar Salvaterra, e procedendo até debaixo da artilharia de Santarem. D. Miguel resolveo-se então a abandonar esta formidavel guarida, que ninguem havia ousado atacar: uma brigada que alí se achava quiz ficar na Villa aonde jurava morrer, mas pelas suas persuasões decidio-se a seguil-o. Na tarde e noite do dia 17 de Maio todas as tropas passarão o Tejo, deixando as peças encravadas e o arsenal incendiado, ao mesmo tempo que D. Miguel passando e repassando o Rio dava as suas ordens com uma presença de espirito notavel, mostrando energia e o zêlo infatigavel, que tinha adquirido nestes ultimos tempos pela triste experiencia dos seus infortunios. O general Saldanha entrando em Santarem no dia 18 mandou atacar a retaguarda do exercito inimigo, que ainda atravessava o Tejo e seguia para Evora pela estrada de Coruche com alguma ordem, em quanto por outras partes reinava a mais completa derrota e assombrosa anarquia.

D. Miguel entrou em Evora a 21 de Maio, onde foi precedido por seu thio D. Carlos que, accompanhado da sua familia e dos seus adherentes Hespanhoes, viera perseguido pelo exercito de

Rodil desde a cidade da Guarda a buscar um asylo até este ponto. O general Saldanha atravessando o Tejo abaixo de Santarem tinha marchado pela estrada de Arraiollos sobre Evora-Monte, afim de fazer a sua juncção com o Duque da Terceira, que depois da batalha da Asseiceira manobrára na intenção de cortar as communicações com Elvas, e embaraçar ao exercito inimigo de se introduzir nesta Praça. Desta arte as reliquias do exercito de D. Miguel achárão-se cercadas novamente na cidade de Evora em força de 15 mil homens de todas as armas, e alí os seus generaes acabavão de conhecer do Tratado da Quadruple Alliança. Um armisticio de 48 horas encetado entre o general Saldanha e Guedes era o espaço de tempo, que se apresentava a D. Miguel e seus adherentes para tomar um partido. Dois planos se apresentárão: o primeiro propunha esperar o adversario nos campos d'Evora, e dar uma batalha decisiva contando com o apoio das forças do Algarve, que se dirigião por ordem áquelle ponto; e o segundo requeria um commandante audacioso que, organisando uma columna forte de 8 mil homens escolhidos, caísse de improviso sobre uma das tres divisões que cercavão Evora a largas distancias, e mudar por esta fórma o aspecto da guerra.

Então os generaes de D. Miguel chamados a conselho para decidirem da extrema sorte dos seus negocios affirmárão, que nada poderia esperar-se dos officiaes e soldados abatidos e desmoralisados com tão repetidos revezes para imaginar uma probabilidade de mudança de fortuna em um combate atrevido; que o exercito da Rainha, forte em numero e victorioso, era auxiliado das Potencias estrangeiras; em summa, que elles tinhão assás feito pela sua causa para que se não dissessem cobardes, mas que não querião sacrificar inutilmente as suas vidas nos campos d'Evora. Com esta resolução D. Miguel decidio-se a entrar em negociações.

Entretanto pelas correspondencias que tiverão logar entre o commandante Lemos e os generaes Saldanha e Duque da Terceira fica patente, que o armisticio rejeitado eliminava toda a idêa de capitulação, sendo forçoso a D. Miguel e ao seu exercito o sujeitar-se ao rigor dos seus destinos. Em virtude do tratado da Quadruple Alliança já estava decretado que D. Miguel e D. Carlos saírião para sempre da Peninsula Hispanica, empregando os signatarios as forças necessarias para o levar a effeito sem que os Pertendentes houvessem meios de resistencia, como expressamente o declarárão a Lemos o general Saldanha e o Negociador Inglez Wilde. A amnistia além de ser uma das condições do mesmo Tratado era tão justa, como necessaria; ficando averiguado que os destinos de D. Miguel e D. Carlos não forão objecto de estipulações feitas no Campo, e que alí sómente se tratára da entrega das armas, e do modo de dissolver o exercito.

As condições impostas aos vencidos, e assignadas em Evora-Monte a 27 de Maio de 1834 asseguravão a D. Miguel, (a quem logo se recusou o titulo de Infante,) uma pensão annual de 60 contos de reis, attendendo á cathegoria em que nascêra, devendo elle restituir as joias pertencentes á Corôa ou a particulares. Concedeo-se-lhe que poderia embarcar em um vaso de guerra pertencente a qualquer das Potencias signatarias do Tratado de Londres de 22 de Abril, affiançando-lhe toda a segurança para a sua pessoa e comitiva. Por outro artigo D. Miguel era obrigado a saír de Portugal no prazo de 15 dias para nunca mais voltar á Peninsula Hispanica ou aos Dominios Portuguezes, nem por modo algum concorrer a perturbar a tranquillidade do Reino: em tal caso perderia o direito á pensão estabelecida, e ficaria sujeito ás outras consequencias do seu procedimento. D. Miguel acceitou as condições escolhendo saír da Cidade d'Evora no dia 30 de Maio

para a Villa de Sines, onde teria logar o seu embarque, accompanhado das pessoas da sua comitiva, e por 20 cavallos dos que servírão no seu exercito com dois esquadrões das tropas da Rainha. Publicando estas duras condições fez uma proclamação ao seu exercito para não desmentir o conceito que era obvio a todos os que conhecião as suas intenções: nella explicava a necessidade que lhe era imposta por tantas forças reunidas, e a impossibilidade de resistir ao Tratado da Quadruple Alliança; recommendava-lhe obediencia e resignação, agradecia-lhe o seu affecto e fidelidade, e terminava por não abandonar os seus titulos e direitos.

Como no acto das condições de 27 de Maio Lemos declarasse que nada tinha a estipular sobre os negocios do Infante D. Carlos, Mr. Grant Secretario da Legação Ingleza tomou sobre si o representar-lhe os seus interesses. Concordárão então que D. Carlos sairia no dia 30 para Aldêa Gallega, onde deveria embarcar; que os generaes da Rainha responderião pela segurança da sua pessoa e comitiva; e que os Hespanhoes em Portugal compromettidos no seu serviço passarião a um deposito, a quem o governo Portuguez daria os meios de subsistencia.

No dia 31 de Maio as tropas de D. Miguel reunidas em Evora depôzérão as armas no edificio do Seminario, e dividirão-se em differentes depositos para marcharem aos logares da sua naturalidade. Triste condição fôra a dos vencidos, que agora rompião em imprecações contra os seus commandantes accusando-os de roubos e traições, quando sómente se deverião queixar daquella sorte inexoravel que rege os destinos humanos!

No dia 1.º de Junho pelas 5 horas da tarde chegou D. Miguel ás praias de Sines para experimentar os improperios daquella plebe inconstante, de quem outróra recolhêra acclamações: o povo que o aguardava exaltou-se tanto com o seu ap-

parecimento, que fôra necessario ao Commandante da guarda usar de todas as cautellas e providencias para que elle e os da sua comitiva não fossem assassinados. Verificou-se portanto o embarque pelas 6 horas da tarde a bordo do Navio de guerra Inglez Stag, no meio de ameaças, tiros de pedra, e vozerias de homens e mulheres, que ao mesmo tempo gritavão *Viva a Carta Constitucional* com as outras acclamações do tempo. Entrárão a bordo do mesmo vaso 36 creados, e 27 sugeitos da privança de D. Miguel, entre os quaes figurávão com especialidade o Conde de Soure, João Gaudencio Torres, João Galvão Mexia, José Antonio de Azevedo Lemos, e Antonio José Guião. No mesmo dia entrou D. Carlos com a sua familia e comitiva a bordo do Navio Inglez Donegal.

Com estes successos extraordinarios todo o Reino de Portugal e as suas dependencias entrárão na submissão do legitimo Governo da Rainha: o Barão de Sá Bandeira fez depôr as armas ás forças de Cabreira, que se achavão no Algarve durante as transacções de Evora-Monte, e passados poucos dias a Praça d'Elvas e o Forte da Graça fizerão o seu rendimento. Parece que os commandantes da guarnição desta Praça e alguns nobres que alli se achavão encerrados, contando com 2 mil homens e mantimentos para dois mezes, ousárão um momento resistir; porém a prudencia veio em seu auxilio, e em virtude dos despachos dirigidos á Infanta D. Izabel Maria procedêrão a um Auto de Camara, em que bem a seu pezar reconhecêrão as condições impostas em Evora-Monte. O Duque de Cadaval, seu irmão o Duque de Lafões, e toda a Nobreza que se achava dentro da Praça, sobscrevêrão neste documento dictado pelas circumstancias.

Todos os diamantes e joias da Corôa que se achavão no Forte da Graça, e alguns dizem que tambem 12 milhões em ouro e prata, vierão para

Lisboa em quanto D. Miguel largava as escusas praias de Sines para ir desembarcar no porto de Genova, onde publicou um protesto contra as condições que acceitára em Evora-Monte. Queixão-se, (e sem razão,) os seus amigos; "Que os cons-„ titucionaes mandárão de Lisboa um bando de „ malfeitores á sua custa para o insultarem, e até „ mesmo assassinarem, correndo elle os maiores „ riscos até que entrárão no vazo Inglez." Bem longe de approvarmos semelhantes procedimentos, que em boa consciencia a justiça não deve desculpar ainda mesmo áquellas muitas pessoas que delle havião exuberantes resentimentos, se por ventura fôra verdadeira e especial aquella missão, o que pelo menos no todo não parece exacto em vista do grande numero de mulheres que assistírão; diremos com tudo que já não fôra o primeiro exemplo, em que um máo Principe tenha experimentado a volubilidade dessa plebe, cega em seu amor e cega em seu odio, que não conhece outro senhor mais do que a fortuna do vencedor.

CAPITULO XXII.

Noticias d'Evora-Monte em Lisboa — Exaltação contra o Governo — Resposta de D. Pedro — Preconceitos refutados — Decretos Liberaes — Anarchia e vinganças particulares — Prisão do Coronel Pizarro, e alguns promenores — D. Pedro e a Rainha no Porto — Volta a Lisboa — Reunião das Côrtes — Famosa questão da Regencia — Questão do casamento da Rainha — Nomeação de Pares — Opposição na Camara dos Deputados — Procedimento de Saldanha — Discussões sobre a elegibilidade de Pizarro — D. Pedro recolhe das Caldas — Dia 18 de Setembro — A Rainha declarada Maior — Novo Ministerio — Falecimento de D. Pedro, e o seu funeral.

As condições de 27 de Maio pelas quaes em Evora-Monte se permittira a D. Miguel que se au-

sentasse, e a publicação da amnistia ampla a favor dos seus sectarios, chegárão a Lisboa no mesmo dia e no momento em que o Duque de Bragança, e a Rainha assistião á representação do Theatro de S. Carlos. Tanto bastou para que logo ahi os animos exaltados rompessem em clamores e vozerias descompostas contra os Ministros da Corôa, chegando a ponto de perderem o devido acatamento ás Augustas pessoas que se achavão presentes, especialmente ao Duque de Bragança que extremamente magoado pelas inconsideradas pertenções de quem se persuadia, que elle viera a Portugal para alçar patibulos sobre patibulos, respondeo que o processo de um irmão promovido por outro, além de ser repugnante e improprio, a Europa não poderia encarar impunemente esse espectaculo, e que outros motivos ponderosissimos a seu tempo serião patentes, para que o desengano illustrasse as intempestivas accusações que lhe erão feitas. Passava-se esta scena demagogica e offensiva na presença daquelle, (força é confessalo,) sem cuja preponderancia impossivel seria tirar a Nação ao jugo da tyrannia: feissima ingratidão por certo, mas desculpavel se considerarmos, que os preconceitos arrastrão os melhores entendimentos. Um valente official admirador do Duque de Bragança escrevia ha pouco tempo: "A sempre ,, fatal Convenção d'Evora-Monte, parto abortado ,, dos degenerados portuguezes estrangeirados, suf- ,, focou nossas operações guerreiras! o mais exe- ,, cravel dos tyrannos existe ainda! mas saiba o ,, mundo que nosso valor não foi suffocado, foi ,, sim trahido! A Nação tão atrozmente tyranni- ,, sada, tinha, e tem juz sagrado a vingar-se do ,, monstro que tanto a flagelou! odio eterno ao ,, degenerado portuguez que foi o Conselheiro de ,, tal convenção! Odio sempre eterno ao Chefe que ,, demorou a marcha triumphante dos nossos bra- ,, vos, e que por tal modo deu logar a que o ty- ,, ranno não fosse punido." Respeitamos os servi-

ços, e opiniões do nosso Contemporaneo; mas se o logar aqui o permittisse nós lhe mostrariamos que pelo Tratado de Londres o general Rodil cooperou com o Duque da Terceira, e que este visivelmente não chegaria tão depressa aos muros de Santarem, obstado pelos numerosos recursos e tenacidade dos defensores, que D. Miguel ainda então possuia; e cousa facil seria provarmos com exemplos historicos que a sorte da guerra é tão precaria, que muitas vezes um terror panico, a circumstancia a mais insignificante, um fumo por exemplo, descompõe os animos de um exercito forte, e os planos os mais bem organisados.

Como quer que seja, as transacções de Evora-Monte forão recebidas com grande descontentamento pela maioria do partido vencedor, e esperava-se a cada momento alguma sedição que poderia avançar a effeitos perniciosos. Para calmar os animos irritados, o Governo quiz por assim dizer deslumbrar as preoccupações do tempo, e evadir-se das imputações publicando Decretos, que infalivelmente havião de ser contemplados como actos Liberalissimos. A extincção das Ordens Religiosas, a abolição da Companhia do Alto Douro, e a prohibição de que os Pares sectarios de D. Miguel não tomarião assento na Camara, correspondêrão ás intenções dos seus authores.

Os espiritos socegárão algum tanto por esta parte, mas não assim os odios particulares contra os Miguelistas que agora voltavão ás suas casas, talvez porque não se lhes offerecêra o refugio da emigração. As injurias forão atrozes, os excessos tinhão ido em demasia para que um governo ainda mesmo com força sufficiente podesse subtrahir o partido supplantado á vingança das perseguições. A anarchia subio de ponto na mesma Capital do Reino, onde os assassinatos e outros crimes se perpetrárão em presença da séde do Governo, como se queixou logo o Ministro do Reino em Portaria de 5 de Junho: "Que havião ex-

„ tremamente magoado o coração do Duque de „ Bragança os excessos praticados naquelles ulti- „ mos dias contra algumas pessoas, que recolhião „ á cidade, fiadas na protecção da Lei, que pu- „ nha em esquecimento seus passados crimes po- „ liticos." Recommendava ao Prefeito da Extremadura medidas preventivas, prudentes, e acertadas para atalhar as desordens que, prolongando as agitações politicas, desacreditarião o Governo se as não reprimisse; mas o contagio estava muito ateado, e as scenas cruentas continuárão, e repetirão-se por todo o Reino.

Marchavão os negocios publicos no meio destas difficuldades, ao mesmo tempo que a discordia rebentava no seio do partido, que ha pouco acabára de se firmar, atiçando a cubiça dos homens constituidos no poder, e os desejos invejosos de quem pertendia elevar-se. Um accontecimento imprevisto veio chamar a attenção geral. Rodrigo Pinto Pizarro chegando á barra de Lisboa em 22 de Junho de 1834 achava-se a esse tempo demittido de coronel do Exercito, e incluido em um summario começado em virtude de uma Portaria do Ministerio das Justiças de 4 de Outubro de 1833, accompanhada de alguns impressos em idioma Francez e Portuguez, pela qual se mandava proceder contra os authores e dissiminadores de taes papeis. Pizarro, como em outra parte indicamos, fôra o primeiro que na emigração combatêra a legalidade da Regencia do Duque de Bragança, e havia por essa sua opinião atrahido os odios de quem então dispunha do poder. Logo que a sua chegada fôra conhecida do Governo, o Ministro do Reino ordenou ao Prefeito da Extremadura que o mandasse pôr immediatamente fôra de Portugal; porém este Magistrado, ou pela sua propria deliberação, ou porque recebêra instrucções altas e occultas, determinou que o ex-Coronel fosse preso e remettido com segurança á Torre de S. Julião. Esta ultima ordem teve

execução no dia 23 de Junho em uma Hospedaria onde, se damos credito ao Auto de Diligencia, Pizarro rompendo em improperios contra o Duque de Bragança e os seus Ministros, preparou-se a resistir até ser constrangido pela força a occupar a prisão, em que ficára incommunicavel. Estes successos motivárão um novo summario, e inqueritos de testemunhas de que resultou a pronuncia de Pizarro em 18 de Julho de 1834.

Este procedimento dos agentes do Poder, despotico e impolitico, produzio effeitos que não correspondêrão aos intuitos de quem o aconselhára, querendo afastar o homem que aborrecião usárão de prepotencia, derão consideração a um inimigo que talvez então não a possuia, e fizerão com que o partido da opposição, que principiava a organisar-se nas eleições, aproveitasse esta occasião para o elegerem poucos dias depois Deputado pela provincia do Douro.

Era chegado o tempo em que o Duque de Bragança devia cumprir a promessa que fizera aos Portuenses, quando ao despedir-se delles no dia 26 de Julho de 1833, immediato áquelle em que Bourmont experimentára o primeiro revez, assegurou que havia de voltar áquella Cidade em companhia de sua Filha a Rainha de Portugal Com effeito um anno era passado quando no mesmo dia 26 de Julho de 1834 desembarcou na cidade do Porto pelas 4 horas da tarde a Côrte de Lisboa sem aquella ostentação que contrasta com as maneiras simples de um governo popular. Todas as pessoas sem distincção de classe, que procurárão aquellas Personagens, forão recebidas no Paço com affabilidade: seguirão-se bailes e divertimentos onde assistírão as Pessoas Reaes, e imagine-se qual seria o enthusiasmo do Porto possuido naquelles momentos de toda a sua gloria. Mas a urgencia dos negocios reclamava a presença de D. Pedro na Capital, e por mais tempo não fôra possivel demorar-se: no dia 6 de Agosto largou a Cidade E-

terna no meio das acclamações de um povo innumeravel, até que saindo da barra pelas 3 horas da tarde o Vapor *Royal Tar* tocou nas margens do Tejo no dia seguinte.

A sessão Real da reunião das Côrtes teve logar no dia aprazado 15 de Agosto, e então o Duque de Bragança em um bello e eloquente discurso historiando os accontecimentos recentes, e dando conta dos motivos que o trouxerão a Portugal, recommendou ao zelo da Assemblêa os dois grandes e principaes objectos, que tinhão a resolver, e que a Nação aguardava com ancia: o 1.º dizia elle, decidir se devo ou não continuar na Regencia, durante o resto da menoridade da Rainha: 2.º Dar a conveniente providencia para que S. M. possa casar com Principe Estrangeiro. Tres dias depois partio para a Villa das Caldas a entrar no uso de remedios, que a medicina lhe aconselhava, e que pouco aproveitárão á sua existencia, ou talvez a abreviassem como alguns pertendem.

A famosa questão sobre a continuação da Regencia na pessoa de D. Pedro foi encetada na Camara dos Deputados no dia 23 de Agosto. O Ministro do Reino, propondo como urgentissima aquella decisão, requereo que os Deputados não saissem da salla sem por uma vez decidirem se o Restaurador da Patria deveria, ou não, continuar a reger os Portuguezes. A materia da proposta era de summa gravidade para que houvessem de obrar precipitadamente; porém a consideração de que o poder do actual Governante se achava por assim dizer litigioso, e o corpo social abalado por esta desconfiança, que muito cumpria acabar, accrescendo a isto a opinião geral da Nação, e a quasi unanimidade dos Representantes já preparados para a discussão, e decididos a votar pela continuação da Regencia, fez que depois de algumas contradicções a proposta do Ministro, julgada urgentissima, fosse examinada por uma Commissão especial. Passadas algumas horas a Com-

missão voltou a dar o seu parecer, ponderando que tendo reflectido sobre aquelle objecto da maior e da mais grave transcendencia, procurára subtraírse á influencia que poderia exercer sobre cada um dos Membros a recordação dos inapreciaveis beneficios do Libertador do Reino, para que a gratidão não fizesse esquecer aquelles imperiosos deveres que a Patria lhes impunha sobre outras quaesquer considerações, e que havendo considerado a questão por todos os lados em que devia ser examinada, era de parecer — Que a Regencia do Reino durante a menoridade da Rainha devia ser continuada na pessoa do Duque de Bragança. Como já fosse tarde, e faltassem algumas circumstancias que forão tomadas em consideração, a Camara resolveo addiar a materia da discussão para o dia 25.

No dia aprasado abrio-se a Sessão no meio de um concurso numeroso de pessoas atraídas áquelle logar pela interessante curiosidade da materia, e impacientes da resolução de um objecto de que estavão pendentes a segurança e o socego de Portugal: Saldanha encetou a discussão, e foi seguido por muitos oradores que abundárão em numerosos argumentos para mostrar a legalidade da continuação da Regencia na pessoa de D. Pedro. Poucos Deputados se distinguírão em contrariar o parecer da Commissão, ou porque o entendimento e a sua consciencia assim lh'o dictára, ou talvez porque ambicionavão adquirir uma reputação por esta singularidade. Como quer que seja, a discussão acalorada, e algumas vezes interrompida, versava em quatro opiniões: uns votavão pela Regencia do Duque de Bragança por suppôrem que o Artigo 92 da Carta Constitucional não lh'a negava; outros pertendião conceder-lh'a alterando legalmente o Artigo; alguns opinárão que a salvação do Estado era a suprema Lei pela qual o Regente deveria continuar; em summa mui poucos lhe negárão esta prerogativa. Depois de seis horas de

argumentos foi approvado o parecer da Commissão com 89 votos contra cinco.

Entre os Deputados que prestárão o seu voto á approvação notamos com especialidade: Antonio Dias de Oliveira, Antonio Joaquim Barjona, Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro, Basilio Cabral Teixeira de Queiroz, Francisco Antonio de Campos, Francisco Soares Caldeira, João Pedro Soares de Luna, Joaquim Placido Galvão Palma, Joaquim de Sousa Quevedo Pizarro, Joaquim Veloso da Cruz, Jorge de Avilez Juzarte, José Alexandre de Campos, José Caetano de Campos, João Gualberto de Pina Cabral, José Victorino Barreto Feio, Julio Gomes da Silva Sanches, e Luiz Cypriano Coelho de Magalhães. Os presentes que rejeitárão forão Manoel da Silva Passos, Francisco Rebello Leitão, José da Silva Passos, José Placido Campeam, e Macario de Castro da Fonseca. A Camara dos Pares em Sessão de 28 de Agosto, depois de rejeitar algumas emendas que o Marquez de Loulé quizera oppôr á proposição dos Deputados, approvou unanimemente a continuação da Regencia no Duque da Bragança.

Depois que as Côrtes decretárão sobre o transcendente objecto da Regencia, a todos pareceo averiguado qual seria a decisão para que a Rainha podesse casar com Principe estrangeiro: com effeito os Membros das respectivas Camaras, divagando nos muitos argumentos e exemplos historicos, que em taes occasiões se costumão adduzir, resolvêrão que seu Pai tratasse do casamento como bem lhe approuvesse, eliminando-se as restricções que alguns apresentárão sobre a ulterior confirmação das Côrtes.

Em quanto a Camara dos Pares, quasi deserta pela exclusão daquelles Membros que havião seguido o partido da usurpação, era preenchida com as nomeações de outros sujeitos reputados na cathegoria deste exercicio, na Camara electiva se pronunciava uma opposição denominada a *Esquerda*,

composta de homens pela maior parte aspirantes ao Poder, e cubiçosos de honras e fazenda. O Marquez de Saldanha pela sua representação e serviços fazia, por assim dizer, a primeira figura desta secção, que arremettia com discursos de acrimonia e accusações contra alguns dos grandes Funccionarios; o que por certo mui bem lhes assentava pelos seus irregulares procedimentos, e prevaricações. Saldanha nomeado Par do Reino rogou a quem lhe conferira esta dignidade, que se dignasse acceitar a sua renuncia; mas como não fosse attendido, disse elle, declarei ao Ministro que não podia abandonar o posto de honra na Camara dos Deputados: o tempo mostrou depois as tenções que andavão nesta primorosa galhardia.

A opposição na Camara dos Deputados tinha por bandeira contrariar os enormes desperdicios do Ministerio, e porisso reunia as sympathias do grande numero dos contribuintes: a discussão sobre a elegibilidade de Pizarro, Deputado pelo Circulo do Douro, e o estado do seu processo, motivou argumentos acalorados de parte a parte e moções dos seus amigos, que votárão pela sua vinda á barra. O tempo era levado com reciprocas arguições, donde nenhum proveito se tirava mais do que esclarecer a opinião publica sobre o que os homens são capazes, e o pouco ou nenhum prestimo das Instituições conquistadas á custa de tanto sangue. Um Deputado asseverou que Pizarro era processado por um crime imaginario, por uma supposta resistencia, para ser castigada uma offensa de ter escripto na França e Inglaterra differentes papeis em que expressava as suas idêas politicas, ou se queixava de se ver expatriado pelo Governo da Carta; elle que havia sido condemnado á morte por D. Miguel!... Que pelos seus escriptos era elle responsavel nos Paizes em que os escrevêra, e onde a expressão de um desejo não póde ser levada em crime: garantia de que alguns

dos actuaes Ministros da Corôa se aproveitárão outróra em Portugal, quando escrevêrão no *Popular* contra a Pessoa de D. Pedro. Que por uma Portaria de 3 de Novembro de 1832, assignada por Agostinho José Freire, Pizarro fôra inhibido de voltar ao Reino em quanto por todo elle não estivesse reconhecido o Governo da Rainha, e que agora regressando em virtude desta condição uma arbitraria prisão fôra o premio das suas fadigas.

Deste modo corrião as cousas em quanto o Duque de Bragança recolhia do tratamento das Caldas sem a menor apparencia de melhoramento, finando-se a sua existencia sob gravissimos padecimentos, e com intervallos de enganosos allivios. Era chegado o tempo em que mais não lhe fôra permittido sustentar as redeas do Governo, quando o Bispo Conde entrou na Camara dos Deputados a tomar a presidencia, e reclamando a attenção da Assembléa apresentou uma carta que foi lida pelo Secretario: "Senhores Deputados da „ Nação Portugueza. Sempre Franco e Fiel aos „ meus juramentos, e obedecendo á voz da mi- „ nha consciencia, vou participar-vos que tendo „ hontem cumprido com os deveres de Filho da „ Igreja Catholica, e de Pai de Familia, julgo „ tambem do meu consciencioso dever participar- „ vos, que o mesmo estado de molestia, que hon- „ tem me dictou aquellas resoluções, me inhibe „ de tomar conhecimento dos negocios publicos, „ em cujas circumstancias vos peço queiraes pro- „ ver de remedio. Eu faço os mais ardentes vo- „ tos ao Céo pela felicidade publica. Palacio de „ Queluz 18 de Setembro de 1834. D. Pedro, „ Regente."

Um sentimento profundo se apoderou da Assembléa, e os espectadores contristados aguardavão em silencio algum resultado. Passados alguns momentos disse o Presidente, que era necessario encarregar uma Commissão, que désse desde logo o seu parecer conservando-se a Camara em sessão

permanente. Depois de uma breve discussão venceu-se que fosse a mesma que tratára do negocio da Regencia, e passando os Membros para a respectiva salla vierão antes das quatro horas da tarde apresentar o seu parecer. Então o Marquez de Saldanha como relator da Commissão começou a expender, que em consequencia da impossibilidade do Duque Regente era de summo interesse á Nação dar-lhe desde já uma pessoa para a reger, que apresentasse uma garantia á tranquillidade publica; que segundo o antigo Direito do Reino a menoridade findava aos 14 annos, e se no caso presente a Carta providenciava d'outra sorte, era possivel alterar esta disposição pelas Côrtes Geraes; que além disso a Rainha, pelo completo desenvolvimento das suas faculdades phisicas e moraes, estava sufficientemente habilitada para tomar sobre si o Governo do Reino, e por tanto que Sua Magestade fosse havida e declarada por Maior para entrar immediatamente no exercicio dos Poderes Politicos. Um *apoiado* geral retumbou por toda a sala, d'ambos os lados se pedião votos, e as galerias em silencio aguardavão o ultimatum. O Presidente offereceo á votação o parecer que, unanimemente approvado sem a discrepancia de um só voto, foi applaudido pelos expectadores.

Se fôra surpreza, receios, desintelligencia, ou como alguem diz, sinceros desejos da ordem publica, que motivárão esta unanimidade em uma Assembléa de opiniões tão heterogeneas, não o podemos averiguar; mas é certo que o Duque de Palmella foi menos bem succedido na Camara hereditaria. Na Sessão do mesmo dia 18, que fez suspender até as tres da tarde, poude a custo formar a Commissão para dar o parecer sobre a carta do Regente, identica áquella que fôra enviada á Camara electiva; porém chegando a proposta dos Deputados pelas seis horas foi logo remettida aos Membros deliberantes.

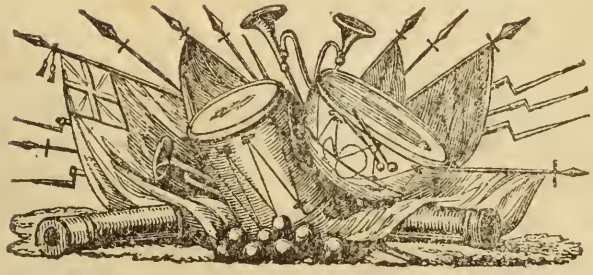
Pouco tempo depois a Commissão dêo o seu parecer em adoptar literalmente a resolução da Camara dos Deputados, declarando o relator Trigoso que se não devia alterar a Regencia estabelecida na Carta. Então o Conde da Taipa encetou a discussão invectivando os Ministros da Corôa, e refutando o parecer que offendia os direitos da Infanta D. Izabel Maria, sustentou que todos estes exforços tendião a satisfazer intuitos e interesses particulares. Em seguimento fallárão outros Membros da Camara argumentando pró e contra no meio de alguns rumores e ataques pessoaes, até que rejeitada a emenda de Trigoso sobre a Regencia da Infanta, a proposição dos Deputados foi approvada por 25 votos contra seis.

No dia seguinte a Rainha agradecendo ás Côrtes Geraes a resolução que acabavão de tomar, accrescentou: " Que a Administração actual ,, continuaria para objectos do expediente até o ju- ,, ramento, depois do que, formaria a nova Ad- ,, ministração. " Com effeito a Sessão Real teve logar no dia 20 de Setembro, e só por Decretos datados do dia 24 foi organisado um Ministerio, ficando o Duque de Palmella Presidente do Conselho, o Bispo Conde no *Reino*, Antonio Barreto Ferraz nas *Justiças*, o Duque da Terceira na *Guerra*, e o Conde de Villa Real nos *Estrangeiros*. José da Silva Carvalho continuou no Ministerio da *Fazenda*, e Agostinho José Freire foi transferido para o da *Marinha*.

Mas em fim o momento fatal era chegado. O Duque de Bragança depois de disposto como Christão pela mais edificante resignação, chama o Coronel Pimentel e um soldado do seu Batalhão 5.º: *Homens bravos, recebei este ultimo abraço, e levai-o ao Exercito que amo!* ..... Erão duas horas e meia da tarde do dia 24 de Setembro de 1834, quando D. Pedro deixou de existir. Em seu testamento quiz ser enterrado como General, e mandou que o seu coração fosse depositado na cidade

do Porto. No transito do seu enterramento o concurso do povo era inumeravel: no meio do lucto silencioso não poucas lagrimas se derramárão, e muitos gemidos se misturárão ao som lugubre dos sinos, e ao estrondo do tiros do funeral. Pelas 11 horas da noite do dia 27 os seus despojos mortaes forão dados ao jazigo de S. Vicente de Fóra.

FIM.



SUPPLEMENTO

Á

REVISTA HISTORICA DE PORTUGAL.

Quæque ipse miserrima vidi.

VIRGILIUS.

A desintelligencia começada na emigração entre os constitucionaes brotando da arvore da ambição, cujas ramificações são tantas quantas as variadas necessidades humanas, chegou depois da morte de D. Pedro a maior auge do que se esperava. De uma parte estavão a parcialidade, desacertos, a cegueira, a má administração da fazenda publica, e outros vicios incriveis com que se fazião notar alguns homens constituidos no poder; pela outra as semrasões, uma censura ordinariamente falsa, e pertenções guindadas, que ou erão filhas da ignorancia e porisso culpozas, ou pendião da vontade e então erão dolozas. Logo foi facil de prever que a Nação Portugueza não hia tirar equivalente ao empenho que tomára, aos sacrificios que fizera, e ao sangue que derramára. A oppo-

sição ao governo nada esquecia com que podesse vulnerar o seu adversario, porem era pouco escrupulosa nos meios que empregava. Tudo o que succedia de máo pelo reino era attribuido aos ministros, ainda que elles por ignorancia invencivel não o podessem obviar. Os opposicionistas fortes com o nome famozo de Saldanha, de quem se lisonjeavão ser capitaneados, marchavão firmes ao seu intento; mas mui depressa cahirão neste engano, porque o Marquez os desamparou insinuando-lhes que conhecia a verdadeira base de seus interesses, e que a nobreza hereditaria, e mesmo a adquirida, nada tem com os principios democraticos contradictorios de tudo o que se denomina instituições gothicas. Com effeito por algum tempo se bandeou; mas seria por ventura para mais se fazer dezejar do lado onde elle naturalmente pertencia. Os illudidos magoados desta perda derão signaes de sua dor, vociferárã o pela imprensa os improperios do costume, e até mesmo forão explicitos com miudeza nos caracteres que Saldanha havia ostentado pelo curso de sua vida; porem suas vozes resoárão como n'um deserto.

No meio destas agitações Sua Magestade a Rainha em consequencia do Decreto das Cortes que dispensárão na Carta Constitucional para poder desposar-se com Principe estrangeiro, e mesmo pela vontade e sabias providencias de seu falecido Pai o Imperador, casou no 1.° de Dezembro de 1834 por procuração com Augusto Carlos Eugenio Beauharnais, Principe de Leuctemberg, que chegando a Portugal no 1.° de Janeiro de 1835 celebrou no dia successivo com toda a pompa a ratificação das suas nupcias. O que se dizia das qualidades pessoaes deste Principe, as recordações de Napoleão de quem havia affinidade, a escolha de D. Pedro para esposo de sua Filha e outras considerações, fazião aguardar deste consorcio famozos fructos; mas em breves dias se murchárão com a inopinada morte em 28 de Março

seguinte, que foi precedida d'uma enfermidade de oito dias. Fôra uma *angina gangrenosa*, disse a medicina, quem roubou o esperançozo Principe; porem alguns ousárão asseverar que fôra premeditado descuido no tratamento, ou por ventura veneno; mas até hoje não produzirão provas de seu dito, como não nos devemos admirar dos temerarios juisos de certos homens que nunca conhecêrão do pudor senão o nome.

Entretanto o governo continuava orgulhoso no systema errado dos desperdicios, da exclusão, e de outras pessimas gerencias, que alguns attribuião á direcção errada de Agostinho José Freire, que podia muito por seus conselhos no Paço, e cujos talentos erão avaliados como primorosos, ainda que a outros parecessem menos que medioeres. Seja como for, a opposição não se descuidava, até que pelos principios de Novembro certos Officiaes militares esquecidos do seu dever, ou por ventura illudidos d'ambição estranha, deputárão á Rainha uma representação em que se pedia a dimissão de um ministerio indigno e aborrecido por toda a nação. Facil é conjecturar a sensação que devia causar no Paço uma petição tão incompetente; entretanto ella foi repetida por falta de prompta satisfação, e por esta vez se accedeo ao imperio das circunstancias. Foi então nomeado o ministerio de 13 de Novembro a que presidio José Jorge de Loureiro, em cujos collegas apenas se deparava n'um homem da opposição que teve a pasta da Fazenda. Este ministerio, que conhecia as rasões por que ali fôra collocado, quasi que aguardava só o momento da sua dimissão, e porisso continuárão os desgostos reciprocos e nenhum dos partidos se esquecia de apressurar os meios de supplantar o seu adversario.

Entretanto Sua Magestade passava a segundas nupcias por procuração no 1.° de Janeiro de 1836 e em pessoa a 9 de Abril do mesmo anno com o Senhor D. Fernando Augusto Francisco

Antonio, Duque de Saxe Coburgo Gotha, hoje Rei de Portugal segundo a Lei fundamental da monarquia.

Chegou portanto o tempo e organisou-se o ministerio de 19 de Abril, que devia dar o golpe politico; mas a direcção dos negocios debaixo da influencia infausta de Agostinho José Freire trilhou o mesmo errado caminho, continuando desprecavida e orgulhosa e confiando muito de si e na sua clientella.

A Camara dos Deputados foi dissolvida em 14 de Julho de 1836.

Aquelles que avaliavão a legislação feita pelo curso deste periodo divagárão em louvores e vituperios, segundo seus interesses ou paixões; mas he certo que então como em todos os tempos as circumstancias são as verdadeiras causas das deliberações humanas. O decreto de 19 de Junho de 1834 excluindo D. Miguel e seus descendentes do direito de succeder na corôa de Portugal foi dictado pelo justo resentimento do partido vencedor, e excitou-o o louco procedimento do ex-Infante quando em Genova protestou por direitos que elle não soube apropriar-se com devida prudencia nem segurar com verdadeira coragem. Conhece-se porem que nestas Côrtes existia um systema de lisongear e adquirir proselytos nas differentes classes da sociedade para as fazer adherir pela gratidão a seus autores, que assim preparavão um fundamento ao seu predominio. Com estes intuitos a opposição promoveo a lei de 26 de Novembro de 1834, que prohibio o embargo de generos e transportes em tempo de paz: daqui o monopolio dos possuidores, algumas vezes o capricho, e a defficiencia no serviço publico. A lei de 15 de Abril de 1835 garantiu a propriedade das patentes aos officiaes do exercito, de que só poderião ser privados por sentença do Conselho de Guerra, e com effeito ella fôra justa e especiosa; mas a experiencia tambem mostrou que muitos esco-

rados nestas disposições se abalançárão a desobediencias e rebelliões, quando por outra parte o espirito e letra da constituição militar exige uma cega obediencia. Ora uma lei secundaria que contraría a fundamental he incompetente, e até pernicioza. Outra lei de 27 do mesmo mez e anno ampliou os estipendios aos Officiaes subalternos do exercito; porem quando por uma parte se vociferava contra os desperdicios e excessivos ordenados, pela outra augmentavão-se áquelles que muito relevava atrahir. As diversas disposições legaes, que se fizerão para regular as indemnisações do partido perseguido e agora vencedor, tiverão por fim dois objectos: primeiramente illudir os pertendentes e procrastinar até desfalecer a illusão sem perigo de reacção; em segundo logar favorecer o partido vencido com o duplicado intuito já de o ter favoravel a quem advogava a sua causa, já para cortar os odios e desgraças que produziria sem duvida o methodo ruinozo do primeiro decreto qne poz em risco os mesmos innocentes. He forçozo confessar que por esta vez uma politica machiavelica servio perfeitamente a causa da justiça, ainda que a tenção do agente não correspondesse á acção; circumstancia infalivel para podermos assentar a moralidade. Pelo que diz respeito ao Decreto de 18 de Julho de 1835 e outras disposições sobre a organisação administrativa do reino, bem se conhecem os intuitos que andárão nestes projectos, e que o systema da profuzão das eleições foi o grande principio em que se baseárão seus autores cuidando haver nisto a certeza da sua existencia politica. Porem a experiencia fez ver que todos os partidos podem subornar, e que o excessivo emprego deste methodo em um povo desmoralisado he infinitamente inferior ao das nomeações. Na lei da administração da justiça não ousamos acusar seus compiladores, pois que tinhão as bases na lei fundamental de cujo espirito não devião separar-se; entretanto podêmos assen-

tar sem o menor perigo de illusão, que com estas instituições ganhou a classe dos magistrados no que diz respeito á estabilidade de seus officios, os cidadãos pozerão em risco a sua fazenda nas mãos de jurados ignorantes, e o crime muitas vezes encontrou um valhacouto no seio de um jury corrompido e venal. Não fallaremos da indecente proposta iniciada na Camara dos Deputados sobre o cazamento do Clero. O silencio dos adversarios com a votação reprovatoria respondêrão áquellas sandices mais expressivamente do que o farião discursos solidos e eloquentes.

Com a mencionada dissolução da Camara electiva eis que começa o trafico dos promettimentos que sendo um dos maiores deffeitos dos governos representativos, é inevitavel no estado actual dos costumes europeos aonde não ha consciencia nem pudor. Entretanto desculpão este procedimento allegando que a plebe rude entregue a si propria não conheceria os homens azados aos negocios publicos; e como um dos partidos não queira ceder, o outro julga-se com o direito de applicar os mesmos meios. Seja como for, os inimigos do ministerio desejando desacredital-o, entre outras cousas, citavão uma carta em que Agostinho José Freire dizia a um seu agente: *Trabalhe, seduza e prometta: os fins justificão os meios.* Não poudemos verificar a genuidade deste conselho, mas he certo que o procedimento dos adversos não era mais consciencioso.

Por aquelles tempos ouvimos dizer a Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro, Vigario Capitular de Vizeu, que Agostinho José Freire, por occasião das Cortes dissolvidas, lhe proposera: se dignasse não vir a esta cidade influir contra as eleições do governo, e que no caso contrario seria desonerado do emprego. O successo correspondeo ao ameaço, pois que logo foi substituido por Manel Pires do Loureiro transferido de Braga. Deste modo se abusava das disposições canonicas, que por outra parte se dizião respeitar.

Tiverão logar as eleições que forão tempestuozas em alguns circulos; porem, como era de esperar, o governo triunfou e só as vio perdidas no Porto e em Vizeu. Nesta ultima cidade devêo isto mais á incuria e inhabilidade dos directores que empregára, do que aos recursos dos adversarios; pois que o numero dos eleitores destes era diminuto. Aqui a opposição necessitada de recursos legaes lançou-se no caminho da illegalidade e do terror. A primeira reunião eleitoral foi estrondoza e até ridicula; cada um pertendia fazer boa a sua causa, e pronunciárão-se de parte a parte discursos miseraveis cheios de inepcia, a que os espectadores, sem nada entenderem do que se dizia, correspondião com pateadas e vociferações. He forçozo confessar que havia illegalidades reciprocas; mas como os ministeriaes possuião a maioria, as decisões erão sempre suas. Em consequencia a opposisão empregou os enredos e até mesmo a violencia. Certas commissões de eleitores, que na caza da Misericordia prolongárão os seus trabalhos até á noite, virão-se cercados de sujeitos estranhos que os interrogavão incompetentemente sobre o objecto da sua applicação, e quando d'ali sahirão a recolher-se, uma quantidade de pedras expellidas com força os obrigou a caminhar mais de pressa do que tencionavão. Não sabemos dos casos que a cada um coubera neste ensejo, mas lembra-nos que por ésta occasião certo homem galante parodiou os conhecidos versos de Camões:

Qual pela rua vôa, que não desce;
Qual co'as costas em terra dando geme.

Ou este terror fosse panico ou verdadeiro é certo que os directores ministeriaes obrárão com precipitação quando aconselhárão aos eleitores de se retirar de Vizeu abandonando a urna; pois se permanecessem e persistissem, como devião, nenhu-

ma duvida lhes ficaria d'um resultado favoravel. Os opposicionistas aproveitárão a occasião, e logo deputárão ao presidente da Camara dois sujeitos valentes, que o persuadirão de certas maneiras a satisfazer a este pedido, entretanto que os eleitores refugiados escrevião protestos. Concluio-se pois a eleição, mas parecia que os eleitos não fiavão muito do preço dos seus diplomas.

Neste estado de cousas os opposicionistas de Lisboa, havendo dirigido varias providencias de antemão, quando em 9 de Setembro de 1836 o barco de vapor conduzia a seu bordo um troço de Deputados eleitos pelo Porto e alguns dos duvidozos de Vizeu, intentárão um movimento contra as pessoas dos ministros. Porem no dia 10 como se vissem mais poderozos do que esperavão, aproveitando-se da incuria das auctoridades e summa ignorancia do ministerio, proclamárão por uma sedição popular a constituição de 1822. O resto do Reino como he costume, repetio o eco da sua capital. He notavel como nesta revolução intitulada a gloriosa de setembro ninguem até hoje se quizéra ostentar por regenerador. Seja o que for, muitos Pares e Deputados exarárão seus protestos contra a nova ordem de cousas, mas a necessidade obrigou a ceder e contemporisar, e desde logo se organisou um ministerio intitulado o *Patriota* de que foi presidente Manoel da Silva Passos, sujeito mui instruido naquella sciencia que se chama Direito Publico Constitucional. Aqui temos pois o genio deste novo Lycurgo deparando no vasto campo da legislação. Constituio-se portanto uma dictadura legislativa, postoque muito mal se dissera da de Mozinho da Silveira; e eis começa a publicar-se o novo codigo da felicidade publica. O intuito principal, segundo a não suspeita confissão do seu principal autor, foi enredar o throno com instituições liberaes de maneira que nunca podesse sahir do circulo, que lhe traçára o genio transcendente do grande legislador.

Quem era amigo dos cousas novas, e sabia traduzir uma lei Franceza, apresentava-a ao Dictador que a fazia logo collocar no extenso codigo. Entretanto no meio dos muitos e variados objectos, os que mais notaveis se fizerão, forão: o decreto do Pantheon para jazigo dos grandes homens, e aquelle-outro determinando que os deputados podessem ser conjunctamente ministros d'Estado. Mas se aquelle servira de irrisão aos homens sensatos, esteoutro enchêo de indignação a gemma dos liberaes e dêo azo aos adversarios de censurarem justamente tão arrojado procedimento; porquanto a disposição mais liberal que havia naquella constituição ficava atrozmente vulnerada. Não esqueceo tambem a tactica de alcançar amigos e adherir agraciados, e porisso distribuirão-se officios e empregos por uns, condecorações e titulos por outros. Eis ahi apparecem certos varões plebeos, que tendo vociferado contra a nobreza e condecorações, procurão agora com soffreguidão estes mesmos fantasmas em que havião cuspido muitas vezes!.. Tal he o procedimento das modernas facções politicas, que alardêa democracia para retrocederem aos tempos goticos. A França he hum notavel precedente do que hoje vemos repetido: os homens de 1792 que desenrolárão o pendão tricolor ostentárão depois lusentes placas de condecorações, pompozos diplomas de principes, duques, e quejandas vaidades.

Entretanto as eleições dos deputados, que havião de organizar uma camara constituinte para a feitura de uma nova constituição modelada pela de 1822 segundo as exigencias do tempo, tiverão logar sem que os adversarios se dignassem intervir e subornar; porquanto confiavão em projectos mais avantajados para que de um jacto derribassem seus inimigos. Porem enganárão-se completamente: a mesma imprevidencia que os guiou antes de 9 de Setembro continuava agora a illudir a sua obstinada ignorancia. Belem pelos principios de Novembro de 1836 foi o theatro de occur-

rencias mui desagradaveis. A Rainha mudou para ali a sua habitação, chamou os principaes da sua Côrte, as tropas de linha que foi possivel reunir e os embaixadores estrangeiros, em quanto que em Lisboa os patriotas se armavão contra e dispunhão em hostilidades o celebre batalhão do Arsenal e uma numeroza guarda nacional. Os ministros forão chamados a Belem ao mesmo tempo que se passavão as suas demissões, e se aclamava a Carta Constitucional; porem tudo foi imprevidencia do lado da Côrte logo que por averiguações concertadas vierão no conhecimento da resistencia temerosa que ostentava Lisboa, e o risco a que se expunha o Throno da Rainha. Neste ensejo assustador dirigia-se em uma sege para Belem Agostinho José Freire com aquella bizarria que era propria da sua temeridade e ignorancia. Chegando porem a certa distancia um seu companheiro, escutando o som dos instrumentos militares, antepoz-lhe o perigo que corrião em se adiantarem, e que seria precatada prudencia escaparem-se por onde seguramente podessem chegar ao seu destino.

Porem Agostinho que era aventurozo despresou com desdem a cauteloza proposta; continuou portanto ao mesmo tempo que o astuto companheiro se deslisava por lado seguro. Passados poucos momentos, quando a sege atravessava por entre as Guardas armadas que conhecião a libré, dispararão-se tiros e elle cahio morto victima da sua temeridade e d'um crime que ficou impune pelas circumstancias, sem que se deva attribuir aos Ministros de Lisboa (como alguem disse) a imputação desta atrocidade. Entretanto Manoel da Silva Passos chegava a Belem onde disputou com a Côrte e Embaixadores estrangeiros a favor da revolução de Setembro; e pela sua firmeza e resolução, ou diremos melhor, pela probabilidade do vencimento que estava da sua parte, decidio-se que a Rainha voltasse para Lisboa e continuas-

sem as cousas no theor de 10 de Setembro.

Passada esta tormenta o ministerio patriota não podia, ou não quizera, satisfazer o programma pomposo dos melhoramentos promettidos pela revolução. Em consequencia alguns dos deputados reunidos projectárão derribal-o, ou fossem sinceros dezejos do bem publico ou ambição de os substituirem. Portanto encetárão a questão vergonhoza da elegibilidade em que ficárão vencidos, porque uma grande maioria estava da parte dos ministros. Os celebres José Victorino Barreto Feio e João Bernardo da Rocha, que tanto calor e distincção tomárão na questão, desamparárão o logar de deputados, e este procedimento estranho e pouco vulgar deo azo a diversos juizos sobre os motivos que levárão a este remate duas personagens, que lá no pensar dos liberaes portuguezes são considerados como os patriarchas da liberdade. Nós não decidiremos a tal respeito: porque uns lhe chamárão orgulho, outros fraqueza, e alguns alienação mental. Seja como for, he certo que este precedente foi um sinistro pronostico da proxima queda do ministerio patriota, que com effeito teve logar por occasião da votação a respeito dos sub-secretarios d'Estado em que obteve a minoria. Alguns amigos destes ministros assegurão que elles muito o estimárão; por quanto dezejavão, de ha muito, verem-se fora da gerencia dos negocios; pois por sua honra já não podião satisfazer as veleidades da Camara e das creaturas da revolução, que reputando-os obra de suas mãos exigião delles uma especie de obediencia passiva ás suas pertenções e despachos. Tiverão portanto a sua demissão e aceitárão a continuação das honras daquelle emprego estes homens, que tão aplanadores se dizião e amigos de uma estricta igualdade politica.

Porem devemos confessar em seu abono que apezar de continuarem a empenhar a nação em grandes sommas, enriquecendo os seus amigos,

daqui nada tirárão contentando-se somente com o vão ornato dos titulos e a gloria de terem organisado uma legislação liberal, posto que monstruoza no parecer de alguns.

Progredia entretanto a revolução já como desassombrada: muitos cartistas de consideração receando-se, não sem fundamentos, havião emigrado para França e Inglaterra; em Lisboa organisárão-se sociedades com a denominação de *Clubs* á imitação dos tempos revolucionarios Francezes, em que são lembrados com horror os *Jacobins* e *Cordeliers*, e desta indole dizem que fôra modelado o *club* dos Camillos. Existião por consequencia muitos desconcertos no governo dominante ao que os cartistas preparavão uma reacção; porem a flor do exercito existia na guerra de Hespanha contra D. Carlos. Ali podião encontrar um valente apoio, mas no reino tinhão elles um troço consideravel de inimigos na maior parte das Guardas Nacionaes, nos Guardas-barreiras do Porto, e outros apaniguados da nova ordem de couzas. A Rainha havia encontrado uma grande difficuldade em organisar um ministerio, e alguns sugeitos incumbidos desta tarefa experimentárão os mesmos embaraços. Um destes foi o Barão de Leiria, que poucos dias depois partio para as provincias do Norte a levantar o grito da revolução.

A imprensa diaria de que tanto bem e mal se tem dito, mas que na realidade pode servir para tudo como são todas as cousas nas mãos dos homens, havia predisposto a reacção até que no dia 12 de Julho de 1837 levantou-se o grito na villa da Barca, em Braga, Castello Branco, e alguns outros pontos do Reino. O governo então houve-se com toda a energia e força apoiado pelas Côrtes, que lhe concederão tudo o que precisava.

O Visconde de Sá partio para as provincias do Norte, e o Barão de Bomfim para o Sul. Porem como nestes tempos revolucionários os Portuguezes tem mostrado em tudo uma servil imi-

tação dos Francezes, lembrarão-se de nomear adjunto áquelles generaes a Antonio Bernardo da Costa Cabral como especial commissario das côrtes e governo. Esta reacção ostentava um caracter bem assustador ao governo de Lisboa, já pelas pessoas de cathegoria que tinhão abraçado a cauza, como pela força numerica com que se abonava. Os marechaes Duque da Terceira e o Marquez de Saldanha, instados de graves e ponderosos motivos, acabavão de adherir á revolução, e alem de sufficiente numero de tropas que se achavão no Reino, uma forte brigada da divisão expedicionaria que voltava de Hespanha abraçára tambem este partido. Entretanto faltava mais outro exemplo de como qualquer projecto mui bem concebido, e ainda mesmo com solidos elementos, tem de cahir quando falta o centro da unidade. Bomfim perseguia com um troço de tropa mal azada os revoltozos de Castello Branco, mas novamente ajudado do batalhão de Caçadores n.° 2 veio encontrar-se com Saldanha no Chão da Feira. Uma descarga repentina e inesperada deste batalhão quando se tratava de convenção ferio e matou alguns dos officiaes que acompanhavão o Marechal, e uma das victimas foi o Barão de S. Cosme. Este batalhão era dirigido mais por certos officiaes influentes do que pelo proprio commandante. Marchára de Viseu a tomar o ponto de Lamego contra a vontade do Barão de Setubal que governava as armas da provincia, e que se escapou apresentando-se a Saldanha logo que teve occasião. Este marechal atravessando a serra d'Estrella com muita difficuldade entrou em Coimbra, onde foi bem acolhido, e d'ali dirigindo-se a ameaçar Lisboa, as providencias do governo e as tropas commandadas por Bomfim o fizerão retroceder, e por marchas forçadas e rodeios estrategicos partio a encontrar nas provincias do Norte aquella parte da Divisão expedicionaria de Hespanha que acabava de abraçar a revolução.

Entretanto o Visconde das Antas general desta Divisão sustentado por alguns commandantes dos corpos, que havião resolvido firmar a revolução de Setembro, entrou em Portugal, e apezar da deffecção que havia soffrido dirigio-se á provincia do Minho onde no combate de Ruivães soube vencer aquelles Officiaes cartistas, que se lhe apresentárão com temeridade, e que levados talvez de imprudencia e ambição não quizerão esperar pelas direcções do Marquez de Saldanha. Passados poucos dias todo o Reino estava pacificado, e os partidistas da Carta tiverão de emigrar para a Hespanha.

Ainda a reacção cartista não desfalecia quando cahio o ministerio presidido por Antonio Dias de Oliveira, que muito fizera por espalhar sementes de corrupção revolucionaria; porem se por uma parte tivera astucia com os do seu bando para derribar a administração de Passos, pela outra mostrou na gerencia dos negocios uma indisivel incapacidade governativa. Por este modo os ministros continuavão vacilantes, differentes no proceder, e trilhando caminhos oppostos: Silva Sanches parecia desejar a ordem e a regularidade; José Alexandre de Campos, de cartista que fôra, fraternisava agora com os exaltados; e Bomfim, symbolo da ambição, só cuidava em se engrandecer, adiantar seus parentes e amigos com grave escandalo, applicando toda a sua astucia para se fazer necessario a todos. Este ministro querendo defender-se de algumas accusações que lhe fizerão nas Côrtes desculpou-se dizendo: que seus desejos erão puros e no sentido daquelles que o criminavão, mas que não encontrava vontade e apoio no Throno: Passados poucos momentos, depois que nos corredores o advertirão da impolitica sandice que acabara de proferir, voltou a corrigir-se daquelle dito; porem nem o soube fazer nem já era tempo de correcção.

Mas se por este modo a direcção governativa

era tibia e frouxa, a Camara constituinte só cuidava em prolongar as discussões e dilatar os debates com intuitos de se fazer permanente, de maneira que alguns poucos dos mesmos deputados se mostravão fatigados, e a nação principiava a aborrecer uma assemblêa que tão indigna se mostrava do transcendente objecto para que fôra deputada. Os receios e o descontentamento erão geraes, e a par destes desgostos crescia a anarquia aguardando empolgar os proveitos do triunfo da recente guerra civil. O governo porisso que devia quasi tudo a este partido nada lhe podia recusar, e lavrávão tambem nelle as ambições. Um novo *club* erigido no arsenal da marinha debaixo do inspector do mesmo arsenal Ricardo José Rodrigues França era agora o omnipotente, que pertendia dictar ás leis a todo o Reino. Este homem de um caracter atrabiliario e ambiciozo unindo-se ao Administrador Geral de Lisboa Francisco Soares Caldeira, sugeito menos que mediocre; e intendendo-se com o ministro José Alexandre de Campos e alguns deputados da extrema esquerda, propozerão-se a estender a sua preponderancia e dictar a lei. O pretexto para o rompimento foi a pessima e escandaloza gerencia do ministro Bomfim, que com effeito succumbio e com elle os seus collegas. Então os turbulentos começão a fascinar a multidão, e os dois deputados a quem a Rainha incumbio a organisação do novo ministerio não a' podérão effeituar. Estava tudo n'um continuo desalento e incerteza quando os homens do arsenal resolverão descarregar o golpe; que provaria ser fatal. O Administrador Geral Soares Caldeira faz reunir a Guarda Nacional pretextando uma revista militar, mas ficando estes corpos em armas convocou os commandantes a fim de dirigirem uma representação á Rainha para que o novo ministerio fosse decididamente formado de homens firmes nos principios da revolução de setembro. Com effeito este procedimento era aven-

turozo, por ventura audaz, e de não poderem mais retroceder; por uma parte a Guarda Nacional continuava reunida illegalmente contra as ordens do governo, que foi peremptoriamente desobedecido; e pela outra, pedia-se ao Throno uma cousa exclusivamente sua, e que mesmo quisessem cohonestal-a com o pretexto de direito de petição, esta só é legitima quando o peticionario depoem as armas. Em consequencia disto a Capital sobresaltou-se, alguns deputados pedião explicações, os ministros desacordados não podião nem sabião que responder, todos se receavão e o Reino tremia de resultados funestos. Finalmente os homens de Setembro que desejavão os fins da revolução, mas aborrecião os meios audaciozos e illegaes dos ultras, decidirão-se: Julio Gomes da Silva Sanches dêo o primeiro córte dimittindo o Administrador Geral Soares Caldeira, e nomeando para este logar a Antonio Bernardo da Costa Cabral. A todos é bem conhecido o muito prestimo e consideração que este homem sempre gozára para com a cauza de Setembro; e porisso aguardavão-se valiosos serviços, que elle mui bem soube com o tempo voltar em proveito seu, e pozéra ali a base do seu futuro realce.

Erão 7 de Março de 1838 e Costa Cabral dirige-se aos revolucionarios: propoem, escuta, ameaça; mas nada consegue. O dia 8 apparece mais temerozo, e porisso se concertão as providencias para o lanço previsto que teve logar no dia 9 quando França se poz á frente dos excitadores. Passão-se os decretos da dimissão do Inspector França, da dissolução do batalhão do arsenal, a tropa de linha marcha e obriga-os a encerrarem-se no edificio do mesmo arsenal, onde os ameaça de aniquilação. Então os homens que se dizião valentes cedem e he-lhes concedido dissolverem-se na praça do Rocio; porem esta concessão impolitica e precipitada esteve a ponto de illudir os bons resultados das medidas tomadas, se

Costa Cabral não proclamassse á Guarda Nacional exforçando-se para fazer effectivos os Decretos. Esta especie de convenção em quatro artigos que o Visconde do Reguengo tratou com os discolos, denominou-se de *Marcos Filippe*, por ter sido estipulada em um botequim que pertencêra a um sugeito deste nome. Entretanto muitos interesses erão vulnerados: alguem dezejava reprimida a audacia do arsenal, mas pezava-lhe a dissolução, porque ali estava o fundamento da sua preponderância politica; continuárão portanto no congresso e fóra delle a excitar o mal extincto fogo da rebellião. O Visconde de Sá Bandeira presidente do ministerio, por seu instincto ou conselho d'outrem, consentio na dimissão de Julio Gomes, de Bomfim, e José Alexandre de Campos, homem de grande intimidade no arsenal. Com ésta especie de troca de dimissões e com a declaração que o batalhão do arsenal seria organisado opportunamente, quiz o Visconde satisfazer aos sediciozos, e porventura disto se lisonjeava; mas José Alexandre de Campos, porque não se dissera que elle servira a contento e satisfação da Rainha, vingou-se depois n'um impresso onde entre outras rasões assegurou ser Julio Sanches a creatura mais abjecta que tinha pisado as sallas do paço, e que Sá Bandeira não vendo nem ouvindo era bom com os bons e máo com os máos. Seja como for, Costa Cabral incansavel no projecto de pacificação desenvolvia todas as suas faculdades. Convocou portanto os commandantes da Guarda Nacional, e quiz persuadir-lhes a necessidade da disciplina e obediencia ás leis, consentio em que o turbulento França viesse assistir a esta conferencia; mas escutou a dura condição que este propunha para que elle mesmo fosse restituido, e o batalhão do arsenal organisado!... Então Costa Cabral desenganado da inutilidade dos seus exforços dirige-se ao paço, onde reinava a inquietação e o susto; expoem claramente o estado dos negocios,

a necessidade de empregar a força armada pela pouca confiança que havia na Guarda Nacional, e concluio que se o govérno neste ensejo adoptasse medidas vigorozas podia ter a victoria, e se pelo contrario teimasse no errado systema de contemporisação tudo era perdido. Desta sorte teve ordem de se ver com os ministros para concertarem os meios efficazes de extinguirem a anarquia; mas os adversarios ja havião resolvido jogar as ultimas sortes.

Com effeito pela madrugada do dia 13 de Março toca-se á assemblea nos quarteis da Guarda Nacional, nas praças e nas ruas da Capital; porem immediatamente a tropa de linha occupou os postos interessantes segundo o plano concertado entre os Officiaes de guerra Barão de Bomfim, e Visconde de Sá Bandeira e do Reguengo. Publica-se uma proclamação da Rainha, e o congresso é convidado para se reunir no palacio das Necessidades onde se achou pelas 8 horas da manhã, e então ouvindo o relatorio dos ministros votou unanimemente a sua cooperação ao governo legitimo. Mas apezar destas disposições tão sobranceiras os anarquistas teimão e persistem em dar complemento á obra começada sem attenção ás intimações do governo. Em consequencia duas columnas de linha marchando a debellar os refractarios atacão-nos, e expulsão-nos dos quarteis que occupavão, ao que cedem covardemente excepto o 15.º batalhão que sendo o mais notavel por sua adhesão a estas empresas, disparou tiros sobre o 10.º regimento d'infantaria, de que ficou ferido um cappitão commandante da vanguarda. Porem esta audacia foi severamente punida com sangue derramado. Não forão com tudo inteiramente debellados, porque desamparando os quarteis marchárão a reunir-se no largo de S. Justa e dali partirão com seis peças d'artilharia a tomar posição no alto da Graça. Então o Visconde de Sá Bandeira os vai encontrar com a collumna do seu

commando, e faz todos os exforços para os dissuadir. Costa Cabral confiado talvez nos amigos com que podia contar entre os batalhões inimigos aventura-se a penetrar no centro e proclama-lhes a obediencia ás leis; porem ésta temeridade lhe custaria caro se não interviesse a generosidade de alguns. Entretanto ou fosse um justo receio ou talvez intuitos de alcançar ensejo mais favoravel a seus projectos, os anarquistas parecêrão ceder dirigindo-se a depor as armas no Rocio, onde o Barão de Bomfim occupava de ante mão as avenidas. Neste ponto certos anarquistas mal soffridos deparando com o Visconde do Reguengo e outros officiaes que o acompanhavão disparárão as espingardas sobre elles, e eis de repente um combate inflammado entre as tropas de linha e os revolucionarios. Porem estes, como era de esperar, forão miseravelmente destroçados em pouco tempo, e arremeçando as armas aproveitão a escuridade da noite que começava para se evadirem. A morte, as feridas, e o triste desengano da sua ineptidão, forão os fructos desta temeroza tentativa, e se o numero das victimas neste dia não se tem podido conhecer ao certo, isto provêm d'uma especie de interesse que tem os constitucionaes Portuguezes em occultarem as consequencias d'um scisma politico, que lhes servirá de eterno opprobrio.

No dia 14 de Março achava-se a tranquilidade completamente estabelecida, e o governo já era obedecido por toda a parte. Desta epoca poderemos datar a decadencia anarquica, a mudança de certos caracteres pessoaes, e a organisação d'um partido medio a que chamárão *Ordeirismo*, mas que não tinha elementos sufficientes para se estender nem mesmo para contrabalançar os extremos em questão. Antonio Fernandes Coelho, que teve a pasta do Reino por então, he considerado como o principal inventor deste systema neutral; Sá Bandeira persuadio-se da possi-

bilidade de governar pessôas inquietas com instituições anarquicas; Bomfim só ambicionava empolgar cousas sem se importar da legitimidade dos meios; tendo dito que o Throno não confiava nelle pela sua nimia adhesão democratica desmentia agora completamente esta assersão, já pelo que acabava de obrar, como pelo grão de Conde e posto de Marechal de Campo a que foi elevado. Em quanto a Costa Cabral não he este o tempo nem logar de avaliarmos o que amigos e inimigos tem proclamado a seu respeito; ao futuro pertence esta tarefa.

Advertiremos que o nome de consciencia e algumas rasões especiozas, talvez que verdadeiras mas communmente futeis, são os argumentos ordinarios dos homens da politica com que pertendem embair outros e colorar suas metamorphoses. Combatem-se na salla do parlamento onde desvairão em injurias; mas apenas sahem dão-se os braços travando amigaveis colloquios como se viessem de comica scena. Quem não vê Mr. Thiers author d'uma Historia da Revolução Franceza [ou antes uma apologia dos crimes democraticos] declarando sem rebuço a essas turbas estupefactas: que deixára de seguir suas bandeiras, porque levando diante a anarquia trazião após de si o despotismo!...

No meio de tantas miserias e indignidades o congresso constituinte, que parecia querer eternisar a sua permanencia em Lisboa, ameaçado pelos mesmos amigos os mais cordeaes acabou seus trabalhos quasi de chofre em 20 de Março de 1838. Com effeito em 4 de Abril do mesmo anno a Rainha aceitou e jurou a Constituição denominada de 1838. Se attendermos ao que são as cousas humanas, quasi sempre corollarios das circumstancias, reléva-nos desculpar deffeitos que ordinariamente são o producto necessario das paixões. Cumpre advertir que a assemblea autora desta Lei fundamental procedeo instigada pelos diversos

interesses e imperiosas determinações dos homens que de fóra mesmo lhe dictavão as resoluções, e assim lêmos neste codigo um composto heterogeneo de instituições as mais democraticas com outras d'indole monarquica, que pugnão entre si a ponto de se destruirem reciprocamente. Alem de deffeitos toleraveis, como foi o não fixar tempo da legislatura ordinaria, vemos por uma parte um veto absoluto, os deputados habeis para ministros d'Estado, e pela outra um artigo anarquico que diz: " He livre a todo o cidadão resistir a qual-
,, quer ordem que manifestamente violar as garan-
,, tias individuaes, se não estiverem legalmente sus-
,, pensas. " Esta disposição dos direitos politicos não foi invenção Portugueza, mas veio por herança da epoca tenebroza da revolução Franceza. Entretanto o que mais desacreditou a capacidade intellectual deste congresso foi o celebre *artigo transitorio* pelo qual se julgou inhabil de decidir:
,, se a Camara dos Senadores continuaria a ser
,, de simples eleição popular, ou se estes serião
,, escolhidos sobre lista triplice proposta pelos cir-
,, culos eleitoraes. " Tambem não se esquecerão de organisar leis impraticaveis e incongruentes com o estado e indole da nação, e os impostos forão augmentados; por quanto segundo a expressão d'um membro da mesma constituinte, ficava por este modo firme e segura a revolução de Setembro.

Passada aquella tormentoza borrasca o governo, bem á maneira daquelle que caminha sobre tições occultos debaixo de cinzas dolosas, foi extinguindo pouco a pouco os principaes elementos de seus adversarios, já licenciando alguns batalhões da guarda nacional, já mandando reorganisal-os sem effeito, e a outros dissolvendo-os, chegou por este modo a neutralisar o principal fóco do incendio. Porem os agitadores não descançavão, e a imprensa diaria denunciando antes do tempo as revoluções, cumpriu com esta aborrecida tarefa confirmando o governo naquillo que elle *aliunde*

mui bem conhecia. Preparou-se por tanto para o combate com opportunas cautellas. No dia 14 de Junho quando se celebrava a procissão do Corpo de Deos notou-se uma especie de desassocego, que com effeito augmentou na volta da mesma para a Sé. O Rei, os ministros e as principaes authoridades, forão insultadas e até afrontadas com grave desdouro; mas José da Silva Carvalho que recolhera ha pouco de paizes estrangeiros foi a personagem a quem os colligados se dirigirão com maior audacia, e parece que se dispunhão a attentar contra a sua vida. Então Costa Cabral reclamando a força publica toma-o á sua conta, entra com elle na carruagem que he combatida de pedradas e pouco depois obstada por um troço de inimigos, que se apresentão para lhe cortar a passagem. Passava-se esta scena criminoza no largo de S. Justa quando Costa Cabral teve a resolução de disparar um tiro de pistola sobre o bando que sossobrou; mas feito seria d'ambos, se uma forte patrulha da guarda Municipal os não soccorresse a proposito pondo-os a salvo em uma casa particular. O visconde de Sá Bandeira que ali chegára a providenciar deveo a sua existencia á insignia de commendador de Torre-Espada; porque um soldado da guarda Nacional jogando-lhe uma baionetada ao peito, esta pela resistencia da chapa só o pôde ferir levemente. Neste ensejo chegou tropa de linha que os poz a salvo no castello de S. Jorge, e o governo habilitou-se a dar as providencias necessarias. Pouco depois forão dissolvidos seis batalhões da Guarda Nacional, e mandou-se constituir processo judicial contra os amotinadores. Para advertirmos o que podem as paixões humanas, mormente no calor das guerras civis, basta sabermos que estes excessos criminosos tiverão approvadores n'alguns homens que lhes poserão o nome de acrysolado amor das liberdades patrias!

Com tudo isto os partidos não descião de

seus odios e pertenções, e o ministerio affadigava-se trabalhando de uma parte por debellar os anarquistas, e pela outra áquelles mesmos que se dizião cartistas exaltados. Estes conhecendo agora a utilidade que lhes prestava de entrarem nas Camaras legislativas ordinarias aproveitárão o ensejo das eleições, e conseguirão em boa parte o que pertendião. Por todo este tempo o partido de D. Miguel não se descuidou em seguir o programma que de Roma lhe fôra enviado pelo celebre Fr. Fortunato: " Aproveitai-vos das desavenças dos Liberaes, e destrui a uns pelos outros. " Desta arte concertárão planos para o desembarque de D. Miguel n'algum ponto favoravel da peninsula Hispanica, e appelárão mesmo para o Infante D. Sebastião que sempre tiverão como um digno substituto daquelle. Porem devemos assentar que perdêrão as melhores occasiões antes dos desastres de D. Carlos em Hespanha, e muito mais pela inercia e incapacidade de D. Miguel, que continuando a viver com uma profusão desordenada vê com indifferença alguns que o seguirão mendigar nas ruas de Roma o pão da afflicção. Algumas tentativas mais avultadas tiverão logar, como o levantamento dos *guerrilhas* dos montanhezes do Algarve dirigidas por um certo Remechido, a quem Fr. Fortunato honrou com uma epistola de promettimentos da parte do seu Rei, mas que infelizmente veio a ser suppliciado na cidade de Faro; e aquelloutra conhecida pela denominação das Marnotas, que era o fóco da conspiração, onde se diz entrar uma alta personagem, mas que foi sopitada antes do rompimento.

Entretanto abrirão-se as Côrtes ordinarias em 9 de Setembro de 1838, e esta assemblêa deo logo a intender que era antes uma palestra de personalidades e interesses pessoaes do que um Concelho de legisladores para o fim a que se dizião deputados. Os ministros e seus satellites tiverão de rebater os ataques já daquelles cartistas que

por caprichos bem ou mal concebidos tinhão pedido a dimissão de seus empregos desde 10 de Setembro de 1836, já daquelles ultras apologistas dos excessos do arsenal. Estas e quejandas pertenções tornavão impossivel qualquer administração governativa, e porisso poucos mezes decorridos foi necessario organisar outro ministerio. Entretanto tal era a crize e difficuldade na satisfação de tão oppostos interesses que não se encontravão nas differentes côres politicas homens que quizessem aceitar os empregos mais valiozos que se conhecem no Estado. Então os Senadores. e deputados Setembristas reunirão-se particularmente, e depois de terem rogado a uns, instado a outros, e quasi que ameaçando, podérão elevar a ministros sugeitos que nem porisso erão daquelles que mais se desejarião no poder para levar a effeito a reorganisação dos batalhões dissolvídos, objecto predilecto deste partido. Eis aqui o ministerio de 18 de Abril de 1839, a que presidio Rodrigo Pinto Pizarro, Barão da Ribeira de Sabroza. Esta personagem com quanto agora se mostrasse do lado da revolução de Setembro, era mais por uma necessidade politica do que por convicção de principios; pois que para avaliarmos o seu caracter basta saber que tendo soffrido uma indecoroza perseguição dos que se dizião homens de D. Pedro, como em outro logar fizemos menção, teve pouco tempo depois a pusilanimidade e baixeza de solicitar este mesmo titulo das mãos de seus adversarios, que não duvidárão despachal-o mais para seu descredito que em recompensa de serviços, ou porventura para o terem favoravel. Foi portanto este ministerio considerado como de transição, e os partidos aguardavão-lhe a mesma sorte dos seus predecessores, quando certas reclamações do governo Inglez vierão dar-lhe uma especie de realce e celebridade. Versavão ellas sobre a extincção do trafico da escravatura e outras exigencias pelo prompto pagamento do que Portugal devia aos

subditos Britanicos. Não disputaremos neste logar se erão no todo ou em parte justas e bem fundamentadas : só nos limitaremos em observar que se Sabrosa por uma especie de resentimento cahio na indiscrição de publicar pela imprensa documentos que a boa politica e prudencia mandão occultar, o governo Inglez tambem por esta vez não quiz desmentir o conceito daquelle espirito de avareza e arrogancia que he o caracter da sua nação. Como quer que seja, Sabrosa lisongeava-se que com este procedimento poderia excitar o brio Nacional contra a perfidia Ingleza ; mas quem possuia o minimo conhecimento dos negocios publicos deparou logo que os meios empregados tendião a um remate inteiramente diverso dos intuitos do seu autor. Com effeito em 26 de Novembro de 1839 foi nomeado um novo ministerio composto do Conde de Bomfim presidente, Rodrigo da Fonceca Magalhães, Antonio Bernardo da Costa Cabral, o Conde de Villa Real, o Visconde da Carreira, e Florido Rodrigues Pereira Ferraz. Ainda hoje se disputa quem fôra o conselheiro indicador desta administração : mas he a meu ver uma questão ociosa ; por quanto a mudança era dictada pelas imperiosas circumstancias. Não se poderá negar que o estado do Reino por este tempo era verdadeiramente lastimoso em todos os ramos da administração publica, e não será por ventura hyperbolico assegurar que todos estes carecião de reforma. Porem os novos ministros encontravão obstaculos que era forçozo superar ou succumbir-lhes : nas camaras tinhão inimigos poderosos que effectivamente servirão com a administração de Sabroza, e agora se empenhavão com graves questões e pretextos insignificantes empecer o novo gabinete, já contrastando as propostas ministeriaes, já formando accusações contra alguns de seus membros. A principal tactica foi o procrastinar e discutir por methodos escandalosos assumptos mui graves, de maneira que se a-

chavão no fim de Fevereiro de 1840 sem se resolver a resposta ao discurso do Throno. Nestas circumstancias o governo almejava por um motivo especiozo para descarregar o golpe. Eis que se offerece : o deputado Leonel Tavares desacatou o presidente Guilherme Henriques de Carvalho , e este foi o aresto transcendente para a dissolução das Camaras , ainda que outros mais substanciáes devessem prevalecer. Em 25 de Fevereiro verificou-se a dissolução , e eis começa o combate eleitoral que foi , segundo se esperava, no sentido do governo. Escusado he attender ás recriminações de peita e suborno tantas vezes objectadas nestas occasiões pelos adversarios em lide : qualquer pessôa de mediocre intelligencia sabe que os partidos applicando identicos meios criminão o adversario dos mesmos deffeitos que tem em si.

No dia 25 de Maio de 1840 teve logar a sessão Real da abertura das novas camaras , e se dentro em pouco tempo o governo deparou uma consideravel maioria , teve tambem o pezar de ver desertar as melhores capacidades com que se abonava. Este bando que denominárão *cartistas renegados* reputava se offendido por não ser contemplado na organisação do ministerio de 26 de Novembro ; mas como seria possivel satisfazer a esta nobre ambição, se o diminuto dividendo de seis pastas não basta para um divisor tão avultado ! Entretanto como a ambição e paixões obscurecem o entendimento , concertárão-se com os deputados setembristas para se auxiliarem mutuamente. Houverão occurrencias desagradaveis suggeridas por esta opposição colligada, mas os principaes tiros se dirigirão a trez ministros , e com especialidade a Costa Cabral cuja actividade e prestimo receavão. Mas como ordinariamente o governo alcança os fins quando sabe e quer obrar, assim os conseguio este havendo-se com energia.

Não era só no parlamento que a colligação combatia , tratava-se tambem das vias de facto,

isto he, daquillo que levanta e depoem os governos. No dia 11 de agosto um troço de sediciosos reunindo-se em força no largo da Estrella, como não tivesse podido attrahir alguns destacamentos e o batalhão de Caçadores n. 2 com que contavão, ousou arrombar o arsenal militar. Porem uma força de Caçadores n. 30 cahindo sobre elles, debandárão completamente desamparados do proprio chefe o major Cabral. Esta conspiração pelo modo ridiculo e imprudente com que foi dirigida pareceo assemelhar-se a uma traição da parte de directores fracos, a quem presta participar dos proveitos mas não querem correr com os perigos. O governo applicou os meios ao seu alcance, e veio ás Cortes lançar em rosto a alguns dos conspiradores, que ali se assentavão, o crime a que se abalançarão. Não ficou por aqui o plano conspirador: nas provincias preparavão-se tambem os elementos da guerra civil. No dia 26 de Agosto o Tenente coronel de infantaria n. 6 Miguel Augusto de Sousa levantou o grito de rebellião em Castello-Branco á frente do seu regimento. Esta voz foi repetida por um destacamento do corpo que se achava em Marvão, e por outra pequena força de infantaria n. 13; porem apezar das pompozas promessas de que muitos corpos do exercito se lhe reunirião, cahio logo n'um cruel desengano. Miguel Augusto partio de Castello Branco a encontrar os regimentos n. 9 e 13 que fugião diante delle ao mesmo tempo que uma columna commandada pelo Brigadeiro Antonio da Costa e Silva chegava de Lisboa para o combater. Neste apertado transe dirigio-se á raia de Hespanha para se salvar, mas os soldados aborrecendo a emigração começárão primeiramente desertando, até que no dia 11 de Setembro amotina-se o resto e exigindo do commandante a caixa militar e bandeira, este recusa-se e tenta apasigual-os, mas he barbaramente assassinado escapando-se os officiaes para Hespanha ajudados da

escuridade da noite. Assim terminou uma rebellião que teve por brado: *Viva D. Maria 2.ª, viva a Constituição de* 1838, *abaixo o ministerio.* Estas e quejandas anomalias entrão com facilidade nas mentes preoccupadas pelas paixões, e se com effeito o evento corresponde aos designios, denomina-se logo restauração aquillo que em caso infeliz se diria rebellião.

Passada esta assustadora commoção suscitou-se uma grave desintelligencia entre os gabinetes de Lisboa e Madrid. O motivo fôra a commum navegação do rio Douro sobre que se devião sanccionar regulamentos na conformidade de um tratado concluido em Agosto de 1835, que pelas vicissitudes politicas não teve effeito, e logo por outro concluido em Maio de 1840. Porem como pelos obstaculos insuperaveis dos governos representativos o ministerio Portuguez não podesse ainda levar a effeito uma medida que pendia do corpo legislativo, o gabinete de Madrid composto de homens inexperientes e soberbos dirigio uma nota ao embaixador de Portugal, em que fazendo queixas exigia uma prompta execução do regulamento sem dependencia das Côrtes, e terminava ameaçando d'invasão. Estes ameaços erão tanto mais perfidos quanto se conhecia serem alimentados pelos conselhos dos opposicionistas Portuguezes que neste ensejo ostentárão muito má fé e ignorancia nos negocios d'Estado. Não se envergonhárão de louvar os hyperbolicos ameaços castelhanos, exagerárão os seus recursos, e lamentárão a pequenez e miseria da pobre nação Portugueza a que elles pertencião. Entretanto o governo de Lisboa houve-se com prudencia e vigor; convocou conselhos e quiz ouvir os homens de prestimo; suspendeo as garantias, creou batalhões, e adoptou outras providencias que lhe parecêrão efficazes em quanto progredião as negociações diplomaticas. Tambem participou á Grãã-Bretanha que era chegado o *casus fœderis*; porem não sabemos o que esta *antiga e*

fiel alliada resolvêra a tal respeito. O que os homens sisudos assentárão foi: que os interesses do equilibrio europêo não deixarião Portugal nas garras do leão Hespanhol. No meio destes sustos o desvairado gabinete de Madrid cahio em si, e ainda pela intervenção Ingleza, e approvado nas Côrtes o regulamento em questão em 16 de Janeiro de 1841, cessárão as desintelligencias.

Continuárão entretanto as camaras Portuguezas nos objectos da sua competencia; mas, o podemos dizer, até hoje por um modo infeliz: ou estas sejão as consequencias naturaes das dictaduras de Mozinho e Passos, ou talvez a ignorancia dos homens de todas as côres politicas que se tem assentado no parlamento, he certo que ainda não poderão acertar com o verdadeiro methodo de legislação patria. Leis sobre leis, reformas sobre reformas, systemas administrativos, judiciaes, e de fazenda; ainda se aguarda por uma cousa diffinitiva que não apparece. O ministro da Fazenda Florido Rodrigues não podendo levar a effeito um projecto de lei sobre os Foráes, retirou-se da administração, e foi substituido por Manoel Gonçalves de Miranda, homem honrado e de saber; mas como a experiencia nelle não fizera calo, por isso mesmo improprio na gerencia dos negocios publicos. Passou pouco depois para a secretaria da Marinha, e succedeo-lhe o Barão do Tojal. Sobreveio neste interim certa occurrencia desagradavel entre os ministros Costa Cabral e Rodrigo da Fonceca que esteve a ponto de transtornar todos os negocios publicos, que baseavão nos homens constituidos no poder: houverão fortes disputas e persistencia de opiniões, mas interessárão-se os amigos politicos, e quando os adversarios folgavão já com a victoria, uma votação da maioria lhes fez conhecer a reconciliação dos dois collegas. As Côrtes sendo adiadas para 25 de Maio, os ministros virão-se illaqueados com tantas interpelações, e a opposição houve-se de tal geito

com as circumstancias fortuitas, que alcançando um empate na votação, aquelles derão a sua demissão. Eis aqui começão as cubiçosas pertenções do poder: a opposição quisera entrar, mas a maioria conhecia perfeitamente as consequencias necessarias deste passo, e como desejasse a sua existencia deo azo á organisação do ministerio de 9 de Junho em que permanecêrão do antigo Costa Cabral e Rodrigo da Fonceca. Entrárão de novo Antonio José d'Avila, José Ferreira Pestana, o Conde de Villa Real, e Joaquim Antonio de Aguiar como presidente, e a quem se devia este arranjo. Por este modo a maioria persistio segura, mas a opposição trovejou com especialidade contra os dois ministros conservados.

Julgo a propozito advertir a cegueira de muitas pessoas ainda hoje persuadidas que as constituições politicas tem força para determinar os homens a fazer o que por ellas se acha estabelecido, e que estes papeis per si sós dão garantias a aquillo que os legisladores tiverão lá na sua concepção. O contrario foi sempre constante na historia geral dos governos, como seria facil de mostrar a quem menos versado fosse nestas materias. Os autores da constituição de 1838, que a legislárão persuadidos de haverem com ella elementos sufficientes de se sustentarem dilatados annos na gerencia dos negocios publicos, virão-se immediatamente sobrepujados pelos seus adversarios politicos, que se servirão de toda a latitude do principio eleitoral para os superar. O mesmo artigo 50 da constituição que mandava eleger pelo logar vago de qualquer senador ou deputado feito ministro, foi peremptoriamente escarnecido, como se vio na decisão da camara dos senadores mandando continuar o Conde de Villa Real a tomar assento sem se proceder á eleição.

O ministerio de 9 de Junho vendo-se agora algum tanto desembaraçado da anciedáde, a que o tinhão levado as tormentas revolucionarias, ap-

Taboa das erratas, e nota addicional.

Pag.	*Erros.*	*Emendas.*
4	repepetirem	repetirem.
15	instancia	instancias.
32	Ministros	Militares.
37	apartárão	apertárão.
41	ter absolutismo	ser absolutissimo.
98	impraticayel	impraticavel.
163	nomeado	foi nomeado.
164	Sylia	Sylla.
193	ueb	que.
203	Miguelistai	Miguelista.
204	oude	onde.
255	dos	das.

N. B. *No capitulo* 14, *a paginas* 120, *linhas* 32, *deve ler-se de mais o seguinte*:

Quando o Exercito retirando de Ponte Ferreira repousava das suas fadigas, em a noite do mesmo dia 23 de Julho um incendio horroroso fez arder o Convento de S. Francisco do Porto, onde se achava aquartelado o Batalhão de Caçadores n.° 5.° A opinião publica criminou os frades de incendiarios, de que não faltárão numerosos indicios, e alguns forão sacrificados ao furor do momento. Não foi possivel atalhar um fogo rebentado nos quatro angulos do edificio, nem houve tempo de salvar a bandeira daquelle Batalhão, dadiva precioza bordada pelas proprias mãos da Joven Rainha de Portugal. De todas estas confusões não souberão aproveitar-se os generaes de D. Miguel. *

---

* Nota. — Na primeira edição desta obra referimos este facto á noite do dia 7 de Agosto depois da acção de Souto Redondo, fundados na Memoria Historica do Sr. Luna, que assim o dissera com toda a segurança de testemunha ocular. Entretanto o caso passou-se d'outra maneira, e relevando nós este descuido pouco desculpavel, advertimos a muita cautella que deve haver em objectos de tal natureza.

LISTA

DOS

ILLM.os SNRS. ASSIGNANTES.

PORTO.

Alexandre Antonio de Brito Abreu..... 1
Antonio Augusto Monteiro..... 1
Antonio Augusto da Costa..... 1
A. A. F..... 1
Antonio Barboza de Souza Faria..... 1
Antonio Bernardo da Silva..... 1
Antonio Bernardino da Fonseca..... 1
Antonio Caetano Calder..... 25
Antonio da Cunha..... 1
Antonio da Costa e Silva..... 1
Antonio Esteves da Costa..... 1
Antonio Dias Ribeiro Gasparinho..... 1
Antonio Ferreira de Souza..... 1
Antonio Joaquim Dias..... 1
Antonio José Barboza e Silva..... 1
Antonio José Dias Magalhães..... 1
Antonio José da Costa Veiga..... 1
Antonio José dos Prazeres..... 1
Antonio José Ferreira Marques..... 1
Antonio José de Macedo e Vasconcellos..... 1
Antonio José Ferreira..... 1
Antonio José da Costa..... 2
Antonio José de Oliveira Guimarães..... 1
Antonio Marques de Carvalho..... 1

Antonio Moreira da Silva Coelho..... 1
Antonio Ribeiro de Freitas..... 1
Antonio Soares Monteiro..... 1
Antonio Teixeira Barboza..... 1
Antonio Victorino..... 1
Bento José Barboza da Cunha..... 1
Bernardo José Teixeira de Lemos..... 1
Carlos Coverly..... 1
C. G. F. d'Azevedo Mendanha..... 1
D. O. Cardozo Guimarães..... 1
Felix Pereira Barboza Braga..... 1
Felix da Fonseca Moura..... 1
Frederico d'Oliveira Maia..... 2
Francisco José da C. Veiga..... 1
Francisco José Teixeira Lemos..... 1
Francisco José da Silva Conta..... 1
Francisco Jeronimo Rodrigues de Carvalho..... 1
Francisco de Mello Abreu..... 1
F. P. L..... 1
Francisco Peixoto..... 1
Francisco de Souza Monteiro..... 2
Guilherme Francisco de Almeida e Silva..... 1
Jeronimo de Souza Guimarães..... 1
João Antonio de Souza Guimarães..... 1
João Baptista Pereira..... 1
João Ferreira da Silva Oliveira..... 1
João Pinto Moreira..... 1
Joaquim Antonio da Silva Carneiro..... 1
Joaquim Alves da Silva Loureiro..... 1
Joaquim Dias dos Santos..... 1
Joaquim José da Costa e Silva..... 1
José Antonio Alves de Miranda Guimarães..... 1
José Antonio de Britto..... 1
José Bernardo de Carvalho..... 1
José Correa Lopes de Faria..... 1
José Custodio de Magalhães..... 1
José Francisco Pereira de Figueiredo..... 1
José Henrique d'Oliveira Martins..... 1
José Joaquim de Carvalho..... 1
José Pereira da Costa..... 1
José Vicente Lopes..... 1
J. M. Gonçalves..... 1

Luis José da Cunha..... 1
Luis Pereira da Costa..... 1
Manoel Antonio de Souza Neves..... 1
Manoel Almeida Guedes..... 2
Manoel Ferreira da Costa..... 1
Manoel Fernandes Gomes de Carvalho..... 1
Manoel Joaquim da Cunha Junior..... 1
Manoel Joaquim Dias de Souza..... 1
Manoel Joaquim Moreira..... 1
M. J. d'Araujo e Costa..... 1
Manoel José Vieira..... 1
Manoel José Ferreira Pinheiro..... 1
Manoel Pereira Vieira de Souza Magalhães 1
Manoel da Silva Mengo 1
Manoel Thomaz da Silva..... 1
Moré..... 25
Rodrigo Barrozo Pereira..... 1
Thomé Alves Correa..... 1
Thadeu Antonio de Souza Faria..... 1
Victorino da Silva Leitão..... 1

LOULÉ.

Anastacio José R. F. Caimotto..... 1
Antonio da Fonceca Veiga..... 1
Antonio Marcos Pereira Vaz Velho..... 1
Antonio Vaz da Fonseca e Mello..... 1
Francisco Manoel de Gouvea..... 1
Francisco dos Santos..... 1
João Antonio Evangelista..... 1
João Baptista de Barros Vasco..... 1
Joaquim Candido Pereira de Magalhães..... 1
Joaquim Fernandes Pereira..... 1
Joaquim José da Silva Barata..... 1
Joaquim Palermo d' Aragão Valadares..... 1
José Alvares d'Oliveira 1
José de Carvalho Azevedo e Silva..... 1
José Francisco de Barros..... 1
José Francisco Cavaco..... 1
Manoel d'Albuquerque Rebello..... 1
Valentim Arsenio Parreira..... 1

GOLLEGÃA.

Antonio Joaquim d'Oliveira Galvão..... 1
Antonio Maria Valente..... 1
Antonio Luiz Marvão..... 1
José Farinha R. de Campos..... 3
Pedro Antonio de Campos..... 1

EVORA.

Balthazar Peres Ramires..... 1
Constantino Augusto d'Araujo Cabral..... 1

TAVIRÁ.

Antonio Vicente Vizelto.. 1
Joaquim Romão Louro.. 1

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

DP
646
R47
1846

Revista historica de Portugal

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 07 03 15 016 2